

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**La formation et l'intégration de la femme dans
l'univers de la police urbaine portugaise:
*a Polícia de Segurança Pública.***

François Jean-Marie Denis Paymal

DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIDADE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**La formation et l'intégration de la femme dans
l'univers de la police urbaine portugaise:
*a Polícia de Segurança Pública.***

François Jean-Marie Denis Paymal

**Tese orientada pelo Prof. Doutor Joaquim António de
Sousa Pintassilgo
especialmente elaborada para a obtenção do grau de
doutor em Educação na especialidade de História da
Educação**

2012

Remerciements

A toutes les femmes policières, passées et présentes, anonymes et discrètes, pour leur dévouement au-delà de leur professionnalisme, dans cette mission de préservation de la tranquillité du milieu urbain.

A Philippe, Mathieu et Rosa Maria.

A L'Intendente Paulo Jorge Valente Gomes pour m'avoir autorisé en toute confiance de recueillir les données passées et présentes de
l'Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

A l'équipe du *Gabinete de Estudos e Planeamento* de la *Direção Nacional* pour leur aide précieuse tant dans la consultation d'archives que dans la compulsion de la législation policière portugaise.

A toute l'équipe de *l'Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna* dont la sympathie, permanente, me permit en toute spontanéité de revivre des témoignages oraux, écrits et visuels; au premier d'entre tous, le Superintendente-Chefe Afonso de Almeida.

Au Prof. Doutor Joaquim António de Sousa Pintassilgo dont la ténacité de son énergie en même temps que sa disponibilité permirent de conduire à bon port cette recherche en eaux inconnues lusophones.

Enfin

Au Conseil Scientifique de *l'Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*, pour m'avoir si aimablement accordé l'autorisation de rédiger cette réflexion dans ma langue maternelle.

Résumés

A formação e a integração da mulher no universo da polícia urbana portuguesa: a Polícia de Segurança Pública (PSP).

Palavras-chave: formação / mulheres polícia / mulheres oficiais / polícia urbana / relações homem mulher.

Resumo

A presente investigação pretende contribuir para a compreensão, do ponto de vista educativo e histórico, de como as mulheres portuguesas foram, desde 1971, admitidas, instruídas e posteriormente posicionadas no microcosmo da polícia urbana portuguesa: a Polícia de Segurança Pública (PSP).

Assente numa abordagem qualitativa, o estudo que aqui se apresenta traduz o *modus operandi* do próprio historiador que, ao recolher informação de várias origens, tenta como que juntar as peças de um puzzle. A base de dados utilizada conta com entrevistas áudio gravadas de atores chave, arquivos fotográficos, arquivos escritos internos da Direção Nacional da PSP, legislação sobre a temática em causa desde 1867, revista interna “Polícia Portuguesa” desde 1936 e dados estatísticos da Escola Superior da Polícia.

A pesquisa foi conduzida pela análise das condições de evolução do afastamento ou integração da mulher na PSP, sobretudo na fase de formação quer para cadete, quer para agente.

No imaginário mitológico grego o símbolo da autoridade investida pela mulher, Atena, de capacete e lança, é a indomável defensora da

pólis, virgem guiada pela sagesa e a virtude. Beleza selvagem, de olhos azuis esverdeados, ela perscruta os possíveis perigos que poderiam colocar em risco a cidade protegida dos deuses. No entanto, a realidade ancestral era bem diferente. A dinâmica da relação entre os dois sexos no mundo ocidental baseia-se numa permanente assimetria que, para além da dominação masculina, inculca mentalmente a homens e mulheres uma representação sexualmente bivalente. A mulher relegada ao gineceu é vítima de estereótipos estatutários redutores.

As primeiras agentes na História policial são anglo-saxónicas e francesas. Figuras de elite, ao mesmo tempo assistentes sociais e policiais, são destacadas prioritariamente para a prevenção da delinquência juvenil ou feminina. O princípio segundo o qual a presença da mulher na polícia urbana seria indicador de uma sociedade aberta às mulheres na gestão dos assuntos da cidade, evidencia-se apenas na democracia vanguardista britânica da segunda década do século XX e isto pela exemplar bravura que o "sexo fraco" soube demonstrar durante a primeira guerra mundial.

Em Portugal, os diferentes modelos educativos desde 1910, seja o modelo republicano positivista, o salazarismo católico rural ou o regime revolucionário pós 25 de Abril, não se traduziram, para a mulher, numa participação direta nos assuntos da cidade, nem como cidadã, nem como representante das forças da ordem. Assim, entre 1935 e 1971, a sua admissão na PSP é raríssima e ocorre mais para tarefas serviçais, na continuidade do papel tradicional atribuído às mulheres, que para funções propriamente policiais. Nos anos que vão de 1971 a 1980 a mulher integra a PSP com restrições e desvantagens. Por um lado para compensar os efetivos masculinos que lutavam na guerra colonial, por outro, para apoiarem em tarefas vistas como femininas no seio das forças da ordem: administração, controlo da delinquência feminina e juvenil, operações stop, revistas corporais, escolta de personalidades estrangeiras. A partir de 1981, a Polícia, dotada de um novo paradigma de intervenção focado na prevenção, reforma o estatuto e as atribuições

da mulher polícia passando esta a beneficiar do mesmo estatuto, vencimento, possibilidade de promoção e poder coercivo que o seu homólogo masculino. Com a criação da Escola Superior de Polícia em 1987 são admitidas pela primeira vez cadetes de sexo feminino embora, apesar de teoricamente haver uma harmonização no sentido da simetria de géneros na PSP, a mulher polícia, agente ou oficial, seja minoritária (7%) comparativamente aos países nórdicos europeus.

Do ponto de vista da História da Educação, o concurso administrativo de acesso à profissão de agente, define um perfil de mulher desportiva, em boa forma física, com boa apresentação, íntegra e com instrução. As primeiras a serem admitidas são frequentemente mães de família, com maturidade psicológica, na sua maioria de um meio familiar de agentes da PSP, que integraram ao longo de gerações o funcionamento corporativo desta polícia urbana. As condições de admissão para oficial foram frequentemente criticadas, nomeadamente por alegada discriminação das candidatas nas provas desportivas. Na realidade, do nosso ponto de vista, dada a excecional taxa de sucesso na seleção (quatro rapazes contra uma rapariga em cem candidatos) para o exercício de uma profissão de liderança culturalmente machista, parece infundado falar de discriminação.

As primeiras agentes formaram-se em escolas ou espaços reservados exclusivamente a raparigas, não tendo sido discriminadas mas sim apreciadas como novidade no contexto de uma instituição secular taciturna e machista. Aos poucos a formação passou a um regime de coeducação: raparigas e rapazes juntos, sem conflitos, no santuário que é a Escola Prática de Polícia. Esta formação inicial intensiva, de apenas alguns meses, constitui mais um rito iniciático de ordem mental, higiénica, corporal, indumentária e comportamental, que uma aprendizagem teórico-prática, adiada para quando estiverem no terreno pragmático da realidade urbana.

As primeiras oficiais receberam formação na Escola Superior de Polícia, criada em 1984 e única existente, cuja missão consistia em

renovar os quadros da PSP até aí formados na Academia Militar que eram por vezes pouco sensíveis ao novo paradigma de intervenção baseado na prevenção. Esta nova escola é orientada por uma política sem precedente de afirmação identitária institucional. Graças à energia do seu carismático fundador, Afonso de Almeida, foi por um lado adotada uma cultura mesclada de tradições militares, universitárias e monásticas e, por outro, criada uma dinâmica de abertura, sendo convidadas personalidades prestigiadas das Ciências Policiais, ao mesmo tempo que os alunos são destacados para participar em projetos desportivos ou caritativos orientados para os cidadãos. É ainda seguida uma política de internacionalização estabelecendo-se ligações com escolas homólogas e realizando viagens de estudo. Neste contexto, a integração das primeiras mulheres cadetes em 1987 constitui uma mais-valia institucional na política reformista de excelência na reformulação da cúpula da PSP. Apesar da comunicação social apresentar esta escola como espartana e fundada no esforço físico extremo, na realidade o seu sistema de formação integral molda em quatro anos os alunos internos mais no aspeto psicológico. Nesta maratona intelectual, física e relacional, as raparigas revelam-se psicologicamente mais fortes que os rapazes. Por um lado, o facto de serem minoritárias torna-as mais solidárias, por outro, no que toca a projetos coletivos e por haver uma assimetria na representação dos géneros, elas são constantemente estimuladas a investir mais e melhor, aprendendo mais rapidamente devido a um esforço redobrado. A Escola Superior de Polícia, verdadeiro microcosmo comunitário, foi criando famílias espirituais compostas por irmandades e linhagens de alunos e antigos alunos. Estas famílias ajudam os novos alunos a integrar-se na fase de formação e mais tarde, já profissionalizados, a criar redes de relações com os quadros da PSP. Minoritária, a “mana” espiritual, elemento feminino do clã, é muito bem vista e protegida. O potente motor do Corpo de Alunos ao dinamizar as várias vertentes do sistema de formação integral, incentiva os rapazes a respeitar as alunas apreciadas pelas suas ações e esforços. A cadete consegue a sua

integração e vive bem a sua alteridade sem descurar os trunfos do seu encanto.

Uma vez no ativo, a mulher polícia é instrumentalizada institucionalmente. Vista, ora como heroína defensora (o caso de Ana Monteiro), ora como gestora ponderada (o caso de Madalena Amaral) ela constitui, quando mediatizada, uma verdadeira imagem de marca da PSP.

As mulheres polícia, perante o dilema mulher-mãe ou mulher-“bófia”, reorganizam a vida sentimental e maternal escolhendo uma rotina compatível com os papéis femininos tradicionais ou investindo redobradamente na sua profissão, tornando-se assim vítimas de uma necessária exemplaridade.

A formação e a integração da mulher na polícia urbana portuguesa permitiu à PSP ganhar a aposta de estar entre os cidadãos e não contra eles, apesar dos desequilíbrios de género ainda patentes.

The training and integration of women into the world of the urban police force in Portugal, the *Polícia de Segurança Pública*

Key words: training / policewomen / women police officers / urban police forces / male-female relationships.

Summary

This research seeks to understand, from an education-based and historical perspective, how Portuguese women since 1971 have been admitted to, trained at, and posted to positions within the microcosm of the Portuguese urban police force, *a Polícia de Segurança Pública*.

Historically speaking, the presence of women in the Portuguese police force from 1930 to 1971 is exceptionally rare, even in an ancillary or non-policing role. From 1971 to 1980, women began to be admitted to the force, yet under rather restricted and disadvantageous conditions, and as a way to compensate for the absence felt by their male counterparts who were sent off to the colonial wars, and to aid in police work, such as the prevention and control of female and juvenile delinquency, body checks for women, road-side police checks and escorts. Beginning in 1981, the police, under a new paradigm centring on preventative police action, revised its statutes and requirements for policewomen, placing them on equal footing with men in the force. Also of importance is the foundation of the *l'Escola Superior de Polícia* in 1987 and the admission of the first Portuguese women to enter the Police Officer Training Academy. Despite this theoretical levelling of the playing field between women and men occurred in the PSP, policewomen and women police officers remain today very much in the minority, at 7% of the force.

The History of the Education shows how the training of policewomen, originally done apart from men but later mixed (and only a few months in length), proved to be more of a rite of initiation in one's mental discipline, hygiene, clothing and behaviour than theoretical and practical learning, which would come later during real-life patrol events experienced in the urban reality. The training of women officers began in 1987, and despite the severity

of admissions, the chosen few (about 10%) fared better than their male counterparts within the daunting system of complete training as they became indispensable agents carrying out projects and sports events of note. The women in Officer's Training, an intelligent and close-knit elite, were able to successfully navigate their integration into the force by dynamising their respective institutional families.

Once actively working, these women police officers became representative instruments within the institution, either in example of the defending heroine (the case of Paula Monteiro) or the effective manager (Madalena Amaral). In so doing, they constituted a veritable brand image in the media. The ordinary policewomen, faced with the dilemma of being a working mother or a lady cop, reorganised their romantic lives and motherly chores either with regard to a certain routine compatible with traditional female roles or the commitment to their investing in the profession, itself intertwined with the need to show exemplary performance.

The training and integration of women police officers into the Portuguese urban police force has allowed the PSP to prove that they are members of the community and not working against them, this despite the fact that, quantitatively speaking, full gender equality in the ranks has not yet been reached.

La formation et l'intégration de la femme dans l'univers de la police urbaine portugaise: la *Polícia de Segurança Pública*.

Mots-clefs: formation / femmes agents / femmes officiers / police urbaine / relations hommes femmes.

Résumé

Cette investigation a pour objet de comprendre comment, du point de vue éducatif historique, depuis 1971, les femmes portugaises ont été admises, instruites puis positionnées dans le microcosme de la police urbaine portugaise: *a Polícia de Segurança Pública*.

Selon l'Histoire policière, la femme, entre 1930 et 1971, est rarissime, pour des tâches ancillaires et non policières. De 1971 à 1980, elle est admise, dans des conditions restrictives et désavantageuses, pour compenser les effectifs masculins partis aux guerres coloniales et fournir un appui à l'administration, prévention et contrôle de la délinquance féminine et juvénile, fouilles corporelles, opérations *stop*, escorte. A partir de 1981, la police, dotée d'un nouveau paradigme d'intervention centré sur la prévention, réforme le statut et les attributions de ses policières; à l'instar de son homologue masculin. Par ailleurs, la naissance de *l'Escola Superior de Polícia*, s'accompagne en 1987 de la première admission des femmes élèves-officiers policières. Malgré une symétrisation théorique des genres dans la PSP, la femme policière, agent ou officier, reste aujourd'hui largement minoritaire (7%).

Selon l'Histoire de l'Education, la formation des femmes agents, d'abord isolée puis mixte, de seulement quelques mois, est plus un rite initiatique dans la discipline mentale, hygiénique, vestimentaire et comportementale qu'un apprentissage théorico-pratique, remis à plus tard, sur le terrain pragmatique des réalités urbaines. La formation des femmes officiers débutera en 1987 et malgré la sévérité de l'admission, les rares élues (environ 10%) s'intègrent mieux que les garçons dans le puissant système de formation intégrale, actrices indispensables pour

les projets et événements sportifs. Les femmes élèves officiers, élite éclairée solidarisée, négocient efficacement leur intégration tout en dynamisant leurs familles institutionnelles respectives.

Dans la vie active, les femmes officiers sont instrumentalisées institutionnellement, tantôt comme héroïne défenderesse (le cas de Paula Monteiro), tantôt comme gestionnaire pondérée (Madalena Amaral) constituant une véritable image de marque médiatisée. Les femmes agents, plus anonymes, face au dilemme femme mère ou femme flic, réorganisent leur vie sentimentale et maternelle dans le choix soit d'une certaine routine compatible avec les rôles traditionnels féminins, soit de promotion dans un investissement professionnel redoublé, victime de la nécessaire exemplarité.

La formation et l'intégration de la femme policière dans la police urbaine portugaise permet pour la PSP de gagner son pari d'être parmi les citoyens et non plus contre eux malgré des déséquilibres quantitatifs de genre encore patents.

Sens des abréviations

CAL -	Corpo de alunos
CFOP -	Curso de Formação de Oficiais Polícia
DG /DR	Diário do Governo, Diário da República
DL -	Decreto-lei
DN -	Direção Nacional
EA -	Escola de alistados
EPP -	Escola Prática de Polícia
ESP -	Escola Superior de Polícia
GEP -	Gabinete de Estudos e Planeamento
GNR –	Guarda Nacional Republicana
GOE –	Grupo de operações especiais
ICAL -	Instrução do Corpo de Alunos
ISCPSI -	Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna
MAI -	Ministério da Administração Interna
OS -	Ordem de serviço
PALOP –	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PVDE /PIDE -	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
PSP -	Polícia de Segurança Pública

SOMMAIRE

	Page
Remerciements.....	i
Résumés	
Résumé en langue portugaise.....	ii
Petit résumé en langue anglaise.....	vii
Petit résumé en langue française	ix
Sens des abréviations.....	xi

INTRODUCTION

1.	L'objet de la recherche:.....	8
	<i>Une approche historique éducative de la femme dans le milieu policier urbain portugais.</i>	
2.	La relation du chercheur à l'objet de recherche:	8
	<i>Rencontre fortuite entre un enseignant étranger de langue et l'entité humaine d'une école d'officiers de la police urbaine</i>	
3.	Les choix méthodologiques:.....	12
	<i>Au croisement de l'épistémologie de l'Histoire avec le paradigme qualitatif interprétatif des Sciences Sociales.</i>	
4.	L'état de la question sur l'Histoire de la formation et intégration de la femme dans la police urbaine portugaise:	18
	<i>Un sujet méconnu aussi bien par les Histoires de la Police et de la Femme que de l'Anthropologie urbaine.</i>	
5.	Problématique:	19
	<i>L'évolution des conditions de rejet ou d'assimilation de la femme dans le milieu policier urbain aux phases de formation initiale et de pratique professionnelle.</i>	

6.	Annnonce du plan:	21
	<i>Une trilogie: la société et l'asymétrie sexuelle, l'école policière et la lente intégration féminine, le commissariat et la difficile reconnaissance féminine.</i>	

TITRE UN

DISCOURS SUR L'ASYMÉTRIE SEXUELLE DANS LE DOMAINE FORMATIF DE L'ORDRE ET DE L'AUTORITÉ

CHAPITRE UN

LE PORTE-À-FAUX DE LA FEMME EXPLIQUÉ PHILOSOPHIQUEMENT

1.	L'Anthropologie dénonce la prégnance d'un modèle d'asymétrie sexuelle dans l'ordre du mental	22
2.	La dimension mythologique dans l'évolution du «visuel» policier au féminin.....	25
3.	L'utopie de la femme policière chez les philosophes grecs	30
	3-1. La Femme gardienne de la cité chez Platon	
	3-2. La Femme être imparfait chez Aristote	
4.	Le fait «social» de la minorité féminine dans le monde policier	36
	4-1. Minoritairement féminine chez l'élève-officier de l'ESP/ISCPSI	
	4-2. Effectif exclusivement féminin chez l'élève-agent de l'EPP	

CHAPITRE DEUX

LE CANTONNEMENT STATUTAIRE DE LA FEMME PORTUGAISE EXPLIQUÉ PAR L'HISTOIRE DE L'EDUCATION

1.	La pérennité du stéréotype éducatif de la femme portugaise	46
2.	L'idéal pédagogique républicain prépare le jeune garçon dans l'exercice de la citoyenneté	49
	2-1. Le rôle du féminisme dans l'instauration de la République	

- 2-2. Le cas de l'affirmation identitaire institutionnelle de l'orphelinat féminin militaire de *Odivelas*.
3. L'école salazariste «atelier sacré des âmes» est le moule de valeurs catholique, nationaliste et rurale. 56
- 3-1. L'école prépare la jeune fille à une fonction de bonne épouse et de bonne mère.
- 3-2. Le rôle de la «Mocidade Portuguesa Feminina» et des associations féminines catholiques.
4. L'école post vingt cinq avril restreint faiblement l'asymétrie des genres sans la résoudre. 66
- 4-1. Le renouveau du féminisme portugais
- 4-2. L'enseignement de l'histoire reste traditionnel
- 4-3. *L'Education pour la Citoyenneté Démocratique* formule l'archétype d'un *super-citoyen asexué*.

CHAPITRE TROIS

LE CHOC DE L'INTRUSE EXPLIQUÉ PAR L'HISTOIRE DE LA POLICE

1. La Police «miroir» de l'Etat. 75
- 1-1. La conception wébérienne de la police.
- 1-2. La conception wébérienne de la police et sa féminisation.
2. Eléments historiques sur la police urbaine portugaise. 81
- 2-1. Du policier acteur au policier agent.
- 2-2. Changement de régime politique et changement de police.
3. L'Histoire des premières femmes dans la police. 89
- 3-1. L'Histoire des femmes pionnières dans les polices anglo-saxonne et française.
- 3-2. L'Histoire des femmes pionnières dans la police urbaine portugaise.

TITRE DEUX

LA LENTE INTÉGRATION DE LA FEMME DANS LE SYSTÈME DE FORMATION INTÉGRALE DE LA *POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA*

CHAPITRE UN

VARIATION DES MODÈLES D'ADMISSION DES FEMMES PORTUGAISES DEVENUES POLICIÈRES

1. La variation des critères d'admission 104
 - 1.1. L'énoncé des pré requis selon le Droit administratif policier portugais
 - 1.2. Les épreuves de passation et le profil attendu
2. L'évolution du concours d'admission des femmes agents 112
 - 2-1. Avant 1971 l'admission de la femme policière est rarissime souvent pour des tâches ancillaires ou bureaucratiques
 - 2-2. Après 1971, l'admission de la femme est significative pour des tâches policières restreintes.
 - 2-3. A partir de 1981, le concours d'admission des femmes adopte une philosophie égalitariste
3. La permanence des modalités du concours mixte d'admission d'officiers.....124
 - 3-1. Les effets de candidats nombreux
 - 3-2. Le filtre des épreuves sportives rapporté à la distinction de genres

CHAPITRE DEUX

LA FORMATION INITIALE DE LA FEMME AGENT CONSTITUE UN RITUEL INITIATIQUE

1. Les admises des concours de 1971-73-74 sous le régime de la stricte séparation des genres.....136
2. Les promotions des années quatre-vingts et la progressive «mixisation» des genres.....142

2-1. Le concours de 1981: rassemblement et distinction des genres.	
2-2. Les concours de 1985 et suivants: rassemblement et mélange des genres	
3. Le cas particulier de la promotion des femmes agents au grade de sous officier.....	150
4. L'implantation des écoles de l'EPP et leurs relations à la cité physique.....	153

CHAPITRE TROIS

LA FORMATION INITIALE DE LA FEMME OFFICIER CONSTITUE UNE ÉTAPE MODELANT SA PERSONNALITÉ

1. La conception du système de formation intégrale de l'ESP ISCPSI et la question de genre.	161
2. L'immersion par paliers de la femme dans le système de formation intégrale: les cas de la chambre et des projets école.....	168
2-1. La femme, nouvelle arrivante à l'ESP/ISCPSI	
2-2. Les anomalies du système de formation intégrale dans la gestion des chambres et projets-école à l'attention des filles	
3. La compétitivité scolaire et la relation de genres.	182
4. La succession des cursus scolaires de l'ESP/ISCPSI et l'évolution de sa philosophie.....	187
4-1. Le premier cursus de 1984 et sa dimension militaire accentuée	
4-2. Le cursus de 1990 développe la dimension du système de formation intégrale ainsi que la composante sportive	
4-3. Le cursus de 1994 est l'expression d'une formation intégrale élargie pour une meilleure approche du citoyen	
4-4. Le cursus de 2009 est l'expression d'un tiraillement entre une tentative d'approche avec le régime universitaire et des conditions budgétaires restrictives	
5. L'activité sportive à l'épreuve de l'égalité des genres.	200
5-1. Le sport et la virilisation circonstancielle chez la fille.	
5-2. Le sport et la solidarisation entre membres du même genre	

6.	La gestion de l'affect et des sentiments à l'ESP/ISCPSI.	209
6-1.	Tristesse et dépression à l'Institut	
6-2.	Amours et couples à l'Institut	
7.	La mise en place de familles spirituelles.....	219
7-1.	La famille-école	
7-2.	La famille-camarades	
8.	L'école et la fête: la mise en scène des genres.	231
8-1.	L'école palais du bal nocturne	
8-2.	L'école cloître laïque diurne	

TITRE TROIS

LE POSITIONNEMENT SPÉCIFIQUE DE LA FEMME DANS L'EXERCICE DE REPRÉSENTANTE DE L'ORDRE ET DE L'AUTORITÉ

CHAPITRE UN

L'INSTRUMENTALISATION DE LA FEMME POLICIÈRE ET LES DIFFÉRENTS RÔLES ATTENDUS DANS L'UNIVERS PRATIQUE DE LA PSP

1.	La médiatisation de la femme policière PSP.....	241
1-1.	L'évolution de son image dans le journal officiel de la corporation : <i>Polícia Portuguesa</i> .	
1-2.	Le récit de policières personnages, vitrines de la PSP.	
2.	La femme policière PSP et le développement de son genre dans l'attribution de ses fonctions.....	251
2-1.	Le débat des aptitudes rapportées aux genres	
2-2.	Le nouveau paradigme de prévention policière et les spécialisations d'intervention	
2-3.	Les services masculinisés	
2-4.	Les services féminisés	

CHAPITRE DEUX
LES DEGRÉS D'INTÉGRATION DE LA FEMME POLICIÈRE DANS L'UNIVERS
PRATIQUE DE LA PSP

1.	Les freins à l'intégration de la femme dans la PSP.....	274
1-1.	L'ancienne et la nouvelle génération de policiers	
1-2.	La dimension «sexualisante» du genre féminin	
1-3.	La femme rivale de la femme	
1-4.	La difficile promotion hiérarchique de la femme mère-agent	
2.	Les armes à l'intégration de la femme dans la PSP.....	294
2-1.	Chez les premières femmes agents des années 1970, l'affirmation identitaire sous le prisme de valeurs d'abnégation.	
2-2.	Chez les femmes agents des années 1980, l'affirmation identitaire sous le prisme de valeurs d'altérité	
CONCLUSION.....		313
Sources d'informations.....		320
Espaces de recueil d'informations spécialisées		
Eléments d'informations diverses		
Eléments bibliographiques		
Tables.....		328
Tables des planches de l'album photographique		
Tables des courbes et graphiques		

INTRODUCTION

1. L'objet de la recherche:

Une approche historique éducative de la femme dans le milieu policier urbain portugais.

L'analyse de la formation de la femme dans les systèmes de formations intégraux de la *Polícia de Segurança Pública*, police urbaine portugaise; tel est l'objet de cette thèse.

Sur l'arc temporel de ces quarante dernières années (1972-2012), nous apprécierons, aussi bien les femmes agents que celles officiers dans l'évolution de leur formation initiale puis leur pratique effective dans la PSP, en amont aux écoles de l'*Escola Prática de Polícia* et de l'*Escola Superior de Polícia/Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna* respectivement, en aval dans l'exercice de représentativité de l'ordre public.

Notre approche se réclame explicitement de l'Histoire de l'Education afin de rendre compte de l'évolution d'une réalité éducative originale, à la base réservée exclusivement aux hommes, dans laquelle l'intruse va, à l'instar de son homologue masculin apprendre tantôt à préserver l'ordre public des villes portugaises, tantôt à commander les agents chargées de cette mission.

2. La relation du chercheur à l'objet de recherche:

Rencontre fortuite entre un enseignant étranger de langue et l'entité humaine d'une école d'officiers de la police urbaine portugaise.

C'est de manière inattendue que je fus convié à enseigner la langue et culture françaises aux jeunes élèves officiers de l'ISCPSI de 2003 à 2009. Enseignant civil, de surcroît de nationalité étrangère,

j'ignorais totalement les structures fermées de formation intégrale de type militarisé, plongé soudainement dans un milieu culturellement métissé (l'Armée, l'Université, le Cloître), d'une école toute jeune (19 ans à mon entrée). L'ISCPSI internat, dans lequel je devenais acteur diurne était et est encore chargé de former une nouvelle génération de cadres de la PSP destinés à remplacer ceux issus de l'*Academia Militar*, dont les paradigmes d'intervention ne correspondaient plus nécessairement à cette nécessité d'une meilleure approche du citoyen défini par la toute jeune démocratie portugaise issue de la Révolution des Œillets

Incité à l'adéquation de ma formation académique avec les exigences de l'enseignement supérieur où j'y avais une part active, j'entrepris une étude –*Mestrado*, bac+6- intitulée: «La construction identitaire de l'élève officier à L'ISCPSI, école supérieure de police portugaise» sous l'égide du département d'Education de la *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa* (Paymal, 2008). J'y analysais alors la complexité du système de formation intégrale de cette école, dont son donjon métaphorique, le Corps des élèves (*Corpo de Alunos*) évalue l'élève dans son séjour permanent à l'école selon les paramètres du *à faire* et *à ne pas faire*. Je concluais alors, vigilant sur les risques d'endoctrinement voire fascisation de cette institution hiérarchisée, que son métissage culturel d'une part (traditions des armées, de l'université et du cloître) et de la diversité des ses activités théorico-pratiques orientées vers les citoyens d'autre part (projets caritatifs, stages pratiques, le savoir vivre dans la permanence du groupe), formaient un officier dans l'esprit de l'homme (ou la femme...) universel, équilibré physiquement et mentalement pour diriger des agents en vue de la préservation de la tranquillité publique.

Dans un article synthèse de cette thèse, centré plus précisément sur le concept de formation intégrale et son application, article publié dans le dernier numéro de la revue *Revista de Educação* du *Instituto de*

Educação da Universidade de Lisboa, (Paymal, 2011), le comité de lecture, avant de valider son approbation pour la publication, me recommandait une systématisation de l'apport de la preuve des éléments empiriques de mon enquête sur lesquels je me basais pour affirmer l'ouverture mentale de l'élève-officier sur la société. Par ailleurs, je devais expliciter mon positionnement par rapport à cette enquête tout en «épurant l'écrit d'éléments expressifs d'adhésion personnelle» du point de vue formel. Ni psaume, ni médisance, mais l'ascétisme épistémologique orienté par la conscience d'un chercheur, me conseillait-on.

Dans la reformulation du cursus scolaire de l'ISCPSI imposée par Décret-loi de 02 octobre 2009 (*Decreto-Lei* n.º 275/2009), la branche humaniste se voyait réduite au profit des «Sciences Policières», branche supprimée des *Relations Publiques* ainsi que de *Langue et Culture Françaises* dont j'avais la charge. Ecarté de la quotidienneté de l'école où j'avais créé des liens, perdant le privilège d'observateur participant, je prenais cette décision du *Ministério da Administração Interna* non avec nostalgie mais comme le point de départ d'une réflexion plus objective sur le thème de la formation des représentants de l'ordre. Dans cet univers, un élément me fascinait de longue date: la femme sous le spectre de l'autorité.

«Dénoncer ou encenser la police soulage ou rassure» (Demonque); vis-à-vis des *flics*, soit on les aime soit on les déteste, et cela, selon nous, parce que, dans notre relation de sujet à l'autorité et de ses représentants, la dimension n'est plus rationnelle mais émotive, appelé à «une obéissance, en somme, irraisonnée et irréfléchie» (Mendel, 2003, p.7). «L'autorité prolonge socialement l'enfance dans le monde adulte» (*Ibid.*, p.71). La vérité humaine, derrière ce voile de notre inconscient révèle ainsi:

L'ambivalence des sentiments qui définit le versant psycho affectif de l'autorité [...]. Dans tous les cas de figure, chacun devra lutter en soi (inconsciemment) contre la partie des sentiments qu'il refuse (consciemment): l'anti autoritaire lutte contre son amour de l'autorité, le défenseur de l'autorité contre la haine qu'il a de l'autorité, haine qu'il projette alors contre les antiautoritaires, eux qu'il brûle (inconsciemment) de rejoindre (*Ibid.*, p.67).

Professeur-animateur de *Français Langue Etrangère* (FLE), dans cette dramaturgie sociale scolaire, j'endossais assurément le rôle de l'anti autoritaire, débonnaire dans mes leçons comme dans les évaluations avec en contre partie une bienveillance, voire sympathie de la majorité des élèves officiers, satisfaits de pouvoir un peu décompresser dans cet univers panoptique de surveillance permanente réelle ou virtuelle. Je n'en restais pas moins fasciné de ces gardes à vous, de cette promptitude des ordres; fasciné tout en même temps que séduit par d'inattendues sirènes de l'autorité au visage féminin.

Je m'engageais alors, dans l'intention de traduire ces émotions en actes d'investigation, dans la conclusion du Cours de Formation Avancé en Histoire de l'Education de *l'Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*, propédeutique à la réalisation de la présente étude. Lors de la soutenance orale, face au jury composé de Anne Cova de *l'Instituto de Ciências Sociais*, Justino Magalhães et Joaquim Pintassilgo, tous deux de *l'Instituto de Educação*, je fus alerté pour d'une part éviter une répétition inutile sur l'Histoire de la condition féminine européenne, déjà longuement commentée, de l'autre à développer l'idée selon laquelle la femme policière, d'agent devient actrice, personnage instrumentalisé dans une institution hautement symbolique de l'ordre urbain. Aussi me fallait-il sortir du purement descriptif pour faire coïncider à l'approche historique purement policière celle féminine.

Puis, toujours dans le cadre de ma progression doctorale, je présentai un avant projet au II *Fórum de Jovens Investigadores* qui se déroula à *l'Instituto de Educação da Universidade de Lisboa* le 22 juin 2011, première esquisse de la présente thèse. Monsieur Rui Canário, spécialiste de la formation d'adultes et de professionnels, ne nous cacha pas douter de la crédibilité scientifique de notre investigation, plus précisément sur les moyens dont je disposais effectivement pour mesurer l'évolution de l'intégration de la femme dans le système de formation policier. Interpellé, nous décidâmes de diversifier les sources d'informations pour la reconstitution d'un puzzle explicite et révélateur.

3. Les choix méthodologiques:

Au croisement de l'épistémologie de l'Histoire avec le paradigme qualitatif interprétatif des Sciences Sociales.

Classiquement, selon les méthodologistes des Sciences Sociales (Biklen & Bogdan, 1994), une approche à la fois qualitative et quantitative est déconseillée: «la compréhension des comportements à partir de la perspective des sujets de l'investigation» (p.16) ne fait pas bon ménage avec la démonstration basée sur la corrélation de données statistiques. Dans le cadre de notre recherche où la médiation sur le multifactoriel, la diachronie et synchronie complexifient singulièrement l'objet d'investigation, notre démarche «passe par la réflexion critique sur le temps et par la mise en perspective du témoignage dans l'épaisseur de la durée, celle du passé proche, mais aussi moins proche et lointain» (Frank, 1992, p.124). Notre regard orienté sur l'Histoire en trois dimensions autorise alors un recueil large de données de toutes natures, non pas des indicateurs prêts à l'emploi mais de simples indices apparemment insignifiants dont la saisie et les connexions révèlent du même coup le sens des événements. L'Historien, en l'occurrence l'Historien de l'Education, fait, lui aussi «un métier de chiffonnier» (Lucien Febvre), chiffonnier en même temps que «rodeur» (Chartier, 2009, p.197).

Certes, on pourra nous objecter une proximité temporelle éducationnelle, -seulement une quarantaine d'années-, difficilement insérable dans un rythme temporel historique de longue durée. Nous ne affilierons pas pour autant au courant de l'Histoire du Temps Présent avec pour chef de file Lacouture (2009); nous analyserons, non pas le temps présent selon des prémices passées sous un angle journalistique mais bien le passé en lui-même, proche il est vrai, sous l'angle éducationnel du microcosme particulier de la formation au maintien de l'ordre portugais. Cette recherche, dans sa capacité à «confronter les documents aux acteurs» (*Ibid.*, p.214), tente ainsi de recouper un ensemble d'indices révélateurs d'un passé proche sur le thème de l'autorité véhiculée par le deuxième genre.

Dès lors, sachant «que de rassembler les documents dont on estime avoir besoin est une des tâches les plus difficiles de l'historien (Bloch, 1952, p.42), nous avons, tous azimuts, zigzagué, presque erré, vers les sources orales, écrites et visuelles sans pour autant perdre le port final de notre odyssée: l'évolution rejet/intégration de la femme dans le système de formation intégrale de la PSP. L'itinéraire d'un tel périple ne fut possible que par l'autorisation accordée en toute confiance par L'Intendente Paulo Jorge Valente Gomes, alors Directeur de l'Institut et aujourd'hui n. °1 de la PSP.

Pour les sources orales nous avons procédé à 24 entretiens en langue portugaise, semi directifs, enregistrés puis retranscrits, d'une durée moyenne de 50 minutes chacun aux acteurs clefs suivants de notre investigation: 1 au Directeur fondateur de l'ESP. 5 à des cadres masculins et féminins de l'ESP/ISCPSI, tous anciens de la maison. 1 à la psychologue de l'ISCPSI. 10 à des élèves masculins et féminins de l'ISCPSI des plus jeunes aux plus avancés dans le cursus. 2 à une officier féminin expérimentée du terrain pour parler du programme *Escola Segura* ainsi que de ses souvenirs en tant qu'élève (entretien téléphonique). 6 à des agents féminins sorties de l'EPP dans les années

1980. 1 à un agent masculin sorti de l'EPP dans les années 1980. Tous ces acteurs déjà côtoyés dans le cadre de mes fonctions d'enseignants se sont spontanément prêtés au dialogue surtout chez les femmes agents, celles officiers répondant parfois de manière plus sobre et retenue. Rappelons que ces entretiens, au lieu même de l'école supérieure, entendu comme un sanctuaire où son calme contraste avec la vie agitée des commissariats vécue par la majorité des interrogés, favorisait de leur part un effort de réflexion basé sur leur expérience remémorée et réinterprété à mon appel confessionnel. Selon Madame Mogarro (2005), dans le cadre de la méthodologie de l'entretien:

ce témoignage exprime la relecture du passé par le présent, construit par les expériences accumulées dans le parcours de vie incitant les personnes aujourd'hui à se questionner sur leur mode d'être et de penser et si ce sont des acquisitions naturelles ou des constructions socialement élaborées (p.17).

Ainsi, tout en parlant, chaque interrogée retraçait avec plus ou moins de sincérité la fresque même de son existence globale professionnelle et personnelle, et l'entretien bien que semi-directif, autorisait voire même favorisait une forme d'épanchement qu'aucun maquillage ne pouvait, avec le recul dissimuler aux yeux du chercheur. L'ensemble de ces informations constituait une mosaïque richissime où la parole apparemment la plus banale prenait un tout autre sens une fois retravaillée et croisée à d'autres sources.

Pour les sources visuelles, nous avons inséré 102 clichés essentiellement tirés d'archives photographiques de l'ISCPSI, de ceux personnels, de ceux aimablement prêtés par les interrogées et des élèves eux mêmes. Cet appel à l'image répond à notre consternation sur cette contradiction entre d'une part, une société où la débauche visuelle sollicite constamment l'œil, de l'autre une frilosité universitaire à prendre ce vecteur d'informations tout au plus comme une simple

décoration d'appoint d'une monographie pourtant résolument présentée comme scientifique. De plus, selon nous, le saisissement visuel, sur l'instant, de la femme en formation ou intervention dans le microcosme policier constitue la scène par excellence de la dramaturgie sociale et du non verbal. Résolument apologiste de l'iconographie (facilitée par la démocratisation de l'appareil photographique aujourd'hui digital) l'objectif sera non pas l'analyse de la photo en soi dans une quête phénoménologique ou esthétisante dont la subjectivité des sensations s'accorde mal au principe de l'apport de la preuve¹. Cette source iconographique vient fondamentalement pour sortir de la «Gutenberg galaxy» (Nóvoa, 2000) tirant parti du principe selon lequel «il est nécessaire d'admettre l'irréductibilité de l'image au texte et vice versa» (*Ibid.*, p.22). En d'autres termes, la spécificité de l'image, court-circuitant la logorrhée verbale, nous apporte instantanément un sens nouveau dont jamais l'œil ne reste indifférent. Une fois les précautions d'usage réalisées (Pourquoi cette photo? De qui? Pour qui? Dans sa monstration que révèle-t-elle tout en occultant quoi?), la photo, dans notre approche historique de dramaturgie sociale «expose la théâtralité des processus sociaux en relation au quotidien» (Martins, 2008, p.35). Désintellectualisante, consubstantielle à la mitanalyse (Durand, 1960), José Alves (2005) nous rappelle aussi que

L'image est insoumise parce qu'elle confirme toujours que l'imagination est au pouvoir. Toute l'histoire de l'image jusqu'à nos jours, confirme que cet univers de l'imagination triomphante, un dialogue systématisé imaginaire du réel avec l'utopie [...]. L'image est

¹ Lorsque Roland Barthes déclare: «j'ai pris pour guide mon plaisir ou mon désir à l'égard de certaines photographies» (1991, p.78), nous doutons que la dimension narcissique dans la sensation du sujet à l'objet soit compatible au travail épistémologique de la présente étude. Par ailleurs, même si la notion d'EPOCHE (suspension du jugement) est à l'œuvre, nous ne nous affilierons pas au mouvement phénoménologique de Merleau Ponty ou Edmond Husserl, au risque d'égarements dans des suppositions subjectives devenant affaire de goût et non de science.

la brèche par laquelle le monde fait irruption, le monde dans son chaos fascinant et apeurant (p.87)

Moins poétique, dans une logique plus épistémologique rapportée à l'Histoire de l'Education, Peter Burke (2004), analyse comment certains historiens renommés (David Douglas, Francis Haskell, Jacob Burckhardt...) ont tiré parti d'œuvres picturales dans cette quête du passé. Deux éléments à nos yeux méritent notre attention. Le premier, cette nécessaire dimension indicielle de l'image, brute, et donc à relier à d'autres sources d'informations elles mêmes non pas tirées comme des vérités mais comme pièces à conviction rencontrées fortuitement. Le deuxième, et en l'espèce Peter Burke nous provoque, c'est la question sur la frontière de la vérité iconologique rapportée au domaine artistique

La bonne nouvelle pour les historiens c'est que l'Art peut fournir des évidences sur des aspects de la réalité sociale où les textes passent à côté [...]. La mauvaise nouvelle c'est que l'art de la représentation est presque toujours moins réaliste de ce qu'il paraît et déforme la réalité sociale plus qu'il ne la reflète, de telle manière que les historiens qui ne prennent pas en considération la variété des intentions des peintres et photographes peuvent arriver à une interprétation sérieusement équivoque. Revenant à la bonne nouvelle, le procès de déformation, en lui-même, met en évidence des phénomènes que nombreux historiens souhaitent étudier, comme les mentalités, les idéologies et les identités. L'image matérielle ou littérale est une bonne évidence de l'image mentale ou métaphorique du moi ou des autres. (*Ibid.* p.13)

En clair, l'iconographie constitue un vecteur indépendant d'informations mais l'intentionnalité de l'artiste ou du photographe risque de dévoyer la réalité de ce qu'il cherche à représenter. C'est justement pour l'Historien moderne l'occasion de saisir une autre vérité

dans cette question: en déformant, occultant, ou ramenant au détail certains fragments de la réalité passé, qu'est-ce que l'auteur peut nous révéler? Dans le cadre de notre étude, les supports visuels s'ils ne sont artistiques, ont été créés tantôt par les élèves eux mêmes, tantôt par le photographe officiel, tantôt par les protagonistes interrogées. Le mot clef dans notre déchiffrement iconographique sera donc le sens de l'intentionnalité de l'auteur.

Pour les sources écrites, nous avons consulté des archives², notes de services, avis divers, projets de loi, rapports, conscient qu'«au témoignage dont le crédit est fondé sur la confiance accordée au témoin est opposé la nature indiciaire du document» (Chartier, 2009, p.354). Cette démarche sur «le document brut» (*Ibid.*, p.9) venait aussi pour enrichir l'apport d'informations sur l'*Escola Prática de Polícia* que je connaissais mal, d'une part n'y ayant pas enseigné, de l'autre parce qu'il s'agissait de l'analyse d'une époque plus éloignée (à partir de 1972 jusqu'aux années 1990).

Autre indicateur choisi, la législation, d'abord émise par le *Diário do Governo*, puis à partir de 1974 par l'actuel *Diário da República*. Muni de mon autorisation d'investigation, les responsables du GEP, très aimablement me fournirent toutes les normes relatives aux forces de l'ordre portugaises depuis 1867 à nos jours sur support digital où l'évolution statutaire de la femme dans la PSP nous paraissait sous forme diachronique. Parallèlement à cette diachronie législative, nous avons abondamment compulsé depuis sa date de parution en 1937 dans la revue officielle de la corporation: *Polícia Portuguesa*, excellent révélateur des mentalités policières rapportées à l'air du temps d'alors, salazariste puis révolutionnaire enfin démocratique d'un état membre de l'Union Européenne.

²après autorisation du Diretor nacional d'alors. Ces archives sont conservées au *Gabinete de Estudos e Planeamento* de la *Direção Nacional*.

Enfin pour clore ce recueil d'indices du terrain, nous avons obtenu des données statistiques des femmes entrantes dans l'ESP/ISCPSI depuis son ouverture en 1984 jusqu'à nos jours, pour une meilleure acceptabilité scientifique de nos affirmations, notamment sur le possible déséquilibre des effectifs du point de vue du genre aussi bien à la phase du concours, qu'à celle de formation et de professionnalisation. Nous n'avons pas voulu non plus négliger les *Balanços Sociais* da PSP, les *Relatórios anuais de Segurança Interna* consultables via internet.

Comme l'affirme Ó (2007), la dynamique même de notre recherche resta déterminée par un *modus operandi* entre les informations recueillies et une problématisation dont l'assise restait par nature provisoire, et plus je cherchais, plus mon identité d'investigateur d'Histoire d'Education se révélait. J'en venais ainsi à tenter de «proposer l'intelligibilité la plus adéquate possible d'un objet, d'un corpus, d'un problème [...] où l'identité de chaque historien lui est donné par son travail dans un territoire particulier qui définit sa compétence propre» (Chartier, 2009, p.20)

Je restais cependant en panne de modèles, d'architecture mentale capable de théoriser cette première approche, somme toute exclusivement factuelle.

4. L'état de la question sur l'Histoire de la formation et intégration de la femme dans la police urbaine portugaise:

Un sujet méconnu aussi bien par les Histoires de la Police et de la Femme que de l'Anthropologie urbaine.

Si l'exercice de la pratique professionnelle de policière soit elle agent soit elle officier, est un sujet travaillé et réfléchi (Pruvost, 2006) notamment par les auteurs anglo-saxons (Lebeuf, 1996), celui, sous l'angle éducatif, de la formation de la femme afin de devenir

représentante de l'ordre nous est apparu quasi absent. Ou bien nous puisions dans la littérature sur l'Histoire de la Femme au Portugal, orientée sur son éducation et son accès au travail rémunéré (Cova, Mogarro, Pimentel, Vaquinhas...), ou bien sur l'Histoire de la Police (Cosme, Leandro) et son évolution étroitement commandée par les bouleversements politiques d'une nation.

Cependant les sujets de l'institution fermée (Goffman), de la dramaturgie sociale (Goffman, Hugues) ainsi que le jeu et la dynamique d'une minorité dans une entité caractérisée (Kanter, Carreiras), rapportés à notre approche historique éclairaient le sens du choc de l'intruse dans une institution séculaire machiste de l'ordre.

Aussi nous décidâmes de consacrer notre encadrement théorique en trois parties; la première sur le mental (Héritier) et l'effet des actes des représentations masculines sur le deuxième sexe depuis l'antiquité (Platon, Aristote) sans omettre les dimensions mythologiques (Durand). La deuxième sur l'analyse des modèles éducatifs appliqués à la jeune portugaise qui se sont succédé depuis la première république en 1910 jusqu'à nos jours (Castro, Pintassilgo, Cova, Gorjão...): la troisième enfin sur les représentations des policiers européens et portugais sur les femmes (revue *Polícia Portuguesa*, Pruvost).

5. Problématique:

L'évolution des conditions de rejet ou d'assimilation de la femme dans le milieu policier urbain aux phases de formation initiale et de pratique professionnelle.

Susana Durão (2003), nous interpelle dans cette urgence où:

L'histoire de la présence des femmes dans la PSP est trop récente et reste à problématiser, Nous pouvons affirmer que les femmes n'ont pas d'espace dans la mémoire institutionnelle (dans cette

longue diachronie qui privilégie les origines), ne constituant pas ainsi un «patrimoine professionnel. (p.78)

Problématiser oui, mais selon quel questionnement orientateur?

Dans cette trilogie du discours que nous développerons, à savoir: femme et société, femme policière et formation, femme policière et exercice professionnelle, la chaîne interrogative pourrait être la suivante:

La succession des régimes politiques portugais a-t-elle pour autant fait évoluer les représentations masculines sur les modèles éducatifs et professionnels réservés à la femme portugaise?

La présence et les attributions de la femme dans la PSP, entendue comme microcosme, constitue-t-il un indicateur du macrocosme de la société et des relations respectives femmes-hommes ?

Les concours d'admission des femmes ont-ils été fondés sur des considérations purement pratiques ou afin de rapprocher la PSP des citoyens ?

Le système de formation intégrale de l'Ecole Supérieure de Police est-il ou non neutre du point de vue du genre ?

Selon quelles modalités la PSP instrumentaliserait la femme dans l'exercice de sa profession ?

Quelles sont les stratégies adoptées par les femmes policières pour s'imposer professionnellement dans un milieu traditionnellement machiste?

Certes, une problématique dans le champ historique reste provisoire et approximative; elle constitue plus un cap lointain suggéré qu'une trame détaillée et contraignante.

6. Annonce du plan:

Une trilogie: la société et l'asymétrie sexuelle, l'école policière et la lente intégration féminine, le commissariat et la difficile reconnaissance féminine.

Si

Toute écriture historique comme un récit nécessairement construit selon des règles qui inversent les démarches mêmes de la recherche puisqu'elles organisent selon un ordre chronologique une démonstration close et un discours sans faille des matériaux toujours ouverts et troués (Chartier, 2009, p.197)

Notre plan, malgré un souci d'organisation architectonique rend compte d'un itinéraire compliqué et hasardeux d'un Historien d'Education dans la compilation de données diverses retravaillées à la lumière d'une problématique.

Dans un premier titre, nous analyserons comment la représentation de l'asymétrie sexuelle eut un impact dans le domaine formatif de l'ordre et de l'autorité au Portugal.

Dans un deuxième titre, nous analyserons les modalités d'intégration de la femme dans le système de formation intégrale de la PSP

Dans le troisième titre, enfin, nous verrons comment la femme policière est instrumentalisée par rapport aux rôles qui lui sont attendues puis les réponses adoptées face aux difficultés d'intégration qui surgissent.

TITRE UN

DISCOURS SUR L'ASSYMÉTRIE SEXUELLE DANS LE DOMAINE FORMATIF DE L'ORDRE ET DE L'AUTORITÉ

Notre encadrement théorique, dans une approche pluridisciplinaire caractérisée par un *va et vient* constant entre des données théoriques avec d'autres factuelles, débutera conceptuellement sur l'asymétrie des genres (chapitre un) puis son expression dans la manière dont les jeunes filles portugaises étaient éduquées au XXème siècle et si le modèle favorisait leur entrée ou non dans la police (chapitre deux). Enfin, au vif du sujet, nous rappellerons les conditions d'accès des premières gardiennes de la cité dans l'institution policière occidentale puis portugaise expression du «monopole de la violence légitime de l'Etat».

CHAPITRE UN

LE PORTE-À-FAUX DE LA FEMME EXPLIQUÉ PAR LES SCIENCES HUMAINES

Ce premier chapitre tente une synthèse descriptive de la «valence différentielle des sexes», des motifs de l'asymétrie des genres et de ses conséquences dans la répartition des rôles et des tâches, dans la société ancienne et contemporaine, comme dans la police portugaise en particulier.

1. L'Anthropologie dénonce la prégnance d'un modèle d'asymétrie sexuelle dans l'ordre du mental

Françoise Héritier (1996), par ses expressions récurrentes comme: «Le soubassement idéologique élémentaire...Le modèle archaïque dominant...L'appareillage conceptuel» met en évidence que «la répartition des tâches telles que nous les connaissons dans les sociétés occidentales» sont comme «des constructions culturelles» (p.22). Ainsi, c'est dans l'ordre même du mental qu'une représentation collective permanente, consciente ou non, voit comme naturelle une asymétrie masculin-féminin. «Cette valence différentielle exprime un rapport conceptuel orienté, sinon toujours hiérarchique, entre le masculin et le féminin, traduisible en termes de poids, de temporalité (antérieur /postérieur) de valeur» (p.24). Cette approche est d'autant plus intéressante, selon nous, qu'elle dépasse le parti-pris du féminisme – soit-il légitime répondant à l'outrage par la révolte (Beauvoir, 1949. Badinter, 2010) comme sa force contraire le machisme pour nous faire saisir cette démarche d'analyse arbitraire du fort et du faible qui situe le féminin comme une complémentarité au masculin.

Même Pierre Bourdieu (1970) avec son modèle de «la violence symbolique», s'il présente admirablement les pressions mentales exercées par la culture sur la femme pour elle même se soumettre du moins se résigner à un statut subalterne au «sexe fort» (1998), ne souligne pas le principe des schèmes de pensées viciés par ce déséquilibre des genres. Certes, l'effet culturel de domination masculine s'explique par le concept de violence symbolique, un «pouvoir qui parvient à imposer des significations et à les imposer comme légitimes en dissimulant les rapports de force qui sont au fondement de sa force» (1970, p.18). Mais cette pression, bien qu'odieuse, puisque le sujet féminin abdique et consent dans une plus ou grande mesure à sa victimisation, reste tangible et vérifiable. Françoise Héritier, elle, (1996, 2002) touche le for intérieur même du sujet, qu'il soit homme ou femme, ce dernier –sans s'en rendre compte- classant, hiérarchisant, orientant toujours en fonction de deux genres l'un tributaire de l'autre.

Un autre point de vue anthropologique, celui de Claude Levi Strauss (1967), donne une explication du statut et des rôles de la femme sur le principe d'objet d'échange, dans le sens où les femmes ne représenteraient plus que des «signes fiduciaires» destinés à établir des alliances entre «tribus» perpétuant ainsi chacune d'entre elle sous le principe d'une recherche de la différence. Une telle approche est indissociable du principe d'exogamie et corrélativement de la prohibition de l'inceste. Plus qu'un principe, «la loi de l'exogamie fonde toute société qui doit être entendue comme loi de l'échange des femmes et de leur pouvoir de fécondité entre les hommes» (Héritier, 1996, p.32).

Indépendamment de la dimension choquante de la femme réduite à l'état d'objet d'échange, (elle seule capable d'assurer la fécondité, la procréation et une large part de l'éducation; mais aussi la gestion du lieu domestique et la satisfaction des désirs sexuels des hommes) la pensée structuraliste positionne avec un tel paradigme les hommes comme vendeurs-acquéreurs et les femmes comme l'objet précieux de l'échange, les premiers détenteurs des pouvoirs, les deuxièmes capital même des valeurs convoyées pour la continuité de la famille, de la tribu, voire de l'espèce elle-même, et en dernière instance l'humanité.

Nous comprenons mieux alors, qu'il s'agisse de la valence différentielle évoquée par Françoise Héritier ou la loi d'exogamie de Levi Strauss, quels empêchements ou du moins freins la société occidentale a mis en œuvre à l'émancipation de genre féminin!

Au risque d'être critiqué pour ce «raccourci» facile dans la transposition de ce discours anthropologique dans la tentative de compréhension des difficultés d'intégration des femmes dans la PSP des années 1972, à quelle révolution copernicienne mentale fut confronté le corps masculin policier à la vue de ces femmes en uniforme, non plus objet d'échange dissimulé par l'artifice culturel de la civilisation occidentale mais véritablement policiers à part entière? Elles sont alors immédiatement surnommées par certains hommes «polícias sem pilas» [policiers sans pipi] (Léandro, 2006) jouant sur la double humiliation

d'être à la fois asexuées et encore des enfants. Selon les témoignages (*Ibid.*) des premières entrantes de 1972 au premier concours national de grande envergure (277 admises), à la «Divisão de Trânsito» (Service de la circulation automobile), les éléments masculins, après la surprise amusée, deviennent consternés quant aux tâches à attribuer aux nouvelles venues (peur d'un dessaisissement de leur pouvoir? Situation totalement imprévue?). Aussi, sont-elles dans l'«indéfinition d'occupation» cantonnées voire mises en quarantaine toutes regroupées dans un bureau pour des tâches purement administratives, voire bureaucratiques (*Ibid.*, p.73). Comme isolées dans un sas de non contamination, la femme policière pionnière de 1972, brisant l'image classique de la «Dona de Casa» [femme au foyer], est chez certains éléments masculins l'énigme qui effraie.

Affirmant une nette concordance entre le discours anthropologique sur la valence sexuelle avec la difficile intégration des femmes dans la police portugaise des années soixante-dix, nous aimerions désormais apprécier dans quelle mesure l'appareil policier a puisé ou non dans l'imaginaire collectif des mythes et de la religion.

2. La dimension mythologique dans l'évolution du «visuel» policier au féminin.

La femme, dans la mythologie gréco romaine, renvoie tout d'abord à l'unité originelle³ (le désir de fusion exprimant la quête d'une moitié perdue), à la séduction et à la fécondité, (Aphrodite, Vénus), au danger à la duperie et la trahison (Médée, les Sirènes). Elle est la pièce

³ Exprimée notamment par le discours de Aristophane (191d / 192d), dans le Banquet de Platon où "l'amour recompose l'antique nature, s'efforce de fondre deux êtres en un seul, et de guérir la nature humaine".

fondamentale de ce capharnaüm de l'imaginaire animiste humain et participe abondamment aux représentations symboliques.

De ce trésor d'une vérité *a temporelle* dans laquelle puise la psychanalyse pour déchiffrer les méandres de notre inconscient, *Athena*, la déesse de la guerre, fille de Zeus, protectrice de la cité, nous, paraît l'élément mythologique inspirateur de la femme policière moderne. En effet, née adulte, toutes armée avec pour diadème le casque, elle rassemble la sagesse avec la vertu protectrice. Vierge, - au contraire de Aphrodite, enclin aux plaisirs à la déraison, voir aux vices et au chaos-, elle est «comme une déesse majestueuse, à la beauté calme et sévère; le regard étincelant de ses légendaires *yeux pers* rappelle la chouette, son animal favori, que l'on voit souvent sur son épaule ou dans sa main»⁴. Toutes ses vertus: la force, la sagesse, la vigilance, exercées dans la *polis*, avec sur son épaule l'oiseau nocturne de la chouette, font de *Athena*, dans une dimension onirique, la déesse naturelle de la représentante moderne de l'autorité.

Dans une dimension mitanalytique, Gilbert Durand (1960), comme agacé de cette pruderie de la tradition intellectuelle française sur les dangers de l'image, cite le philosophe Alain: «On se fatigue d'être platonicien». Au contraire! Retournons dans la caverne et laissons nous leurrer par ces fausses images si fausses quelle nous révèlent en définitive, si ce n'est la Vérité des Dieux, du moins l'imaginaire humain. «Pourquoi négliger les erreurs lorsqu'elles apparaissent comme la chose du monde la mieux partagée ? (Durand, 1960, p.462). Gilbert Durand, prenant «l'imagination comme le contrepoint axiologique de l'action» (p.467) réhabilite cette première. Selon lui, «l'imagination constitue l'essence de l'esprit, c'est-à-dire l'effort de l'être pour dresser une espérance vivante envers et contre le monde objectif de la mort» (p.466).

A ce titre, la mythologie d'Athéna, «déesse armée, déesse aux yeux étincelants, si peu féminine et farouchement vierge, jaillie de la hache

⁴Agustat-Boularot, S. (1992). *Dictionnaire culturel de la mythologie gréco-romaine*. Nathan.p.50.

de Hép̄haïstos et du front de Zeus, maîtresse des armes, maitresse de l'esprit mais également maitresse du tissage» (p.175) est l'expression consacrée, à la fois, de la pureté (la vierge, l'intelligence, la vision, issue du front de Zeus) et de la puissance (casque, lance, issue de la hache de Hép̄haïstos)

Selon nous, les tailleurs chargés de concevoir les premiers uniformes féminins de la PSP composèrent entre les attributs de l'autorité avec ceux de la féminité, rendant notre protagoniste dans le milieu urbain mi guerrière *Athena*, mi hôtesse.

Par quelques photos d'uniformes apprécions alors la dimension symbolique et les possibles «remake» inconscients de cet héritage mythologique occidental. Rappelons que ces clichés (album n°1) avaient pour l'institution policière une fonction de sensibilisation voire de démagogie vis à vis des citoyens en général. Les auteurs avaient pour intentionnalité de véhiculer l'image d'une police plus humaine perçue jusqu'alors comme violente et castratrice sous l'antérieur régime autoritaire de Salazar.

Album°1 de portraits
L'observation de l'uniforme et
son interprétation symbolique



Photo n°1: Cliché pour une exposition itinérante des années 75 (Sources: Gabinete de Imprensa e Relações Públicas, DN, PSP)



Photo n°2: cliché pour une exposition itinérante des années 1975 (sources: *Ibid.*)

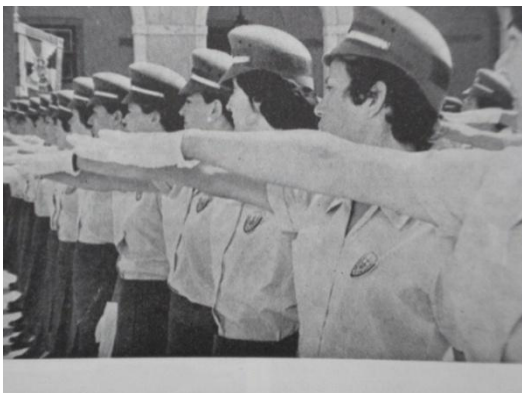


Photo n°3: investiture d'agents jurant sur l'honneur d'accomplir leurs devoirs (Sources *Polícia Portuguesa*, Année 1972)



Photo n°4: couverture de *Polícia Portuguesa*, années 1980



Photo n° 5 : agent devant leur commissariat dans les années 90 (Archive personnelle de l'agent M...)

La photo n°1, dans sa théâtralité explicite- destinée à une exposition itinérante- nous interpelle sur ces trois points : Par ce képi, tel le casque d'Athéna, gardienne d'Athènes, par cette mini-jupe et ces bottes, dégageant liberté, sensualité et féminité, par ce geste maternel, enfin, secourant instinctivement l'enfant tombé à terre.

La photo n°2 reprend cette association de styles: d'un côté, l'uniforme fermé, boutonné, assez austère, avec toujours ce képi «remake» Athéna: de l'autre, la grande sœur agent, mère poule d'une tribu enfants –dont l'une la jambe blessée.

La photo n°3, prise au cours d'une cérémonie hautement ritualisée, reprend dans une acception mitanalytique développée par Gérard Durand (1960), le thème de la transcendance, du symbole ascensionnel. Certes les bras tendus sont horizontaux mais évoquent la lutte contre la chute, la mort, le gouffre et le soleil noir.

La photo n°4 renvoie explicitement à la notion du sacré, thème récurrent de l'Histoire du Portugal, où le miracle, présent dans la mémoire de l'inconscient collectif, est le fondement des victoires portugaise tant contre les Maures (les infidèles, les anti-chrétiens) que les Espagnols (les anti-portugais). Sans parler d'Afonso Henrique (Araújo, 2003), roi fondateur du Portugal, cette dimension du sacré, cette relation explicite entre la mère de Jésus et la femme représentante de l'autorité, contribue à une image légitimant la présence même de cette recrue au sein de la corporation policière.

La photo n°5; passage du gris au bleu, les uniformes des années 90, hormis le képi, tendent de plus en plus à asexuer garçons et filles. Les deux genres portent des pantalons.

Même si l'apport de la preuve, dans la mitanalyse paraîtrait se réduire à la distinction entre la simple fabulation et le romanesque d'une part, du récit mythique de l'autre assortie d'une «sorte de matrice génératrice»⁵, nous associerons à la définition de la puissance proposée par Gilbert Durand l'analyse du visuel policier féminin épigone. «En définitive, toute puissance souveraine est triple puissance: sacerdotale et magique d'une part, juridique de l'autre et enfin militaire» (1960, p.143). La femme policière rassemble les attributs de la puissance: sacerdotale par son képi, magique, par son maquillage de charme et discrétion, juridique, par les insignes de sa corporation, militaire enfin par l'accession à l'arme létale.

⁵Expression de Jean Jacques Wunenburger (1995, *La Vie des Images*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg), citée par A. Araújo (2003).

Mélange de sagesse austère et autoritaire (képi, costume gris) à une féminité pleinement assumée (minijupe, bottes longues) au lendemain de la Révolution du 25 avril 1974, la nouvelle policière portugaise, par un visuel mythique et pratique, assoit son autorité aux yeux de ses collègues masculins comme des citoyens eux-mêmes.

Nous l'avons vu, l'Anthropologie nous a révélé l'origine mentale de l'asymétrie sexuelle tandis que la Mitanalyse le personnage de *Athena* dans le visuel féminin policier des années soixante dix. Désormais, interrogeons-nous sur la place qu'occupe la philosophie antique occidentale dans ce débat.

3. L'utopie de la femme policière chez les philosophes grecs

Sur le thème de la femme et de son rôle attribué dans les affaires de la Cité, Platon et Aristote sont classiquement opposés, le premier en faveur, le deuxième contre:

Platon serait un féministe «avant l'heure» en affirmant une identité de nature entre les femmes et les hommes revendiquant pour ces premières à être gardiennes ainsi qu'à participer également aux tâches civiques impliquant et légitimant une même éducation. Aristote représenterait l'antiféminisme, argumentant sur des différences biologiques et sa contribution inégale à la procréation des enfants, son statut d'infériorité sur les plans cognitifs éthico-politique. [...] la femme [...] version déficiente d'une certaine humanité qui ne serait atteinte pleinement que par l'homme. (Pinto, M.J., 1998, p.23).

Ainsi, suivant que la femme est conçue ou non selon la même nature que l'homme, son positionnement statutaire et ses fonctions dans la Cité varient. Ce raisonnement d'égalité ou non de genre et ses répercussions sur son éducation et son travail -tantôt réduit à la gynécée, tantôt dans la sphère publique au côté des hommes- deviendra récurrent, plus spécifiquement dans la cadre de l'Histoire des femmes.

Reprenons les enjeux de cette opposition Platon Aristote.

3-1. La femme gardienne de la cité chez Platon

«La police au féminin s'enracine dans la pensée platonique»⁶ affirme Pedro Clemente⁷, convaincu d'un prolongement direct entre Platon, le prétendu féministe antique, et la nouvelle police moderne portugaise engagée dans son adaptation à la nouvelle démocratie post vingt-cinq avril. Sa référence à *La République*, plus précisément au livre V, nous suscite un commentaire sur la conception chez Platon des trois points suivants: le statut de la femme en général, les relations entre femmes gardiennes de la cité et leurs homologues masculins, l'efficacité de l'intervention de la femme gardienne enfin.

Platon, pour assumer conceptuellement une égalité (quoique relative) des genres, affirme l'inexistence d'une «différence de natures» à l'exception près que «la femelle enfante et le mâle engendre» (*Ibid.*, 454d, 455d). S'il n'y a pas de différence de nature, alors, il n'y a pas de différence de fonctions. Ainsi «il n'est aucun emploi concernant

⁶Clemente, P. (2000, Maio/Junho). A feminização da Polícia. *Polícia Portuguesa*, pp 21-22.

⁷ Cet officier de la PSP –rencontré à plusieurs reprises dans le cadre de mes fonctions d'enseignant- présente selon nous le profil-type des cadres de «alta patente» [gradés] de la nouvelle génération issue de la toute jeune «Escola Superior de Polícia». Ses interventions orales, lors de cérémonies officielles, traduisent explicitement une dimension humaniste voire même poétique contrastant à celles des anciens officiers formés à l'«Academia Militar».

l'administration de la cité qui appartienne à la femme en tant que femme, ou à l'homme en tant qu'homme» (*Ibid.*, 455d, 456, c).

Continuant son raisonnement, pourquoi la femme ne serait-elle pas, elle aussi, gardienne d'élite de la cité, aussi bien pour les périls externes que pour ceux internes en deçà des murailles ? (Platon n'est pas clair sur son appellation de «gardien de la Cité»; apparemment le concept englobe aussi bien la notion de soldat et de guerrier que celui de gardien de l'ordre au sens large). Ainsi, la femme, «chienne auprès de son chien» a «même nature sous le rapport de son aptitude à garder la cité» (*Ibid.*, 455d-456c).

Mais le plus choquant en lisant Platon, n'est pas de voir ces gardiennes nues⁸: «les femmes de nos gardiennes quitteront leurs vêtements, puisque la vertu leur en tiendra lieu» (*Ibid.*, 456c/457b), puisque «l'utile est beau» et que, par ailleurs, la pudeur serait plus une pudibonderie sous un effet culturel. Le plus choquant, selon nous (et déjà dénoncé par Karl Popper sur le thème du Communisme de Platon), est cette conception d'une communauté forcée, brisant la famille classique, plus tard évoquée par Aristote. «Les femmes de nos guerriers seront communes toutes à tous: aucune d'elle n'habitera en particulier avec aucun d'eux; de même les enfants seront communs, et les parents ne connaîtront pas leurs enfants, ni ceux-ci leurs parents» (*Ibid.*, 457b-458b)

En clair, les gardiens et gardiennes vivent ensemble, copulent ensemble, et la descendance du groupe a pour père et mère l'ensemble des membres de cette élite isolée de la cité! A quel dessein Platon envisageait-il une telle communauté des forces de l'ordre antique ? Afin de les différencier du reste de la cité qu'ils sont chargés de défendre ? Pour créer une troupe d'élite biologiquement prête au sacrifice total? En quelque sorte une famille élargie unitaire dévouée intégralement à sa cause de sauvegarde de la Cité ?

⁸ C'est peut-être un point de vue éminemment masculin, j'en conviens !

Transposé au XXI^{ème} siècle, dans la réalité corporatiste de la police portugaise, le discours platonicien d'une communauté fusionnelle chargée de garder la cité détonne complètement (Heureusement!) malgré un tempérament décliné du point de vue affectif et familial d'une part, d'avantages sociaux de la corporation de l'autre.

Tout d'abord, le sentiment d'une «famille PSP» est bien réel, en raison des nombreux incorporés issus eux-mêmes de familles PSP ou GNR mais aussi par le système de formation intégrale (plus «imprégnant» encore pour l'école d'officiers) où le séjour constant des élèves dans l'institut pendant au moins quatre années favorise des «couples PSP»; enfin par les divorces⁹, plus nombreux que dans la population en général, divorces suivis d'une recomposition de couples¹⁰ selon le «moule» deux membres «Famille PSP». Aussi, l'esprit d'une «famille» spirituelle globale dépasse le strict cadre professionnel des fonctionnaires PSP pour inclure une supra-famille des familles biologiques de ceux-ci.

A cela s'ajoutent des services sociaux assez développés depuis des centres de soins médicaux spécifiques en passant par des logements réservés et enfin des installations de loisirs pour les familles et enfants PSP, complexes de loisirs renforçant encore les liens de la «tribu» en des périodes détendues et tranquilles: les vacances!

Revenant à notre commentaire sur Platon, l'identité de nature entre hommes et femmes autorise ces dernières, intégrées à une communauté fermée, de participer à la défense de la cité. L'intervention

⁹Pour exemple, selon le rapport de 2008 de la *Direção Nacional* de la PSP («Balanço Social»), le taux de divorce des effectifs était de 4,7% pour les hommes contre 14,3% pour les femmes. L'enquête de Elsa Borges (2008) révèle que sur 180 femmes policières interrogées 17.8 % sont divorcées.

¹⁰Susana Durão, l'anthropologue de référence de la police urbaine portugaise, déclare pour sa part: «on comprend les relations amoureuses et les alliances matrimoniales, les flirts dans la phase de formation aux mariages dans la vie professionnelle sont encadrés et peuvent même être facilités dans le milieu». (2004, p.71)

de la femme comme gardienne d'élite est-elle pour autant aussi appréciée que celle de son homologue masculin ?

Sur ce point, Platon reconnaît un décalage biologique positionnant celle-ci plus comme un élément complémentaire. «La femme et l'homme ont même nature sous le rapport de leur aptitude à garder la cité, réserve faite que la femme est plus faible et l'homme plus fort» (*Ibid.*, 455d-456c). Cette appréciation de décalage du point de vue de la robustesse physique sera reprise et tenue en compte par la PSP, notamment pour des barèmes aux épreuves d'admission différenciés suivant le genre.

Malgré les contacts établis par Platon avec le Tyran Denis (vers - 380 avant Jésus Christ) pour la mise en place de cette cité, l'idée ne verra jamais le jour, vite contrariée par ailleurs par son propre disciple Aristote, lui-même concepteur d'une autre cité décrite dans son ouvrage *Politiques*.

3-2. La Femme être imparfait chez Aristote

Selon nous, parler de Platon et Aristote sur le féminisme est un anachronisme entre deux univers spatio-temporels radicalement distincts: le monde hellénique et notre société occidentale postmoderniste. Les attributions civiques respectives de la femme devraient plutôt être analysées par rapport au statut même qui lui est attribué, indépendamment d'un militantisme inexistant sous l'Antiquité. Chez Aristote (1990), la cité «qui fait partie des choses naturelles» est hiérarchisée, sur le critère de la Vertu – et son corolaire la faculté de commander-, en cercles concentriques avec comme noyau dur le citoyen, suivi de sa femme et enfants, les artisans, et enfin les esclaves.

En effet, c'est d'une manière différente que l'homme libre commande à l'esclave, l'homme à la femme, l'homme adulte à l'enfant. Tous ces gens possèdent les différentes parties de l'âme, mais ils les possèdent différemment: l'esclave est totalement dépourvu de la faculté de délibérer, la femme la possède mais sans autorité, l'enfant la possède mais imparfaite (I, 13, 1260-a)

Aussi Aristote reconnaît chez la femme la faculté de délibérer, mais non celle de l'autorité. Seul l'homme Citoyen adulte, selon lui, peut commander et «doit posséder la vertu éthique achevée» (*ibid.*).

Sur ces considérations, la femme est alors renvoyée au foyer, à la «gynécée» pour prendre soin de la maison mais non de la cité. Selon Aristote, Elle ne sera donc jamais l'*Athena* terrestre, protectrice de la ville.

Pour conclure d'un point de vue philosophique sur la femme «flic» antique, bien que Platon et Aristote aient été des concepteurs de cités idéales et non effectives; bien que leurs principes ne correspondent pas nécessairement à ce que fut la vie quotidienne d'Athènes vers -380 avant Jésus Christ, le premier a certainement inspiré les idéologues de la Révolution soviétique; le deuxième modelé le principe d'une société bourgeoise triomphante au XIXème siècle; deux modèles distincts qui d'une manière ou autre, «imprégnant» les mentalités d'alors, ont anticipé ou au contraire retardé la présence effective de femmes dans l'institution policière.

Constatant, encore aujourd'hui, une écrasante majorité masculine dans les polices européennes¹¹, nous souhaiterions disposer

¹¹En France, par exemple, pour le personnel policier proprement dit, nous avons environs 15 % de femmes contre seulement 8% pour le Portugal. Tiré de http://www.interieur.gouv.fr/sections/a_1_interieur/la_police_nationale/presentation-generale/effectifs/ le 28 08 2011. En Europe, l'importance des effectifs féminins est contrasté entre les pays du Nord (14% des effectifs en Belgique par exemple) et ceux

d'outils pour apprécier les interactions entre minorités et majorités au sein d'institutions soient-elles de formation, soient-elles professionnelles.

4. Le fait «social» de la minorité féminine dans le monde policier

Erving Goffmann, dans son analyse d'institutions fermées totalitaires (1968) -prisons, internats, hôpitaux...- nous interpelle présentement par son évocation à la dramaturgie moderne (1973) dans la ligne directe de la théorie de l'interactionnisme. L'intérêt, selon nous, est cette dimension théâtrale constante qui nous gouverne dans la relation à autrui, où la parole dite, la plus innocente, reste étroitement contrôlée par des conventions ainsi qu'un jeu d'exercice de pouvoir et d'autorité.

De quelle façon une personne dans les situations les plus banales se présente elle-même et présente son activité aux autres, par quels moyens elle oriente et gouverne l'impression qu'elle produit sur eux, et quelles sortes de choses elle peut ou ne peut pas se permettre au cours de sa représentation. (p.9)

Cette dimension dramaturge, où «les interactions en face à face structurent des normes de conjonction» (*Ibid.*) alors que la policière, soit elle élève, soit-elle jeune professionnelle, négocie sa position tant vis à vis de ses collègues que parmi les citoyens en général, s'exprime pleinement dans notre champ d'investigation. Si «l'enfer c'est les autres» (Jean Paul Sartre), chez la femme policière, minoritaire, l'autre c'est le regard constant d'une pression mentale pour la contraindre à donner

du Sud (seulement 5,4% pour les agents non gradés pour l'Espagne en 2007) données tirées de <http://polis.OSCE.ORG> le 30.08 2011. Aux Etats Unis, pour l'année 2000, 13 % des officiers auraient été des femmes (Gustafon, 2008, p.1)

une image modèle de soi-même édictée selon certaines valeurs de l'Institution policière d'appartenance.

Aussi, dans cet acte de permanente négociation langagière, cette minorité agissante féminine policière nous évoque l'usage du concept sociologique du «tokenisme». Le statut de «token» (en Anglais, c'est-à-dire simple jeton, comme jeton de téléphone), formulé par Rosabeth Kanter¹² dans le contexte entrepreneurial, évoque les interactions entre minorité (dès que celle-ci est inférieure à 15% des effectifs observés) et majorité selon trois idées principales: «visibilité, contraste, assimilation» (Gustafon, 2008, p.2). La visibilité renvoie à la pression mentale pour une performance accrue; Le contraste à l'éloignement et à l'auto-punition: l'assimilation au dépouillement de sa personnalité pour se fondre au groupe dominant dans un acte «caméléonesque».

Qualifier le ou la «token» de sujet indésirable ou «brebis galeuse» serait réducteur et erroné. Disons que le «token», en l'espèce féminin, occupe et défend une position particulière sous l'effet d'interactions complexes suscitées par la sous représentation numérique de son groupe d'appartenance.

¹²Ouvrage principal, 1977, *Men and Women of the corporation*, Nova Iorque, Basic books cité par H. Carreiras (2004).

Album n°2 de portraits

Tokenisme (E. Kanter) et icones de l'école portugaise d'officiers.



Photo n°6: Photo de classe du 4^{ème} cours de formation de l'ESP (4^ºCFOP) (vers 1989)

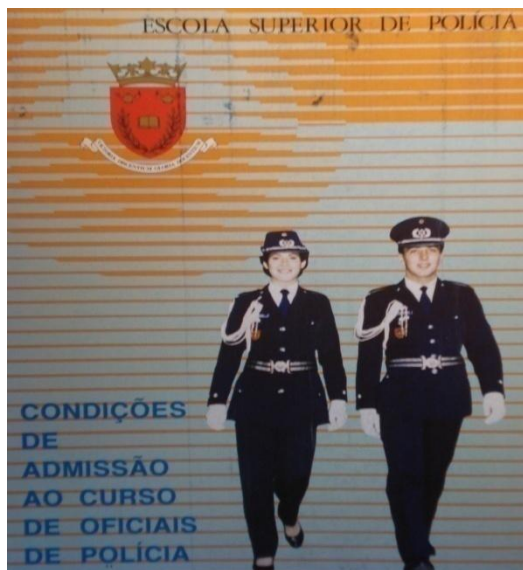


Photo n°7: Couverture du dépliant de l'Ecole Supérieure de Police (vers 1988)



Photo n°8: Garde à vous des éléments féminins lors d'une cérémonie officielle des années 1995



Photo n°9 : repos improvisé sur le sofa lors d'une cérémonie nocturne: Bottes militaires pour tous et toutes, mais jambes pliées de manière bien décontracté. Ce serait une photo «mise en scène», en quelque sorte un clin d'œil des élèves sur eux-mêmes, avec des filles masculinisées.

4-1. Minorité féminine chez l'élève-officier de l'ESP /ISCPSI¹³

La double visibilité («visibility») de l'élève, c'est-à-dire à la fois femme et assortie d'un uniforme conçu *pour* femmes (composé d'une jupe et de mi talons), constitue à la fois une pression pour s'investir au mieux tout en ressentant une fierté de son statut innovateur d'élève officier féminin¹⁴. ¹⁵.

Le contraste («contrast»), selon la théorie de E. Kanter, rend le ou la «token» démotivé, isolé. Sa seule présence suffit à solidariser le groupe dominant contre lui. Le «token» n'est plus alors que le «bouc émissaire du groupe». Un tel fait, dans l'enceinte de l'Ecole Supérieure de Police, s'est révélé absent, la femme minoritaire, par l'existence de

¹³ ESP C'est-à-dire « Escola Superior de Polícia », dénomination qui changea pour ISCPSI « Instituto Superior de Ciências Polícias e Segurança Interna » en 1999 dans le cadre d'une harmonisation de l'école avec le système d'enseignement supérieur européen.

¹⁴ Ainsi cette jeune élève replacée en 1987, enthousiasmée par la nouveauté comme par le fait de se montrer aux yeux des civils dans un contexte spatio-temporel plus relâché (en dehors de l'école le week-end):

-Nous devions aller essayer les uniformes pour la première fois, vêtues de jupes et de pantalons et pour la première fois nous mettions des bottes de troupe. Tout cela fut agréable. Ainsi ce ne fut pas négatif ! Bien au contraire!

- *Pendant le week end, vous sortiez en civil?*

- Avec l'uniforme, toute bien mise avec l'uniforme. Cela se passait souvent sur la gare ferroviaire de Setubal¹⁴

- *Quelle sensation éprouviez-vous ? Du plaisir ? De la fierté?*

-Beaucoup de plaisir et de fierté ! Parce que les personnes trouvaient cela très original. Premièrement, elles confondaient avec les hôtesses de l'air de la TAP, ou bien alors. Que sais-je ? Des militaires mais certainement pas des policiers. Le képi prêtait beaucoup à confusion à cette époque-là. Mais cela était très drôle et donnait beaucoup de plaisir d'aller en uniforme. D'ailleurs cela a toujours été ainsi avec moi. Je n'ai jamais eu de problèmes

(Entrevue anonyme de décembre 2010 avec une officier supérieure de l'administration centrale, à l'origine du 4^{ème} CFOP de « l'Escola Superior de Polícia » (1987-1992). Anonyme, mais vraiment cordiale et spontanée... Encore merci!)

¹⁵ A ce commentaire de l'une de nos protagonistes, j'aimerais y associer la photo n°7 (supra) où la présentation, en parfaite égalité, d'un jeune homme et d'une jeune fille en uniforme de cérémonie, sur la couverture d'un dépliant de présentation de l'école d'officiers, exprime au mieux cette visibilité de la femme. Non seulement, en tant que femme «pour elle-même» au sein de l'institution policière mais aussi par l'usage médiatique qu'en fait l'institution soucieuse d'apparaître plus humaine et proche des citoyens et citoyennes.

dortoirs exclusifs, son surinvestissement dans les projets extrascolaires et la naissance de relations affectives («le petit ami») dans le contexte du régime de formation intégrale devient membre à part entière de la tribu (Voir infra titre deux, chapitre trois).

L'assimilation («assimilation»), selon E. Kanter, rend le sujet «token» «dépersonnifié» pour ressembler au mieux aux éléments du groupe dominant -«encapsulation» -, espérant ainsi finir par être acceptés d'eux. Dans un contexte militaire, même en temps de paix, la femme soldat, plongée dans un milieu résolument masculin et non ouvert sur la ville, finit par se masculiniser afin de mieux être acceptée par ses homologues masculins (Carreiras, H. (2004); Héas, S., Kergoat, R., Weber, C., & Haddad, S. (2007). Au sein de l'Ecole Supérieure d'officiers, malgré des tendances virilisantes, la féminité est une donnée essentielle de la femme officier, comprise voire même encouragée par l'institution policière dans des proportions modérées et néanmoins bien visibles¹⁶ afin justement d'humaniser l'image générale de la police et faciliter sa communication vers toutes les catégories de citoyens.

En résumé, le «tokenisme» à l'école d'officiers, en raison des mécanismes propres de son système de formation intégrale, n'est pas, selon nous présent, excepté sur le caractère de visibilité et de pression exercé pour performer l'apprentissage de l'élève féminin. Qu'en est-il dans le contexte de formation initiale de leurs comparses agents ?

4-2. Effectif exclusivement féminin chez l'élève-agent

¹⁶ Voir les photos n°7 et 8 supra, la première où la jupe est ostensible lors d'une cérémonie officielle au « patio » d'honneur ». La deuxième où la fraternisation suit son cours et que les élèves féminins, avec grosses chaussures à pointes, deviennent peu à peu les sœurs spirituelles des garçons dans ce rallye de formation en régime d'internat.

Sur un arc temporel de quarante années (premières entrantes en 1972), l'historique de l'admission des femmes agents est complexe, d'une part en raison de la pluralité de lieux de formation (Lisbonne, Oeiras, Santarém Torres Novas, Porto), de l'autre des variations temporelles des conditions d'admission (formation académique, âge maximum, stature physique), enfin par la brièveté de la formation dispensée en régime de formation intégrale (de quatre à neuf mois pour l'école d'agents contre quatre années pour celle d'officiers). Ces trois paramètres: espace de formation, «requisitos» (conditions d'admission), durée de la formation, établissent ainsi une image contrastée de la formation initiale dispensée.

Cependant, nous pouvons distinguer deux moments majeurs sur le critère de mixité ou non mixité des entrants, de séparation stricte des deux genres ou au contraire un mélange des deux.

Pour les toutes premières cohortes (1972, 1973 et 74), les candidates (voir *infra*, album n°3, photo n°10) disposaient de leurs propres écoles réservées exclusivement pour les filles (Notamment l'école du «Calvário» à Alcantara à Lisbonne, siège de l'actuel ISCPSP¹⁷). L'effet «Token», c'est-à-dire d'une minorité «victime» est donc en l'espèce hors sujet.

La cohorte suivante, de «l'après 25 avril 1974», ne voit le jour que le 25 juin 1981 avec un effectif inédit de femmes, 298 contre 362¹⁸ pour

¹⁷Pour l'anecdote, cet ancien couvent fut aussi “o edificio a escola Normal do Sexo Feminino que aqui se conservou até 1917” (Vinte anos 1967-1987. (1988). Edição da *Escola Prática de Polícia*. P.88) et si on se rapporte aux temps plus anciens, un prieuré d'une aristocrate veuve inconsolable! Autre anecdote, l'édifice, avec ses murs épais est l'un des rares d'Alcantara ayant résisté au terrible et ravageur tremblement de terre du jour... des morts: le 1^{er} novembre 1755.

¹⁸Données de la *Direção Dos Recursos Humanos* de la *Direção Nacional da PSP*

les hommes, recrutement exceptionnel pour compenser l'absence totale d'entrées féminines de 1977 jusqu'à 1980.

Désignée comme première école de recrues féminines de 1981, les nouveaux agents féminins forment un bataillon et trois compagnies tandis que l'encadrement se fait par des gradés de la PSP (commissaires, chefs et sous chefs) qui les instruisent sur toute l'instruction professionnelle, technique, tactique et physique. Un corps de moniteurs constitué par des gardes féminins plus anciennes donne le soutien nécessaire aux novices policières¹⁹

Selon l'organe officiel d'informations de la PSP, ces nouvelles entrantes, formées par des hommes mais soutenues et épaulées par d'autres femmes instructrices, constituaient un précédent dans l'institution policière. Elles sont en nombre identique à leurs homologues masculins bien qu'elles restent séparées des garçons (voir *infra*, album n°3, photo n°13). L'école, tout en rassemblant les deux genres, les compartimente ensuite, à cette phase cruciale de «disciplination», d'ordre et de mis au pas.

Selon nos témoignages oraux recueillis, cette séparation des genres de l'école de Torres Novas n'était pas vécu comme discriminatoire de la part des protagonistes féminins; celles-ci, «entre elles» se sentaient toutes aussi fortes que ceux «d'en face»..²⁰

En règle générale, toutes celles que nous avons interrogées (six) évoquaient de cette phase des bons souvenirs (idéalisés?) ponctués

¹⁹ Tiré de *Polícia Portuguesa* de Janeiro 1981, p.8, [auteur anonyme].

²⁰ « je ne sais pas pourquoi, je n'ai jamais eu de cours avec des femmes d'un côté, les hommes de l'autre. J'aimais... Avec les femmes toutes ensemble, il y avait plus de camaraderie. Si cela avait été avec les hommes, si ça se trouve, cela aurait été différent]. Entretien d'octobre 2010 avec une ancienne élève sortie en 1987 de l'école pratique de Torres Novas.

d'anecdotes amusantes où les clins d'œil, nombreux, ridiculisaient implicitement l'appel à l'ordre des instructrices et des formateurs militaires²¹.

En résumé sur le problème de la minorité féminine victimisée à la phase de formation initiale des agents, le modèle du «Tokennisme» de R. Kanter est inapplicable en raison de la non mixité des effectifs -mixité qui ne sera mise en place que vers 1990, toujours dans cet espace sanctuarisé de l'école.

²¹Le lieu par excellence des plaisanteries restait le dortoir...tantôt une fille pleine de talc...Tantôt une curiosité bon enfant à observer la fenêtre d'en face et les garçons à leurs soins corporels sous la douche ! Anecdotes contées avec beaucoup d'humour mais aussi nostalgie – 30 ans après !- d'une jeunesse heureuse (entrevue entre le chercheur et l'agent X sortie dans les années 1980 de l'EPP)

Album n°3 de portraits

Contingents féminins aux écoles portugaises d'agents.



Photo n°10: peloton de femmes agents des années 72 (ou 73 ?) à l'école de Alcantara à Lisbonne encadrées d'un officier militaire (Archives du *Gabinete de Imprensa e Relações Públicas* de la DN de la PSP)



Photo n°11: Album souvenirs des élèves féminins de la « 1.ª Escola de Alistados e Alistados 1981 ». Que des filles exceptés les deux instructeurs masculins ((Archive personnelle de l'agent M...))



Photo n°12: le café de 10 heures, entre elles? Bien original...Salon de thé ! Archives du *Gabinete de Imprensa e Relações Públicas* de la DN de la PSP



Photo n°13 : «Formatura» Peloton exclusivement de filles. Les garçons sont plus loin...Eux aussi, entre eux, (*Ibid.*)

Pour conclure ce premier chapitre sur l'asymétrie des genres analysé par le prisme de la Philosophie et de ses disciplines-filles, nous fumes sensibilisés par la dimension mentale de la bivalence des sexes (Héritier) puis par l'appel au symbole de *Athena*, dans ce fantastique héritage mythologique de la civilisation occidentale. Puis, reprenant les Platon et Aristote, le premier nous a conviés à une femme gardienne de la cité défenderesse des droits civiques selon des modalités ultra-communautaires, le second renvoyant celle-ci tout simplement au confinement de son gynécée. R. Kanter enfin, nous a fourni un outil précieux d'analyse, le statut de *Token* pour apprécier les interactions complexes de victimisation de la minorité féminine, constatable plus sur le terrain professionnel qu'en phase de formation initiale.

Nous souhaiterions désormais, au cœur même de notre apport théorico-pratique, invoquer l'Histoire de l'Education sur les femmes portugaises.

CHAPITRE DEUX

LE CANTONNEMENT STATUTAIRE DE LA FEMME PORTUGAISE EXPLIQUÉ PAR L'HISTOIRE DE L'EDUCATION

Notre angle de vision, ici, ne sera pas de décrire les différents systèmes éducatifs portugais qui se sont succédé depuis 1910 mais d'apprécier plus précisément, à la lumière de l'Histoire des Femmes (1) l'évolution du moule éducatif global et la potentialité qu'il eut ou non à former la jeune fille portugaise en tant que citoyenne défenderesse de sa cité et des droits civiques correspondants (2, 3, 4).

1. La pérennité du stéréotype éducatif de la femme portugaise

G. Duby et M. Perrault en nous affirmant qu'«Ecrire l'Histoire des femmes» (2002, Introduction) est une tâche difficile, nous alertent *a forciori*, à plusieurs titres, dans la tentative de lecture au sens large de comment les portugaises des XIXème et XXème siècles négocièrent leur entrée dans la Cité. Cette approche de l'Histoire de la femme est complexe: parce que l'Histoire a longtemps été le domaine réservé des Hommes, parce qu'aussi la Femme peut être entendue tantôt conceptuellement tantôt dans ses interactions sociales, parce qu'enfin son analyse peut devenir militante voire passionnelle.

Tout d'abord, dans le recueil des données historiques produit par et pour le genre masculin; l'Histoire reste sous «le regard des hommes qui gouvernent la Cité, construisent sa mémoire et gèrent ses archives au point que tout ce qu'elles ont fait [les femmes] est médiatisé par les critères de sélection des scribes du pouvoir» (*Ibid.*, p.5). En clair, «les trois grands sanctuaires masculins, religieux, militaire politique» (*Ibid.*, p.14) laissent sous silence d'un point de vue historique le rôle effectif,

souvent imposé, des femmes pour les reléguer dans l'ordre ornemental de stéréotypes rétrogrades fantasmants de la madone, la prostituée, la ménagère et la sœur spirituelle consolante.

Difficile aussi, d'un point de vue épistémologique, suivant que la femme est conçue comme une entité abstraite «dans l'éternité d'une introuvable nature» avec le risque d'une complaisance de genre au détriment de l'effort de découverte scientifique ou au contraire contextualisée dans «les relations entre les sexes, produits d'une construction sociale qu'il importe justement de déconstruire » (*Ibid.*, p.11).

Difficile enfin suivant que l'Histoire des femmes est écrite tantôt par des militantes, chargées de «réparer une injustice [priviliégiant] l'étude de la condition féminine au détriment de la problématisation des relations entre les hommes et les femmes dans le processus historique (Vaquinhas, 2009, p.248)

Si «La domination masculine» (Bourdieu, 1998) s'est fondée sur le fondement d'une inégalité biologique pour définir à ELLE une éducation spécifique ainsi qu'une vie professionnelle restreinte et discriminatoire, sa présence au Portugal peut être analysée non seulement du point de vue des dissidentes mais aussi des femmes qui furent chargées d'écrire sur les femmes.

C'est le cas de Irène Vaquinhas (2002) qui dans son compte rendu sur la production féminine post vingt-cinq avril sur ses homologues aînées, dégage trois moments majeurs. Dans les années soixante-dix où la production, non universitaire était largement antifasciste (p.203) et où existait «une étroite liaison entre l'engagement personnel des historiennes et l'objet d'études» (p.204). Les femmes analysées sous le prisme biographique «étaient le plus souvent des héroïnes, suffragettes ou reines» (p.204). Deuxième moment, dans une logique plus scientifique, sont développées les *women's studies* associées à un nouveau dynamisme de diffusion concrétisé par des forums et

colloques, des revues thématiques. Au croisement du militantisme et de l'approche historique, deux thèmes sont consacrés: «l'accès à l'instruction et le débat sur la professionnalisation des femmes comme enseignantes» (p.206). Troisième moment enfin, à partir des années quatre-vingt-dix et l'institutionnalisation de la femme comme objet d'études historiques, universitaire cette fois, avec le premier *Master* d'études sur les femmes (Universidade Aberta) ainsi que des revues permanentes sur ce thème (*Faces de Eva, estudos sobre a mulher*).

Dans notre approche sur l'Education portugaise assignant à la jeune fille à jouer un certain rôle dans la société, nous garderons donc à l'esprit d'une part les voix féminines contemporaines d'une époque ancienne, de l'autre l'interprétation de ces voix par d'autres femmes d'époques ultérieures.

Dans une diachronie élémentaire, nous présenterions l'évolution du stéréotype éducatif de la lusophone sous la République du Cinq octobre, puis le Salazarisme, enfin la Révolution des Œillets; triptyque simpliste, auquel pourtant nous cédon pour un meilleur balisage temporel.

Et, dans cette perspective, malgré les clivages idéologiques qui se sont succédé depuis la Philosophie des Lumières et le Positivisme (1^{ère} République), le corporatisme rural catholique (Le Salazarisme), le Marxisme (le conseil de la Révolution post vingt-cinq avril), et l'idéologie communautaire (L'Union Européenne), la manière dont les hommes portugais conçoivent les femmes semble avoir résisté au temps au point de devenir un ciment fédérateur des représentants du sexe fort:

L'idéologie du genre a traversé toute cette période historique, une idéologie qui a résisté au passage du régime républicain et s'est accentué avec le régime salazariste qui a imprégné non seulement les milieux officiels mais les milieux de l'opposition et s'est révélé transversal à l'idéologie de classe, se manifestant aussi bien dans le

milieu ouvrier que ceux des classes moyennes et bourgeoises «intellectualisées» (Gorjão, 2002, p.269).

A partir d'un tel constat, ce qui nous intéresse est d'une part l'évolution de la tension autour du débat sur l'émancipation féminine entre les représentants des deux genres, de l'autre les indicateurs objectifs d'une intégration effective du deuxième genre dans les affaires de la cité et corrélativement son admission dans l'institution monopole de la violence légitime.

2. L'idéal pédagogique républicain prépare le jeune garçon dans l'exercice de la citoyenneté.

2-1. Le rôle du féminisme dans l'instauration de la République

L'instauration de la 1^{ère} République portugaise, le 05 octobre 1910, dans une Europe alors largement monarchiste²², fonda son idéologie à partir des idées du Positivisme et d'un point de vue politique de l'héritage des Droits de l'Homme de la Révolution Française de 1789 avec tous ses *credo* correspondants: «Les hommes naissent et demeurent libres et égaux en droits... Liberté Egalité Fraternité... La liberté par et pour le peuple...».

Dans une société jusqu'alors monarchiste où la femme était illettrée à plus de 80 % (Ramos, 1998) et juridiquement sous la tutelle complète de son mari, les premières féministes «participèrent dans la diffusion des idéaux républicains, travaillèrent aux côtés des hommes pour la mise en place et consolidation du régime républicain» (Esteves & Monteiro, 2011). Ces premières femmes à revendiquer, rares élues

²²Seules la France et la Suisse y étaient alors républicaines.

érudites, font toutes preuves d'une énergie surprenante, d'une personnalité exceptionnelle malgré des contrastes idéologiques de fond importants. Pour l'affirmation et la défense de leur genre, leurs armes, sont; la plume, quelle soit journalistique, littéraire enfantine ou adulte: la parole à l'occasion de colloques ou dans la formation de ligues. Nous n'en citerons que deux mais à notre sens emblématiques et représentatives des leurs et de leurs actions.

Ana de Castro Osório (1872-1935), «non radicale, bourgeoise [...] fut une des plus importantes féministes du panorama portugais, écrivain, éditrice, pédagogue, publiciste, conférencière et républicaine» (Samara, 2007, p.114 et 115). Parmi ces écrits, ceux destinés à la jeunesse «véhiculaient des savoirs, attitudes et comportements qui visaient à divertir et former, sans infantiliser le discours» (*Ibid.*, p.116). Fille de magistrat, du milieu de la bourgeoisie libérale éclairée portugaise, elle «adhéra à la maçonnerie en 1907» aux côtés mêmes de ceux qui fomentèrent et réussirent la Révolution du 05 octobre, disposant d'assez de prestige pour faire entendre sa voix notamment à Afonso Costa, figure centrale de la politique gouvernementale de la 1^{ère} république. Les axes principaux de sa lutte furent la réforme du Code Civil où la femme mariée n'équivalait jusqu'alors ni plus ni moins du point de vue juridique à un enfant vis à vis de son mari et la protection de l'enfance dans une optique éducatrice et morale.

Maria Veleza (1871-1955) «peu avant la République, s'avouait anarchiste et se considérait une femme émancipée [...] au service de la cause des malheureux et des esclaves de la société» (*Ibid.*, p.139). Son idéal féminin était Louise Michel (p.146). Maria Veleza était «considérée trop rouge par quelques représentants du parti républicain portugais (*Ibid.*, p.139). Sa biographie est marquée de souffrance, ses difficultés matérielles (pauvreté), sa maladie (tuberculose) mais, à l'instar de ses consœurs, sait être opiniâtre à défendre la cause féminine selon les mêmes armes «Ecrivain dans une collection bibliothèque rose pour enfants, faite en 1904» (*Ibid.*, p.141). Elle adhère à la ligue républicaine

des femmes portugaises, fonde l'«*Obra Maternal*» en vue de protéger les enfants abandonnés sans famille ou en danger moral et n'épargne pas son énergie dans la lutte contre la mendicité et la prostitution. Mais son action reprend aussi des outils institutionnels politiques fondant l'«*Associação Feminina de Propaganda Democrática* [...] pour aider la politique du leader du Parti Démocratique, Afonso Costa» (p.150).

Ces personnalités féminines, par la parole, par la plume, si elles soutiennent le régime républicain pour réformer le Droit de la Famille et mettre en place le laboratoire pédagogique des âmes nouvelles de la démocratie ne seront acceptées que par une frange des gouvernants (Bernardino Machado, Afonso Costa) et susciteront un clivage interne entre les hommes libéraux féministes et ceux apologues du *Statu Quo Ante* d'une femme discrète et encore reléguée à sa gynécée. Ainsi, jamais la femme ne put sous la Première République portugaise accéder au Droit de vote, Droit pourtant hautement symbolique de l'altérité des genres dans la volonté de s'occuper des affaires de la Cité aussi bien pour choisir son représentant que pour aspirer à représenter ses homologues citoyens des deux sexes. Pour exemple des mentalités, pourtant affichées comme républicaines de l'époque, dans la session au Parlement du 1er juillet 1912²³, l'orateur principal²⁴, sur le thème d'une «capacité électorale» déclare de la femme :

La femme, véritablement femme, est celle qui est une bonne épouse, bonne mère et bonne sœur; c'est celle qui ne se laisse pas conduire par de fausses théories, celle qui met de côté la politique pour s'occuper de la vie domestique.

²³ Tiré de débat http://www.primeirarepublica.org/portal/images/stories/1912-07-01_diario_senado_de_bate_jose_de_castro_ladislau_picarra_educacao_mulheres.pdf le 23 septembre 2011.

Monsieur Ladislau Piçarra, autre orateur républicain, lui répond que l'effort pédagogique doit justement conduire à faire advenir tout le potentiel d'excellence du genre féminin: «Mettons en place, Messieurs, à la femme le développement intégral de ses facultés et vous verrez alors, avec le temps, qu'elle est parfaitement égale à l'homme du point de vue politique et social» (*Ibid.*).

Aussi, selon lui, le «laboratoire de l'éducation de l'enfance» est l'enceinte libératrice de la femme pour une parfaite égalité des futurs citoyens et citoyennes. A cette frange républicaine féministe, citons enfin Le Président de la République Bernardino Machado, profil du brillant professeur universitaire, avant-gardiste éclairé, qui sut avant même la chute de la monarchie, aidé de ses deux filles, encourager et protéger les premières féministes portugaises²⁵ (Rosa, 1999).

Tous ces débats, aussi bien quant au «laboratoire» éducatif de l'enfance que sur l'exercice des droits civiques, seront ébranlés à la dure épreuve de la réalité «dans un pays où la *scolarité obligatoire* en théorie (enseignement primaire élémentaire -5 ans) est suivie par une petite partie des enfants et où l'analphabétisme atteint les taux les plus élevés de l'Europe occidentale²⁶». (Novoa, 1987, p.535).

Ainsi, le moule éducatif de cette jeune et relativement courte république (1910-1926), n'a prédisposé la jeune fille portugaise ni à exercer ses droits civiques, ni, dans une autre dimension à les défendre. Les mentalités d'alors de la population (exceptées certaines urbaines)

²⁵ Dont Ana de Castro. Madame Elzira Machado Rosa, petite fille du Président-explicite les deux "destins" possibles des femmes selon les représentations de l'époque. Dans les milieux bourgeois, le "mariage est conçu comme le rituel de l'initiation de la vie adulte. Le mariage vient légitimer une deuxième situation de dépendance, l'éternel retour à l'espace et au temps domestiques» (p.56). Dans les milieux prolétaires «à trente ans, elles étaient vieilles, l'usine les éreintait totalement (Citant Mónica Maria Filomena). Les femmes constituaient un «groupe vulnérable, propice à la maladie, le suicide et la prostitution» (p.56).

²⁶ Selon les données fournies par Monsieur Nóvoa, le taux d'analphabétisme au Portugal pour la population âgée de plus de 7 ans était la suivante: pour 1900 74,5%, pour 1911, 70,3%, pour 1920, 66,2%, pour 1930, 61,8%, pour 1940 49%.

restaient en complet décalage aux visions républicaines. Ce Portugal de 1920 –encore plus affaibli par sa participation à la 1^{ère} guerre mondiale- était rural, irrésistiblement religieux avec seulement trois personnes sur dix prétendant savoir lire!

Dans le cadre de notre étude consacrée à l'évolution du système de formation intégrale policier appliqué au genre féminin, nous souhaiterions apporter quelques remarques sur une micro institution fondée sous l'époque républicaine équivalente des *Filles de la Légion d'Honneur* en France.

2-2. Le cas de l'affirmation identitaire institutionnelle de l'orphelinat féminin militaire l'«*Instituto Feminino de Educação e Trabalho*».

L'«*Instituto Feminino de Educação e Trabalho*»²⁷, créé sous le régime monarchique, pour accueillir des orphelines militaires, présentait un original système de formation intégrale. Sous régime d'internat, le cursus d'établissement associa à des activités féminines stéréotypées d'autres radicalement «professionnalisantes» pour permettre à ces pensionnaires d'exercer une profession «autonomisante» du point de vue matériel, si le besoin s'en faisait sentir. D'un côté la jeune fille était conviée à «l'économie du foyer et la couture, la coupe de linge blanc et robes, bordures, napperons et fleurs[...] enseignement pour passer le fer à et amidonner le linge blanc, rudiments de cuisine et manière de diriger le service de la maison». (Pintassilgo, 2007, p.2); de l'autre, elle pouvait choisir pour des «Cours d'employée de bureau et de commerce, de postes et télégraphe, de laborantine, d'adjointe en Art, le cours de précepteur» (*Ibid.*, p.3). Imprégnée de pédagogies nouvelles, l'Institut favorisa aussi le sport, veilla à une bonne alimentation par des produits maraichers sous les soins des pensionnaires elles mêmes dans

²⁷ Dont le nom est aujourd'hui «*Instituto de Odivelas*», dénomination choisie par Salazar lui-même depuis 1942.

un «climat d'école» (Loureiro, 1999) assurément avant-gardiste propice à leur «épanouissement».

Cet établissement, d'esprit républicain, fut capable d'associer harmonieusement le paradoxe de deux catégories de valeurs contradictoires: d'une part le stéréotype de «la Femme-Foyer-Sacrifiée», de l'autre les stéréotypes «Femme-Autonome-Citoyenne». Ce projet d'éducation intégrale, à la fois dans la «tradition et innovation» (*Ibid.*, p.1) a perduré jusqu'en 1941 alors que l'idéologie salazariste s'employait méthodiquement à rendre docile toute une génération d'enfants sous une tutelle catholique et paternaliste.

C'est assurément, selon nous, sous l'effet de la gestion charismatique du *Coronel* Frederico Ferreira de Simas qui sut développer une stratégie d'image institutionnelle sur le plan international et national.

Ainsi, des personnalités étrangères, Mr Ferrière pédagogue suisse ainsi que la secrétaire des écoles ménagères anglaises visitèrent et firent l'éloge de l'établissement (1930) ce qui ne pouvait déplaire aux cadres salazaristes du «Ministério da Educação» malgré leur réticence initiale à l'existence d'une école aussi dynamique dont le cursus diversifié, dans une logique résolument créatrice et réalisatrice, constituait un excellent exemple de la Philosophie de la Pédagogie Nouvelle.

Sur le plan national, L'énergique Directeur sut ouvrir son école distant de la ville et de ses nuisances morales, en organisant des «Fêtes scolaires» en présence d'entités officielles (dont Carmona Président de la République, lui aussi officier militaire sorti de l'*Academia Militar* à l'instar du Directeur de l'établissement), fêtes séduisantes de créativité comme: «Théâtre d'enfants, chorale, cortèges et danses scolaires» (*Ibid.*, p.7).

Salazar²⁸, excédé par cette singularité pédagogique ordonna en 1942 son nivellement et uniformisation comme simple lycée féminin.

²⁸Pour l'anecdote sur la sensibilité du premier ministre portugais d'alors sur la Science pédagogique, António Nóvoa (1987) nous rend compte d'un célèbre reportage où

Pour justifier la destitution du Directeur, il déclarait que «l'enseignement sans finalité ou d'objectif peu désirable, ne pouvait que conduire à des résultats pernicieux »²⁹.

Bien que situées à deux époques différentes, nous pensons pouvoir dégager des similitudes entre cet internat pour fille d'essence républicaine et la jeune école supérieure de police fondée en 1984:

Tout d'abord dans la gestion charismatique de l'établissement où Monsieur Afonso de Almeida, le fondateur de l'«Escola Superior de Polícia» dut, lui aussi, adopter toute une stratégie d'affirmation identitaire similaire afin de ne pas être concurrencé par les élites de l'*Academia Militar* désireuses de rester au commandement de la PSP.

Ensuite, et ce point nous paraît crucial, par l'«existence d'un projet de formation intégrale où l'éducation morale devenait centrale» (Pintassilgo, 2007, p.12). Point crucial, car un cursus diversifié, qui ne serait qu'un simple catalogue sans la présence d'un substrat mobilisateur, resterait lettre morte. Où si vous préférez, tout projet de formation intégrale «réussi», suppose non seulement la permanence du sujet dans l'établissement (principe de l'internat) mais aussi une transcendance unificatrice, une fin métaphysique. Pour les *Meninas de Odivelas* c'est la volonté d'une excellence ainsi qu'une image modèle de la jeune fille issue du milieu de l'élite militaire supposément héroïquement tombée au combat. Pour l'école d'officiers de Police (ESP puis ISCPSI), le noyau éthique c'est servir et encadrer un service public destiné à préserver les garanties fondamentales des citoyens.

Salazar prétend avoir appris à lire non par l'école publique mais par un «pseudo-précepteur» de village: «Mon père[...] m'a envoyé chez un petit bonhomme qui donnait des cours privés. Nous étions une trentaine et cet homme recevait de chaque élève 300 réaux par mois. Et voilà comment j'ai appris à lire avec un pionnier rural de ces postes d'enseignement qui arrivaient à se maintenir sans subvention de l'Etat».(p.559)

²⁹ Reorganização do Instituto de Odivelas. Diário do Governo, I, Série, nº301, 31 Dezembro 1942, p.1717. cité Par J. Pintassilgo, (2007).

Pour conclure sur le féminisme à l'époque républicaine, «l'enseignement, l'éducation et le travail des femmes méritèrent toute l'attention des nouveaux gouvernants et devinrent un objet privilégié dans le discours féminin, bien qu'avec des visions différentes suivant qui le prononçait» (Esteves, 2011, p.17). Certes le préambule de la loi de 1911 déclare: «L'homme vaut surtout par l'Education qu'il possède» en faisant table rase «de tout le tourbillon de mystères, de miracles et de fantômes qui ont régulé jusqu'à maintenant le destin mental des enfants »³⁰. Ce projet pédagogique solennel renvoie explicitement à l'homme (avec un h minuscule, donc entendue concrètement et non conceptuellement) et non la femme. Cependant la présence même de la mixité («coeducação») dans les classes constituait un indicateur indiscutable d'une volonté républicaine de symétrisation des genres, dans l'esprit d'égalité citoyenne pour chaque portugais et portugaise indépendamment de son origine sociale et de sa race.

3. L'école salazariste «atelier sacré des âmes» est le moule de valeurs catholique, nationaliste et rurale.

Autre régime, autre credo: «Deus, Pátria, Família». Le régime autoritaire salazariste³¹ «qui ne possède pas un appareil politique d'unification, utilisera l'Ecole et l'Eglise comme outils de légitimation et de contrôle social» (Nóvoa, 1987, p.556). Des idéaux républicains qui concevaient l'école comme un laboratoire pour la préparation à la

³⁰«Decreto com força de lei de 29 de Março: Reorganizando os serviços da instrução primária in Diário do Governo, n.º 73, de 30 de Março de 1911. “

³¹ Monsieur Braga da Cruz (1986), met en évidence la spécificité du régime autoritaire portugais qui perdura plus de quarante ans! Ce fut un régime fort mené par l'action patriarcale d'un chef de gouvernement, action subtile, parfois louvoyante, en rien assimilable aux fascismes allemand ou italien. «Le Salazarisme fut un régime conservateur et d'intégration pluriraciale et multi continental selon une perspective historique. Son nationalisme, au contraire du nationalisme fasciste, fut traditionnel, conservateur et intégriste» (p.256).

citoyenneté, on passe à l'atelier «des âmes» où on moralise selon des valeurs catholiques, nationalistes et paternalistes. L'instruction, plus que rudimentaire, -on passe de cinq à trois années d'études -pour l'immense majorité, avec parfois des pseudo-enseignants («Régents scolaires»³²) ne prédispose nullement la jeune fille à occuper l'avant-scène des affaires publiques de la cité.

Dans ce contexte, analysons ce nouvel atelier du *educare* ou il s'agit de redresser une nature incomplète et imparfaite, à la fois aux temps scolaire et périscolaires.

3-1. L'école prépare la jeune fille à une fonction de bonne épouse et de bonne mère

«L'obligation d'accrocher un crucifix, à côté des portraits du chef de l'Etat et du Président du Conseil des Ministres, aux murs de toutes les classes ne fait plus que sceller symboliquement un pacte entre l'Etat et l'Eglise» (*Ibid.*, p.556). La double action moralisante d'une part de certaines valeurs chrétiennes faussées et manipulées en vue de la culpabilisation, et l'obéissance, de l'autre la présence magnifiée du «sauveur» économiste et paternaliste de Salazar; par ailleurs, la dimension réduite de l'éveil à l'esprit scientifique contribuent à une nouvelle position de la fille exprimée notamment par le livre unique.

Ce livre de lecture, «puissant instrument d'endoctrinement idéologique et de contrôle des contenus d'enseignement» (*Ibid.*, p.560) est le même pour tous, édité et diffusé à l'identique, en moyenne sur un quart de siècle (par exemple 28 ans pour le «livro de leitura da 2^a. classe», l'équivalent du C.E.1 en France). Il constitue le «lieu spécial dans la mémoire collective» (Mogarro, 2005, p.389) où nous replongeons

³²«Les postes d'enseignement [des enfants des milieux ruraux] étaient sous la responsabilité des *régents scolaires*, individus sans aucune qualification professionnelle et qui ne recevaient qu'une simple gratification» (Nóvoa, 1987, p.559).

quasi-instantanément au cœur d'une mentalité inculquée aux enfants portugais, mentalité qui perdure aujourd'hui à ces mêmes enfants devenus adultes vieillissants. Ce livre unique est ainsi le support d'un inconscient collectif diffus présent et passé.

En consultant, par exemple, le «Livro de leitura da 3^a classe»³³, édité de 1951 à 1973, c'est tout un stéréotype de société de la jeune fille qui nous est révélé, en l'espèce sous le nom de *Joaninha*³⁴.

La petite Jeanne, dès qu'elle se lève, se peigne, s'habille et se chausse. Elle récite ses prières, déjeune et va pour l'école. Pauvrette, mais toute propre, vêtue sans tâches ni déchirures, c'est un enchantement de la voir avec ses yeux noirs et sa peau bronzée.(p.11) [...] Elle n'est pas très intelligente mais est de celles qui savent le mieux. C'est par son amour pour l'étude qu'elle a conquis l'amitié et le respect de ses consœurs. (p.6)

De condition modeste, dans son humilité spirituelle, la petite Jeanne sait pourtant se montrer propre, bien présentée («Aprumo»). Pieuse, elle s'applique aux études bien qu'elle se considère peu intelligente. Ce personnage est un stéréotype fort, véhiculé et intériorisé par une incontestable «violence symbolique» (Bourdieu) auprès des garçons et des filles elles-mêmes. Parfaitement lisibles et imagés aux yeux des jeunes scolarisés des années 1950, «les rôles sociaux sont révélés avec clarté et les traits sont bien accentués». (Mogarro, 2005, p 389-406).

Deuxième stéréotype corolaire du premier, c'est celui de la mère où étaient valorisées «les familles nombreuses qui s'organisent dans l'univers du foyer, autour de la figure tutélaire maternelle» (*Ibid.*) dans

³³ *O livro da terceira classe* Ministério da Educação Nacional; date non indiquée auteur anonyme. Voir photo, ci-dessous, album n°4, photo n°14

³⁴ Pour l'anecdote, *Joaninha* est le diminutif de Jeanne mais c'est aussi en Portugais l'insecte coccinelle, ce que nous, petits Français des années soixante-dix, surnommions, la petite bête du Bon Dieu.

un contexte essentiellement rural et catholique explicitement valorisé. La mère «modèle» vit son sacrifice à la cause familiale comme une bénédiction de Dieu: «Loué soit le Seigneur, disait-elle à elle-même; Les fils qu'il m'a donné resteront à jamais ma plus grande joie» (*O livro da terceira classe*, Ministério da Educação Nacional, p.9). Du Catéchisme figuré républicain c'est, un retour, au sens littéral, au catéchisme chrétien, professé non à l'Eglise mais à l'école publique dépendante pourtant d'une administration centrale de l'Etat. Travailleuse infatigable, la mère, celle du monde rural – si valorisée par l'idéologie salazariste – clame avec fierté à sa consœur urbaine: «Bien sûr que moi, avec le travail et tous ces enfants, je me sens très heureuse Madame. C'est cela, la vie des femmes mariées d'ici de notre village» (*Ibid.*).³⁵

³⁵ Citons, en contre-point, la journaliste anthropologue, Maria Lama, qui dans les années 1950 fut voir: *as mulheres do meu país*, déclinant toutes les souffrances régionales endurées par celles-ci, réalité affligeante où le labeur exténuant silencieux contraste avec la joie exhibée dans ce simple manuel de lecture catéchisant. Dans cette autre réalité vécue sous la phase répressive du Salazarisme, les jeunes filles rurales portugaises, une fois le mariage consommé, «tombent généralement dans la négligence et perdent toute la fraîcheur si vite qu'avant même leur soit épuisée la sève de leur jeunesse, elles se sentent elles-mêmes déjà vieilles» (2002, p.126).

Album nº4 de portraits

Icones salazaristes sur la représentation de la femme



Photo nº14: illustration du « Livro de leitura da 3 a. classe » de la «Joaninha», p.6



Photo nº15: «Livro de leitura da 3 a. classe» p.9 de la mère modèle rurale.



Photo nº16: «Mocidade Portuguesa Feminina», N° 46, Fevereiro 1943, couverture.

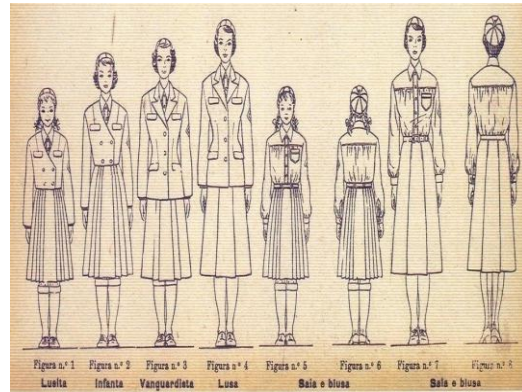


Photo nº17: «Menina e Moça», N° 29, Setembro 1949, Novos Uniformes

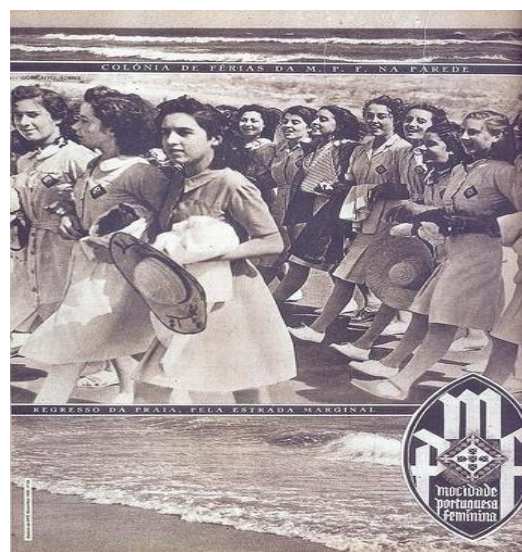


Photo nº18: Mocidade Portuguesa Feminina, N° 43, Novembro 1942,



Photo nº19: «Mocidade Portuguesa Feminina», N° 27, Julho 1941

Sur la photo n°14, c'est le stéréotype de la jeune petite fille modèle dont la mère, fièrement, lui peigne les cheveux avant son départ à l'école aux yeux de tous.

Sur la photo n°15 c'est le stéréotype de la mère modèle rurale, fière dans ses efforts de fécondité: des légumes qu'elle sème et cultive, des enfants qu'elle engendre et éduque.

Sur la photo n°16, la jeune fille de la *Mocidade*, renvoyée non pas à remplir des chargeurs de mitraillettes mais aux travaux d'aiguilles, incarnant encore le stéréotype classique de la femme au foyer.

Sur la photo n°17, l'uniforme, jupe bien au dessous du genou, avec redingote serrée, suggère plus une infirmière religieuse dévouée aux activités charitatives qu'une femme soldat ou compagne d'un glorieux héros.

Sur la photo n°18, si c'est un pas de l'oie, il reste décontracté; c'est bien une troupe mais consacrée aux tâches caritatives, à l'instar du scoutisme catholique féminin, - que d'ailleurs la *Mocidade* tentera de faire disparaître, mais sans succès.

Sur la photo n°19, sur les plages, au temps des grandes vacances, lui aussi contrôlé, ces chères demoiselles aux antipodes du bikini, portent une sorte de bure de moine mal coupée, au féminin -Quelle tristesse !

De façon générale, l'école salazariste, n'a certainement pas prédisposée la jeune fille à devenir gardienne de la cité, femme armée en uniforme, dotée des pouvoirs classiques de police. Cependant, sous l'effet de l'exode rural en conditions économiques adverses, certaines de ces jeunes dites «paysannes» des années mille neuf cent soixante-dix, dans la recherche d'un emploi stable, acceptèrent, le double choc, à la fois, de vivre au milieu urbain et d'y intervenir en tant que policière (Leandro, 2006). Comment alors ces pionnières policières ont-elles pu gérer cet héritage symbolique intériorisé de leur représentation féminine dans l'univers spécifique masculin policier? Allaient-elles distordre le modèle du foyer au contact de l'univers machiste ou tenter de l'adapter?

Ainsi, l'idéologie salazariste modelait la jeune portugaise par les vecteurs de l'Ecole et de l'Eglise; mais, dans une logique de contrôle élargi des «éduquées», elle prévoyait aussi une occupation des temps libres par le biais d'associations contraignantes.

3-2. Le rôle de la «Mocidade Portuguesa Feminina» et des associations féminines catholiques.

Chez les jeunes garçons, La «Mocidade Portuguesa», intruse dans l'Ecole, fut aussi un autre puissant instrument d'inculcation idéologique, inspiré explicitement des groupements de jeunesse paramilitaires hitlériens et mussoliniens. Cherchant à se substituer à la famille, la *Mocidade* avait pour objectif de «fortifier» chez les jeunes garçons dès 7 ans «l'amour pour la patrie et ses traditions», tout en exaltant le «Kit identitaire national»³⁶ portugais.

Chez les jeunes filles, est créée la «Mocidade Portuguesa Feminina»³⁷, inspirée de l' «organização juvenil feminina alemã *HitlerJugend*» (Pimentel, 1998). Néanmoins, cette «mocidade» féminisée relevait non pas d'un groupement paramilitaire agressif et expansionniste mais d'une association stimulant les valeurs féminines consacrées sous un régime fort. Certes, elles portent un uniforme mais cette mise en scène vestimentaire est plus pour niveler les origines sociales et accentuer leur visibilité que pour susciter une auto estime élitiste fascisante. Dans le choix des valeurs d'inculcation, il s'agissait «d'héroïser» le modèle de la femme en puisant dans l'Histoire du Portugal, des personnages épiques ou emblématiques féminins afin de transcender certaines vertus chez ces futures mères du régime «régénérateur».

Outre la Céleste *Vierge Marie*, furent patronnes terrestres de la *Mocidade Portuguesa Feminina*, la reine *D. Leonor*, une «servante

³⁶Anne Marie Thiesse (2002), *La création des identités nationales*. Paris: points Histoire. L'auteure décrit la fiction du concept de nation, montage identitaire collectif composé d'une *check-list*: l'histoire et la continuité avec les ancêtres, une série de héros, la langue, des monuments, un folklore, des hauts lieux, un paysage typique, une mentalité particulière, un drapeau monté au chant d'un hymne...

³⁷Créée en 1938, stimulée en 1942 alors qu'elle se substituait aux associations d'école, en 1947, enfin où ses activités « furent intégrés aux cursus scolaires» (Pimentel. 1998, p.162)

sociale” fondatrice des Miséricordes, et *Dona Filipa de Lencastre*, le mère qui offrit ses fils à la Patrie. D’autres furent ainsi dignes d’admiration: *D. Maria I*, pour avoir régné contre l’irrégiosité et l’immoralisme de la Philosophie des Lumières; et la béatifiée *D. Teresa* qui sacrifia la propre maternité et le mariage en entrant dans un monastère.» (*Ibid.* p.172).

De cette cohorte de modèles féminins, patronnes terrestres puis célestes, les messages sont nombreux et complémentaires. La vierge Marie c’est la Mère de Dieu; c’est aussi la patrie soignée attentivement par l’ancien séminariste resté célibataire, économiste providentiel: Salazar. C’est la Reine Leonor, fondatrice de l’Institut de Bienfaisance (*Santa Casa das Misericórdias*) en faveur des plus déshérités; c’est aussi la mère sacrifiant ses fils pour sauver la terre de sa Patrie (*D. Filipa de Lencastre*): ce sont enfin ces femmes qui pour préserver leur virginité de l’athéisme et de l’émancipation des idées se retranchent dans des couvents (la Béatifiée *Dona Tereza*)

Cette idéologie consacra ainsi le principe de «A chacun la place qui lui est réservée» (Carneiro Pacheco). Sans pour autant modeler à la lettre les jeunes portugaises. La «Mocidade Portuguesa Feminina» fut un phénomène essentiellement urbain constitutif seulement d’environ 13 % des jeunes filles (Pimentel, 1998). Par ailleurs, la préservation par l’intervention du Cardinal Cerejeira des associations catholiques préexistantes et le poids des associations de défense de la famille, relativisèrent l’impact de cette «mocidade» d’un autre ...genre.

Alors, l’action féministe amorcée sous l’éphémère 1ère République «apparaissait associée aux idées de déclin, décadence et dégénérescence» (Gorjão, 2002, p.73). Ses associations d’essence

républicaines qui préexistaient avant l'*Estado* sont tolérées tant qu'elles restent «inoffensives»: «Le *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* survivra jusqu'après la guerre, dissoute seulement à partir du 28 juin 1947» (Pinto & Cova, 1997, p.86). Le régime salazariste, par son bras pidesque, n'hésite pas non plus à emprisonner les militantes opposantes: «passant de 14 entre 1932 et 1935 à 204 entre 1935 et 1939 [...] Maria Lama a participé à l'opposition démocratique et sera de nombreuses fois prisonnière» (*Ibid.*, p.88). Enfin, dans la revue comme *Eva*, on observa une claire fascisation de son contenu à partir de 1933 [...] articles qui plaidoyaient en faveur du rôle traditionnel de la femme comme épouse et mère» (Gorjão, 2002, p.72). Coordonné à cet étouffement du féminisme libéral, apparaît une nouvelle vague d'associations catholiques, parfait relais de l'idéologie salazariste, chargées de diffuser un message catholique conservateur dans les différents milieux et âges scolaires, mais aussi dans ceux agricoles et ouvriers afin de magnifier un rôle traditionnel de la femme: l'«*Acção Católica Portuguesa* fut créée en 1933 par l'Episcopat» (*Ibid.*, p.85). Verront aussi le jour la «*Liga de Acção Católica Feminina* (LACF)...la «*Juventude Católica Feminina* (JCF)» (*Ibid.* p.85) notamment.

Le Droit de vote accordé selon le décret-loi n°16-694 (05/0571931), s'il permettait aux femmes lettrées de voter, constitue encore un leurre typiquement salazariste pour mieux dominer (l'oppression féminine) tout en revendiquant le contraire (le Droit pour les femmes à gérer les affaires de la Cité). Sur ce point la lecture de l'avis d'un organe consultatif représentatif des professions de 1968 «parecer» de la «*Câmara Corporativa*» est explicite: «les femmes sont plus conservatrices que les hommes et redoutent, beaucoup plus qu'eux, l'aventure et le changement et il semblerait [...] que le vote des femmes tende à accentuer la personnalisation du pouvoir»³⁸. A l'analyse des

³⁸ Parecer n.º15/X sobre a proposta de lei n.º3/IX de alteração à Lei Eleitoral, Diário das sessões, Câmara Corporativa IX Legislatura. Suplemento, n.º156, 19/12/1968

biographies de Cândida Pereira, Domitília de Carvalho et Maria Guardiola, les trois premières parlementaires, leur présence à l'organe censé représenter le peuple (autre ironie salazariste!) ne fait que renforcer la volonté du retour à la gynécée du deuxième sexe; Domitila Carvalho se dédiant aux œuvres des mères pour l'éducation nationale («Obra das mães pela Educação Nacional») et Maria Guardiola «Comissária nacional da Mocidade Portuguesa Feminina»).

Au terme de cette approche du système éducatif sous *l'Estado Novo*, nous pouvons affirmer que la jeune fille était prisonnière de valeurs moralisantes pour être une bonne fille, une bonne épouse, une bonne mère mais certainement pas une émancipée intéressée aux affaires civiques de la cité et de sa possible intervention en tant que gardienne de la paix. Néanmoins cette intériorisation de valeurs par la jeune fille subira un tempérament dans les années 1972. Du moins pour celle admise dans la police, sous l'effet d'une recherche d'un emploi stable suite à son exode rural, ce stéréotype sera vraisemblablement réorganisé à ce nouveau microcosme traditionnellement machiste.

Ajoutons enfin que les dispositions réglementaires sur l'admission du personnel féminin à la PSP entre 1945 et 1971 révèlent un certain profil féminin, -purement théorique puisque les effectifs réels étaient quasiment nuls³⁹. Selon le « Decreto Lei n.º34 :882 do 4 de Setembro de 1945» la femme était appelée pour «le service spécial de surveillance des femmes et des enfants et autres services s'y rapportant ou d'assistance». Pour porter secours donc aux “plus faibles” de la société dans un esprit d'assistance. L'«*ordem de serviço* n.º3 do 28 de Fevereiro

³⁹ Pedro Clemente (2002) en dénombre deux, la première intégrée en 1930!

de 1956», précise son profil idéal: de préférence «mariée, infirmière, assistante sociale, avec le niveau scolaire le plus avancé». La femme idéale, «chez» les policiers, serait donc celle qui saurait, à la fois, être: secouriste, assistante sociale, cultivée, polyvalente pour d'éventuelles tâches administratives.

Sans grande surprise, nous pouvons donc affirmer, sur un même espace temporel, une parfaite syntonie entre le discours salazariste sur la femme en général, et celui, juridique, sur la femme policière.

Voyons désormais un troisième moment, celui du post vingt-cinq avril, sous l'angle du mouvement féministe ainsi que de celui des valeurs véhiculées par le système éducatif portugais sur le statut imparti à la femme dans la société et sa possible intervention en tant que citoyenne.

4. La société post vingt cinq avril restreint faiblement l'asymétrie des genres sans la résoudre.

4-1. La renouveau du féminisme portugais

Le mouvement féministe portugais, à son origine républicain et soutenu par une partie seulement des gouvernants de la 1^{ère} République, devint une action largement minoritaire face aux nombreuses associations féminines catholiques chantres de l'idéologie corporatiste salazariste. Elle ne reprendra une «conscientisation» que sous le Caétanisme avec l'événement du «procédé pidesque instauré aux auteures des *«Novas cartas Portuguesas»* populairement connues par les trois *Marias*» (Magalhães, 1998, p.68).

L'ordre des revendications, les modes de communications et les instances représentatives des «consciences féministes en tant que conditions de femmes» (*Ibid.*, p.23) vont, eux aussi, évoluer.

Ainsi aux droits patrimoniaux et civiques (le droit pour la femme à gérer ses biens propres sans le consentement de son mari, le droit de voter quelque soit son degré d'études) s'adjoignent des droits matrimoniaux (l'élargissement pour toutes du Droit à divorcer) mais aussi le Droit de disposer de son propre corps (pouvoir utiliser des moyens contraceptifs comme elle l'entend, pouvoir procéder à une interruption volontaire de grossesse comme elle l'entend), thème central de l'identité féminine dans sa relation au sexe fort, pourtant objet de divisions internes entre les intéressées elles mêmes «suivant la situation sociale, économique et culturelle et du propres vécu personnel» (*Ibid.*, p.181).

La presse écrite est largement développée par l'apparition de revues féministes: *da Mulher*, *Da rede*, *ao Nó*, *Situação Mulher*, *Artémisia*, *Eu aborto*, *tu abortas*.... Du point de vue institutionnel, c'est aussi l'éclosion de nombreuses associations féminines qui finiront par converger sur la Commission de la Condition féminine créée en 1977.

A partir d'une correspondance échangée entre Manuela Tavares, Présidente de la Commission Féminine et le cabinet d'études de la DN de la PSP⁴⁰ rassurant cette première sur l'entière altérité statutaire et fonctionnelle entre agents masculins et féminins, les féministes entendaient un droit de regard sur le statut de la femme dans la PSP où la relation entre Droit à être citoyenne à part entière et Droit à être policière à part entière devenait explicite. En d'autres termes, c'est à la fin des années 1970 que l'indicateur des degrés d'attribution de la femme policière et sa possibilité de promotion constituait un indicateur

⁴⁰Lettre réponse du *Superintendente* Geral Antonio Dos Anjos Martins à la Présidente de la Commission féminine daté du 26 février 1988, à l'occasion d'un séminaire des Communautés européennes /Archives du GEP). L'expéditeur y explicite les motifs de l'absence provisoire de femmes officiers en attente de sortir de la toute jeune ESP créée seulement quatre ans plus tôt.

général de l'évolution du féminisme au Portugal. Car, selon nous, pour une femme pouvoir représenter l'ordre et appréhender un élément trouble à l'ordre public est, corrélativement le signe implicite pour ses consœurs citoyennes à participer aux affaires de la cité.

Malgré cet élan identitaire pour un renouveau de la condition féminine, l'enseignement aux plus jeunes ne semble pas l'accompagner.

4-2. L'enseignement de l'histoire traditionnel

Selon Maria José Magalhães (1998), il existait sous la Révolution du 25 avril «une extrême hostilité dont furent la cible les féministes de la part de la gauche marxiste» (p.73) alors que l'écroulement de plus de quarante années de Salazarisme, sous le symbole des œillets d'avril, aurait pu symboliser une liberté totale et la reconnaissance de l'égalité des genres. Dans ce contexte, l'école, et plus précisément l'enseignement de l'Histoire Nationale, continuait, malgré tout, à véhiculer des stéréotypes issus de la propre époque salazariste. C'était «la transmission à l'école d'un savoir qui valorise celui qui alla à la guerre au détriment de celle qui resta à faire le pain» (*Ibid.*) dans une logique traditionnaliste de la répartition des rôles en fonction du genre. Cet appel à la mémoire collective continuait à glorifier sous forme d'épopée les hommes tandis que persistait «une image édulcorée de la participation des femmes présentées tantôt comme saintes, tantôt comme perverses» (*Ibid.*, p.141). Luis Reis Torgal (1989), cherchant à comprendre la manière dont l'Histoire était enseignée aux enfants de l'après 25 avril⁴¹, confirme pleinement une continuité idéologiste des stéréotypes de la femme. Ainsi, dans l'ouvrage officiel *A minha primeira História de Portugal* (1986) paraissent des: «cadres de valeur morale,

⁴¹Plus précisément seulement à partir des années quatre-vingts en raison d'un hiatus pédagogique sur le sort à donner à la «Mémoire historique collective» d'une discipline difficilement gérable dans un contexte de Révolution permanente.

religieuse et patriotique qui sont interprétés de manière littéraire, voire poétique, sur un ton nationaliste et traditionnaliste marqués». (p.219).

Selon cet indicateur de l'enseignement de l'Histoire aux jeunes portugais et portugaises des années 1980, nous pouvons donc affirmer que les mentalités collectives évoluaient bien lentement malgré l'ouragan de «la table rase» idéologique du 25 avril; corrélativement, les représentations d'asymétrie des genres au Portugal subsistaient clairement tandis que le mouvement féministe tentait de récrire l'Histoire des femmes dans une quête de légitimation et réhabilitation. (Vaquinhas, 2002).

4-2. «L'Education pour la Citoyenneté Démocratique», archétype d'un «super-citoyen» asexué.

Du point de vue juridique sur le nouveau système éducatif de l'après vingt-cinq avril, la «Lei de Bases» de 1976 du 1^o *Governo Constitucional* constitua une réforme globale, expression d'un «compromis» capable d'unifier le peuple portugais, au delà des gouvernements et partis (Teodoro, 1995). Dans ses principes généraux: «tous les portugais ont droit à l'éducation et culture» (article n°2) incluant –du moins grammaticalement- aussi bien les garçons que les filles. Afin de briser la classique appropriation de l'école par les différents régimes qui se sont succédé jusqu'alors (1^{ère} République puis *Estado Novo*) à des fins idéologiques, la jeune démocratie portugaise prétendit, par ce texte, garantir la neutralité de l'école: «L'Etat ne peut s'attribuer le droit de programmer l'éducation et la culture selon n'importe quelles directives philosophiques, esthétiques, politiques ou religieuses (Artigo2-a).

Ces deux lignes directrices: ouverture à tous et à toutes, neutralité de l'Ecole, vont singulièrement rénover le concept classique

de citoyenneté issu de la Philosophie des Lumières et reprise par les Républicains lusophones de 1910. En effet, on passe d'une abstraction fondée sur le principe «Les Hommes naissent et demeurent libres et égaux en droits», c'est-à-dire un citoyen *ex deus machina* dès sa naissance (après passage au «laboratoire» pédagogique» il est vrai), à un citoyen qu'il s'agit d'éduquer à sa propre liberté sans pour autant le corrompre par une idéologie ou un sectarisme d'extrémisme politique. Ce nouveau concept «Educação para a cidadania democrática»⁴² constitue en quelque sorte l'archétype d'un nouveau «super-citoyen» inséré dans le post-modernisme de notre globalité, super-citoyen capable de déchiffrer les nouveaux messages d'une société élargie et multidimensionnelle pour assumer ses responsabilités et ses choix de liberté. Le Conseil de l'Europe, dans les années 2005, réalisa un programme de grande envergure à l'échelle européenne afin d'encourager chez les éducateurs la mise en place de la «literacia»⁴³ chez les jeunes apprenants, futurs citoyens européens. Cette «literacia», face au nouvel analphabétisme de ceux et celles qui savent lire, sans pour autant comprendre la multiplicité confuse de supports écrits d'origine diverse, serait en quelque sorte l'apprentissage d'une nouvelle conscience, d'une nouvelle aptitude chez le sujet, de critique pour apprécier et évoluer dans ce nouvel environnement de profusion sémantique, encore plus accentué avec les nouvelles Technologies de l'Information et de la Communication.

⁴²Tiré de “Mergulha na educação para cidadania Democrática”, “publicação que “tem por base o trabalho extensivo do projecto Educação para a cidadania Democrática (EECD) do Conselho da Europa que durou de 1997 a 2000»

⁴³Acception proposée, le concept de “literacia” a pour objectif de rendre compte des capacités chez chaque individu quant à l'utilisation et l'interprétation de l'information écrite] (Ávila, P. (2005) *A literacia dos adultos: competências chave na sociedade do conhecimento*. Thèse de Doctorat. ISCTE. Lisboa, Portugal).

Autre acception, d'auteur anonyme cette fois, tirée du site http://literaciadainformacao.web.simplesnet.pt/Literacia_da_informacao.htm le 05 octobre 2011, il s'agirait aussi de: «développer ses propres connaissances et potentialités en vue de participer activement dans la société». En quelque sorte donc une forme de «méta-connaissance» pour déchiffrer l'information afin de pouvoir exercer ses droits et devoirs civiques.

Repositionné à notre débat sur les prémices mentaux vocationnels de la femme policière portugaise, le principe d'une «Educação para a cidadania democrática», légitime et souhaitable dans la nouvelle globalité planétaire, occulte cependant le vieux débat sur l'asymétrie des genres. Ou si vous préférez, en invoquant un nouveau concept de «super-citoyen», l'école publique portugaise, insérée dans une politique globale européenne, édifie une nouvelle abstraction de la citoyenneté, sans genre, asexuée, abstraction méconnaissant la presque immutabilité des conditions statutaires des femmes dont certaines souhaiteraient s'accomplir simultanément professionnellement et maternellement.

Notre analyse, du point de vue de l'Histoire de l'Education, de possibles prémices vocationnelles chez la femme à devenir gardienne de la Cité, s'est appuyée sur deux points. Le premier, l'enseignement de l'Histoire aux jeunes enfants; le deuxième, «la nouvelle Instruction civique» diffusée selon les Directives du Conseil Européen. Notre première conclusion est que le système éducatif portugais positionne la jeune fille à suivre certains «rôles sociaux».

Une telle affirmation mérite cependant un complément de démonstration basée sur des données quantitatives récentes.

Aussi, proposons-nous d'apprécier aussi la relation entre le succès des filles portugaises dans l'accès à l'enseignement supérieur et le statut qui leur est attribué lors de leur insertion professionnelle.

Selon Teodoro (1995) «Il est visible un ensemble d'informations mettant en évidence une majorité de femmes concluant leur cours universitaires par rapport à leurs homologues masculins, semblant indiquer leur plus grande implication, attente et aspiration par rapport au monde

scolaire»⁴⁴ (p.64). Cette adhésion féminine à un investissement éducatif supérieur à leurs homologues masculins, indubitable, est-il pour autant «consacré» une fois celles-ci entrées dans la vie active? Sur ce point, il nous faut distinguer entre le concept de pouvoir et celui de compétence intellectuelle: pour le premier point, au deuxième trimestre 2011, les «représentantes du pouvoir législatif et d'organe exécutif, dirigeants, directeurs et gestionnaires exécutifs [...] étaient environ 50% plus nombreux chez les hommes (302.900 contre 203 400); pour le deuxième les «spécialistes d'activités intellectuelles et scientifiques», les femmes étaient 414.900 contre 285.900.⁴⁵ soient 69 % de plus chez les premières Aussi, selon ces quelques données «flash», la matière grise féminine serait sollicitée pour des compétences *ad hoc* scientifiques et techniques incontournables mais plutôt écartées de l'attribution du pouvoir de décision classiquement réservé au genre machiste ⁴⁶.

Ainsi, en «rapprochant les bagages scolaires dont se dotent aujourd'hui les garçons et les filles et les rôles sociaux qui les attendent objectivement, que ce soit dans la vie professionnelle ou dans la vie familiale» (Duru-Bellat, p.17) le système éducatif portugais post 25 avril, du point de vue des formations supérieures, sollicite la matière grise féminine tout en la cantonnant au rôle d'expert sans pouvoir, sollicitée par ailleurs à toutes les fonctions classiques de la gynécée.⁴⁷

⁴⁴Les données du «Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino superior » corroborent cette affirmation: Pour l'année 2009/2010 la proportion de femmes dans l'enseignement supérieur était à l'échelle nationale de 55% , et sur les régions, de 63% pour les Açores, de 59% pour Madère, de 54% pour le Nord et 52 % pour Lisbonne. (Informations tirées le 09 octobre 2011 du dossier «As pessoas» consultable sur le site www.ine.pt

⁴⁵Consultable au dossier «Estatísticas do Emprego 2011», p.21 sur le site www.ine.pt

⁴⁶A titre de curiosité, selon le «Balanço Social» de la PSP, année 2008, la distribution en fonction des genres des Grades de «alta patente» était la suivante: 6 *superintendenteChefe* hommes, 0 femmes ; 1 *Superintendente* homme, 0 femme; 43 *Intendentes* hommes, 1 femme, 99 *Subintendentes* hommes, 6 femmes (Consultable sur le site www.PSP.pt

⁴⁷ Dans son dernier ouvrage, Badinter (2010) est le cri d'une insurgée pourfendant le nouveau discours de la maternité basé sur le dit «naturalisme», leurre selon elle pour

Pour conclure sur ce chapitre consacré au positionnement de la jeune fille portugaise à certains rôles sociaux, positionnement expliqué sous le prisme de l'Histoire de l'Education, dans une approche diachronique, la succession des régimes politiques entre 1910 et 1986 et leurs systèmes éducatifs respectifs n'ont, pour aucun d'entre eux, véhiculé des paradigmes capables de motiver la jeune fille à une participation active aux affaires de la Cité. Qu'il s'agisse des idées progressistes issues de la Philosophie des Lumières (1^{ère} République), du corporatisme catholique rural («Estado Novo») ou de l'idéal marxiste (La Révolution des Œillets) les modèles éducatifs, malgré quelques variations de principe, sont tous restés relativement conservateurs quant à une «symétrisation» des genres.

Cependant, l'idée selon laquelle la jeune fille, serait victime d'un déterminisme social de genre, d'une fatalité incontournable serait réductrice et erronée. N'y aurait-il pas «des raisons "objectives" de se comporter comme elles le font, face aux possibilités offertes par le système éducatif, au lieu de ne voir dans leurs comportements que l'expression de stéréotypes dépassés» (Duru-Bellat, 1990, p.10)? Face à l'échiquier dans la répartition des rôles en fonction du genre, il subsisterait ainsi une étroite marge de manœuvre par laquelle la fille négocie son devenir en fonction de ses aspirations. Certes, la donnée statistique pointe cette permanence de l'asymétrie des genres bien qu'une élite féminine se dégage et s'affirme. Les femmes policières et plus particulièrement les femmes officiers sont ces femmes d'exception qui ont «oser sortir des sentiers battus, supposant une solide conviction dans leur capacité à gérer véritablement leur avenir professionnel» (Duru-Bellat, 1990, p.198).

mieux encore emprisonner la femme dans la multiplicité des fonctions professionnelles et familiales sous ce nouvel environnement postmoderniste.

Mais, pour mieux comprendre ces «lionnes» intruses issues de l'autre genre, nous convions à un bref éclairage historique spécifiquement policier cette fois.

CHAPITRE TROIS

LE CHOC DE L'INTRUSE EXPLIQUÉ PAR L'HISTOIRE DE LA POLICE

1. La Police «miroir» de l'Etat.

1-1. La conception wébérienne de la police

La police, détentrice du «monopole de la violence physique légitime» serait, selon Weber (1959) -dans une lignée étonnamment marxiste pour un inspirateur de la République de Weimar-, l'instrument des états contemporains destiné à la domination de certains hommes sur d'autres. Cette acception instrumentalise la machine policière et rend du même coup ses membres simples agents et non acteurs. Aussi, le policier, non pas gardien de sa Cité dans un idéal «démocratique, n'est qu'un «robocop»⁴⁸, une sorte de machine exécutive super efficiente, ni agressive, ni émotive, déshumanisée et asexuée. Rapporté au débat des idéologies, Althusser (1970) affirme que la société se composerait, d'une part d'un faisceau d'appareils idéologiques (Eglise, Ecole, Famille, partis, syndicats) concourant à une manipulation «cérébrale» de ses membres, de l'autre un unique appareil répressif d'Etat (composé de l'armée, la police, les tribunaux, les prisons) qui en ultime recours usera d'une violence qu'il considérera légitime afin de neutraliser les conduites déviantes au système idéologique global. Ici encore, la police est un instrument destiné à défendre les dominateurs sur les dominés

⁴⁸Pour l'anecdote sur le film américain *Robocop* écrit par Edward Neumeier et sorti en 1987, le héros, initialement un policier humain strict exécutant de la loi («Law enforcer»), est blessé à mort notamment sur ses parties génitales, agonisant dénué de son phalus. Sa métamorphose de policier humain à policer machine évoquerait une nécessaire «machinisation» de la police pour combattre, sous une violence sans limite (l'unique expression de la violence légitime) le chaos de la ville (Le scénario du film se déroule à Detroit au Michigan)

et surtout les outils de production générateurs de richesse aux premiers⁴⁹. Pierre Clastres (1974), dans ce courant dénonciateur de l'Etat, montre que les sociétés primitives en libre autosubsistance gèrent elles mêmes leurs chefs qu'elles appuient ou destituent en fonction même des intérêts du groupe. Ces dits sauvages, «c'est l'effort permanent pour empêcher les chefs d'être les chefs, c'est le refus de l'unification, c'est le travail de conjuration de l'Un, de l'Etat» (p.50). Quoi qu'il en soit, cette vision anarchiste utopiste dénonce l'instrumentalisation de l'Etat dans un contexte oligarchique, rendant la fonction policière répressive distante de l'idéologie héritée des Droits de l'Homme et de son corolaire la défense en soi de la tranquillité, dans l'idéal du dit citoyen.

Cette première acception générale de la police, wébérienne, élargie dans sa dimension idéologique althussérienne, et celle dénonciatrice de Pierre Clastres ne donnerait pas au genre dans la police un effet symbolique. Ainsi! Qu'il s'agisse d'un policier ou d'une policière, les deux restent des agents uniformisés qui dans une dimension surréaliste, sont incapables de penser: seulement d'exécuter sans erreurs les ordres de l'instance suprême bureaucratique.

Dans cette première approche, l'Etat perçu comme un « groupement de domination de caractère institutionnel qui a cherché à monopoliser [...] la violence légitime» (Weber, 1959, p.108), fait de la police son corolaire, l'instrument juridiquement autorisé à l'usage de la force.

Une deuxième approche, plutôt que d'analyser l'Etat pour en comprendre sa Police, utiliserait l'indicateur de la présence féminine

⁴⁹La meilleure illustration est la police brésilienne qui à ses origines avait pour unique fonction de garder, réprimer et rattraper les esclaves.

dans le milieu viril de l'ordre pour en déduire les rôles de l'Etat. Ou si vous préférez, en demandant: «Pourquoi les gouvernants décident d'intégrer des femmes dans la police ?» nous dégagerions alors l'intention institutionnelle sous-jacente de ces politiques d'un Etat dans une société donnée.

1-2. La conception Wébérienne de la police et sa féminisation.

Geneviève Pruvost (2008) souligne que «la féminisation de la police ne peut de fait être séparée de l'évolution du rapport à la force publique et à la violence» (p.16). Selon elle, cette présence féminine peut être l'objet de trois interprétations possibles que nous commenterons du point de vue de notre terrain d'investigation.

Dans la première la femme serait «l'agent privilégié de la civilisation» (*Ibid.*). Sa seule présence, dans la dimension de la dramaturgie moderne selon la dynamique tirée de l'interactionnisme (Goffman, 1973) suffirait à pacifier un lieu dans la réciprocité des regards. Elle serait l'agent naturel et spontané de la pacification, nouvelle venue jusqu'alors associée aux stéréotypes des tâches de la maisonnée. Selon cette acception, L'Etat, en instrumentalisant la femme comme «agent-douceur», chercherait à se réhabiliter au près des citoyens par cette image plus humaine. Ce scénario évoque le Portugal des années quatre-vingts où la PSP, sortie de plus de quarante années de Salazarisme pour intégrer ce nouveau contexte de démocratisation à l'échelle européenne, cherchait à se réhabiliter et effacer l'image d'une police castratrice et extrêmement violente.

Deuxième interprétation possible, «les femmes sont entrées dans la police à la faveur d'un déclin de l'usage de la violence létale» (*Ibid.*, p.17). Deux facteurs concourraient à cet accroissement des effectifs féminins. D'une part une baisse effective de la criminalité violente sous l'effet d'une amélioration des conditions de vie à l'échelle nationale pour

l'ensemble de la population⁵⁰, d'autre part une modernisation et variété des armements afin de répondre au principe juridique de proportionnalité dans l'usage de la violence⁵¹. Selon un tel paradigme, les agents institutionnels s'orientent vers la prévention, l'usage de la parole et la dissuasion; c'est une nouvelle approche où un représentant de chaque genre, un garçon et une fille en uniforme facilitent l'effort à parlementer et pacifier plutôt que d'attiser l'agressivité ambiante à l'origine de l'appel des forces de l'ordre. Sur ce point, ce «couple agents» représenté dans une complète altérité a fréquemment été diffusé par l'organe officiel de la PSP (*Polícia Portuguesa*) comme de la presse en général (Voir infra album n°5, photo n°25). Citoyen ou citoyenne, chacun peut y voir, aussi bien son homologue de genre que sa différence de genre.

Troisième interprétation enfin, «la féminisation de la police [...] serait plutôt un signe fort de l'extension contemporaine du pouvoir de violence puisque les deux sexes sont désormais habilités à l'exercer» (*Ibid.*, p.18). Norbert Elias «a précisément pensé le flux et reflux du procès de la civilisation» reconnaissant ainsi «que les processus de civilisation et de décivilisation peuvent apparaître simultanément dans

⁵⁰A l'inverse, il paraîtrait très vraisemblable une étroite corrélation entre l'augmentation du coût de la vie et du chômage d'une part, et celle de la criminalité, de l'autre, dans le contexte actuel, fin 2011, du Portugal. Cependant, même si les données statistiques sont à prendre avec caution, selon la revue «Economist» citée par le Ministère portugais de l'Intérieur (tiré de <http://opinioao.mai.gov.info/2007/05/31/portugalo-9%c2%ba-pais-mais-seguro-do-mundosur>, le 15 octobre 2011) sur le *ranking* mondial des pays les plus sûrs de la planète, le Portugal en 2007, sur 121 pays, aurait été en 9^{ème} position derrière le Canada et devant l'Autriche, alors que la France était loin derrière, à la 34^{ème} position et les Etats Unis à la 96^{ème}. Effet culturel ? Effet du climat tempéré ? Effet de la présence féminine ?

⁵¹Selon le Decreto-Lei n.º457/99 de 5 de Novembro: «le recours à l'arme à feu n'est permis qu'en cas extrême alors que les autres moyens moins dangereux se sont révélés inefficaces, et dès lors que ce recours est proportionné aux circonstances» (Artigo2.º). L'agent institutionnel doit donc, de sang-froid, selon certaines normes, déterminer l'exacte riposte à une menace, neutralisant avec le moindre dommage possible. C'est implicitement lui exiger l'entendement dans sa pratique policière. Ainsi « Femmes et hommes doivent maîtriser leurs pulsions d'agressivité individuelles au profit de règles communes, apprises et incorporées ». (Pruvost, 2008, p.18)

des sociétés particulières»⁵². Ainsi les deux précédentes interprétations sur la féminisation de la police, la première fondée sur «l'agent-douceur», la deuxième sur le processus de pacification de la société sont invalidées. Tout au contraire, la régression de la civilisation est possible! Une violence illégitime, illégale mais extensive, diffusée par les deux sexes, contrarierait et discréditerait le «monopole de violence légitime» pour obliger la police, elle aussi, à se doter de femmes belliqueuses, violentes et agressives. La violence rendue interactive, qu'elle soit institutionnalisée aux mains de l'Etat, ou contre l'Etat, ne serait plus alors l'apanage du policier ou du délinquant: elle se partage, dans une expression collective des pulsions, entre hommes et femmes. Alors «la féminisation de la police peut apparaître comme une réponse à la féminisation de la violence illégale» (*Ibid.*, p.19).

Police miroir de l'Etat, nous avons pu apprécier chez Weber le concept du «monopole de la violence légitime» et sa possible acception idéologique althussérienne, police entendue alors comme unique appareil répressif de l'Etat. Puis, commentant les interprétations de la féminisation policière selon Pruvost (2008), nous avons constaté que l'intruse, la lionne, serait venue «chez» les policiers pour des motifs contradictoires: tantôt femme-symbole du pacifisme, tantôt protagoniste de l'action préventive dans une société rendue moins violente, tantôt enfin femme agressive réclamant le partage du droit à exercer la violence dans une société régressive par sa nouvelle brutalité.

Concluons ces quelques réflexions sur le concept wébérien de la police par les images portugaises qui suivent:

⁵²Tiré de *The Germans* de Norbert Elias et cité par Geneviève Pruvost (*Ibid.*)

Album n°5 de portraits

Le concept wébérien de la police et la représentation de la policière



Photo n°20 :auto-mitrailleuse de la PSP.
. Polícia Portuguesa, n°43, mai / juin 1944.



Photo n°21:préparation au lancement des grenades .*Polícia Portuguesa*, n°43, mai / juin 1944.



Photo n°22: publicité (*Ibid.*)



Photo n°23: un élément du peloton des gaz et fumées muni de son pistolet mitrailleur.
Polícia Portuguesa, n°43, mai / juin 1944.



Photo n°24: brochure d'informations de l'Ecole Supérieure de Police Portugaise
 -Vers 1985. (Photo bis de celle n°7)



Photo n°25: Couverture de *Polícia Portuguesa*, n°105, mai/juin 1997

Ces photos ont pour objet de visualiser les deux paradigmes d'intervention qui se succédèrent dans l'histoire de la PSP, rappelant que celles-ci, publiées dans la revue de la corporation, évoquent des représentations et des stéréotypes que l'organe entendait diffuser sans pour autant être des réalités plurielles quotidiennes.

Sur le paradigme répressif

Photo n°20 Monopole de la violence légitime ?, un armement de type militaire prévu contre les civils où le principe de proportionnalité est bafoué dans un contexte où le spectre de la rébellion communiste agitant les consciences des gouvernants salazaristes.

Photo n°21 Dans une dimension foucaultienne au dressage des gestes, le policier portugais des années 1940 apprend non à verbaliser mais à lancer...La grenade mortifère !

Photo n°22 Quelle jolie femme pour vanter les bienfaits sensuels d'un savon! Publicité qui jouxtait les deux photos ci-dessus! Un stéréotype féminin formulé par les représentants de l'ordre portugais.

Photo n°23 Casqué, le doigt sur la gâchette, le parfait exécutant agit, muni de son «moderne armement de la PSP».

Sur le paradigme préventif, quarante ans plus tard...

Photo n°24 Un couple d'élèves officiers de police représenté dans la parfaite altérité qualitative et quantitative, marchant vers vous, en tenue de cérémonie.

Photo n°25 De la baisse de l'usage de la violence létale à la mission d'aide entre ce couple policier face à celui ...Nippon!

Désormais, intéressons-nous à quelques étapes de l'histoire de la police portugaise des villes avant celles de l'histoire de la femme dans la police.

2. Eléments historiques sur la police urbaine portugaise.

Notre objectif, modestement, n'est pas ici de rendre compte de toute l'évolution de la PSP depuis ses origines dans une optique

historiographique, mais de suggérer des mouvements historiques récurrents, indices d'une interprétation des enjeux (atemporels ?) de cette institution policière.

2-1. Du policier acteur au policier agent

Dans le domaine éducatif, Teodoro (1995), citant Ardorno et Berger, distingue l'acteur, doté d'une certaine autonomie, se sentant investi d'une mission, de l'agent, simple exécutant contraint à appliquer un programme scolaire et éloigné des concepteurs éducatifs perçus comme bureaucrates, insensibles à la réalité du terrain de l'école.

Dans le domaine de l'histoire de la police, cette distinction reste utile pour apprécier les dimensions civique ou militaire de l'institution et le rôle que s'auto-attribuent ses membres.

Pour la période du Moyen âge, le système, original, est tout autre. Alors que la ville regorge de coquins et coupe-bourses, la municipalité choisit parmi les citadins, les plus robustes physiquement, et les contraint, sans aucune rémunération, à donner - muni d'un simple bâton - un semblant de calme dans les ruelles populeuses. Le «Quadrilheiro» (Vigile de quartier) n'est pas «aimé» des citadins au point que «son moral, pour le travail forcé qu'il exerçait, était très bas. Il en arrivera à être intolérable, ne disposant d'aucun prestige] (tiré du site www.psp.pt, partie historique, le 12 octobre 2011). Bien qu'après 1571, il y ait des «des mesures de compensation, les vigiles de quartier sont dispensés du paiement d'impôts et du service militaire», leur fonction les indispose tout autant que ceux qui la subissent. Ces «quadrilheiros» sont malgré tout des acteurs. En 1383, ils ne sont que vingt pour tout Lisbonne! La tâche est impossible mais leur conscience de policier «par hasard», (surnommé «morcego» [Chauve souris], déambulant, solitaires

dans la nuit) leur fait comprendre les maux de la cité dont ils sont membres.

Pour la période pombalinienne, la naissance d'un Etat moderne doté d'une police instrumentalisée assortie de moyens conséquents pour un complet contrôle politique des populations va faire du policier d'alors un strict exécutant, non un citoyen intéressé aux affaires de sa ville. Avec «un détachement militaire à cheval, l'éclairage de la ville, les maisons de correction, la police sanitaire des prostituées, la «Casa Pia» de Lisbonne pour l'accueil de nombreux enfants abandonnés sans chance»⁵³, L'*Intendente* Pina de Manique (nommé à partir de 1780) a créé une police moderne à la fois politique, sanitaire et de maintien de l'ordre. Une telle machine policière rendait sa recrue, agent efficace et parfaitement obéissante.

Nous verrons qu'avec une police efficace dotée de policiers agents, sa perméabilité au régime politique du moment et son contrôle seront bien plus grands.

2-2. Changement de régime politique et changement de police

Selon Cosme (2006),

Les options politiques qui au long du temps s'installèrent au pouvoir, marquèrent de manière indélébile la vision policière dont l'institution s'est révélée assez souvent conditionnée par le pouvoir politique, souvent instrumentalisé par ce même pouvoir en vue de ses désirs oppressifs (p.18)

⁵³ tiré du site www.psp.pt, partie historique, le 12 octobre 2011.

Selon cette acception la police, outre classique détentrice du monopole de la violence légitime, peut être analysée comme le baromètre de la relation que le politique entend instaurer avec la Cité soit dans une dimension libérale et civile soit autoritaire et directive.

Cette dépendance de la police au pouvoir politique ne fait aucun doute même s'il faut préciser, selon nous, les deux points suivants:

Le premier c'est qu'en période de crise les tiraillements du pouvoir politique remettent en cause le principe de monopole de violence et chaque faction est susceptible de créer sa propre milice qu'elle tente d'ériger comme l'exclusive détentrice de la violence légitime ⁵⁴

Le deuxième est que chaque nouveau régime politique tend à privilégier une institution policière particulière et corrélativement dénigre voire dissout celle qui prévalut sous le régime précédent. Ainsi les républicains portugais de 1910, contre la *Polícia Cívica* trop compromise par la dictature du Premier Ministre João Franco sous la Monarchie, créa la «*Guarda Nacional Republicana*[...] garante du régime républicain» (*Ibid.*, p.111). De même, lors de l'instauration de *l'Estado Novo*, Salazar privilégia la *Polícia de Segurança Pública* (l'ex *Polícia Cívica*) tout en y transférant les meilleurs militaires de la GNR.

Du point de vue diachronique, les principales étapes de la PSP sont les suivantes.

Elle naît, par décret royal, le 08 juillet 1867 sous la dénomination de *Polícia Cívica*, autorisant le gouvernement «à créer dans chaque ville de Lisbonne et Porto un corps de police en subordination directe au gouvernement du district, corps de police appelé *Polícia Civil*» (Artigo

⁵⁴ Sur ce point la naissance sous la Révolution française de la Garde Nationale (modèle d'inspiration aux royalistes libéraux portugais des années 1825) constitue un bon exemple de la capacité pour la bourgeoisie, détentrice des moyens de production, à se doter de sa propre force pour aussi bien protéger ses biens que pour tenter de contrôler les différents soulèvements populaires spontanés dans une action démagogique.

1)⁵⁵ C'est donc une police exclusivement de la ville, non pas expression des municipalités mais en dépendance directe au représentant de l'Etat: le gouverneur civil (l'équivalent du préfet en France). La *Polícia Cívica*, dans la recherche d'un nouveau «paradigme policier», se voit attribuer des compétences élargies puisque les «commissaires de police sont agents de police administrative et officiers de police judiciaire» (*Ibid.*) à la fois chargés de missions classiques de contrôle de la ville (étrangers, établissements commerciaux, maisons de jeux, théâtres, hôtels, mendiants, affaires sanitaires, défilés publics et manifestations religieuses...) comme d'enquêtes dans le cadre d'investigations judiciaires. Modernisée cette police va se doter d'un organigramme de services afin de répondre à cette pluralité fonctionnelle: «trois départements appelés *Polícia de Segurança Pública* (PSP), *Polícia de Inspeção Administrativa* et *Polícia de Investigação Judiciária e Preventiva*» (Alves, 2006, p.66). Orientée comme police politique et répressive sous la dictature de João Franco, elle sera après le régicide de 1908 puis la proclamation de la République en 1910, «Circonscrire seulement à quelques villes» (*Ibid.*, p.68). Les nouveaux gouvernants, républicains lui préféreront, à sa dimension urbaine et civile, celle militaire de la nouvelle *Guarda Nacional Republicana* (créée le 3 mai 1911).

Malgré la prééminence de la GNR, la Police urbaine portugaise des années vingt va se moderniser, d'une part avec des conditions statutaires plus avantageuses de ses agents, (rémunération, pension de retraite) de l'autre par la création d'unités spéciales pour répondre aux besoins de la modernité du début du XXème siècle. Ainsi, «Pour la première fois dans l'Histoire, elle a compétence pour contrôler la circulation des automobiles» (*Ibid.*, p.69). C'est aussi à cette époque qu'elle acquiert sa dénomination actuelle: *Polícia de Segurança Pública*,

⁵⁵« Diário de Lisboa, "ano 1867, numero 149".

«à laquelle incombe le maintien de l'ordre et de la sécurité publique sur les voies et espaces publics» (*Ibid.*).

Avec la Dictature militaire puis l'instauration de l'*Estado Novo*, entériné par sa constitution de 1933, la PSP va résolument devenir un puissant instrument du monopole de la violence légitime du Salazarisme, d'un côté par une réforme profonde des conditions statutaires de ses agents, de l'autre par sa vocation accrue de police politique.

Ces réformes en faveur de ses agents ont pour objet de développer le corporatisme de la PSP et corrélativement leur fidélité. En 1927 est créée la «Montepio da PSP», assurance pour les veuves et parents de policiers décédés. En 1935, la «PSP de Lisboa est autorisé à faire usage du drapeau national», en 1936 «est approuvé le nouveau plan d'uniformes de la PSP» (p. 73), plus tard les agents disposeront de «Serviços Sociais da PSP» (1959) destinés à fournir des installations éducatives ou récréatives à leur famille de même que de services médicaux distincts (1960). De telles mesures, associées à des cérémonies cycliques («dia da PSP»), favorisent un «esprit maison» ainsi que chez l'agent un sentiment d'appartenance à l'institution qu'il sert.

A ce corporatisme s'adjoint la dominante militaire et la stricte hiérarchie puisque c'est désormais «une structure de sécurité unique sous la tutelle du ministère de l'Intérieur et tous les services policiers depuis ceux de l'ordre public à ceux de la police politique et de la police d'investigation criminelle» (p.73). Du point de vue idéologique, notons que la PSP, avec sa devise «Pela ordem e pela pátria» (encore présente aujourd'hui) développait un idéal de sacrifice non pour un péril extérieur mais comme si l'envahisseur était en deçà des frontières portugaises; comme s'il s'agissait d'éradiquer un mal interne pour sauver la dite patrie. Salazar dans son «Decálogo» (Cosme, 2006) affirmait:

Les ennemis de l'Etat Nouveau sont ennemis de la Nation. Au service de la Nation, c'est-à-dire: de l'ordre, de l'intérêt commun et de la justice pour tous, on peut et on doit utiliser la force qui constitue dans ce cas la légitime défense de la patrie» (p.139).

Cette dénonciation des dit ennemis de la Nation concernait implicitement les anarchistes et surtout les regroupements communistes qui seront les plus visés et victimes de l'appareil répressif et au premier chef la PIDE, odieuse par ses actes de tortures arbitraires.

A cette PSP salazariste, corporatiste, étroitement contrôlée par le ministère de l'Intérieur, en synergie avec d'autres services encore plus répressifs, incombait malgré tout une explicite mission de service public où l'acte de servir côtoie celui de surveiller. En 1940 sont créés des «albergues distritais para mendigos» [asiles] dans chaque «Comando distrital da PSP (capitale de district) où les mendiants et vagabonds étaient rassemblés et censés être réinsérés dans la société sous surveillance policière à une occupation ou un travail dans les travaux publics municipaux ou dans des tâches ménagères de particuliers», (Alves, 2006, p.75)⁵⁶. Aussi la PSP a pour mission de repérer, laver, vêtir et intégrer les sans-logis interdits de toute mendicité (à l'échelle nationale en 1947) marginaux de la ville à «recycler» dans l'esprit propagandiste de modernisme de l'«Estado Novo».

Cette PSP corporatiste hiérarchisée des années 1950 renforcera cette tendance répressive, du moins l'organe de la PIDE, dans cette chasse aux sorcières lusophones. Habilement présentée par la

⁵⁶On peut aussi citer la «Mitra» de Lisbonne, maison d'accueil contraignante pour mendiants dont la finalité rééducative idéologique reste explicite. «l'asile de mendicité de la police de Lisbonne [...]et les inestimables services rendus à la ville dans ce nettoyage quotidien. Tous les individus, quelque soit leur sexe ou âge que la police trouve dans les rues de Lisbonne, en guenille à mendier sont détenus...] (Policia Portuguesa, n°7 mai, juin 1938, pp, 6-12.). L'auteur - anonyme-, dans le contexte de la cité, associe explicitement le nettoyage municipal des rues à celui des hommes: saleté des ordures ménagères comme de celles des marginaux.

propagande comme des symboles du bolchevisme, les communistes portugais devinrent les «boucs émissaires» centralisateurs d'une lutte interne laissant Salazar à sa routine du pouvoir de plus de quatre décades⁵⁷.

L'accession au Pouvoir de Marcelo Caetano en 1968, nommé légalement par le Président de la République Américo Tomás, constitue certainement un frein à la dimension brutale de la police urbaine portugaise. Ancien recteur de *L'Universidade de Lisboa*, il eut courage de démissionner lors de la charge de la police sur le Campus faite sans son autorisation. Ce spécialiste de Droit Administratif rationalise autant que possible la machine policière et «l'année 1970 est restée marquée par la réorganisation des deux principales forces de sécurité, la GNR et la PSP» (Cosme, 2006, p.213) avec la compétence rurale exclusive pour la première, urbaine pour la deuxième. Malgré tout, le paradigme policier n'est pas sensiblement changé.

Avec la Révolution du 25 avril, prudente et consciente de l'image salazariste qu'elle pouvait représenter aux yeux de la population, la PSP va rester pendant deux ans dans l'«indefinição policial» (1974-1976) (*Ibid.*). Cependant, plutôt que de la «désaffecter» au profit d'une autre institution policière -comme ce fut le cas en 1911 par les républicains - le gouvernement érigea ensuite la sécurité comme un droit fondamental dans ce nouvel environnement démocratique, donnant une peau neuve à une institution historiquement perçue comme brutale⁵⁸. «La sécurité devient constitutionnellement un Droit

⁵⁷ « Ainsi l'Europe souffre de misère et a peur. Peur de quoi? Peur de la Russie? Peur du Communisme, et elle semble avoir raison» (*Discursos de Salazar*, 1943-1950, cité par Antunes, 1994, p.59)

⁵⁸ Voici le témoignage d'un officier de la nouvelle génération, l'un des premiers sortis de la jeune ESP (3° CFOP). «Nous venions de l'Etat Nouveau qui s'est terminé en 1974, régime de dictature. Le pays fonctionnait essentiellement sur deux ou trois bases. Une base était la discipline, une autre était une certaine violence. Tout le régime, toute la

fondamental en liaison avec le droit à la liberté. Ainsi, il n'y a pas de véritable liberté sans sécurité comme il n'existe sécurité sans liberté» (Alves, 2006, p.82). Aussi, la PSP suit ce virage paradigmatique avec notamment la création de sa propre école d'officiers *Escola Superior de Polícia* (1984) (Paymal, 2008), émancipée des cadres de l'*Academia Militar*, disposant enfin de sa propre tête pensante. Autre mesure emblématique, un civil est autorisé à prendre la tête de la *Direção Nacional da PSP* (1999). Enfin, il est possible «o exercício da liberdade sindical» (*Ibid.*, p.89) (2002).

Pour conclure sur ce tracé rapide de l'Histoire de la PSP, cette institution, depuis sa naissance en 1867, a bien connu des oscillations d'autorité et de modèles d'interventions en fonction des différents régimes politiques qui se sont succédé. Elle constitue bien, dans la conception wébérienne de la violence légitime, le miroir de l'Etat. Cette PSP fut modulée et transformée en fonction tantôt de la version civiliste avec un rôle acteur du policier, tantôt de la version militaire avec un rôle agent du policier.

Revenant à notre protagoniste gardienne des cités, analysons brièvement son historique, d'abord en confrontant deux cultures, anglo-saxonne et française, ensuite celle spécifiquement portugaise.

3. L'Histoire des premières femmes dans la police.

société était violente. La Police était violente. L'Ecole était violente. Parce qu'à cette époque là, on battait les enfants. Nous venions d'une époque où, d'une certaine manière la violence jouait un rôle important dans le contrôle des comportements. Et, dans cette perspective, les cadres dirigeants de la police étaient des officiers de l'armée, hommes très disciplinés[...] Le régime changea en 1974 et il était nécessaire de changer la culture de la police.(entrevue réalisée entre le chercheur à l'un des cadres supérieurs de l'ISCPSI, le 19 mars 2008). Cette vision de violence diffuse dans la société elle-même et deux de ses vecteurs: l'école, la police, n'est pas sans nous rappeler la notion d'appareils idéologiques selon Althusser (voir Supra).

3-1. L'Histoire des femmes pionnières dans les polices anglo-saxonne et française.

Notre approche, modestement, se limitera aux premières policières de la Grande Bretagne, des Etats Unis et de la France, dans la recherche d'un indicateur capable d'apprécier au travers de ces différentes cultures policières le degré réel d'intégration des femmes dans la police.

Un premier indicateur, décliné par Geneviève Pruvost (2008) est la dotation d'un ensemble d'attributs qui symboliquement et effectivement expriment l'exercice réelle de l'autorité. La femme dans la police est susceptible de «transgresser quatre interdits» (p.11); disposer d'un pistolet, «accéder au commandement», intégrer l'institution de l'ordre en temps de paix et non en crise: enfin, intervenir dans une «logique de mixité professionnelle» à laquelle «il faut ajouter une absence de ségrégation des tâches». Alors, selon ces caractères, la femme armée, chef, intégrée en temps de paix et de stabilité politique, co-agissant étroitement avec les hommes dans une possible diversité, voire polyvalence de tâches, exprimerait la réussite de son intégration dans l'univers machiste policier.

Un deuxième indicateur possible, énoncé cette fois-ci par Lebeuf (1996) qui au terme d'une recension d'ouvrages, affirme la femme positionnée «à une structure qui la limite de plusieurs côtés à la fois». Cette structure est symbolisée par un triangle avec pour sommets: le rôle, l'image, la carrière (p35). «Le rôle des policières, incluant leur performance, leur compétence, leur habileté à mettre la loi en application»; «leur image, la perception des collègues masculins» les citoyens en général et les femmes. La carrière enfin, et «le rang qu'elles atteignent». Le succès de son intégration serait alors sa possible maîtrise de ces trois pôles et non son assujettissement.

Tandis que le premier critère se focalise sur la personne et ses attributs «personnels» professionnels, le deuxième a le mérite

d'apprécier l'environnement spatiotemporel resituée dans la dramaturgie sociale (Goffmann), ainsi que les concessions juridiques formelles dans l'exercice de sa profession et la capacité à se projeter positivement dans l'avenir.

La Démocratie britannique, sous l'effet des revendications des suffragettes et de l'intervention efficace des femmes dans les forces de l'ordre et de secours urbaines pendant la 1^{ère} guerre mondiale, fut le terreau propice à l'intégration effective des policières en *alter ego* des hommes. Les suffragettes anglaises, du moins les militantes de la «Women's Social and Political Union» (1903), en revendiquant le droit de vote aux femmes d'une manière provocatrice, voire violente⁵⁹, expriment la nécessaire péréquation entre les hommes et les femmes pour agir et changer la cité. La femme doit pouvoir voter, déclare Millicent Fawcett, sur le fondement que si la femme doit obéir aux lois, alors corrélativement, elle doit pouvoir participer à sa création. En développant ce raisonnement alors la femme doit aussi pouvoir être la gardienne des lois et veiller à assumer sa bonne application. *Ipsa facto*, la femme est ainsi de plein droit une potentielle policière.

Cette rime chez la citoyenne britannique du droit de vote avec celui de «policer» trouve aussi sa légitimité à l'épreuve des faits dans l'île outre manche du pragmatisme. Appelée à suppléer les hommes partis sur les terres de Flandre dans un conflit sanglant sans précédent, la femme britannique montre un courage exemplaire, aussi bien dans la mission d'assistance et d'aide aux plus faibles (comparses et enfants) que dans la surveillance même de la ville. La dimension sacrificielle est aussi valorisée par une conscience civique redoublée de la défense de la

⁵⁹Parmi les anecdotes ces revendications appelant au «scandale» –mais aussi la sympathie- du public, citons des actes de pyromanie sur des institutions symboles de la masculinité (terrain de golf), des grèves de la faim en prison, des distributions de fleurs aux hommes couards non partis à la guerre afin de les humilier...

terre de la patrie⁶⁰. Leur émancipation précoce – comparée aux pays latins- restait en 1918 irréversible et facilitait du même coup leur accession définitive à la *Metropolitan Police of London*. Elles sont alors embauchées par la police londonienne⁶¹ avec «autodéfense ostensible, de type militaire (brassards, uniforme, patrouilles diurnes et nocturnes» (Pruvost, 2008, p.45). Mieux, la *Division of Women Police Patrols*, loin d'être reléguée aux tâches administratives ou cantonnées à la défense des plus faibles de la cité (les femmes et les enfants) «est composée d'une femme commissaire (superintendent), de dix femmes brigadiers (sergeants) et d'une centaine d'agents de police (femmes en patrouille). Ces dernières possèdent enfin une revue, «*A Police women Review*» (*Ibid.*, p.49). Certes, la police britannique ne s'engage pas en 1918 vers la voie de la mixité mais répond au principe d'investiture de l'autorité à la femme, elle-même dotée du pouvoir de commandement.

Ce double argument, idéologique (Droit de vote, Droit de policer) et pratique (femme providentielle au sortir de la 1^{ère} guerre mondiale) va assurément devancer les britanniques dans la voie de la féminisation policière, précurseurs vers un paradigme d'intervention préventif.

Dans le grand Etat fédéraliste américain du début du XX^{ème} siècle, les premières policières américaines sont toutes des femmes d'exception, valorisées par les municipalités mais à la différence de leurs cousines britanniques des années 1918, paraissent des cas isolés. « Le 1^{er} avril 1908, dans la municipalité de Portland, dans l'Oregon, Lola Baldwin est nommée détective femme assermentée pour l'exercice de la

⁶⁰ Dans l'illustration de ce marketing pour la défense de la démocratie et la prise de conscience civique des sujets britanniques, « l'Underground Electric, Railway Company », à l'automne 1915, faisait mettre des affichettes sur ses bus à impérial londoniens «reproduisant un extrait de l'oraison funèbre où le stratège (Périclès) appelait ses concitoyens à imiter la bravoure des soldats tombés pour la cité : « il vous reste maintenant à rivaliser avec ce qu'ils firent , sachant que le secret du bonheur réside dans la liberté, et le secret de la liberté dans la vaillance: ne restez pas oisif à l'approche de l'ennemi». (Azoulay, V. (2011). Périclès ou l'Odyssée d'une icône. L'Histoire. n° 361, 2011, pp.96-101).

⁶¹ À la suite d'une grève masculine des policiers, il est vrai.

fonction policière en faveur de la protection des filles»⁶². A cet effet la municipalité, convaincue de l'image positive de ce nouvel élément féminin pour la ville, ouvre une formation *the specialized female detective civil service exam* exclusivement pour elle. Sur la Côte Ouest, cette fois, «Alice Wells a été sélectionnée par la Police de *Los Angeles* et placée au bureau du service de l'enfance. Sa nomination eut un retentissement national du fait de sa spécialisation comme Assistante Sociale, particulièrement appréciée pour sa formation» (*Ibid.*).

Derrière cet effet médiatique la réalité présente, malgré tout, une inégalité du point de vue de la rémunération ainsi que de celui d'une spécification des tâches.

Les premiers moments de l'histoire de la femme dans la police concernaient essentiellement les services sociaux pour lesquels les femmes se trouvaient confrontés à de stricts critères de travail, mais recevaient une faible rémunération, étaient cantonnées à des services distincts et nommées en premier lieu comme administrative, ou près de la jeunesse, gardiennes, ou encore à la brigade des mœurs. (Eisenberg, 2009)

Si nous reprenons le modèle de Lebeuf (1999), la pionnière policière américaine, reste contrainte entre les pôles: de sa carrière limitée, une image survalorisée médiatiquement et un rôle difficile à gérer couvrant toutes les inerties sociales d'une société chaotique et violente. L'expression *Police Matrons*, fréquemment employée par les chroniqueurs américains pour désigner ces nouvelles policières, développe un stéréotype fondant la fonction sociale (la «chef infirmière») à celle de surveillante pour les enfants et les femmes. Les conditions historiques américaines, la diversité des Etats et des municipalités sur cet immense territoire, ne permettaient pas, à la différence de la Grande Bretagne, une reconnaissance statutaire et fonctionnelle nationale précoce de la femme au sein de la police. La féminisation de la police

⁶² Tiré du site de l' «International Association of Women Police IAWP». <http://iawp.org/history>, le 20 octobre 2011, auteur: Charles Bennet.

américaine sous le concept d'un partage aux deux sexes du monopole de la violence légale (Voir interprétation de la conception de Norbert Elias, *supra*), concept selon lequel aussi bien la femme que l'homme peut prétendre à user de la violence à l'identique pour remettre l'ordre au chaos de sa cité, n'interviendra selon nous qu'après la 2ème Guerre Mondiale.

Dans la «Douce France», les premières femmes flics verront le jour quasi exclusivement au centre d'où tout se décide et où tout va: Paris. La capitale française, bridée par une sur présence de l'Etat (la Préfecture de Police) alerte aux révolutions et émeutes cycliques, amputée du représentant du pouvoir local, son maire entre 1794 (avec Bailly) et 1975 (avec Jacques Chirac), rendra toute expérience de féminisation de la police parisienne (à la différence d'Etats fédérés comme les Etats Unis par exemple) comme d'emblée un enjeu national, une référence première généralisable sur tout le territoire. En ce sens, l'espace symbolique et humain de Paris rend possible le principe selon lequel: «pour qu'un événement fasse précisément événement, il faut qu'il reconfigure l'horizon d'attente et qu'il initie de nouvelles pratiques » (Pruvost, 2008, p.26).

Anne Cova, dans son analyse de «La maternité et droits des femmes en France» (1997), met en évidence l'obsession des gouvernants français des années 1930 pour la repopulation du pays et des mesures corrélatives à voir la femme soit ne pas partir du foyer, soit y revenir. L'enjeu national du débat touche l'idée de l'Etat Providence et surtout des conceptions du statut de la femme. L'activisme d'instances dans la continuité d'une culture républicaine à la française laisse supposer que le réel partage des pouvoirs n'est plus dans les institutions officielles constitutionnelles mais bien dans la société civile elle-même. Ainsi les associations féminines, laïques ou catholiques, les caisses de prévoyance industrielles, la presse écrite, prennent part au débat officiellement amorcé par les parlementaires. Pour ou contre ? «Les

mères qui travaillent hors de chez elles sont désignées du doigt, car elles prennent les places des hommes, et contribuent à accroître le nombre de chômeurs» (p.326) affirment les antiféministes, créant un clivage irréductible, toile de fond à un autre débat: celui de l'intégration ou non des femmes dans les forces de l'ordre parisiennes.

Dans ce contexte, «la période des années 1930 aux années 1960 est dominée par la figure de l'assistance de police parisienne, issue du corps des assistantes sociales, imposée par les associations féministes réformistes, fers de lance du projet » (Pruvost, 2008, p.29). «Au nom des vertus féminines» (*Ibid.*), la policière parisienne est entendue comme d'excellence; elle est la spécialiste de l'enfant en danger et des familles en désarroi, cantonnée à «la charge des mineurs». Dans une dimension anthropologique policière, elle ne peut cependant remettre en cause les privilèges typiquement masculins de la profession: pas d'arme, pas d'hypothèse de venir en secours à leurs comparses prostituées (affaire d'hommes réservée à la Brigade des Mœurs). Enfin, leur effectif est purement symbolique «Quatre femmes à la veille de la seconde guerre mondiale». Malgré tout «en se situant d'emblée comme citoyennes, sans en avoir les droits, elles démontrent qu'elles en ont déjà l'esprit: elles prouvent leur maturité politique» (*Ibid.*). Ces pionnières des années 1935 constituent un précédent: non reléguées à des tâches administratives mais reconnues d'emblée comme des spécialistes, elles ouvrent la brèche à une police mixte et équilibrée, statutairement égalitaire du point de vue des genres, de leurs attributions et de leurs grades.

3-2. L'Histoire des femmes pionnières dans la police urbaine portugaise.

La première femme policière portugaise:

s'appelait Ermelinda Mendes, fille de José Maria e Maria José, née le 10 mars 1901 À Alcântara, Lisbonne et fut engagée le 1er novembre 1930, comme agent avec le numéro d'entrée 2897. En 1941, cette agent fut promue 1^{ère} classe et vint à mourir le 27 juillet 1943, célibataire et sans enfants. (Clemente, 2002, 21)

Ce précédent féminin est incontestablement une victoire provisoire pour deux motifs; le premier, c'est que selon P. Clemente (*Ibid.*), cette policière est effectivement en mission auprès des femmes et enfants et non à traiter l'expédient administratif secondaire: le deuxième, c'est que le principe d'une promotion lui est ouvert puisque qu'au terme de sa carrière de treize années elle devint agent de première classe.

Cette exclusivité, numérique et symbolique, dans un contexte de vide juridique, ne sera pas malheureusement consacrée par la réglementation ultérieure.

Ainsi le «Decreto Lei n° 34 :882 do 4 de Setembro de 1945⁶³», envisage comme possible l'incorporation de femmes dans la PSP, mais selon des conditions restrictives et parce qu'elles paraissent plus indiquées que des hommes pour assumer certaines tâches à un public spécifique:

Pour le service spécial de surveillance des femmes et enfants et d'autres services analogues ou d'assistance, il est possible d'avoir à chaque commando de Police, sous la condition d'une nomination préalable du ministre de l'intérieur, un groupe de gardes de sexe féminin, avec la catégorie unique de garde de 2^{ème} classe, distinct de l'effectif de ce commando. Ce personnel disposera des mêmes droits et rémunération que les autres gardes]" (Artigo 23).

⁶³ Paru au "Diário do Governo, I serie - Numero19"

Les éventuelles femmes policières («pode haver»), soit surveillante soit assistante des femmes et enfants, intégrées au compte-goutte après nomination du ministre lui-même, ne peuvent progresser dans leur carrière; rien n'est dit sur leur formation, soit en amont par l'exigence d'un diplôme (comme c'était le cas en France en 1935 avec celui d'Assistante Sociale) soit par un apprentissage *ad hoc* initial au sein de la PSP. Cependant, effort d'harmonisation salariale, la femme à grade égale - le plus bas dans la hiérarchie - disposait d'un salaire identique à celui de son homologue masculin, ce qui paradoxalement pouvait être considéré à cette époque comme une disposition féministe avant-gardiste⁶⁴.

Etonnamment, l'organe de presse de la PSP, *Polícia Portuguesa*, (bon indicateur de la mentalité policière officielle de l'époque analysée) dans un article de la même année⁶⁵, s'il rappelle la nécessité de femmes dans la police, s'abstient d'évoquer les possibles cas concrets portugais. Décrivant en France la «création en Seine et Oise d'un corps spécial de femmes agents de police dont la mission sera de surveiller et protéger les enfants» (p.10). L'auteur (anonyme) s'interroge sur «comment devront être ces femmes dont la mission si on comprend comment elle doit être, est une des plus hautes après la maternité?» (*Ibid.*). Il imagine la nouvelle gardienne de la cité avec «un cœur plein d'abnégation et de bonté, et sous la casquette doit être une tête solide, d'intelligence claire et paraître sûre» (*Ibid.*). Elle représente ainsi en quelque sorte un mixte entre la douceur maternelle et la sévérité de la représentante de l'ordre efficace, l'auteur restant convaincu que «du bien que pourraient faire ces brigades d'agentes féminins est immense» (*Ibid.*). Il conclut sur les

⁶⁴ Sur ce point, la législation salazariste des années 1950 sur le Droit privé du Travail, interdisait une rémunération égale entre genres pour un travail identique! Interdiction qui ne sera levée qu'avec le « Decreto Lei 47 032 Art.º 115.º de 27 de Maio » de 1959. Dans l'interprétation de l'idéal féminin policier à la PSP, la femme est acceptée sous réserve de ne pas rivaliser dans l'avancement de carrière. En contre partie, du fait de son cantonnement statutaire au grade d'agent de 2ème classe, elle peut être payée «comme un homme».

⁶⁵ (1945, Maio/Junho). Mulheres policias. *Polícia Portuguesa*, n°49, p10-11.

défauts de l'éducation parentale car selon lui, «si les enfants étaient dans la durée aimés, surveillés, dirigés, éduqués, il y aurait moins de jeunes délinquants dans les maisons de correction et moins de jeunes hommes en prison» (*Ibid.*). Ainsi, le principe de la féminisation de la police pour le public des enfants et jeunes hommes est parfaitement admis voire encouragé en soi, le commentateur laissant soigneusement sous silence sa concrétisation à l'échelle nationale portugaise.

Plus loin il, s'enthousiasme sur le cas de la policière new yorkaise qui sait aussi bien dissuader que charmer avec les outils de travail correspondants: «d'un côté un revolver, calibre 38 et de l'autre un rouge à lèvres et de la poudre de riz» (*Ibid.*).

Ainsi le commentateur PSP des années 1945 semble suivre de près l'évolution féminine des polices dans le monde tout en laissant sous silence le commentaire de sa propre police à un moment de durcissement du régime salazariste.

Pour le cas des pionnières portugaises policières, l'incorporation selon des dispositions réglementaires explicites d'admission et d'intégration ne débutera qu'en 1956, bien que celles-ci n'aient pas été suivies d'une incorporation effective majeure. Cependant ces premières normes ouvrent la voie réglementaire à une standardisation du phénomène des entrantes dans l'institution classiquement machiste de la PSP. Selon l' «Ordem de Serviço n°3 du 28 de Fevereiro de 1956 »⁶⁶, directive interne émise par l'autorité centrale de la PSP, "l'acceptée" dans la corporation n'a pas plus de 28 ans, avec le diplôme de 4ème année (équivalent du CM1 en France), un comportement moral et civique irréprochable Elle doit être jeune et cultivée. En revanche, le rédacteur de cette directive, en insistant sur la dimension civique irréprochable, fait appel implicitement à une notion de citoyenneté

⁶⁶Consulté aux archives du "Gabinete de Estudos e Planeamento da Direção Nacional" da PSP

éclairée chez la candidate alors que celle-ci, selon la législation portugaise en vigueur en 1956, ne dispose même pas du droit de vote⁶⁷. Intéressantes sont aussi les conditions de préférence formulées pour départager deux candidates de valeur égale: “ Etre mariée, titulaire du diplôme de secouriste, la plus diplômée » (*Ibid.*). La candidate parfaite est ainsi polyvalente, aussi bien formée aux affaires sociales, qu’aux tâches bureaucratiques.

Dans cette nouvelle logique d’intégration, le Decreto n°41 798⁶⁸, paru deux ans après, prévoit à l’entrante un uniforme *ad hoc*, sévère de style (Article 18) ou la seule différence avec son homologue masculin semble se limiter à la jupe longue et aux chaussures strictes à mi talons (saías, sapatos de «calf» preto)

⁶⁷En 1956, seules les femmes diplômées de l’Enseignement Supérieur (c’est à dire une infime minorité) ou du lycée pouvaient voter (Decreto-Lei n°19 694 , de 5 de Maio de 1931).

⁶⁸Paru dans le “Diario do Governo, 08 de Agosto de 1958, 1 Serie – Numero 173”

Album° n°6 de portraits

Reproduction des uniformes féminins (« Decreto de Sexta-feira 8 de Agosto de 1958 », DG 194 Série I de 1958-09-10)

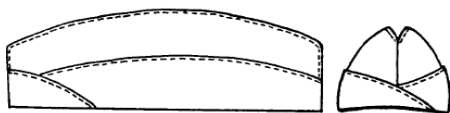


Fig. 25

Photo-image n°26 : couvre-chef féminin



Fig. 24

Photo-image n°27: Couvre-chef masculin

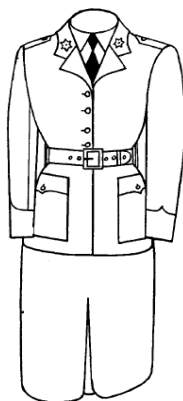


Fig. 33

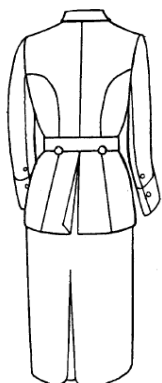


Fig. 34

Photo-image n°28: veste et jupe féminines



Fig. 27

Photo-image n°29: veste masculine



Fig. 118

Photo-image n°30: chaussure à talon...Féminine !

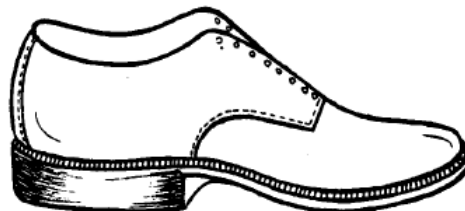


Fig. 117

Photo-image n°31: chaussure à talon...Masculine!

Les tailleurs de la PSP de l'année 1958, à l'évidence de ces croquis, n'ont pas cherché à féminiser l'uniforme de l'agent-femme. Cette tenue, aux antipodes du «sexy», est quasi identique à celle de son homologue masculin.

Pour conclure sur ces pionnières policières portugaises des années 1930 à 1960, l'institution de la PSP, bien que consciente de la nécessité d'intégration de celles-ci pour une meilleure adaptation au public des femmes et enfants, a accompagné plutôt avec réticence ce mouvement aussi bien dans sa réglementation que dans son admission effective. Un seul décret de 1945, un ordre de service (de 1956) émis par un service technique, assorti de précisions sur l'uniforme (1958).

D'un point de vue comparatif sur les polices anglo-saxonnes, française et portugaise, la tendance générale pour tantôt les gouvernants, tantôt les municipalités est ce tiraillement subi entre d'une part une reconnaissance du besoin d'agents formés pour des tâches mixtes, à la fois d'assistance sociale et d'ordre, de l'autre l'inertie complète de l'institution policière séculairement machiste à recevoir ses agentes très spéciales... Par ailleurs, du moins pour les pays de grande tradition démocratique, l'événement de l'entrée de la femme dans la police retentit sous forme de débat, souvent passionné entre différentes instances civiles et soulevant le paradoxe entre droit de policer et interdiction de voter. La Grande Bretagne, enfin, sous l'effet notamment des suffragettes actives, voire engagées dans l'action violente, fut le premier pays à constituer une division hiérarchisée composée exclusivement de femmes (Division of Women Police Patrols), -donc entre elles- dotée de tous les pouvoirs classiques de police, et ce dès le lendemain de la Première Guerre Mondiale.

Au terme de cet encadrement théorique positionné à notre problématique sur les conditions de formation et d'intégration effective de la femme dans la PSP sous l'angle historico-éducatif, cet apport nous permet de dresser une *check list* thématique pour une meilleure compréhension de notre enquête proprement dite.

Notre vigilance épistémologique portera d'abord sur le barrage mental de l'asymétrie des genres déclinée par les Anthropologues Françoise Héritier (2002) et Claude Levi-Strauss (1967), handicap majeur, facteur d'inégalité dans l'intégration des femmes dans le microcosme policier portugais et la manière dont elles peuvent alors renégocier leur statut selon leur propre stratégie.

Alerte, nous le serons aussi sur la force symbolique d'une femme investie de l'autorité extériorisée par l'uniforme. La gardienne *Athena* des cités modernes, déploie ses symboles sous le jeu de l'interactionnisme théâtralisé (Goffman, 1999. Durand, 1960).

Sensibilisé par la description de la communauté des gardiens de la cité décrite par Platon (2002), nous analyserons le sens d'une communauté fusionnelle, famille tribale où vie publique et vie privée se confondent sous la dynamique d'un puissant substrat: la défense de la Cité. Une telle vision fait-elle de la Gardienne de la PSP une actrice vivant par et pour la ville au dedans de ses remparts ?

Dans une approche sociologique cette fois, nous veillerons à appliquer le concept du statut du *Token* (Kanter, 1977) modélisant les interactions entre minorité et majorité d'un milieu professionnel et les stratégies habituelles «des moins de 15%» mises en place pour leur préservation.

L'Histoire de l'Education Portugaise, malgré le contraste entre les régimes politiques qui se sont succédé depuis 1910, nous a révélé un stéréotype du genre féminin persistant où la femme est plutôt reléguée à la gynécée dans un contexte rural et catholique, stéréotype «flottant», aujourd'hui encore, dans l'inconscient collectif lusophone. Comment, dans le jeu des représentations, la pionnière policière portugaise des années 1972 négociera alors une telle vision de son genre ?

Enfin, l'Histoire de la PSP, police créée en 1867 sous la désignation de *Polícia Civica*, nous enseigne, sous le prisme du monopole de la violence légitime, la dimension tantôt acteur, tantôt

agent du policier suivant la dominante civile ou militaire du régime en place. Nous serons attentifs à cette latitude ou non d'action du policier rapportée aux modalités de passage du paradigme répressif à celui préventif. Dans ce contexte, l'Histoire des premières femmes policières dans les Pays anglo-saxons, en France et au Portugal, suscite une observation attentive sur le binôme droit de policer et droits civiques d'une femme spécialisée aux femmes et aux enfants.

Au terme de ce premier titre, découvrons désormais comment les femmes portugaises ont été sélectionnées, instruites puis admises pour surveiller et prévenir l'ordre dans la Cité portugaise.

TITRE DEUX

LA LENTE INTÉGRATION DE LA FEMME DANS LE SYSTÈME DE FORMATION INTÉGRALE DE LA *POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA*

Cette deuxième partie sera consacrée tout d'abord à l'évolution des concours d'admission des femmes dans la PSP: celui des agents, celui des officiers (chapitre un). Une fois admises, nous analyserons alors leurs apprentissages respectifs avec pour optique la question de genre dans des systèmes de formation militarisés à l'origine non conçus à leur intégration.

CHAPITRE UN VARIATION DES MODÈLES D'ADMISSION DES FEMMES PORTUGAISES DEVENUES POLICIÈRES

Nous souhaiterions, avant de présenter diachroniquement le binôme admission/formation de nos protagonistes à l'aide de témoignage vivants de l'époque (II, III), décliner et interpréter les différents modèles et processus administratifs d'admission de l'institution policière, dans une vision plus austère et formelle du Droit Administratif policier portugais (I).

1. La variation des critères d'admission

1-1. L'énoncé des pré requis selon le Droit administratif policier

Dans une logique d'intégration d'une cohorte d'élèves policiers, comment interpréter d'une part les pré-requis (caractères inhérents à la

personne d'aptitudes physiques, intellectuelles et d'aspiration à l'exercice de la profession finale), de l'autre les épreuves d'admission d'un concours administratif PSP? Le concours «en soi» a-t-il pour objet la sélection d'une «perle rare» pour assumer une fonction précisément définie en amont ou resterait un ingénieux filtre «d'élimination» d'une multitude de candidats, intéressés bien trop nombreux par rapport aux postes à pourvoir?⁶⁹ En d'autres termes, la lourde machine institutionnelle du concours policier détecte et choisit les meilleurs profils dans cette mission de représentant de l'ordre ou de manière pragmatique éloigne l'affluence de candidats difficilement gérables?

A la lecture des normes des premiers concours d'agents féminins (1971, 1973, 1974, 1980) quantitativement significatifs (respectivement avec 228, 112, 35 et 298 admises (Données du GEP, DN, PSP), les critères de sélection suivaient invariablement cet ordre: les pré requis, (nationalité, comportement civique, âge, taille, niveau d'études), les épreuves académiques (qualités rédactionnelles et logique), les épreuves physiques (courses, sauts...) et enfin les conditions de préférence (Veuve PSP, meilleures qualifications...). Outre ces critères d'admission, étaient déclinées les principales tâches attendues une fois entrés dans l'actif (fonctions administratives, secouristes, circulation...). Ce descriptif des conditions d'admission et des tâches attendues, restera présent de concours en concours avec simplement des ajustements et modulations en fonction de l'évolution du profil attendue de la femme gardienne de la cité.

⁶⁹Pour exemple de cette disproportion entre nombre de candidats et places disponibles, l'analyse des entrants de l'Ecole d'officiers de la PSP est assez éloquent. Au 27^{ème} concours "Curso de Formação de Oficiais de Polícia 2010/2011", sur 1157 candidats seuls 25 furent admis! Au 17^{ème} (2000-01) sur 700, 20; au 7^{ème} (1990-91), sur 490, 12; au 1^{er} (1984-85) sur 509, 30. (Données aimablement fournies par l'ISCPSI après autorisation de la Direction). C'est certainement pour les organisateurs une prise de décision difficile et l'incertitude de l'excellence du choix, conscients de perdre peut-être de «très bons éléments» conduits non pas par des motivations carriéristes et de sécurité d'emploi mais par celles de «servir» authentiquement selon des valeurs loyalement civiques.

Monsieur Pinto (1991), sur le thème de la philosophie des concours portugais en général, parle d'une «espèce de production sociale d'identités par voie administrative» (p.230) où l'abstraction normative d'un profil serait à l'origine de l'édification d'une certaine identité collective –reproductrice par ailleurs d'une inégalité sociale pré existante. Certes, le concours est en quelque sorte «le calibrage» d'une cohorte de sujets, même s'il, selon nous, ne constitue que le coup d'envoi d'une lente maturation de cette identité collective d'une catégorie d'agents de l'Etat. Mais, cette affirmation, transposée à notre enquête, ne constitue pas «une reproduction sociale» (Bourdieu), par le biais du concours, cet effet «du fils comme le père» est d'autant plus discutable que la fille, pionnière diffère nécessairement de sa mère.

Parmi les pré requis du concours féminin pour devenir policière, certains restent invariables, «la nationalité portugaise ...un comportement moral et civil exemplaire...»⁷⁰, d'autres évoluent, notamment sur deux critères formels: l'âge et la taille. En 1956, 1971 et 73, la candidate doit avoir «plus de 21 ans et moins de 28» et « avoir la hauteur minimum de 1,60m et maximum de 1,75m». Au concours de 1980, la fourchette d'âge des admissibles s'élargit et la hauteur n'est pas limitée sur son point supérieur⁷¹ favorisant l'accès à la profession de presque trois cents candidates.

En ce qui concerne le profil académique de la femme aspirant à devenir agent, l'exigence s'est limitée au niveau d'études de la scolarité obligatoire en vigueur. L'administration policière se calque ainsi sur la politique nationale d'allongement des études instaurée par le ministère de l'Education Nationale. Ainsi, les premières recrues de 1972 n'ont pour la plupart que l'équivalent du CM1 en France. Nées vers 1950,

⁷⁰ Tiré des “Ordem de serviço” n°3 du 28/02/1956 et n.14 (II parte) do 22 de Janeiro de 1973 (recueilli au “Gabinete de Estudos e Planeamento” de la *Direção Nacional* de la PSP)

⁷¹ Despacho n 11/80 CG «não ter menos de 19 anos de idade nem completar 28...ter no mínimo 1,60 m de altura»

époque où, jeunes petites filles, elles étaient encore régies par le *Decreto Lei nº18 140* du «Ministério da Instrução Pública» qui réduisait la scolarité obligatoire à seulement trois années! Les recrues de 1979 auront quatre années d'études minimum (*Decreto lei nº 42 994* do Ministério da Educação Nacional”, 28 de Maio de 1960). Au concours de 1984 (1°. Escola Alistados/85, 25.07.85 avec 22 femmes - Données GEP, DN da PSP.), les jeunes recrues ont réalisé au moins huit années d'études⁷²

Le profil académique de l'élève officier est sensiblement différent de sa future subalterne, profil, inchangé depuis la naissance de l'ESP /ISCPSI en 1984. L'aspirant doit être titulaire de l'«Exame Nacional do 12.º ano» (équivalent du Baccalauréat en France), pré requis qui favorisera deux cultures, celle d'un côté de l'officier «Doutor», de l'autre de l'agent, autodidacte du terrain⁷³,

De façon générale, les pré-requis varient plus chez l'admissible agent féminin que l'admissible officier féminin, pré requis fonctionnant parfois comme un curseur restreignant ou au contraire élargissant l'accès à la profession de policière.

Passant au contenu des évaluations proprement dites de passation, révèle-t-il une formulation d'épreuves *ad hoc* à un public féminin?

⁷²Decreto-Lei nº301/84 do Ministério da Administração Interna, da Justiça, da Educação e do Trabalho e Segurança Social, 7/09/1984. Pour information, les jeunes portugais de 2011, selon la “lei nº85/2009 de 27 de Agosto, sont tenus à la scolarité obligatoire jusqu'à l'âge de 18 ans («em que o aluno perfaça 18 anos», artigo 2.º)

⁷³ La tendance aujourd'hui serait une convergence entre niveaux d'études d'agents et d'officiers. Fréquemment, des agents reprennent leur scolarité, deviennent titulaires d'un Master, voire rédigent des articles (Psychologie, Géographie, Sociologie) dans la revue officielle «Polícia Portuguesa» remettant en cause le monopole du «savoir savant» des Sciences Policières jusqu'alors aux mains des officiers.

1-2. Les épreuves de passation et le profil attendu

Les épreuves «sur table» vont évoluer en l'espace de trois décades, traduisant d'une part l'effet de l'allongement des études obligatoires à l'échelle nationale, de l'autre, l'attente à des candidates capables de résoudre des tâches administratives complexifiées. Au concours de 1973, les épreuves se limitaient à une dictée de 150 mots, à de l'Arithmétique suivie d'un problème simple, enfin d'une épreuve de dactylographie⁷⁴. Au concours de 1980, l'épreuve, reprend le même contenu mais enrichi d'analyse syntaxique ainsi que d'une rédaction-réflexion⁷⁵. En 1986, le Parlement portugais (*Assembleia da República*) en fixant l'enseignement obligatoire à neuf années d'études, jusqu'à la 9^{ème} année⁷⁶ (l'équivalent de la 3^{ème} en France), indirectement, contribuera à une élévation du niveau d'études chez les entrantes agents de la PSP. Les candidates, devaient avoir le niveau d'études correspondant à la scolarité obligatoire de l'époque où elles achevèrent leur formation initiale⁷⁷, ce rehaussement du nombre d'années d'études ayant pris effet environ cinq années après. Au concours de 1980 (1^o EA/81), puis de début 1984 (1^oEA/84), sur le principe d'une péréquation garçons-filles, les épreuves académiques d'admission seront identiques pour tous les candidats, les admis, rassemblés au sein de la même école: «Escola Prática de Polícia».

Les épreuves «au stade», c'est-à-dire celles sportives, du point de vue de la «Motricidade humana» constituent en quelque sorte un échantillon

⁷⁴ Selon l'ordem de Serviço 14 II parte de 22 de Janeiro de 1973 (consultable au GEP, DN, PSP) «Prova de Ortografia, constituída por um ditado de 150 palavras...Prova de aritmética...Prova de dactilografia...Cópia de um trecho de 200 palavras, no tempo máximo de 20 minutos».

⁷⁵ «Prova de redacção sobre um tema dado...Prova de sintaxe e de interpretação de sentido... (Tiré d'une convocation «da Escola de Formação de guardas de Torres Novas » à la destinataire X encore en service aujourd'hui à l'ISCPSI.

⁷⁶ «Lei 46/86 da Assembleia da República

⁷⁷ «Ter como habilitações literárias mínimas a escolaridade obrigatória referida à época em que o candidato a frequentou» (DL n° 134/80 de 19 de Maio art.158.º).

d'épreuves de résistance et d'endurance censé tester efficacement un bon équilibre athlétique de la candidate: sauts en longueur et hauteur, épreuves abdominales et de flexion des bras, courses (1500 mètres et Test de Cooper)⁷⁸. Dans le contexte de concours destinés aux deux genres à la fois, bien que légèrement plus faciles pour les femmes que pour les hommes, ces épreuves physiques vont constituer un véritable «couperet» de sélection surtout pour l'admission à l'école d'officiers.

Ce dédale juridique conserve cependant une cohérence entre l'évolution des fonctions attendues chez la femme entrante à la PSP et les conditions d'accès qui lui sont imposées. D'étape en étape, les concours se complexifient et constituent abstraitement une machine objective de sélection.

Dans les deux tableaux qui suivent (Tableaux n°1 et 2), nous avons voulu:

d'une part, mettre en évidence le procès en trois temps: *sélection selon des pré requis, épreuves d'admission et départage des ex aequo*, présent à tous les concours,

de l'autre, résumer sommairement les étapes successives de l'évolution statutaire féminine à la PSP. La femme policière, du point de vue quantitatif (vers 1956), est à ces débuts essentiellement présente à une position périphérique et ne sera l'*alter ego* de l'homme en tant que gardienne de la cité que dans les années 1980. De simple femme de service (vers 1956), à sténodactylographe (vers 1970) à surveillante de femmes et enfants et au service de la circulation (concours des années 1972 à 74), elle ne conquerra une altérité statutaire qu'en 1981 d'une part pour les concours d'agents (1a Escola de Alistados /81), de l'autre pour la possible promotion à sous chef⁷⁹. Cette altérité sera confirmée

⁷⁸ Selon le « Despacho 10/79/CG de 16 de Abril de 1979 » : « Corrida de 80 metros planos...Salto em altura, da vala...Prova de Abdominais...Prova de flexão de braços...Salto em elevação e em extensão...Prova de corrida... »

⁷⁹ «No Ano letivo 1980/81 funcionará na EPP, pela primeira vez, o curso de promoção a subchefe para agentes femininos» (artigo, °2), processo n°808.02.10 GEP, DN, PSP

en 1987 pour les premières femmes effectivement admises à l'école d'officiers⁸⁰.

Tableau n°1: présentation des items-types sélectifs des différents concours PSP

Profil	Nationalité Casier judiciaire vierge Bonne notoriété civique Niveau d'études Âge Taille Poids
Epreuves d'admission	Visite médicale Evaluation performances physiques Athlétisme, courses et sauts, Evaluation performances académiques dites « aptitudes littéraires » Evaluation du profil psychologique
Critères de départage	moins âgée veuve PSP, niveau d'études plus élevé...

Depuis 1956 à aujourd'hui, le processus général de recrutement des femmes agents, policières au sens *stricto sensu*, se décompose des étapes suivantes:

⁸⁰ 3 femmes pour 21 hommes au 2° CFOP 1985/86 da ESP

Les pré requis associant des conditions physiques à celles civiques de la personne, première étape, filtre radical surtout pour la formulation de la tranche d'âge où de celle de la hauteur des admissibles,

Les épreuves d'admission, composant sur les bonnes conditions physiques et psychologiques de la personne avec ses performances sportives et aptitudes intellectuelles,

Les critères de départage en cas de candidates *ex aequo*, critères pouvant favoriser les membres des familles PSP et renforcer l'esprit de la corporation

Tableau n°2: L'évolution des tâches attendues des femmes candidates à la PSP

Fonctions attendues	“domestiques” 1956 Service nettoyage, bar, réfectoire, personnel de service⁸¹ Services sociaux de la PSP, incluant des installations éducatives⁸² ou récréatives réservées exclusivement aux familles des policiers PSP.
	administratives 1970 Sténodactylographes
	d'assistanat 1972 Spécialisées et restreintes auprès des femmes et enfants
	policières altères 1981 Acceptées à l'exhaustivité des tâches

⁸¹ « Serventes assalariadas » (référence D.L. 39497 DG n°290 I serie, de 31.12 1953) alors que ses fonctions sont souvent actuellement externalisées c'est-à-dire confiées à des sociétés de nettoyage

⁸² Présentes au “serviço de Assistência Sanitária e Materno Infantil dos Serviços Sociais da PSP” (Leandro, 2006, p.17)

Les deux premiers cas de figure, à savoir des fonctions domestiques et administratives, révèlent la nécessité pour la PSP de recruter un personnel «périphérique» pour des tâches propres à toutes institutions étatiques mais non spécifiquement policières, fonctions n'appelant pas à un concours élaboré.

Les deux derniers, en revanche, à savoir des fonctions d'assistantat puis des fonctions altères au genre masculin, participent au principe d'intégration par étapes à la fonction policière proprement dite avec en amont. Ce sont corrélativement, des concours complexes pour repérer et sélectionner des profils compatibles aux tâches attendus. Suivant l'expression de Carreiras (1997), c'est un processus d'«inclusão parcial» (p.21) avec d'abord seulement la surveillance des femmes et enfants, puis, du moins en théorie, la possible intervention pour l'exhaustivité des tâches policières.

Nous souhaiterions désormais confronter ces données abstraites du Droit administratif policier aux témoignages du terrain s'interrogeant sur des distorsions ou au contraire une harmonie entre le normatif et les conditions réelles d'accès.

2. L'évolution du concours d'admission des femmes agents

2-1. Avant 1971 l'admission de la femme policière est rarissime souvent pour des tâches ancillaires ou bureaucratiques

Les deux premières femmes recrutées à la PSP en 1930, Ermelinda Mendes et Emilia Pereira (Clemente, 2002, p.21), ne constituent pas selon nous un précédent, ou du moins un enjeu politique à l'instar des *women police* britanniques des années 1920 (soutenues par les associations féministes) ou des inspectrices assistantes sociales françaises des années 1930 (objet de débats publics à la municipalité de Paris). Ces épigones portugaises, si elles anticipent de fait l'intervention «pour le service spécial de surveillance des femmes et enfants»⁸³ quinze

⁸³ “Para o serviço especial de vigilância de mulheres e crianças” Decreto-lei n.º34882 de 4 de Setembro de 1945

années avant la formulation explicite de cette fonction par le Decreto Lei n.º34882 de 4 de Setembro de 1945, restent selon nous des cas isolés⁸⁴. Ces deux premières hirondelles ne font pas le Printemps!

Ainsi, quantitativement, jusqu'au concours des années 72 à 74, les femmes policières portugaises restent rarissimes, -une dizaine-«avec une existence souterraine sans statut réel pour qu'on puisse en parler et les montrer dans la revue officielle de la corporation»⁸⁵. De fait, elles ne remettent pas en cause la dimension machiste d'une profession à part, caractérisée par une quasi inexistence féminine confirmée par un Droit Civil portugais rétrograde qui dans la société en général n'accordait à la femme ni le Droit de vote, ni celui de divorcer, ni enfin celui enfin de gérer soi-même son patrimoine⁸⁶. Ainsi, la corporation policière reste dans les années 1940 en syntonie avec le stéréotype de la femme à sa gynécée selon les valeurs véhiculées par l'idéologie de l'«Estado Novo».

En revanche, cette fonction domestique, non plus à la maison mais à l'institution même policière va être consacrée par la fonction de

⁸⁴ Cette date de 1930 est pourtant citée par les porte-voix de la PSP chargés de justifier le caractère avant-gardiste de la PSP. Ainsi, «Paulo Flor afirmou que a Polícia foi pioneira na incorporação de mulheres, sendo por isso importante passar para a sociedade civil a informação que existe uma força de segurança em Portugal que desde 1930 recebe mulheres» 07/07/2011 Diário de Notícias. Tiré de <http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content=111111> le 11 décembre 2011

⁸⁵ «uma existência subterrânea sem estatuto suficiente para serem faladas e exibidas na revista oficial desta corporação» (Leandro, 2006, p.16).

⁸⁶ En ce qui concerne le droit de vote il ne sera possible dans les mêmes conditions que pour le citoyen masculin que sous la phase caetaniste du régime (Lei n.º2137 de 26/12/1968).

En ce qui concerne le divorce, il n'était possible pour la femme que pour «relations extraconjugales du mari avec scandale public ou si cette concubine séjourne au domicile conjugal». [Adultério do marido com escândalo público, ou com concubina teúda e manteúda no domicílio conjugal] (artigo 1204.º).

En ce qui concerne la gestion du patrimoine, «tous les biens du couple appartiennent au mari». (Artigo 1189.º)(pour les deux dernières références tirées de *Código Civil Português* (1948). Coimbra : Coimbra Editora, limitada

«Servente Assalariada»⁸⁷ sorte de domestique au service de la corporation appelée aux tâches des repas ou éducatives aux crèches des services sociaux réservés aux familles des policiers. Madame Leandro (2006, p.21), citant H. Carreiras (1997), parle «d'inclusion partielle» de la femme dans la police, assertion à notre sens discutable pour les motifs suivants;

Tout d'abord, ces recrues sont assignées à des tâches périphériques en relation directe avec celles de la maison et non avec celles de vocation policière:

Replacées au livre V de *République* de Platon, ces auxiliaires constituent ainsi un personnel épiphénomène, de nature distincte, cantonné aux tâches ingrates mais en aucun cas des assistantes ou les compagnes des gardiens de la Cité.

Enfin, pour souligner la condition explicitement modeste de la «Servente Assalariada» elle est, selon la réglementation, possiblement contrôlée par le personnel administratif mineur, c'est dire qu'un jeune employé de l'époque, âgé de quatorze ans, pouvait et devait: «Surveiller le service du personnel chargé du nettoyage et vérifier si cela est fait convenablement» (*Ibid.ref.114*).

En ce sens, les recrutements de ce personnel de service vers 1950 n'a pas selon nous constitué un progrès dans l'ouverture de la PSP aux femmes. Au contraire! Ce fut plutôt un transfert de la notion de gynécée-foyer des particuliers à celui du gynécée maison institutionnelle de la PSP, corporation s'entourant d'un personnel ancillaire, et développant cette dimension asymétrique des genres déjà préexistante dans la société. Sous le prisme aristotélicien développé dans l'ouvrage *Politiques*, l'article 218 du DL n.º39 550 du 26/02/1954 peut être interprété dans le sens où le jeune homme, futur citoyen, doté d'une vertu mais incomplète, prétend, malgré tout, plus à gouverner que la

⁸⁷DL 39497 DG nº290 I série, de 31/12/1953

femme, soit elle de l'âge de sa mère , femme restreinte à l'obéissance silencieuse.

En 1970, deux concours de secrétaires⁸⁸ pour hommes et femmes introduiront le principe d'une lente intégration de la femme à la PSP, même si celle-ci reste cantonnée aux tâches de bureau. C'est un premier pas vers l'ouverture de la PSP, en ce sens où l'institution recrute simultanément des membres des deux genres pour des tâches identiques.

2-2. Après 1971, l'admission de la femme est significative pour des tâches policières restreintes.

Mais l'événement, du point de vue de la diachronie des admissions féminines à la PSP, se produit incontestablement en 1971 avec le premier concours «pour le recrutement d'agents du sexe féminin»

Contextualisons l'époque! Nous sommes alors sous le régime de Marcelo Caetano, limité dans sa marge d'action par deux contraintes; une première financière alors que les guerres coloniales appauvrissent du moins freinent l'essor économique du Portugal tandis que les pays au nord des Pyrénées profitent pleinement du boum industriel issu de la reconstruction; limité aussi par le paradigme indéboulonnable du régime politique hérité de Salazar avec une police politique encore très présente (PIDE), un bâillonnement des partis politiques adverses et soit l'emprisonnement forcé, soit l'exil volontaire des leaders de l'opposition⁸⁹. Alors, pourquoi les dirigeants et techniciens de la PSP en

⁸⁸ DG n° 177, II Serie 1/08/70 "escriturários-dactilógrafos de 2º classe dos serviços sociais da PSP" et DG n°253,II série, 31/10/1970 "do quadro geral da Polícia de Segurança Pública".

⁸⁹Le secrétaire du Parti communiste portugais, Alvaro Cunhal resta treize ans en prison pour l'ensemble de ses séjours ! Pour l'anecdote, dans une représentation tragico-comique, Alvaro Cunhal présenta sa thèse de Droit escorté par la police avec un thème avant gardiste sur la dépénalisation de l'avortement en 1940. Il eut la note de 16 sur 20 avec comme membre du jury Marcello Caetano, futur Président du

appellent aux femmes dans la corporation alors qu'une politique de démocratisation du régime ne paraît pas encore vouloir voir le jour?

Dans la consultation des archives de la DN, un cadre de l'équipe du *Gabinete de Estudos e Planeamento* de cette époque là déclarait:

Il apparaît nécessaire de recruter le plus rapidement possible des agents féminins pour la réalisation de quelques fonctions qui par leur nature, peuvent leur être confiées, récupérant ainsi pour la surveillance des rues des agents masculins qui pour l'instant y sont empêchés (Note de service du 16 septembre 1971).

La considération pragmatique l'emporte sur celle symbolique. Alors que les forces vives (c'est-à-dire les hommes valides dans la force de l'âge) du Portugal de 1971 diminuent de manière inquiétante, certains appelés aux guerres coloniales, d'autres émigrant -souvent clandestinement – vers le Nord de l'Europe, les cadres de la PSP, conçoivent en ultime recours l'intégration de femmes dans la PSP, du moins pour des tâches compatibles avec le stéréotype féminin de l'époque afin de voir la rue reconquise par des représentants «mâles» de l'ordre jusqu'alors affectés aux bureaux.

Un article de la même époque de l'organe officiel de la PSP *Polícia Portuguesa*⁹⁰ confirme ce point de vue tout en argumentant les différents avantages d'une incorporation, entendue comme provisoire, de femmes dans l'institution policière urbaine. L'auteur – anonyme- souligne cette transmission de tâches secondaires et rebutantes aux femmes: «en les utilisant dans des fonctions bureaucratiques, elles permettront de récupérer pour le service de surveillance classique quelques uns des

conseil et successeur de António Salazar en septembre 1968 (info tiré de http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%811_Cunhal le 16 décembre 2011). Mario Soares, du Parti socialiste, séjourna quant à lui trois ans en prison et s'exila en France en 1970 pour ne revenir en libérateur qu'après le 25 avril.

⁹⁰ 1971, Novembro e Dezembro. *Alistamento e instrução das novas Guardas da PSP*. n°208, p.3 e 4.

agents qui jusqu'alors y étaient affectés»⁹¹. Deuxième argument, c'est aussi «la possibilité de recruter quelques unes avec un niveau culturel plus satisfaisant»⁹² puisque: «ont concouru 678 candidates avec un niveau d'études littéraires et professionnelles très appréciable»⁹³. Pour conclure son argumentation, l'auteur déclare:

parfaitement justifié l'intérêt majeur d'une telle initiative, qui reste dans la ligne de préoccupation constante pour la PSP de servir toujours mieux le public et les intérêts nationaux de manière à continuer à mériter la confiance que la population et le gouvernement témoignent en elle (*Ibid.*, p.4).

La nouvelle venue, plus cultivée, prête à suppléer aux tâches triviales administratives, satisfera à la fois les intérêts des gouvernants et ceux de la population, ce commentateur (anonyme) de *Polícia Portuguesa*, ménageant les intérêts de ses supérieurs politiques tout en suggérant une notion de service public contrastant avec le paradigme brutal d'intervention de la PSP d'alors.

Certes, les nouvelles venues, sont tout d'abord nombreuses (228 comparées à la dizaine antérieurement) et surtout affectées, du moins du point de vue normatif, à des fonctions complémentaires de celles des policiers en voie de devenir leurs homologues. Ainsi, à ce premier concours, les fonctions classiques déjà existantes, de fait, ne surprennent pas, à savoir: la surveillance ou assistance de femmes et

⁹¹ « utilizando-as em funções burocráticas, permitirão recuperar para os serviços de policiamento normal alguns dos guardas que as estão desempenhando » (*Ibid.*, p.3)

⁹² « Possibilidade de recrutar algumas com um nível cultural mais satisfatório » (*Ibid.*)

⁹³ Même si pour l'ensemble des concurrentes, l'immense majorité n'avait que la 4^{ème} classe (536 sur 678 selon l'article) (l'équivalent de la 8^{ème} en France ou CM1, bien que la comparaison soit discutable comparant des niveaux d'études de deux époques différentes avec des contenus de cursus, aux objectifs distincts: le premier pragmatique pour l'acquisition rapide de compétences de base (lire, écrire, compter) le deuxième pour insérer des activités d'éveil dans un projet de cursus à beaucoup plus long terme.

enfants, le secrétariat, le standard, ou les soins paramédicaux. En revanche, la nouveauté réside dans l'attribution des fonctions suivantes: collaboration dans des interventions policières ainsi qu'au service de la circulation routière⁹⁴. Ces dispositions, à terme rapprocheront agents des deux genres en vue de leur altérité fonctionnelle. L'admission de 1971 est ainsi conçue chez les techniciens de la PSP comme pouvant collaborer aux mêmes fonctions et non plus comme un élément ancillaire isolé aux tâches non nobles «déprestigiantes» pour la profession de gardien de la cité. Cette tendance normative, c'est-à-dire juridiquement, «sur le papier», sera confirmée aux concours de 1973 et 74.

Même si ce premier concours fait date, les symboles classiques de l'autorité, la matraque et le pistolet ne font pas encore partie de l'équipement féminin⁹⁵, femme contrainte par ailleurs au port de la jupe et des chaussures demi-talons comme pour lui rappeler que la force physique est réservée au cercle restreint des agents mâles de la profession.

D'un point de vue administratif, cette fois, il reste un *hic*, celui même de l'impossibilité d'avancement, pour la nouvelle gardienne cantonnée au grade le plus bas de la hiérarchie sous une dénomination péjorative: «Agent provisoire de 2^{ème} classe»⁹⁶. Cette perspective figée de la carrière professionnelle, du point de vue statistique, incitera à

⁹⁴ “a) Vigilância de mulheres e crianças e fins assistenciais; b) Escriurárias nos diversos serviços burocráticos (secretarias, repartições, etc.); c) Ajudantes de enfermeiro na parte de socorros e ambulâncias; d) Colaboração em diligências ou acções policiais, quando necessário; e) Colaboração nos serviços de trânsito, na fiscalização de infracções e na protecção de crianças, pessoas idosas e deficientes físicos; f) Agentes dos serviços de assistência turística da PSP; e) Telefonistas.” (OS n° 14 II Parte de 22 de Janeiro de 1973 reprise du DG, n°228, II Série, 27 de Setembro 1971

⁹⁵ “não uso de calças nem o uso de armamento (Cassetete, pistola)”, (Leandro, 2006, p.60).

⁹⁶ “Guardas provisórias de sexo feminino”

l'abandon de la profession de près d'un quart de cette première cohorte⁹⁷. Ainsi, les cadres de l'administration policière, s'ils appellent en urgence au renfort féminin à la corporation, c'est de manière purement pragmatique et non symbolique: elle est entendue encore comme personnel d'appoint remettant à plus tard la grande question de l'altérité des genres du point de vue de la carrière dans la corporation de la PSP. Cette question pour les premières entrantes ne sera résolue que dix ans plus tard, en 1981, avec d'une part le possible «recyclage» des compétences dans la profession, de l'autre l'ouverture aux femmes agents du premier concours au poste de sous chef.

Repositionnés à l'année 1971, Qu'est-ce qui motiva ces admissibles à ce premier concours? Un idéal professionnel, la recherche d'un emploi fixe? Une volonté d'émancipation de la tutelle familiale? Le profil type, selon les interrogées de Mme Leandro (2006, p.40 et s.) est une jeune fille d'origine rurale, mais vivant en ville dans des conditions plus ou moins précaires, et exerçant déjà de longue date une profession (pour la plupart entrées dans la vie active dès 12/14 ans comme employées, couturières, serveuses, ouvrières dans le textile...). Par ailleurs près de 42 %⁹⁸ sont déjà mères de famille, transformation biologique renforçant une certaine maturité mentale précoce ainsi qu'une responsabilisation matérielle pour subvenir à sa descendance avant même d'entrer dans la corporation policière

Ainsi, aux concours de 1971, 1973 et 1974 desquels sortirent respectivement 228, 112 et 35 agents féminins, les admissibles ont un profil de femme déjà expérimentée et non de jeune fille au terme de leur scolarité. Elles viennent dans la police d'un point de vue pratique et non dans un idéal qui aurait été formulée dans l'imaginaire d'un quotidien scolaire. Si vocation il y a, elle reste orientée par des fins utilitaires.

⁹⁷ 51 sur les 228 premières entrantes selon les données du GEP de la DN.

⁹⁸ 95 sur les 228 entrantes du concours de 1971 (Données du GEP, DN rapportée par Leandro, 2006, p.35)

Immédiatement après le 25 avril, la PSP, connotée jusqu'alors par la population comme violente, sut se positionner dans une réserve et transformer progressivement son paradigme d'intervention depuis celui répressif aux ordres d'un état relativement totalitaire à celui préventif dans un contexte démocratisé. Cependant cette délicate mutation philosophique policière ne s'est pas immédiatement accompagnée d'un appel à d'autres femmes policières. En effet, il faudra attendre 1980 pour faire à nouveau appel aux protagonistes de notre enquête.

2-3. A partir de 1981, le concours d'admission des femmes adopte une philosophie égalitariste

La 1^{ère} «Escola de Alistados» de 1981 intégra 660 nouveaux éléments dont 298 femmes soit 45 % de cette nouvelle cohorte. C'est un précédent! Mais alors, pourquoi la PSP s'est abstenue de recruter des femmes entre 1974 et 1981 ?⁹⁹ Quelle fut la genèse de cette entrée massive du point de vue quantitatif, unique dans les annales des concours PSP?

Du point de vue des techniciens du GEP de la DN, il était urgent de recruter des femmes, décision politiquement épineuse dans la contradiction entre un recrutement à la hâte et un possible ou non avancement à la PSP. Le propre «Comandante Geral» de l'époque constatait un *quid* de la femme à la police, sorte de sujet tabou qu'il fallait enfin résoudre:

La définition d'une carrière féminine à la PSP a constitué une préoccupation depuis déjà longtemps du Commandement Général. Il s'agit, de manière générale de créer un corps féminin policier. Bien qu'aient été élaborés des circulaires nominatives,

⁹⁹ Entre 1977 et 1980 furent admis 1398 agents exclusivement du genre masculin. Données des *Recursos Humanos* de la DN de la PSP.

des rapports, des normes etc. qui prétendaient «démarrer» des solutions, sans que pourtant ait été prise une décision finale sur la constitution du corps. De notre point de vue, assuré que la mission attribuée à une agent féminin est et doit être, de manière générale identique à celle qui est attribuée à un agent masculin alors que la problématique de la différenciation n'a pas pour autant disparu et prétendre oublier cette réalité nous paraît grave¹⁰⁰

Le Directeur National de la PSP lui-même, relatant l'indécision institutionnelle à ouvrir ou non la police aux femmes et si oui selon quelles conditions, tranche en faveur. S'ouvre alors un ensemble de questions dont les avis des membres de la corporation vont parfois diverger. Les attributions des policières portugaises doivent-elles ou non être identiques à celles de leurs homologues masculins? Doit-on mettre en place une échelle de carrière avec possible promotion? Si oui selon un tableau distinct des hommes ou inséré au même? Corrélativement, si le contenu de la formation initiale des femmes agents est identique à celui des hommes, doivent-elles ou non être intégrées dans le régime mixte («co-educação») ?

Sur Le premier point, la circulaire : «Despacho n°30/79/CG», intitulée « restructuration de la carrière féminine de la PSP et inscription et suivi des cours de 1980»¹⁰¹ nuance le rayon des tâches opérationnelles aux «Service de la circulation et aux rondes en équipe», suggérant plus une synergie hommes-femmes qu'une complète altérité dans l'usage de la violence légitime.

Sur le deuxième point, le rapport du GEP de la DN de l'année 1979 intitulé « Quadro orgânico feminino da PSP (Projecto de Decreto-Lei)» rappelle la nécessité de:

¹⁰⁰ Despacho n°. 17/81/CG do Comandante-Geral João de Almeida Bruno. Brigadeiro date du 22 septembre 1981. Document disponible aux archives du GEP de la DN.

¹⁰¹ « Despacho n°30/79/CG. Reestruturação da carreira feminina e alistamento e frequência de cursos em 1980» (Archives GEP, DN)

créer des motivations permettant de stimuler la carrière policière féminine[...] alors que certaines candidates avec un certain degré de culture choisissent d'autres emplois avec une meilleure stabilité socio-économique ou avec des possibilités d'accession dans la carrière hiérarchique. Qu'enfin, «cette démotivation est à l'origine de constantes demandes de démission. (P° 808.02.10 disponible aux archives du GEP de la DN).

Les auteurs du rapport (anonymes), après cet exposé des faits, appellent à la création d'un «tableau organique féminin parallèle à celui masculin, non pour se substituer à lui, mais avant tout pour le compléter selon des droits et devoirs identiques. Permettre une évolution de carrière oui mais, restant du point de vue des genres, distincte administrativement.

Sur le troisième point enfin, officiellement, la formation des agents va être identique entre hommes et femmes: «mon école était mixte» (Duarte, 2008, p.5) selon une agente de la promotion de 1980, une autre affirmant que le «partage de l'espace entre hommes et femmes était exclusivement au réfectoire» (*Ibid*, p.9). Une troisième affirmant qu'il y avait une interdiction pour «les garçons et les filles de se rencontrer dans les couloirs et de converser dans la salle commune. L'unique moment où nous pouvions être côte à côte était peut-être quand nous avions Education Physique. Même ainsi, c'était difficile» (*Ibid*. p.69). Les souvenirs des protagonistes restent confus. Selon des témoignages photographiques tirés des archives du cabinet de relations publiques de la *Direção Nacional*. (voir tableau de portraits n°9, ci-dessous), les effectifs de l'EPP de la 1° Escola de Alistadas de 1980, malgré un cursus identique, étaient répartis par genre, aussi bien en classe, qu'au sport ou en pelotons. Au dortoir, aussi. Evidemment!

Ces différents diapasons sur l'attribution des tâches, sur les modalités de carrière et enfin sur le degré de mixité en formation initiale des entrantes de l'année 1980 s'harmoniseront avec le Décret-loi

n°134/80, redéfinissant une fois pour toutes et précisément les conditions univoques et définitives de leur intégration dans la police. L'agent féminin, entièrement altière de son homologue masculin, va être formée pour exercer ses fonctions dans des conditions identiques, en quelque sorte asexuée mais pas pour autant une virago. C'est ainsi «l'admission d'agents des deux genres, dans une presque égalité de circonstances et pour des missions identiques, sauvegardant seulement les aspects relatifs à la condition féminine»¹⁰². Malgré une dimension tacite de l'expression «condition féminine» cette disposition réglementaire peut être considérée comme une victoire notable dans l'intégration des femmes dans la PSP. Cohérente, elle impliquera que les éléments recrutés dans les années 1971 à 1974 se «recyclent» et réajustent un niveau d'études relativement faible (formation initiale des années 1962) par rapport à leurs consœurs¹⁰³. Autre corolaire, elle permettra aussi aux éléments féminins déjà en place à se présenter aux concours de sous chefs et de chefs à l'instar de leurs homologues masculins¹⁰⁴

Cette philosophie égalitariste amorcée en 1980 reste aujourd'hui incontestable et la considération de genre du point de vue des normes administratives policières d'admission n'est plus soulevée à l'exception du *Grupo de Operações Especiais*, (GOE) unité d'élite anti-terroriste, où l'intégration à ce jour par des éléments féminins reste inédite. Certes, cette égalisation abstraite ne rend pas compte de la forte minorité des admissibles féminins, 6,6 % contre 93,4%¹⁰⁵ entre 1977 et 2011 pour les

¹⁰² Préambule du Decreto-Lei 134-80.

¹⁰³ «il devient ainsi indispensable que les actuelles agents féminins de la Corporation [...] acquièrent une préparation analogue et puissent développer les mêmes tâches que le personnel sorti de la 1ère. EA/81...» (Despacho n°27/80/CG).

¹⁰⁴ «Pour l'année scolaire 1980/81, fonctionnera pour la première fois à l'EPP le cours de promotion à sous-chef pour agents féminins (Artigo n°2-1 « No ano lectivo 1980/81, , O.S. n.°168 (I Parte), de 11 DEZ79)

¹⁰⁵ Données des Ressources Humaines de la DN.

agents. Mais s'il existe encore des freins dans l'accès à la profession policière à l'égard des femmes portugaises, c'est du point de vue des pratiques ou des mentalités mais non du Droit administratif policier.

3. La permanence des modalités du concours mixte d'admission d'officiers

L'ESP/ISCPSI, créée en 1984, nous le savons, a pour mission première, depuis sa naissance, de former «des officiers de police et promouvoir son permanent perfectionnement»¹⁰⁶. Pépinière des cadres composant la tête pensante de la corporation, l'ESP, connu à ses origines des contraintes, en concurrence notamment avec les officiers militaires alors cadres de l'Institution policière bien qu'issus de l'*Academia Militar* et spécialisés non pour prévenir la criminalité dans la ville mais pour défendre le territoire national contre un envahisseur externe (Paymal, 2008). Ces frictions une fois surmontées, l'ISCPSI forme aujourd'hui l'intégralité des officiers de la PSP. Ceux de *Alta Patente* promus par leur ancienneté au sommet de la hiérarchie proviennent aujourd'hui, vingt trois après l'incorporation d'officiers de la nouvelle génération de cette même maison mère: l'ESP /ISCPSI.

3-1. Les effets de candidats nombreux

L'école Supérieure de Police, par les garanties statutaires qu'elle promet, par la rémunération progressive attribuée aux *alunos cadetes* puis officiers, et ce à partir de la première année de scolarité, enfin par le prestige du potentiel de commandement qu'elle procure, attire de nombreux jeunes, motivés pour passer et réussir le concours d'entrée. Victime de son succès, entre 1984 et 2010, vingt-mille quarante deux

¹⁰⁶ “formar oficiais de polícia, promover o seu aperfeiçoamento permanente...” n°1 artigo 78 da Lei n°5/99 de 27 de Janeiro)

jeunes garçons et filles (20 042!) ont aspiré à devenir officiers de la PSP desquels, genres confondus seulement 536 ont pu réaliser ce projet de carrière professionnelle, ce qui correspond globalement sur l'ensemble de la période à un admis pour 37 candidats!

La *Direcção do Ensino* de l'ESP/ISCPSI, dans sa recherche de futurs officiers d'excellence, a mis en place un concours d'admission véritablement marathonien incluant outre les épreuves classiques médicales, psychologiques, physiques et intellectuelles, une épreuve dite de vocation, constituée par un entretien destiné à «sentir» l'intégrité et l'éthique du candidat¹⁰⁷. Du point de vue des organisateurs, la complexe machine de sélection doit assurer une objectivité et le cas échéant une possible «sur sélection» pour juguler l'affluence toujours plus nombreuse de candidats. Du côté des jeunes garçons et filles qui se présentent, c'est le clivage entre une extrême minorité élue banalisant souvent après coup leur succès et une véritable armée de «rejetés», souvent amers d'avoir défailli et parfois même se sentant victimes d'une injustice.

3-2. Le filtre des épreuves sportives rapporté à la distinction de genres

Parmi les épreuves de sélection, celle sportive, selon une modalité spéciale pour les filles, a déjà fait l'objet de critiques, parfois verbales de la part des candidates rejetées, parfois écrites dans la littérature sociologique (Leandro 2006, Durão 2003).

Suzana Durão (2004) rappelle, presque étonnée, la grande valeur attribuée à la robustesse physique par les pédagogues policiers et civils des écoles de police portugaises (EPP et ISCPSI): «Les épreuves

¹⁰⁷ Portaria n.º101/95 de 2 de Fevereiro

physiques ont un niveau d'exigence élevé et reflètent le poids que la condition physique a dans l'organisation» (p.60). En effet, dans la lecture, par exemple, des paramètres d'évaluation des stages de l'aspirant officier en 5^{ème} et dernière année d'études, la gestion du stress et la «capacité de supporter des périodes de travail intense ou des situations inconfortables ou violentes exigeant des efforts intensifs ou prolongés»¹⁰⁸ exprime explicitement l'exigence d'une excellence robuste physique. Les spécialistes de Psychomotricité et responsables des épreuves physiques d'admission de l'ISCPSI, Messieurs L. Monteiro, A. Barata et L. Massuça (2009), soulignent quant à eux cette indispensable permanence de forme physique dans l'éventualité d'une intervention en force inopinée pour prévenir toute éventualité d'agression sur des citoyens:

L'aptitude physique du policier est la capacité qu'il possède pour effectuer des tâches physiques. Bien que la profession policière ait beaucoup de moments de presque inactivité physique, si nous la comparons avec d'autres groupes professionnels, il sera légitime de dire que les policiers ont besoin très fréquemment d'agir physiquement, de manière à réaliser efficacement les missions qui leur sont attribuées. Ces fonctions policières requièrent un plus grand effort physique, d'importance primordiale pour la sécurité publique. Au-delà de l'importance pour la santé, comme d'une optimisation des ressources humaines, l'aptitude physique est importante pour l'image des agents de l'ordre. (p.1008).

Dans le cadre du projet de formation intégrale de l'ESP /ISCPSI où nous fûmes enseignant, la composante physique, selon nous, une fois associée à celles intellectuelle et culturelle, fournit assurément des compétences transversales, d'auto estime, d'ouverture, de tolérance et modestie.

¹⁰⁸Anexo I do Regulamento do Estágio do ISCPSI (Tiré de <http://www.iscpsi.pt/anexos/regulamento%20de%20est%C3%A1gio%20do%20micp.pdf>)

Ce débat de l'exigence d'une sportivité de haut niveau – d'ailleurs parfait *remake* de la conception platonicienne exprimée au Livre V de *Républiques*-, rapportée temporellement à l'ouverture de l'ESP en 1984 se traduit de quelle manière quant à nos protagonistes femmes gardiennes-*leaders* de la cité?

La *Comissão Instaladora*, chargée de créer *Ex Nihilo* l'ESP, accepta facilement le principe de candidats des deux genres dans la continuité même de la réforme amorcée en 1980 pour l'admission des agents. Cependant, comme aucun élément féminin n'avait pu réussir aux épreuves sportives du premier CFOP (année de sortie 1989), épreuves alors rigoureusement identiques aux garçons et aux filles. La question s'était alors posée d'adopter ou non des mesures de discrimination positive à ce type d'épreuves. C'est ce que nous explique Monsieur Afonso de Almeida, fondateur et premier directeur de l'établissement:

J'ai défendu en réunion de la Commission d'installation la nécessité de reconnaître aux femmes le Droit à la différence, prenant en compte leur nature organique, pouvant de la sorte respecter le «principe constitutionnel de l'égalité d'opportunités».Ce Droit fut concrétisé en fixant des épreuves physiques différenciées pour les hommes et pour les femmes, avec un degré d'exigence plus ou moins identique¹⁰⁹

Ce décalage dans le barème sportif ¹¹⁰ en faveur des jeunes filles candidates va-t-il pour autant rééquilibrer l'accès du point de vue des genres ?

¹⁰⁹ Entretien aimablement accordé au chercheur le 15 juillet 2011.

¹¹⁰ Respectivement pour les garçons puis pour les filles: aux cent mètres 13,9s contre 16,3, saut en longueur 2,20m contre 1,89, saut d'un mur 1m contre 0,80 cm, impulsion verticale 0,45m contre 0,35 m, traction des bras 5 contre 2, flexions abdominales en 45 s 30 contre 25, course de 1000 mètres 3m40s contre 4m35s 100mètres en 13,6 s, (Portaria n.º101/95 de 2 de Fevereiro). Ce décalage du barème sera par la suite encore révisé après 1996.

Susana Durão (2004), Anthropologue de la ville, à partir d'une observation *in situ* au *Estádio Universitário* de Lisbonne en juin 2001, reste critique quant à l'objectivité des épreuves sportives d'admission. Selon elle, les filles seraient défavorisées pour les motifs suivants:

Elles sont moins bien informées [...] Au cours des évaluations réservées aux filles, les responsables superviseurs s'investissent de manière plus informelle [...] Les filles ne s'attendaient pas à ce que les épreuves soient en juin alors qu'elle étaient encore en examens scolaires et qu'elles n'avaient encore eu le temps de se préparer [...] Enfin, une candidate agent se croyait sur un show de «pop-stars» (p.61 et s.)

Notre objectif n'est pas d'analyser la véracité de telles assertions au demeurant formulées sur un seul témoignage oculaire assorti de conversations informelles sur le vif. Restant prudent quant aux discours susceptibles de présenter la femme prétendante à la fonction policière sous l'angle d'une victimisation, nous nous limiterons à évaluer la proportion d'échecs aux épreuves sportives à l'aide des données statistiques, aimablement fournies par la *Direcção do Ensino* de l'Ecole.

Le tableau (N°3) révèle sur trois «clichés» à dix ans d'intervalle, un plus fort échec des filles que les garçons aux épreuves sportives, même si l'écart tende à se réduire (55 points de différence en 1984, contre 23 en 1994 et 2004)¹¹¹

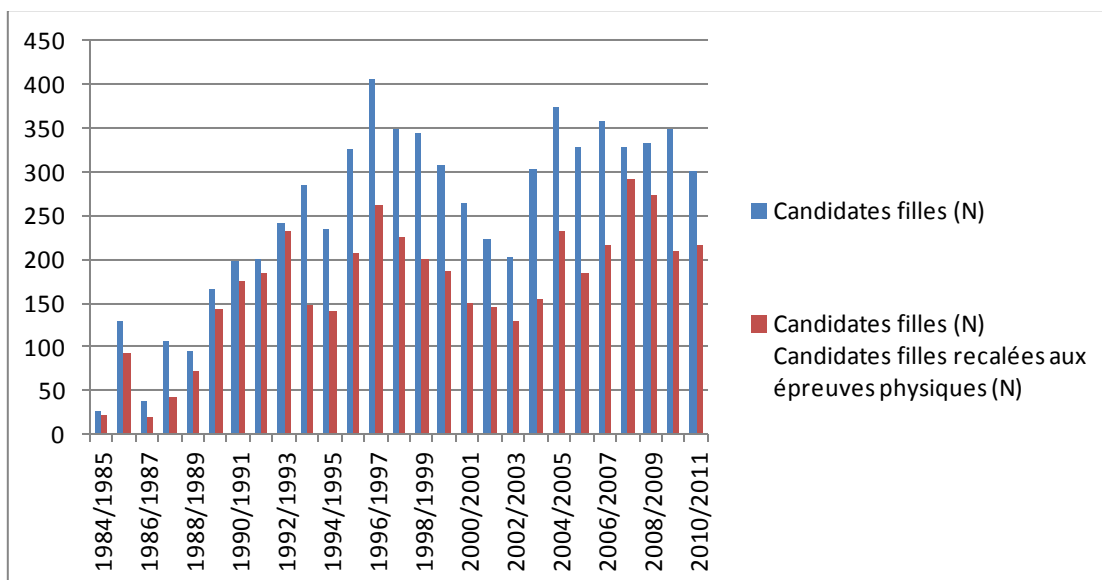
¹¹¹ A noter que les épreuves psychologiques c'est à dire celles destinées à déceler des pathologies mentales du candidat incompatibles avec les exigences d'équilibre mental et de sang froid propre à l'officier d'excellence d'une police moderne en état démocratique sont beaucoup plus sélectives pour les garçons que pour les filles (43 points de différence en 1994 et 45 en 2004).

Tableau n°3: Evolution pour les années 1984/1994/2004 des trois principaux motifs d'abandon analysés par genre (en pourcentage)

Motifs d'insuccès	1984	1994	2004
Pièces au dossier			
Garçons	37%	20%	16%
Filles	19%	18%	31%
Physique			
Garçons	23%	39%	43%
...Filles	78%	62%	66%
Psychologique			
Garçons	2%	45%	46%
...Filles	0%	2%	1%

Source : données ISCPsi

Dans l'analyse du graphique n°1, est révélé, qu'en effet, l'échec aux épreuves sportives est le principal motif de rejet des candidates bien qu'avec une réforme de discrimination positive dans les années 1996, l'échec puisse être aussi pour des motifs académiques.

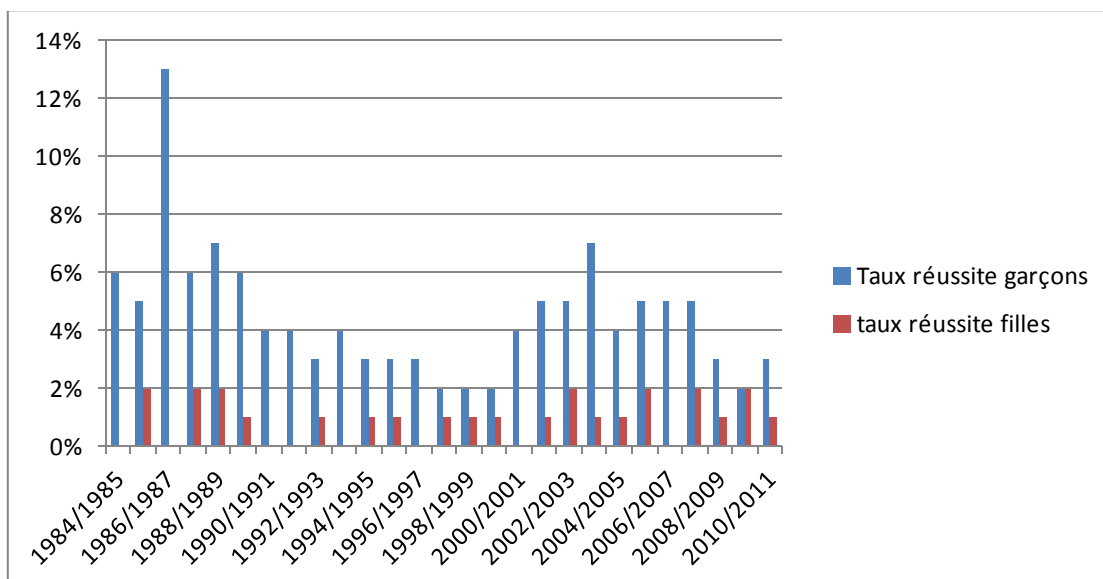


Sources : Données ISCPsi

Graphique n°1: évolution des candidates filles (N) ayant échoué aux épreuves physiques d'admission de l'ESP/ISCPsi rapportée aux nombre de candidates (Sources: données ISCPsi)

De façon générale, à partir du graphique n°2, le taux de réussite pour les garçons et filles est extrêmement faible, encore plus pour les secondes. Ainsi, sur une période vingt-six années, le taux d'admission est d'environ 4 admis garçons pour cent candidats du même genre tandis que 1 admise pour cent candidates du même genre.

Si l'assertion de Madame Durão (2004) se confirme, elle ne signifie part pour autant de la part des organisateurs du concours une misogynie ou une malignité volontaire. Ces faits traduisent aussi, selon nous, l'incontournable difficulté pour un élément minoritaire à accéder à une profession répondant à d'autres stéréotypes coutumiers d'intégration.



Sources : Données ISCPsi

Graphique n°2 : Evolution du taux de réussite des entrants (en abscisse le pourcentage en ordonnées, les années de promotion, en bleu les garçons, en ocre les filles, (chaque pourcentage est rapporté à la population du même genre).

Nous souhaiterions conclure notre commentaire sur les modalités des épreuves physiques réservées aux filles ayant aspiré à devenir officiers par quelques photos tirées des archives de l'ISCPSI qui selon nous, expriment, d'un côté la forte ritualisation d'une épreuve déterminante, de l'autre, un souci d'objectivité et de régularité des épreuves de la part de la Direction de l'ESP /ISCPSI.

Album n °7 de portraits

Le Concours d'entrée à l'Ecole ISCPSI pour l'année 1998/1999, épreuves de sport pour la cohorte de filles (sources: archives photographiques de l'ISCPSI)



Image n°32: « Flexions de bras sur la barre en opposition »*



Image n°33: Explication des consignes de passation par la Commandante du *Corpo de Alunos*



Image n°34: chronométrage de course: «100 mètres dans le temps maximum de 16,3 s» ou «1000 mètres dans le temps max. de 4,35m»



Image n°35:
L'intervalle et le repos – mérité!- des organisateurs ...

*Epreuves décrites à la Portaria n.101/95 de 2 de Fevereiro Diário da República I Série-B

Sur le cliché n°32, c'est une candidate à l'épreuve éliminatoire des tractions de bras, où, suivant le succès ou non de son effort sur cette forme de potence «supplice», se joue son avenir comme officier de police. Ses homologues candidates l'observent mi amusées ou perplexes.¹¹²

Sur l'image n°33, l'officier femme chargée de la sélection sportive, vêtue elle-même de la tenue de jogging réglementaire policière, donne des instructions aux candidates du même genre tandis qu'un représentant homme de l'Institut, silencieux (Enseignant «Doutor»), vêtu en civil, observe, (la main au menton) le déroulement de l'épreuve. D'un côté, l'œil même institutionnel, de l'autre un cadre féminin «clef» de la maison¹¹³ coordonne, attentive, le bon déroulement des épreuves: enfin, toutes ces candidates, confrontées au prochain obstacle-défi, peut-être le dernier et donc l'écroulement d'une aspiration de leader gardienne de la Cité...

Sur l'image n°34, les organisateurs masculins, chapeaux sur la tête, paraissent tous subordonnés à l'officier féminin organisatrice des épreuves, les trois hommes fixant le sol sous un apparent Soleil de début d'Été. L'officier femme, le visage droit, austère et attentif, le stylo à la main, veille à l'impartialité des épreuves.

L'image n°35 nous révèle deux organisateurs, couple original, dans un réconfort bien mérité entre deux épreuves, dans une nonchalance humaine contrastant au rythme nécessairement spartiate qu'ils imposent aux amazones, prétendantes à garder la Cité. On pourrait aussi y voir un couple où la nonchalance physique contraste avec les différents insignes extérieurs de jury policier.

Au terme de ce premier chapitre consacré aux conditions d'admission des femmes à la PSP depuis 1956 à nos jours, soient-elles pour devenir agents, soient officiers, nous avons pu constater que les différents processus de recrutement respectent tous certains invariants à savoir des pré-requis, une série d'épreuves (physiques, intellectuelles,

¹¹² Une collègue de Faculté du chercheur, aujourd'hui Docteure en Mathématiques, ancienne candidate à l'ISCPSI avait échoué à l'épreuve de flexions des bras. Elle m'expliqua son sentiment d'une rivalité entre filles, certaines venues du milieu rural du Nord du Portugal et déjà robustes par les travaux agricoles, d'autres citadines de Lisbonne, les dites «Alfacinhas» [les petites salades].

¹¹³La Commandante do ICAL joue un rôle déterminant dans le cursus et le dynamisme du système de formation intégrale de l'ISCPSI, plus particulièrement dans le registre « comportemental et attitudinal », l'élève restant évalué dans la permanence du régime en internat (Paymal, 2008).

psychologiques, entretien de vocation parfois) et enfin de possibles critères pour départager des candidats *ex aequo*.

En ce qui concerne l'évolution de l'admission des agents, jusqu'en 1971, les femmes affectées à la surveillance des femmes et enfants étaient rarissimes les autres ayant été affectées à des tâches ancillaires et périphériques mais non au sens *stricto sensu* intégrées à la PSP. A partir de 1971, les femmes bien plus nombreuses voient leur champ d'attributions élargi non plus seulement sur les femmes et enfants mais aussi sur la circulation en ville. Ce n'est qu'à partir du concours de 1980, que la femme policière devient l'*alter ego* de l'homme agent, acceptée enfin pour toutes les missions (exceptées celles du GOE) pour revendiquer et gagner une possible évolution de carrière selon un tableau administratif unique quelque soit le genre.

En ce qui concerne l'admission des femmes officiers, le concours depuis 1984, date de la naissance de l'ESP/ISCPSI, reste dans son ensemble inchangé, excepté pour des mesures de discrimination positive en faveur des filles aux épreuves physiques. Les données statistiques nous ont révélé une sélection impitoyable pour les garçons mais encore plus pour les filles, ces dernières combattantes pour un milieu encore aujourd'hui traditionnellement machiste.

Du point de vue historique du Droit Administratif policier portugais, les étapes de l'intégration de la femme n'expriment pas une volonté politique de réforme symbolique dans un contexte d'égalisation des genres; ces étapes traduisent plus des considérations pragmatiques tantôt pour suppléer au manque des effectifs masculins, tantôt pour des tâches sensibles vers un public particulier: les femmes, les enfants, puis la relation plus ouverte au citoyen. La femme est entrée à la PSP, presque au cas par cas, dans l'urgence, jusqu'à ce que, à partir de 1980, les gouvernants et cadres de la PSP finissent par reconnaître

l'exigence d'une définition d'une possible carrière de la femme dans la police et corrélativement son intégration définitive.

Si l'institution policière portugaise, admet des femmes, elle doit ensuite les former, pour les préparer aux différentes missions, routinières comme imprévues qui constituent le quotidien du gardien de la cité.

Suivant que la femme aspire à devenir agent ou officier, la durée¹¹⁴ et le contenu du cursus dispensé ainsi que les débouchés sont distincts, les premières appelées aux services «opérationnels ou internes», les deuxièmes, dès leur sortie, «à commander une unité opérationnelle au niveau d'un commissariat»¹¹⁵. Madame Durão (2010), citant le cas américain, souligne la même présence au Portugal d'une culture des policiers de la rue (*street cops*) et une culture des policiers gestionnaires (*management cops*) (p.284). Ces deux cultures sépareraient, d'un côté les «Officiels Doutors», membres du commando, de l'autre les agents du terrain, ces derniers souvent dotés du pouvoir de la rue, agents acteurs, seuls confrontés au chaos urbain. Notre propos sera d'analyser l'évolution des formations respectives de ces deux catégories de policières ainsi que la négociation de cette protagoniste en tant que femme positionnée dans un système de formation intégrale militarisé conçu depuis des lustres par des hommes et pour des hommes. Au terme de ces deux processus de formation, femme agents et femmes officiers sont-elles ou non alors effectivement éloignées l'une de l'autre indépendamment du lien hiérarchique ?

¹¹⁴ Durée qui a varié 4 mois à 9 mois pour les agentes depuis 1971 jusqu'à nos jours et cinq ans pour les officiers en comptant la dernière année de stage.

¹¹⁵ «Agente principal e agente...Serviços operacionais e serviços internos...Subcomissário...Comando de uma unidade operacional ao nível de esquadra» (Lei 5/99 de 27 de Janeiro, sobre a organização e funcionamento da PSP

CHAPITRE DEUX

LA FORMATION INITIALE DE LA FEMME AGENT CONSTITUE UN RITUEL INITIATIQUE

Du côté des protagonistes entrantes qui se sont succédé de 71 à nos jours, les deux idées majeures recueillies sont d'une part un choc d'intégration fortement ritualisé, de l'autre, le sentiment –peut-être idéalisé *a posteriori*- d'un bon climat durant ce séjour en internat, sans discrimination ou mépris.

Du côté des dirigeants des écoles, c'est plutôt le souci d'accueillir des jeunes filles dans des structures types casernes non conçues pour ce nouveau public spécial.

Retraçons les principales étapes chronologiques

1. Les admises des concours de 1971-73-74 sous le régime de la stricte séparation des genres

Pour ces premiers concours desquels furent respectivement admises 228, 112 et 35 candidates, la lecture des archives de la DN révèle une brièveté et intensité de la formation étalée seulement sur treize semaines soient à peu près trois mois

Après le recrutement provisoire, les candidates nommées auront une période d' instruction de 13 semaines, suivies de deux semaines de stage d'adaptation[...] Onze semaines d' instruction à l'Ecole Pratique de Police (à Lisbonne) ou dans les Commandos de district de Porto, Coimbra [...] Deux semaines d' instruction complémentaires avec la collaboration du Commando du District de Lisbonne [...] pour l'élaboration des test finaux, classification

et serment de fidélité [...] deux semaines de stage [...] elles seront alors promues agents de deuxième classe¹¹⁶

Appelées à suppléer aux hommes partis aux guerres coloniales (ou affectés aux postes PSP d’Outre Mer) et pour combler le manque de recrues masculines, notamment sous l’effet d’une forte immigration des forces vives nationales, le cursus de formation est accéléré dans une dimension essentiellement initiatique quitte à reporter l’apprentissage effectif par la pratique une fois au commissariat dans la ville.

Les témoignages oraux recueillis par Léandro (2006) sur la «1.º Escola de Alistados Femininos da PSP», centrés sur l’image de la femme en uniforme dans la rue, laissent sous silence cette phase de formation initiale. La revue officielle *Polícia Portuguesa*, plus loquace sur ce sujet, décrit fidèlement le contenu de l’O.S. cité *supra* ainsi que le contenu diversifié du cursus scolaire, selon nous très étoffé pour une période d’instruction de seulement quelques semaines.

L’instruction touchera des matières très variées qui s’étendront à l’Education Physique, L’instruction Générale, l’Instruction technico-policière [...] préparation littéraire. A l’intérieur d’un tel schéma. Elles auront une préparation soignée à la Gymnastique, seront instruites en Lutte et Défense Personnelle avec une sensibilisation pratique et intensive en ce qui concerne l’instruction technico-policière; elles recevront des enseignements sur la Circulation, le Tourisme, le Droit Constitutionnel, le Droit Pénal, le Droit de Procédure pénal, le Droit administratif, le Droit Civil, l’Organisation de tutelle des mineurs, la surveillance des femmes et enfants, etc.¹¹⁷

¹¹⁶ Anexo OS. 14 (II parte) de 22 de Janeiro de 1973 (archives du GEP de la DN).

¹¹⁷ *Polícia Portuguesa*, n°208, Novembro e Dezembro de 1971, p.3 et 4.

Ce descriptif du cursus, non exhaustif, décliné dans la revue officielle de la corporation, reste, selon nous, dans un style argumentatif afin de légitimer la présence de femmes dans la corporation. Cet éventail de disciplines reste cependant une sensibilisation à la hâte de la diversité des tâches possibles futures et non un enseignement théorico pratique au sens strict. Même si l'impossibilité d'avancement de carrière jusque dans les années quatre-vingts fut un conflit récurrent au sein de la corporation¹¹⁸, la formulation d'un tel cursus touchant aussi bien les principales branches du Droit que la technique policière ou encore la gymnastique et la défense personnelle sera de fait une reconnaissance implicite à l'égalisation des tâches entre agents policiers indépendamment des considérations de genre.

Malgré la brièveté de la formation, elle reste, selon nous, un véritable rite initiatique, initialement prévu pour les hommes et transposé aux femmes. Ses trois expressions majeures, selon la philosophie classique des casernes réservées à l'origine exclusivement aux hommes, sont: l'isolement dans un établissement coupé du monde, la «confiscation» des effets civils pour le port d'un uniforme, l'accoutumance au garde à vous du peloton.

Parmi les établissements possibles d'instruction (Coimbra, Porto), celui de Lisbonne, était situé à «l'édifice de l'ancien couvent du Calvaire à Alcântara [...] La fondatrice du Couvent, de l'ordre des Franciscains, était Dona Violante de Noronha»¹¹⁹. Ce cloître, dans sa pérennité résista en partie au tremblement de Terre de 1755.

¹¹⁸ Les premières femmes policières de 1971 selon Leandro (2006), s'étaient solidarisées (notamment pour financer une action collective au contentieux) pour mener une action judiciaire afin de disposer des mêmes droits d'avancement de carrière que leurs homologues masculins.

¹¹⁹ Tiré de *Escola Superior de Polícia. 1984/ 1999. 15 anos ao serviço de Portugal*.(1999). Lisboa.p.16

Il devint ensuite l'Ecole Normale du sexe féminin jusqu'en 1917»¹²⁰

pour enfin devenir l'un des établissements d'instruction de l'EPP. Les jeunes recrues de 1971, sont donc logées à l'instar des religieuses qui l'ont précédé au même site. Il est paradoxal, selon nous, que ce cloître, au cours de l'Histoire, fermé du monde, ait servi des causes publiques aussi variées mais toutes transcendantes: s'approcher de Dieu, diffuser la Science et le progrès républicain, protéger le citoyen et assurer la tranquillité de la ville. Pour les protagonistes de notre recherche, nos jeunes futures gardiennes de la Cité sont appelées non à prier dans une cellule vêtues d'une bure, non à enseigner vêtues d'une blouse, mais à s'instruire sur les Sciences policières, regroupées et isolées la nuit dans des dortoirs, vêtues de l'uniforme du service public. Ainsi, les discours et les pratiques de la mystique, la pédagogie et la défense de l'ordre, dans une même enceinte séculaire, ont imprégné un espace chargé d'une atmosphère paradoxalement sereine.

Deuxième choc rituel, après celui de la claustration temporaire, vient l'uniforme. L'entrante, dessaisie de ses effets personnels féminins (confisqués et symboliquement brulés) endosse les vêtements représentatifs de l'autorité. Les clichés des années 1971 à 1974 de l'album photo n°8 qui suit, révèlent une forte dimension de théâtralité, une véritable »dramaturgie sociale« (Goffman) où le képi, *remake* grec d'*Athena*, s'allie à un geste assez virile, plutôt pompéien, dans cette mise en scène où les jeunes recrues jurent solennellement de servir la Nation. L'idée martiale, initialement masculine, subsiste, dans ce temps fort, cérémoniel, consacrant un idéal collectif corporatiste, avec pour peloton inédit, une totalité d'éléments féminins.

¹²⁰ Tiré de *Escola Prática de Polícia. (1988) Vinte anos (1967-1987)*. Edição da Escola Prática de Polícia. P.88.

Album°n °8 de portraits

L'Uniforme des premières policières lors de la cérémonie de serment à la cause patriotique



Photo n°36 : Remise de prix de la 2ème école des agents féminins de 1973. (*Polícia Portuguesa*, n°218, Julho e Agosto de 1973)



Photo n°37: Serment solennel de la «troisième incorporation de 1974» (*Polícia Portuguesa*, n°224 de 07/08 de 1974, p.16)



Photo n°38: Cérémonie de clôture de la deuxième promotion de juillet 1973. *Polícia Portuguesa*, n°218. 07/08 de 1973.

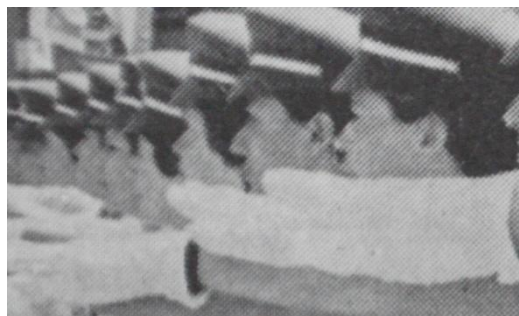


Photo n°39 (détail).Cérémonie de clôture de la deuxième promotion de juillet 1973 (*Ibid.*)



Photo n°40 : Cérémonie de clôture de la deuxième promotion de juillet 1973



Photo n°41: serment solennel de la cohorte masculine. 12 /09/1974,(*Polícia Portuguesa*, n°225)

Troisième choc rituel enfin, c'est celui de rang, de peloton et de file dans un espace délimité, selon des horaires précis et sous l'esprit d'un passage en revue. Ce rituel, existant depuis l'antiquité guerrière, uniformise le sujet au groupe qui l'intègre et dans lequel il finira par se confondre. Les photos 37 et 39 ci-dessus, révèlent un parallélisme fort entre des mécanismes initialement réservés aux hommes pour les contraindre à l'intériorisation de normes de l'institution policière puis transposés telles quelles, aux femmes, elles mêmes, regroupées et isolées en fonction de leur genre (La mixité complète n'interviendra qu'en 1985)

Pour conclure, sur ces pionnières élèves de 1971 à 1974, disons que la formation accélérée s'effectua sur le modèle masculin dominant jusqu'alors sans préoccupation majeure à la notion de genre. Ces jeunes recrues, toutes femmes, sous le choc de l'intégration, vécurent plus un passage hautement ritualisé à l'institution de la PSP qu'un apprentissage théorico pratique développé.

Les promotions suivantes, -sans doute sous l'effet d'une politique de réserve de la PSP de l'après 74 qui cherchait alors une image neutre et *a-politique* ne verront le jour qu'à partir de 1981. Voyons alors comment évolua ce rituel enfermement-uniformisation-peloton avec en arrière fond une société démocratisée à grand pas sous l'effet de la Révolution des Œillets.¹²¹

¹²¹Le mot «Formatura» en Portugais, ne trouve pas son équivalent en Français. Un ensemble d'hommes ou femmes positionnés en carré au garde à vous.

2. Les promotions des années quatre-vingts et la progressive «mixisation» des genres

2-1. Le concours de 1981: rassemblement et distinction des genres.

Le concours de 1981, par l'amplitude des recrues (298), par le nouvel espace attribué (l'ancienne école de cavalerie de Torres Novas) et l'unicité du cursus quelque soit le genre, constitue une date charnière dans l'intégration effective des femmes dans la police urbaine portugaise.

L'événement est décrit de la manière suivante dans la revue officielle de la PSP:

Désignée par la 1^{ère} «Escola de Alistados Feminina de 1981», les nouveaux agents féminins forment un bataillon à trois compagnies et l'encadrement est réalisé par des gradés de la PSP (Commissaires, chefs et sous chefs) qui leur enseignent toute l'instruction professionnelle, technique, tactique et physique. Un corps de moniteurs constitué par des gardes féminins plus anciennes donne le soutien nécessaire aux novices policières¹²².

Positionnée dans une structure d'enseignement militarisée, l'instruction est réalisée par du personnel PSP lui-même hiérarchisé mais aussi, par des instructrices elles mêmes femmes agents aînées des nouvelles entrantes. Dans le personnel hospitalier la sage femme, ni infirmière, ni médecin, constituant l'initiée de la maïeutique, assiste la jeune femme enceinte dans une dimension à la fois psychologique et physique. De même, la monitrice à l'école de police nous paraît l'élément de liaison entre d'une part les élèves féminins (les novices dans l'accouchement à la fonction de gardiennes des cités) et de l'autre

¹²²Tiré de *Polícia Portuguesa*, n°7 II série janvier février 1981, p.8

le corps militarisé masculin d'instructeurs (l'équipe qualifiée des soignants pour la cause du service public). L'Ecole s'adjoit ainsi de femmes elles-mêmes issues de la corporation, (pas nécessairement gradées), chargées de soutenir mais aussi redresser les jeunes recrues aspirantes à la profession (Voir ci-dessous, album photos, n°9, les photos n°42 et 43). La monitrice, dans son ambiguïté statutaire est-elle du côté des cadres de l'école ou plutôt des élèves ? Disons qu'elle s'assure de la bonne intégration (et intégrité) morale et physique¹²³ de la novice tout en surveillant sa bonne acceptation des règles imposées par la structure d'enseignement militarisé:

Et il y avait beaucoup de surveillance. Du moins c'est l'idée que j'en avais. Seulement ces règles me perturbaient un peu du fait que je voulais être plus à mon aise alors que nous avons peur de tout et parce qu'on disait qu'on était surveillés.(Agent A... entretien de octobre 2010 avec le chercheur)

Mais, revenant au premier moment d'intégration, tous les témoignages¹²⁴ recueillis sont unanimes sur le choc produit par l'entrée à l'école de Torres Novas. «C'est un édifice énorme, très froid, très haut, cela fut compliqué» (Duarte, 2008, p.5). «La première sensation était d'entrer pour une prison. C'était horrible». (Entretien au chercheur agent C... de juillet 2010). Si un tel accueil peut déstabiliser l'entrante, l'institution, immédiatement, lui octroie des symboles forts d'intégration presque instantanée, consacrant ainsi un engagement définitif et irréversible scellé au mental même des protagonistes.

En endossant l'uniforme d'instruction, exhibant la carte professionnelle, et recevant une rémunération financière, l'entrante ne peut qu'adhérer inéluctablement à la corporation.

¹²³ A noter qu'officiellement, les recrues ne sortiront de l'école avec la dénomination *provisórias*, pouvant après coup être démisées de leurs fonctions dans l'hypothèse d'une inaptitude évidente à exercer cette profession si typique.

¹²⁴ Duarte (2008) et entretiens réalisés par le chercheur

Le treillis d'entraînement, bleu, usé, devient oripeau, vêtu et transmis d'entrante en entrante au cours des promotions. Ce «fardamento de instrução» [tenue d'entraînement] incorpore les transpirations et sueurs des cohortes successives et, dans une dimension symbolique, voire magique, constitue un legs collectif, chargé des vibrations de cette originale tribu d'un autre genre. Mais ce treillis, conçu initialement pour des hommes, est fort critiqué par les entrantes peu disposées à renoncer à leur «féminité»: cet uniforme est dit inconfortable, aux mensurations inadaptées¹²⁵ tandis que sa casquette dégrade la chevelure féminine. Sur l'album photos, n°9 ci-dessous, les femmes en marche forcée avec pistolet mitrailleur (sans chargeur?), - avec en arrière-plan toujours la vigilante monitrice citée, semblent mal à l'aise dans ces vêtements d'emprunt mal taillés tandis que leurs poitrines font étrangement saillie. (photo n°44). La représentation officielle nous les présente sous un jour meilleur, sous le balancement de bras à l'instar d'un jour de parade (photo n°45). Cet uniforme de sueur, participe incontestablement au rite global d'instruction avant que ne soit remis l'uniforme officiel «seulement à partir du mois de mai, après toutes les épreuves faites, on commençait à vêtir l'uniforme proprement dit de l'agente de PSP »¹²⁶.

Notre protagoniste, une fois en treillis, se voit remettre la carte professionnelle «distribuée immédiatement après» (*Ibid.*) paradoxalement avant même l'instruction. Si les épreuves d'admission furent difficiles et très sélectives, l'élue, d'emblée appartient à la corporation. Désormais, cette femme élève-agent n'exhibera plus sa carte d'identité à l'instar

¹²⁵ « Après j'ai vêtu l'uniforme d'entraînement bleu. Les pantalons m'arrivaient par ici (montrant au chercheur un point situé à mi jambe) [petit éclat de rire]. Parce que ces uniformes étaient faits pour des personnes petites. Ils n'étaient pas faits pour des personnes de 1,74m (Entretien avec agent C... juillet 2010). « Il n'était pas non plus très chic [rire des deux]. Il allait bien ! Mais je n'aimais pas la casquette. La casquette abimait beaucoup les cheveux» (Entretien avec agent A...septembre 2010)

¹²⁶Entretien entre le chercheur et l'agent M... du 12 juillet 2010

d'une simple citoyenne mais le document privilégié certifiant son engagement à la défense de l'ordre public de la Cité.

Le choc d'appartenance est physique, mental mais aussi matériel par l'octroi d'une rémunération, et ce dès le premier jour à l'école de Torres Novas. La mentalité est autre. On ne paie pas pour apprendre; on est payé pour être instruit dans un contexte où cette rémunération devient souvent un viatique de survie, certaines élèves jeunes mères, d'autres rurales en conditions parfois très précaires¹²⁷. Ce pécule financier non négligeable contribuera à une dette mentale inconsciente chez les recrues qui du jour au lendemain sont «corps et âme» à la PSP.

Pour conclure, à cette «1.^a Escola de Alistados Feminina de 1981», les jeunes femmes et hommes vivaient-ils ou non ensemble dans la quotidienneté? Ce n'était certainement pas la tribu fusionnelle des gardiens de la cité idéale décrite par Platon¹²⁸! Selon la revue officielle: «...à l'école de formation des gardes domine, à cette date, la jeunesse. Parallèlement, hommes et femmes vivant sous le même toit et recevant la même instruction, se préparent pour une vie nouvelle»¹²⁹. L'idée est que les instruits des deux genres, bien qu'inclus dans le même périmètre de l'école, restent séparés (voir ci-dessous, album n°9, photo n°46, la stricte distinction et éloignement des pelotons masculins et féminins). «Il n'y avait pas mélange de sexes dans les compagnies ni de fraternisation masculin-féminin: il n'y avait pas beaucoup d'ouverture et cela n'était pas encouragé»¹³⁰. L'agent M..., narrant son séjour à cette promotion, n'a pas senti cet éloignement des genres sous la même enceinte comme une discrimination mais au contraire comme un moyen

¹²⁷ Léandro, 2006.

¹²⁸ *Républiques*, livre V

¹²⁹ Tiré de *Polícia Portuguesa*, n°7, II série, janvier février 1981, p.9.

¹³⁰ Duarte, 2008, Senhora agente n°2.

de renforcer des liens de solidarité féminine, liens alliés à la recreation d'espace-temps propres.

Sortir dans le bourg ? C'était très petit, il n'y avait rien de spécial! Un restaurant, une pharmacie. Et alors nous préférions rester à converser [...] Le soir, à partir de dix heures, seules les lumières des salles de bains pouvaient être allumées. Nos salles de douches étaient nos salles de séjour...On pouvait rester et parler un peu de tout...Amusant!¹³¹

Malgré le spectre de la permanente surveillance panoptique, les instruites, solidarisées et téméraires dans l'espace de leur dortoir exclusif propre, imaginent parfois des farces et diversions pour se soulager de la lourdeur disciplinaire de l'école militarisée. Parfois, une consœur se réveille au matin blanche comme de la farine pour le talc déposé sur son oreiller la veille; à d'autres moments, le petit groupe idéalement perçu *a posteriori* comme indiscipliné, après s'être enfermé de l'intérieur du dortoir, scrute, intéressé, les fenêtres des douches masculines du dortoir d'en face (anecdote de l'agent x au chercheur en octobre 2010).

Mais cette solidarisation féminine sait aussi atténuer les effets de la machine d'éducation intégrale en favorisant des moments privilégiés similaires à ceux vécus au foyer de la maison, Ainsi le week-end, certaines instruites, résidentes éloignées de Torres Novas, préfèrent rester à l'école, cuisiner et sympathiser avec leurs consœurs, maîtrisant à la fois un temps et un aliment rendus leurs (*Ibid.*).

Si L'école n'était pas alors à proprement parler mixte, la séparation des genres paradoxalement a relativisé l'effet d'inculcation de discipline et d'obéissance de la machine d'éducation intégrale, au demeurant déjà réduite dans son efficacité par la brièveté de la

¹³¹Entretien entre le chercheur et l'agent M... du 12 juillet 2010

formation, réduite à quelques mois. L'école, non-mixte, ignore les discriminations de genres. La présence hommes-femmes n'est alors partiellement visible qu'aux points de convivialité: la salle de télévision et le bar, notamment, présence qui va progressivement susciter un rapprochement des agents masculins à ceux féminins (Duarte, 2006).

Album n°9 de portraits

La «1ª escola de alistadas» 1981



Photo n°42 (détail) monitrice entourée des officiers professeurs du 3^{ème} peloton, 3^{ème} compagnie (photo de l'interviewée Agent M...). La monitrice incarne l'austérité. Elle est alors investie des hommes d'une autorité qui devient alors affaire entre femmes...



Photo n°43 (Détail) Bottin photographique des entrantes du 3^{ème} peloton 3^{ème} compagnie (bottin de l'agent M...)



Photo n°44 (détail) : passage en revue, (photo de l'agent M...)



Photo n°45: Photo du même peloton transmise à la presse officielle (photo tableau) pour une exposition itinérante des années 1985, (archives photographiques du cabinet de relations publiques de la DN).



Photo n°46: pelotons et passages en revue. Les filles d'un côté, les garçons de l'autre (archives photographiques du cabinet de relations publiques de la DN).



Photo n°47: Après la parade, la gymnastique...entre femmes (archives photographiques du cabinet de relations publiques de la DN).

2-2. Les concours de 1985 et suivants: rassemblement et mélange des genres.

Selon l'agente C... entrée à l'EA/85 de 1985, sa promotion était la première mixte pour l'ensemble des activités d'instruction et espaces de convivialité à l'exception des dortoirs séparés par genre. La formation dispensée était alors de cinq mois¹³² suivie d'un mois dit de recyclage, encadré par des professionnels du terrain, plongée dans la ville même. Des témoignages recueillis par le chercheur, cette phase d'instruction reste, pour l'immense majorité des protagonistes, une phase heureuse faite d'ordre, de convivialité et de respect réciproque. Le style laudatif des souvenirs laisserait-il entendre la phase suivante, c'est-à-dire celle dans la vie active, comme beaucoup plus compliquée, faite de discrimination entre collègues comme de stress dans la gestion du chaos inopiné urbain?

- *Vous pouvez me parler de votre séjour, entre guillemets, à l'école de Torres Novas ?*

- J'aimais! Parce qu'il y avait des règles! J'aimais les règles, de la fraternisation! J'ai une certaine nostalgie! J'aimais que nous soyons beaucoup de femmes, de la fraternisation, de faire toutes ensemble la même chose. Il y avait ces cours là! Et il y avait la discipline! Discipline aussi [voix plus basse].

- *Vous avez des regrets?*

- Pas pour les cours! C'était plutôt sur le fait de fraterniser en soi! Parce que j'aime beaucoup fraterniser!¹³³

¹³² Formation qui sera de 9 mois en 1988 selon une autre interrogée

¹³³ Entretien de l'agent féminin A... avec le chercheur d'octobre 2010; A... est de la promotion de 1988

L'interrogée, dans le contexte d'une société portugaise en crise de croissance, tout juste entrée dans la CEE en 1986, va dans une école qu'elle percevrait, selon nous, comme un havre fait de repères et balises contrastant au désordre sociétal de l'époque. Par ailleurs, ce sentiment d'une force collective féminine la réconfortait, adhérant plus à une cohorte rassemblée par son genre qu'à l'idéal de servir la patrie au nom de la PSP.

De façon générale, la mixité était bien vécue à partir du moment où le principe de respect réciproque était établi. L'effet «tokenisme» (mécanismes de discrimination sur une minorité contrainte alors à adopter des stratégies, au pire pour survivre, au mieux pour s'imposer par rapport à la majorité) présenté dans notre encadrement théorique, était donc absent. La coutume du bizutage «Praxes» était, elle aussi, inexistante puisque la formation allait de cinq à neuf mois, sans la présence donc d'anciens, revanchards de vexations subies antérieurement.

3. Le cas particulier de la promotion des femmes agents au grade de sous officier

Le 29 mars 1980 est ordonné «pour la première fois le concours de promotion à sous-chef pour les agents féminins»¹³⁴, mesure qui vient supprimer ce blocage de carrière que subissaient les aînées des années soixante-dix, obligées alors à contester au contentieux pour réparer cette criante discrimination (Léandro, 2006). Cette reconnaissance juridique formelle va rester malheureusement en deçà d'autres réalités:

¹³⁴ «Ordem de serviço, n°44 do 29 de Março de 1980» do “Comando-Geral.

celle du niveau d'études minimum requis pour prétendre au concours d'une part, de circonstances familiales et maternelles de l'autre.

Au premier concours «1^a Escola de alistados femininos da PSP» de 1972, le niveau d'études minimum requis (voir supra) était l'«Exame de 2^o grau» c'est-à-dire l'équivalent de la 3^{ème}/4^{ème} année (soit à peu près le CM1 en France¹³⁵). Or, ces femmes agents dix ans plus tard, d'âge moyen de 30 ans, devaient, outre l'expérience, nécessairement reprendre leur scolarité selon d'autres paramètres académiques. Deuxième limitation à cette possible promotion pour les femmes agents, «ce sont les questions familiales et le fait de pouvoir être mutée au terme de celle-ci» (Borges, 2008, p.7), éléments qui dissuadent nombreuses. La problématique de l'écartèlement vie professionnelle et vie familiale se pose inéluctablement alors en termes de sacrifice.

Parce que nous devons faire des choix dans la vie, ou la vie familiale ou la vie professionnelle. Comme je n'ai eu de soutien familial, ni pour aller étudier, ni pour aller à l'Ecole supérieure¹³⁶, à cause de Ricardo, Ricardo, c'est mon fils, il était tout petit, il n'avait que huit mois, je dus choisir pour la vie familiale (Duarte, 2006, p.2 *Chefe* 1)

Malgré tout, des femmes déjà agents, pionnières pour la deuxième fois, et en même temps mère de famille, se présentent à ce concours de promotion. Le contraste entre le concours d'agent et celui de sous officier, dans l'enceinte de l'école, est analysée selon les interrogées sur deux plans: le degré de coercition et celui de compétitivité:

¹³⁵ Bien qu'une telle comparaison ne fasse pas vraiment sens dans deux contextes spatiotemporels radicalement différents. Le diplôme portugais de la «4^o classe» était censé donner les bases minimum de langue écrite et de calcul pour des enfants souvent d'origine rurale avant qu'ils ne commencent à travailler. Le C.M.1 s'intègre dans un cycle préparatoire aux compétences transversales élargies dans une perspective d'études longues.

¹³⁶ L'interrogée parle de l'ESP. Malgré ses sacrifices, elle a malgré tout réussi deux promotions, sous chef puis chef sans pour autant passer ce fossé éloignant l'univers des officiers de ceux agents et sous officiers.

-Quand vous avez concouru à Sous chef, vous avez été appelé à nouveau à Torres Novas. Arrivée une fois là, en comparaison avec ce que vous aviez senti à votre arrivée pour le cours d'agent, quelles ont été les différences ?

J'ai été reçu de manière complètement différente. Tandis que la première fois, au recrutement, c'était une pression, un stress, et tout très contrôlé, nous avions presque peur de parler les uns avec les autres lors de la parade. Au cours de Sous Chef, j'avais liberté, nous n'avions pas d'heure pour éteindre la lumière. (Duarte, 2008, p.9, *Subcheffe*, n°2)

Aussi paraît-il inutile, aux yeux de la direction de l'école de Torres Novas de répéter ce presque cérémonial «Enfermement-Uniforme-Parade», rituel indispensable pour la novice mais inutile pour l'initiée, c'est-à-dire celle membre déjà à part entière de la corporation. La machine intégrale d'instruction a en l'espèce non pas pour objet de modeler une femme en policière mais de susciter chez celle-ci, déjà «mutée», une nouvelle compétence pour encadrer une équipe d'agents confrontés au chaos direct de la ville¹³⁷

Deuxième différence par rapport au concours d'agent, cette spontanée solidarité d'une première jeunesse disparaît au profit d'une inévitable rivalité entre membres contrôlés par un mécanisme sélectif de rang et de placement dans une hiérarchie de promus.

Au cours de sous-chef, on commence à noter la compétition. Pourquoi? Parce qu'il y a des familles constituées. Moi! J'étais mariée. La majorité de ceux et celles mariés avaient des enfants et ainsi il y a une compétition. Il n'y a plus cette disponibilité et cette

¹³⁷ Selon les archives de la DN, Au document 35.40 du 30 octobre 1980 (« N° GE.135/83 P.°808.02.10 «un sous chef encadre 9 agents et un chef 3/4 sous chefs.

entraide si simples et si ouvertes qu'il y avait au cours d'agent.
(*Ibid*, p.10)

Cette rivalité pour une bonne place au *ranking* final des promus, exprime une revendication identitaire non pas de genre mais de famille. La promue défend en l'espèce non pas sa condition féminine ou plutôt sa condition féminine élargie c'est-à-dire les siens, sa famille qu'elle ne peut imaginer éloignée.

De façon générale, depuis 1972, qu'il s'agisse de la formation initiale d'agent comme de celle de la promotion à sous officier (sous-chef puis chef), la femme, dans le système de formation intégrale PSP ne semble pas avoir connue de discrimination aussi bien pour le régime femme-femme que pour celui femme-homme.

4. L'implantation des écoles de l'EPP et leurs relations à la cité physique

L'Escola Prática de Polícia, formulée par la législation du Décret-Loi du 04 juillet 1962, débuta effectivement son activité seulement le 16 janvier 1967, avec un cours de promotion à Sous-Chef.¹³⁸ Physiquement, l'école s'est répartie au cours de son histoire sur plusieurs établissements (Coimbra, Porto, Torres Novas, Lisboa dans le quartier d'Alcântara et enfin Oeiras). L'EPP, reste définissable comme *institution totale*¹³⁹ c'est à dire une institution contrôlant et édictant à la fois chez son pensionnaire son temps, son espace et ses activités

¹³⁸ *Escola Prática de Polícia. "Vinte anos 1967-1987*, Edição da Escola Prática. Edição da Escola Prática de Polícia 1988. P.4

¹³⁹ «L'institution totale peut être définie comme un local de résidence et travail où un grand nombre d'individus en situation semblable, séparés de la société pour une longue période de temps, conduit à une vie fermée et formellement administrée.» (Citation de Goffman reprise par Ribeiro, 2011, p.65)

(Goffmann, 1968). Les différentes écoles de l'EPP sont-elles pour autant totalement hermétiques à leur environnement extérieur ou bien, dans le contexte de recrues féminines inédites, favorisent-elles une osmose réciproquement positive, d'une part pour les élèves, de l'autre pour les populations riveraines?

Le cas de l'établissement de Oeiras (20 kilomètres de Lisbonne) reste selon nous emblématique (Duarte, 2006).

Je suis allée faire le cours à Oeiras en 1984...la part féminine était donnée à Oeiras.[...] Cent trente femmes...Il n'y avait que des femmes...Nous n'étions pas regroupées là par discrimination. C'était en raison de la pénurie de logement dans l'autre école. Tout était nouveau. C'était un monde nouveau. Et je garde un fort souvenir de cette époque. Nous étions une compagnie qui fut détachée pour être là et qui fut très choyée par le voisinage¹⁴⁰ qui aimait être à la fenêtre pour voir les agents ou les gardes faire leur gymnastique à l'extérieur. Quand nous allions dans la rue, tout le monde nous abordait et demandait si nous aimions et quand allions-nous terminer le cours (p.3)

Ce témoignage fort, exprime selon nous la meilleure expression d'un rapprochement de la PSP aux populations civiles et ce par le truchement même des femmes qui surent humaniser une police manipulée par le pouvoir fort et castrateur d'avant 74 issu du salazarisme. Ces femmes agents élèves, encore civiles pas entièrement encore intégrées à la tribu réhabilitaient ainsi l'image même de la PSP. «Quand nous avons terminé le cours toutes les personnes étaient autour de nous à applaudir et, avec des mouchoirs blancs, à nous dire adieu» (*Ibid*, p.4). Ce geste théâtral désigne non pas le départ des marins du port dans un pays, par tradition largement maritime, pour

¹⁴⁰ "que foi muito mimada pela vizinhança"

l'appel au large lointain, mais l'acclamation de nouvelles gardiennes de la cité sous une forme gestuelle, symbolique, généreuse, traduisant l'osmose réussie des citoyens avec la corporation. L'interviewée rappelle aussi comment l'implantation au milieu même de la ville de l'école, large et ouverte, facilita cette convivialité spontanée. «Tandis qu'à Oeiras, le détachement était au milieu de la ville où il y avait des immeubles autour, à Torres Novas, il n'y avait rien autour, il n'y avait que les murs de la propre école» (*Ibid*, p.6).

Les images n°48 et n°49 de l'album n°10 ci-dessous mettent en évidence ce contraste, la première école, ouverte et insérée dans le tissu résidentiel Comme nous l'avons déjà cité, une interviewée¹⁴¹ rappelait que Torres Novas, en 1981, n'était qu'un bourg avec un restaurant et une pharmacie, et comme tel, n'incitait guère à sortir de l'école. Les dirigeants de l'école, conscients de la surprésence spatiale de l'établissement par rapport aux pôles de vie environnants imaginent alors la «re création» même d'une ville modèle (artificielle?) dans son enceinte.

La dimension interactive se concentre sur l'intégration des activités scolaires avec celles extra scolaires. Le commissariat modèle et le tribunal qui fonctionnent à l'intérieur de l'EPP cherchent à relier la théorie avec la pratique dans la résolution même de délits divers.¹⁴²

Ces institutions emblématiques situées en deçà même de l'enceinte de l'école, sous le prisme wébérien et althussérien, d'une part le siège officiel de la violence légitime (le Commissariat) de l'autre celui de la punition légitime (le Tribunal), s'ils peuvent susciter l'assimilation de certaines démarches futures chez les élèves agents, en rien ne

¹⁴¹¹⁴¹Entretien entre le chercheur et l'agent M... du 12 juillet 2010

¹⁴² Pires, R. (2001) Formação na escola prática de polícia. *Polícia Portuguesa, ano LXIV II serie n°127, Janeiro e Fevereiro, p.23.*

favorisent, selon nous, une approximation réelle entre PSP et citoyens dans un climat de prévention et compréhension réciproque.

Au contraire, l'école de police, au cœur même de la ville, son chaos mais aussi son humanité, serait celle même préparant au mieux le policier aux défis qui lui seront imposés pour préserver, avec humanité, une tranquillité publique rendue fragile par une austérité économique de plus en plus inquiétante.

Sur ce point, l'actuel édifice de l'ISCPSP, ancien couvent puis école d'institutrice et EPP pour femmes et pour hommes, situé à *Alcântara*, dans Lisbonne, entre un marché, des discothèques et de nombreux transports publics, dans un maillage d'édifices anciens et partiellement populaires, épouse au mieux l'urbain même où ses futurs officiers (actuels pensionnaires) se devront d'agir selon les valeurs inculquées par l'école. Les quotidiens allers et venues des élèves, garçons et filles, suscitent par ailleurs une image positive aux yeux des commerçants et de la population locale, premiers témoins des nouveaux acteurs des deux genres de la police enfin démocratisée. Malgré tout, notre point de vue diverge de celui de l'ancien directeur des années 2003:

Si nous voyons les autres écoles de niveau universitaire que nous avons au Portugal presque toutes disposent de conditions que nous n'avons pas. Cette école est encerclée de maisons de tous les côtés, elle est prise au milieu de la ville, sans possibilité d'expansion, [...] Evidemment, les conditions idéales pour une école de ce type seraient beaucoup d'espace, d'autres conditions d'enseignement, [...] ¹⁴³

Nous ne comprenons pas bien en quoi l'éloignement de l'école des populations civiles améliorerait la qualité de son enseignement. Bien au

¹⁴³Revista interna do ISCPSP, n°01 de Janeiro de 2003, Entrevista com Alfredo Jorge Gonçalves Ferreira, p.3.

contraire ! Ce dit encerclement¹⁴⁴ des maisons des citoyens est selon nous souhaitable pour sensibiliser l'élève policier à une nécessaire permanente proximité entre gardien de la paix et populations civiles.

¹⁴⁴ Je doute qu'une école « en soi » qui serait entendue comme un *Fort Apache* réussisse l'œuvre de rapprochement de ses pensionnaires aux populations civiles les plus variées socialement et matériellement.

Album°n °10 de portraits
Les écoles de l'EPP et leur
relation à la ville



Photo n°48 : détachement de Oeiras, réservé aux filles dans les années 1984. L'école, dégagée, accueillante, est entourée d'immeubles résidentiels.



Photo n°49: Façade imposante de l'EPP de Torres Novas, ancienne école de cavalerie, dans les années quatre-vingts, plutôt isolée du bourg peu animé selon les interrogées du chercheur.



Photo n°50 (détail): L'Ecole EPP, partie gauche ancienne, le cloître, (la partie droite, moderne, est postérieure dans les années 1990 alors que l'espace devenait le siège de l'ESP.)

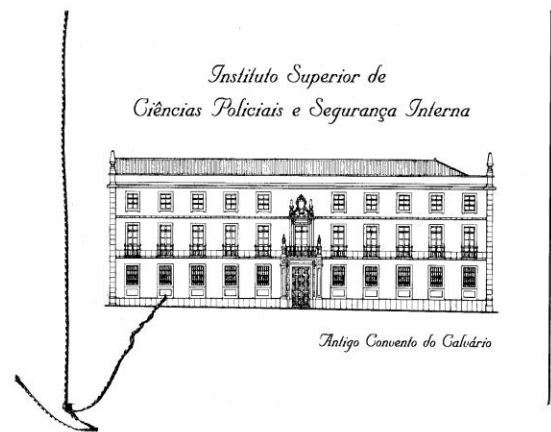


Photo n°51: cet ancien couvent, au milieu même de la ville grouillante Lisboa, par ses dimensions généreuses et sacrées contraste aux écoles de police européennes anonymes fonctionnalisées à l'extrême.

Pour conclure sur la formation d'agent femme depuis 1971, sa brièveté (quelque mois) fut plus un rite initiatique qu'un véritable apprentissage théorico-pratique. Les femmes élèves agents conservent toutes dans l'ensemble de bons souvenirs qu'il s'agisse des collègues comme de l'équipe des instructeurs, cela aussi bien en régime séparé

qu'avec celui mixte. Les seules tensions enregistrées paraissent avec le concours de promotions à sous officier où les intérêts de classement pour être affectés non loin de sa famille ont pu créer des rivalités entre les femmes elles-mêmes.

Nous aimerions enfin citer un manuel d'Ethique policière de 1969¹⁴⁵, qui d'une certaine manière reprend selon nous le principe d'un catéchisme mi laïque, mi chrétien, à l'attention des représentants de l'ordre. Présenté sous forme de fiches dactylographiées aux instructeurs, ce manuel traite d'une série de concepts et de valeurs à traiter en leçons de 50 minutes. Parmi ces thèmes, citons: « la camaraderie, la fidélité, le devoir et la bonne exécution, l'honneur...» (p.3). A ces données éthiques explicites dans le registre de l'abnégation, s'ajoutent celle de savoir vivre comme: «la délicatesse, le langage, la manière de se présenter au public» (*Ibid.*). Ainsi l'instructeur des années soixante-dix, dans le domaine de l'Ethique Policière, avait pour programme non seulement de sensibiliser la recrue masculine au sens du devoir mais aussi, au sens propre, à le policer, selon des règles de courtoisie. Ces règles de bienséance contrastent à celles rustres, tantôt des montagnes du Nord du Portugal, tantôt des plateaux de l'Alentejo, décors familiers de nombreux candidats d'origine rurale.

Dans ce domaine du savoir vivre, certain passages peuvent prêter à sourire:

Ne jamais être avec la cigarette au coin de la bouche [...] ne pas retirer la casquette pour se gratter[...] Ne jamais se gratter les testicules ni bouger la braguette de son pantalon en public [...] Ne jamais dire de gros mots ni de termes d'argot, qui restent toujours interdits en présence de supérieurs ou de personnes à qui se doit le respect. (*Ibid*, p.38)

¹⁴⁵ Manual Ética policial (1969, Edição da Escola Prática de Policia), calepin dactylographié à usage interne.

Ce manuel PSP de 1969, aide mémoire des vertus et du savoir vivre de recrues, dans sa fiche intitulée «foyer et famille», n'échappe pas au stéréotype courant de la femme au foyer, alors dominant sous l'époque du premier ministre Marcello Caetano.

Tandis que le père est absent et travaille, la mère, attentive et affectueuse, veille sur ses enfants et sur son foyer, de manière à ce qu'il y ait l'ordre la propreté et la tranquillité. (*Ibid*, p.35)

C'est pourtant muni d'un tel manuel dans leur poche que les instructeurs vont accueillir les premières recrues féminines de 1971! Le choc mental sera inévitable mais la dimension de sanctuaire caractéristique des écoles, permettra une intégration, du moins un respect pour ces nouvelles venues. Les difficultés paraîtront plus en aval, une fois au commissariat où les mentalités policières paraîtront alors beaucoup plus rigides et dépendantes de ces stéréotypes.

Si les premières cohortes d'agents féminins datent de 1971, les deux premières femmes officiers PSP n'intégreront leur école qu'en 1987, deux femmes uniques dans une cohorte composée de 24 garçons¹⁴⁶. L'école d'agents était un rite initiatique étalé sur quelques mois. L'école d'officiers forme, modèle et transforme le sujet en officier sur plusieurs années sous le régime strict de l'internat. Dans ce nouveau moule formatif, comment l'entrante, c'est-à-dire la femme, y vivra, côtoyée d'une immense majorité de garçons?

¹⁴⁶ 2º. CFOP, Ordem de Serviço, nº130 do 09 de Julho de 1990

CHAPITRE TROIS

LA FORMATION INITIALE DE LA FEMME OFFICIER CONSTITUE UNE ÉTAPE MODELANT SA PERSONNALITÉ

1. La conception du système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSP et la question de genre.

L'Escola Superior de Polícia fut mise en place en 1984 avec à sa tête le *Super Intendente Chefe* Afonso de Almeida, afin de remplacer progressivement les officiers de la PSP jusqu'à lors tous sortis de l'*Academia Militar* par une nouvelle génération formée par l'institution de la PSP elle-même, officiers plus jeunes chargés de suivre la nouvelle orientation «démocratisante» des différentes polices européennes d'alors. Ainsi témoigne le fondateur de l'école: «On pourrait dire qu'au début de ma carrière, la PSP avait un statut de force de sécurité militarisée et que dans la phase finale un statut appelé plus civil»¹⁴⁷. La création de cette école s'intégrait à cette politique de mutation institutionnelle (Paymal, 2008).

Pour appeler les candidats, l'école, inédite, dans une démarche publicitaire, diffusait des brochures pour se faire connaître. Si les premiers dépliants explicitent l'idéal des officiers de police selon les traditions chevaleresques («Tradições Castrenses»)¹⁴⁸, les brochures suivantes (album photos n°11), énoncent des barèmes techniques d'admission, surtout pour les épreuves physiques, mais pas le moindre mot sur la vocation à exercer la fonction de commandement au sein de

¹⁴⁷Entretien avec le chercheur du 01 juillet 2011

¹⁴⁸ «pour commander les véritables commandants devront se présenter dans un permanent exemple de dignité, compétence et cohérence. Il possède, à la fois, un fort sentiment de service à la communauté et à ces concitoyens, de la pondération et du bon sens, le sens civil et la fermeté de convictions et de comportements [...] être officier de police est commander et servir le bien commun» (extrait brochure années 1985)

la PSP. La couverture (image idéale ?) présente presque toujours en altérité l'officier masculin avec celui féminin, sorte «d'Adam et Eve» policiers où les deux genres de la même espèce coexistent pour exercer conjointement, selon leurs qualités respectives la fonction de commandement dans l'univers de la PSP. Cette altérité visuelle des genres, malgré des statistiques beaucoup plus déséquilibrées, (voir ci-dessous, moins d'une fille pour dix garçons en moyenne globale), insiste sur l'effet de représentation de la femme officier policière, appelée non seulement à exercer sa fonction de commandement mais aussi à se «sur-représenter» en tant que femme afin de rassurer le citoyen sur la démocratisation d'une police qui se veut à côté de lui et non contre lui.

**Album photos n° 11:
l'évolution des brochures de
présentation de l'ESP/ISCPSI
et l'effet du genre.**



Photo bis n°52: Brochure présumée des années 1986. Le garçon et la fille en pleine altérité viennent vers le candidat, lecteur de la brochure. Ils sont souriants, en uniforme de cérémonie, ceintures identiques quelque soit le genre, évoquant la tradition militaire antique, et plus précisément celle des légions romaines

avec la jupe et les talons différenciateurs du genre. Immobiles, ils défient le candidat à venir dans l'atmosphère du cloître militaire pour l'appel au commandement d'une police démocratisée



Photo n°54: Brochure des années 2007, une seule fille parmi ses garçons et des sourires rassurants de convivialité pour ces futurs officiers à la mission complexe et difficile



Photo n°53: brochure des années 99. Le garçon et la fille, en uniforme de ville, elle



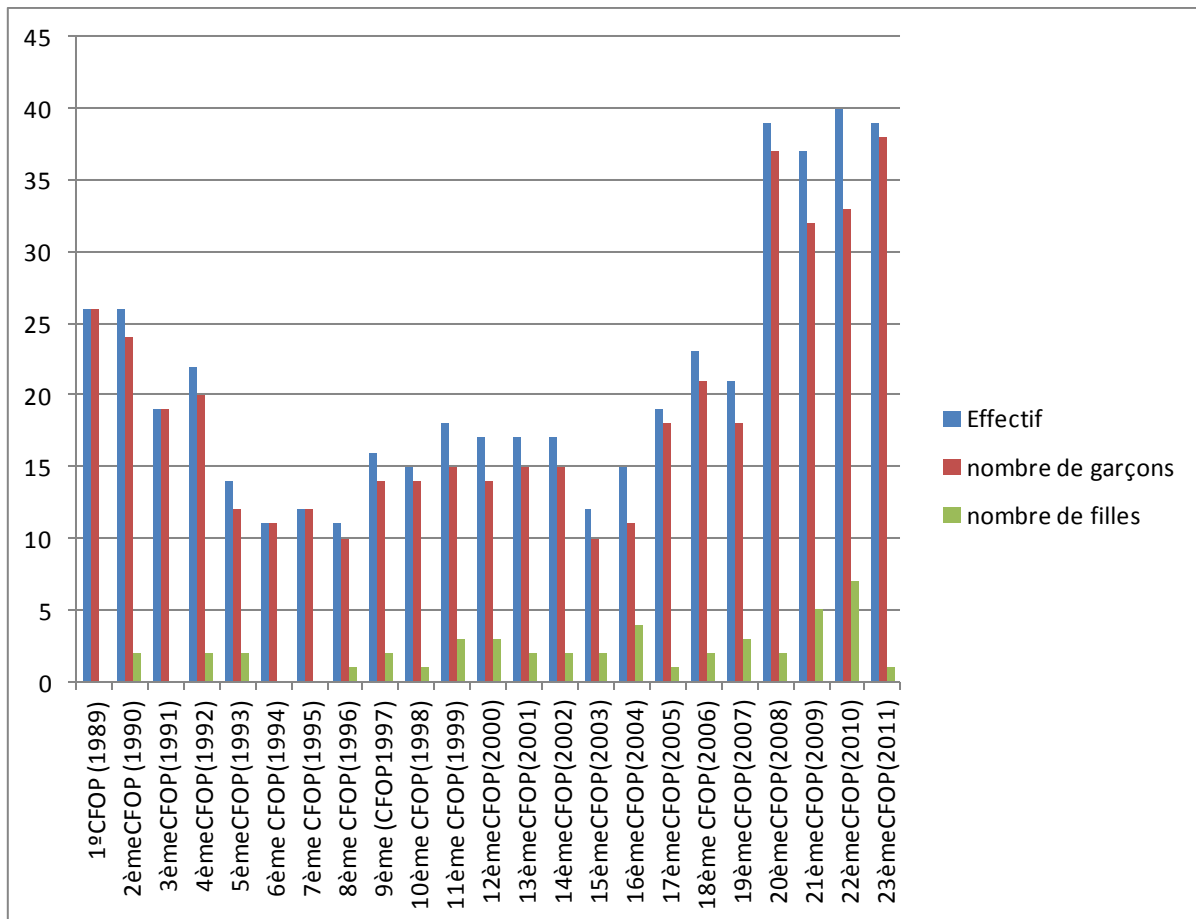
Photo n°55: Brochure des années 2008 (?) Le sabre sur l'épaule, en tenue de cérémonie, elle en jupe et talons, lui en pantalons et chaussures de ville, les aspirants officiers photographiés de côté, paraissent prêter hommage à l'institution elle-même, laissant le candidat en possession de la brochure, externe à la scène.

Bien qu'«aucun membre de la commission d'installation n'ait présenté le moindre argument contraire ou réticence»¹⁴⁹ le premier «Curso de Formação de Oficiais de Polícia» (année d'entrée 1984 et année de sortie 1989), sur ces 26 membres, ne comptait aucune femme. L'exclusivité masculine des entrants s'expliquait notamment selon le fondateur de l'école «parce qu'aux épreuves de sélection [...] les épreuves physiques, du fait d'être identiques pour les hommes et femmes, si elles étaient sélectives pour eux, restaient inaccessibles pour elles¹⁵⁰» (*Ibid*). Les épreuves physiques d'admission ont été plusieurs fois par la suite «réajustées» thématique qui a fait couler beaucoup d'encre. Madame Durão (2004), par exemple, suspecte l'épreuve physique organisée habilement comme un filtre sexiste. Au contraire, d'autres interrogées, rares élues et aujourd'hui femmes officiers de la maison¹⁵¹, revendiquent la stricte égalité des barèmes pour ne pas se sentir la victime indirecte d'une représentation de favoritisme aux yeux de leurs homologues masculins.

Les données des effectifs respectifs garçons et filles au sein de l'ESP/ISCPSI, sur 23 promotions de sorties entre 1989 et 2011 indiquent 439 officiers masculins contre seulement 47 filles, c'est-à-dire qu'il faut compter en moyenne sur l'ensemble de ces vingt deux années 1 fille pour dix garçons. Sur cet arc temporel, nous ne détectons pas une tendance d'ouverture particulière faite aux entrantes du sexe féminin.

¹⁴⁹ Entretien avec le Directeur fondateur de l'ESP du 01 juillet 2011

¹⁵¹ Entretien avec l'officier E... du 01 octobre 2010



Sources : Données ISCPsi

Graphique n°3 : Evolution des effectifs des élèves officiers de l'ESP/ISCPsi de 1989 à 2011 (abscisse: effectifs =n, ordonnées=années de sortie des promotions)

Ces chiffres replacés à notre encadrement théorique, plus précisément sur la thématique du «Token» développé par Rosabeth Kanter (1977), permettent d'affirmer une forte sous représentation numérique des femmes, seulement environ 10% -Le plafond étant pour le modèle de Kanter 15%. S'il y avait l'effet «Token» nous constaterions; une différence sexuelle qui les rendrait plus visibles et appellerait, malgré elles, l'attention de leurs homologues: ensuite, le contraste que produisent ces filles minoritaires pourraient susciter un effet de solidarisation du groupe masculin dominant rendu auto-conscient pour renforcer son identité collective masculine. Enfin, sous l'effet de sa forte visibilité et de sa différence, la femme en minorité subirait alors l'effet d'une pression mentale afin d'accepter un certain statut assorti des

tâches précises correspondantes¹⁵². Cet effet «token», démontré pour la police municipale de Baltimore aux Etats Unis en 1999 selon les deux variables genre mais aussi ethnie (Gustafon, 2008) a-t-il été ou est-il présent dans le cadre du système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI ?

Par ailleurs, la présence d'une minorité agissante se limite-t-elle à la considération de genre ou faut-il aussi prendre en compte l'opposition ancien agent de la PSP, c'est à dire déjà professionnel de la maison dans une phase de promotion radicale et jeunes adultes sortis du lycée? Faut-il aussi déceler les interactions produites par les élèves coopérants PALOP¹⁵³, éloignés spatialement de leur famille et eux mêmes en provenance de zones contrastées de l'Afrique? Ces sous ensembles minoritaires complexes, partageant pourtant le même séjour permanent à l'école, complexifient l'analyse que nous débiterons par une description succincte des rouages d'un système d'apprentissage intégral.

L'ESP, créée, en 1984, s'est progressivement métissée culturellement. Tout d'abord, depuis son origine, elle est spatialement implantée dans un ancien couvent («do Calvário de Alcântara») et tous les pelotons et cérémonies officiels se déroulent invariablement dans la cour du même cloître. Ensuite, elle est composée parallèlement aux instructeurs PSP, de professeurs universitaires civils, dont certains- ont été ou sont- prestigieux et connus du grand public (notamment l'historien José Hermano Saraiva). Enfin, elle est intégrée au système universitaire selon les dispositions de Bologne (1999). Mais de toutes ses influences, la dimension militaire, et ce depuis son origine, reste présente, dans l'idée d'une stricte application du principe de hiérarchie, tempérée cependant par ces autres facteurs énoncés. Ce qui distingue l'ESP/ISCPSI d'une institution classique des armées, c'est l'équilibre

¹⁵² Ce phénomène d'exclusion mis en place en trois étapes est décrit en américain selon les mots clefs suivants: «visibility/performance pressure, contrast/social isolation, assimilation/role encapsulation (Kanter, 1977).

¹⁵³ Pays africains de langue officielle portugaise : Cap Vert, Sao Tomé et Principe, Guinée-Bissau, Angola, Mozambique

fragile de ces influences pour paradoxalement doter le futur officier d'une complétude de connaissances et compétences dans un esprit à la fois humaniste et militaire.

La pièce maitresse du système de formation intégrale, dénommée ICAL, Instruction du corps des élèves, a, selon son responsable, pour objet «de mettre en place le système des cultures militaires et tente non seulement d'inculquer mais d'utiliser la dimension des conflits comme une chose saine pour la formation du *leader* futur»¹⁵⁴. Selon lui, l'école est un véritable «baril de poudre», «une horloge à retardement» et il est préférable «de petites explosions qu'une explosion géante qui pourrait ébranler tout l'édifice de l'Institut». Ainsi plutôt que d'isoler les éléments perturbateurs (ou moins malléables?), l'expression «Corpo de Alunos» doit être entendue à la lettre, c'est-à-dire comme «un ensemble unique de personnes mises ensemble» (*Ibid.*).

Si Michel Foucault (1975), décrit le système panoptique de surveillance des institutions fermées, il reste du point de vue implicite du pensionnaire, prisonnier, malade, ou soldat. Au contraire, le point de vue du responsable de l'ICAL décrit une diversité d'entrants qu'il doit impérativement contrôler. Pour cela, son action va sur les interactions mêmes des élèves en régime d'internat, ce contrôle des interactions assurant le «salut» même de l'institution.

Le dirigeant de l'ICAL, dans sa fonction coordonatrice pose le problème ainsi: «Comment accommoder et intégrer les récents arrivants» ? ».Comment gérer une telle diversité des arrivants, diversité par l'origine sociale, l'âge, l'origine géographique¹⁵⁵ l'expérience de certains élèves ?

¹⁵⁴Entretien du 15 décembre 2010 avec l'officier P...- prise de notes écrites.

¹⁵⁵Elèves du Nord de la Zone de Porto et ceux du Sud de l'Alentejo intérieur, des Açores, de Madère, de la zone PALOP. Pour exemple de ces diversités, ne serait-ce que langagières : les termes d'argot et d'injure sont parfois des régionalismes pouvant conduire à des quiproquos selon l'interrogé.

Comment alors, dans un tel système d'inculcation de valeurs pour l'apprentissage du commandement conçu par et pour les hommes, la femme va s'intégrer à celui-ci?

2. L'immersion par paliers de la femme dans le système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI et la question de genre.

2-1. La femme, nouvelle arrivante à l'ESP/ISCPSI

Dans un système classique de formation intégrale, les deux moments forts réservés à l'entrant(e) sont d'une part, la tension exercée par l'école durant les premières semaines pour inculquer et faire respecter les règles imposées dans l'emploi du temps quotidien, de l'autre, les classiques bizutages orchestrés par les «anciens» sur les «nouveaux».

Nous avons deux témoignages féminins, le premier d'une sortante de la 4^{ème} promotion entrée en 1987 (4.^o CFOP), le deuxième d'une entrante de 2007 (24.^o CFOP), la première analysant la pression exercée plus comme un facteur de nouveauté et d'adaptation après sortie du cocon familial que d'un véritable stress psychologique, la deuxième comme un soulagement intérieur dans cette perception de règles strictes appliqués à tous les entrants.

-Vous pouvez me raconter votre premier jour ?

-Le premier jour était compliqué parce que tout était nouveau.[...] Le fait de devoir dormir hors de la maison, de manger hors de la maison, de devoir rester une semaine entière dans l'école sans voir mes parents[...] faire mon lit très tôt, me lever à une heure contrôlée etc. C'était un peu compliqué !

-Et quelle était votre première sensation quand vous êtes entrée à l'école au milieu des uniformes ?

-Cela ne m'a pas du tout effrayé. Et je crois qu'à cette époque là cela avait une originalité attrayante («certa graça») Tout était nouveau. Et ainsi, il n'y eut aucune réaction d'éloignement ou de peur. Au contraire, tout cela était très agréable. J'ai le souvenir d'un lieu très agréable. On devait essayer les uniformes pour la première fois (...) des bottes de troupe. Cela ne fut pas négatif! Bien au contraire !¹⁵⁶

Ainsi de cette promotion de 22 entrants de l'année 1987, ne comptaient que deux filles, et comme telles, originales et sous l'effet de grâce par le choc de la nouveauté, d'une part du quotidien de l'école et non de celui de la maisonnée, de l'autre du troc des effets civils à l'uniforme.

Le deuxième témoignage, pour un moment situé vingt ans après, valorise plus cet effet d'ordre que celui de la nouveauté:

- Ce qui m'a marqué le plus, ce fut la première semaine. J'ai adoré la première semaine

- Pourquoi ?

- Parce que c'était l'institution qui donnait de nouvelles normes. Elle tentait de mettre en place de nouvelles règles. Ils ont été assez exigeants mais j'adorais.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Entretien enregistré du 22 décembre 2010, dans les locaux de la D.N. aimablement accordé au chercheur par la sortante du 4^{ème} CFOP.

¹⁵⁷ Entretien enregistré avec le chercheur du 20.02 2008, élève T...de première année

Pourquoi cet «amour» paradoxal d'un rigorisme imposé par l'école? Est-ce ce nivelage des classes sociales d'origine par le port d'uniformes «uniformisants»? Par l'impact de règles strictes, en quelque sorte rassurantes, par leur contraste au chaos urbain si proche? Est-ce une forme de réhabilitation du sujet après des années dans une zone rurale contrainte à des corvées parallèlement à l'école?¹⁵⁸

De façon générale, disons que cette première semaine à l'école, si elle est sévère pour l'entrant, ne met en place aucune discrimination envers la femme qui paradoxalement, du fait de sa minorité, (moyenne de 10% sur l'ensemble des promotions), à cette première phase d'intégration, semble plutôt mieux s'adapter que les garçons.

Ainsi, ce jeune homme (d'alors...) de la 3^{ème} promotion (3^{ème} CFOP, année d'entrée 1986) tout droit venu de sa faculté de Coimbra:

-Quel est votre souvenir quand vous êtes arrivé pour la première fois à l'Institut ?

... Du premier jour, du premier moment, Je venais avec le sac à la main(...) je me suis senti un peu effrayé parce que je voyais des personnes vêtues de bleu qui se comportaient de manière différente de ce qui était habituel là dehors. Un grand impact fut de devoir couper les cheveux d'enlever nos vêtements et vêtir un vêtement qui n'était pas mien...C'était un vêtement bleu !¹⁵⁹

¹⁵⁸ Sur ce point, l'interrogée, à cœur ouvert, nous a confié ses difficultés d'adolescente. Ses parents éloignés, immigrants en Grande Bretagne, elle, dans un village du *Tras os Montes*, contrainte pour un peu d'argent à s'occuper de chiens Saint Bernard, à prendre le car très tôt, à se sentir rabaissée auprès de ses camarades vêtues de vêtements de marque à l'école. Et elle «petite paysanne». Aussi, en entrant quelques années plus tard à L'ISCPsi, dans ce premier choc de l'ordre, n'est-elle pas instantanément réhabilitée, vouée à une «mission» justicière en même temps que de service public ?

¹⁵⁹ Entretien avec le chercheur aux bureaux de l'ISCPsi le 19 mars 2008

Nous retrouvons ici le rite classique où symboliquement, d'une part les effets personnels sont mis au feu, de l'autre les cheveux coupés expriment l'amputation d'une jeunesse considérée par l'école comme désordonnée et épicurienne.

Le deuxième rite, réservé aux «récents arrivés» est celui des bizutages («Praxes») que les interrogées dans l'ensemble approuvent «si elles sont bien organisées» malgré des dérapages en 2003 qui ont conduit formellement à leur suspension. Cette pratique a-t-elle un sens pédagogique ou n'est-ce qu'un défouloir dégradant des anciens sur les nouveaux? Comment les entendre?

Une officier du 12^{ème} CFOP¹⁶⁰ (année d'entrée 1995, année de sortie 2000), est résolument contre la discrimination positive; dans la même ligne d'idées, elle estime les bizutages parfaitement sains, aussi bien pour l'institution que pour l'intégration du nouvel arrivant. Elle reconnaît avoir vu de jeunes collègues pleurer (hommes ou femmes, on ne sait pas?) tandis qu'elle résistait¹⁶¹. S'insérant selon nous dans le stéréotype de la guerrière spartiate, stoïque, le rite du bizutage serait une étape incontournable pour la formation de l'officier moderne soit-il homme, soit-elle femme¹⁶².

¹⁶⁰Promotion quantitativement exceptionnellement petite avec 10 garçons contre 4 filles ce qui constituait du point de vue des genres une proportion inhabituelle (Ordem de serviço, n°118 A, II parte, do 13 de Julho de 2000)

¹⁶¹Cette officier me comptait de manière tout à fait cordiale l'environnement de sa famille, plutôt centrée sur les traditions des armées: des aïeux du contingent portugais (CEP) envoyé à «la Lys» durant la première guerre mondiale, un grand frère et son mari lui-même sortis de l'Académie Militaire. Passionnée de voitures, brillante en sport de combat, elle me déclarait ne jamais vouloir renoncer à son côté féminin. Et physiquement, loin de me paraître virago, elle associait paradoxalement un évident charme féminin à une fermeté virile accentuée par son uniforme d'officier supérieur.

¹⁶² Entretien avec l'officier E... prise de notes aux bureaux de l'ISCPSI du 1er octobre 2010.

L'officier de la 4^{ème} promotion, entrée en 1989 (4.^o *Curso de Formação de Oficiais de Polícia*)¹⁶³ confirme cette légitimité des bizutages pour tous les nouveaux arrivants:

- Il y avait des bizutages mais jamais dans le sens d'humiliation(...). Bien au contraire! D'ailleurs, nous tentions de faire exactement les mêmes choses comme les hommes, adaptées logiquement à notre condition. Cela était d'ailleurs la Philosophie de l'Ecole. Nous tentions toujours de maintenir là un esprit d'unité et d'égalité de condition.
- *Il y avait des bizutages réservés spécialement aux femmes ?*
- Non! Non!
- *Quel type de bizutage y avait-il à cette époque là ?*
- De mon temps, elles étaient du type: faire des rédactions, excusez-moi du terme, sur le sexe des fourmis, des choses de ce style. Je me rappelle très bien un élève de 4^{ème} année m'avoir fait faire un travail d'enquête sur ce que les élèves officiers aimaient le plus prendre au petit déjeuner ou au dîner. Ah ! Aussi Beaucoup de pièces de théâtre...Instruction physique, ordre uni [...].

Malgré des contradictions dans le même discours sur l'intérêt pédagogique des exercices demandés, la constante est que l'ordre émane non de la direction de l'Ecole mais des élèves plus âgés, en l'espèce de 4^{ème} année qui eux aussi sont passés par ce rite. Cette pratique, selon nous, rejoint le principe du binôme obéissance/commandement extériorisé puis intériorisé pour mieux s'imprégner et se positionner sur la chaîne hiérarchique, dynamique

¹⁶³ Entretien enregistré aimablement accordé au chercheur le 22 décembre 2010 dans les locaux de la DN.

même de l'institution militarisée de la PSP. A noter que les élèves de 3^{ème} ou 4^{ème} année se révèlent parfois extrêmement durs avec les plus jeunes, me comptait un élève de première année, quelque peu exaspéré de devoir se mettre au garde à vous devant un jeune homme de 21 ans alors que lui-même était ancien agent principal, c'est-à-dire donc déjà professionnel confirmée de la maison PSP!

De façon générale, selon les propres mots du coordinateur de l'ICAL¹⁶⁴, les femmes récemment arrivées pénètrent dans un microcosme, une organisation masculine et comme telles pourraient ne pas tout partager dans leur quotidienneté avec les garçons. Cependant, contraire au principe d'une masse humaine organique qu'il s'agit de modeler jusqu'à créer des officiers d'une police moderne, la femme élève officier partage tout excepté l'espace des chambres séparées par genre.

Ainsi, après les rites de la première semaine (nouveau visuel physique: l'uniforme, les cheveux coupés, le garde à vous. Mais aussi rite du bizutage) commence un processus d'immersion lente, fait de paliers de compression, pour une acclimatation progressive à d'autres pressions des grandes profondeurs du couvent du Calvaire de Alcântara à Lisbonne, siège de l'exclusive école supérieure de police portugaise.

2-2. Les anomalies du système de formation intégrale dans la gestion des chambres et projets-école à l'attention des filles

J. Ramos do Ó (2003), dans son analyse sur les lycées portugais de l'époque salazariste, cite Michel de Foucault et son concept de «Technologies du moi»

¹⁶⁴Entretien du 15 décembre 2010 avec l'officier P...- prise de notes écrites.

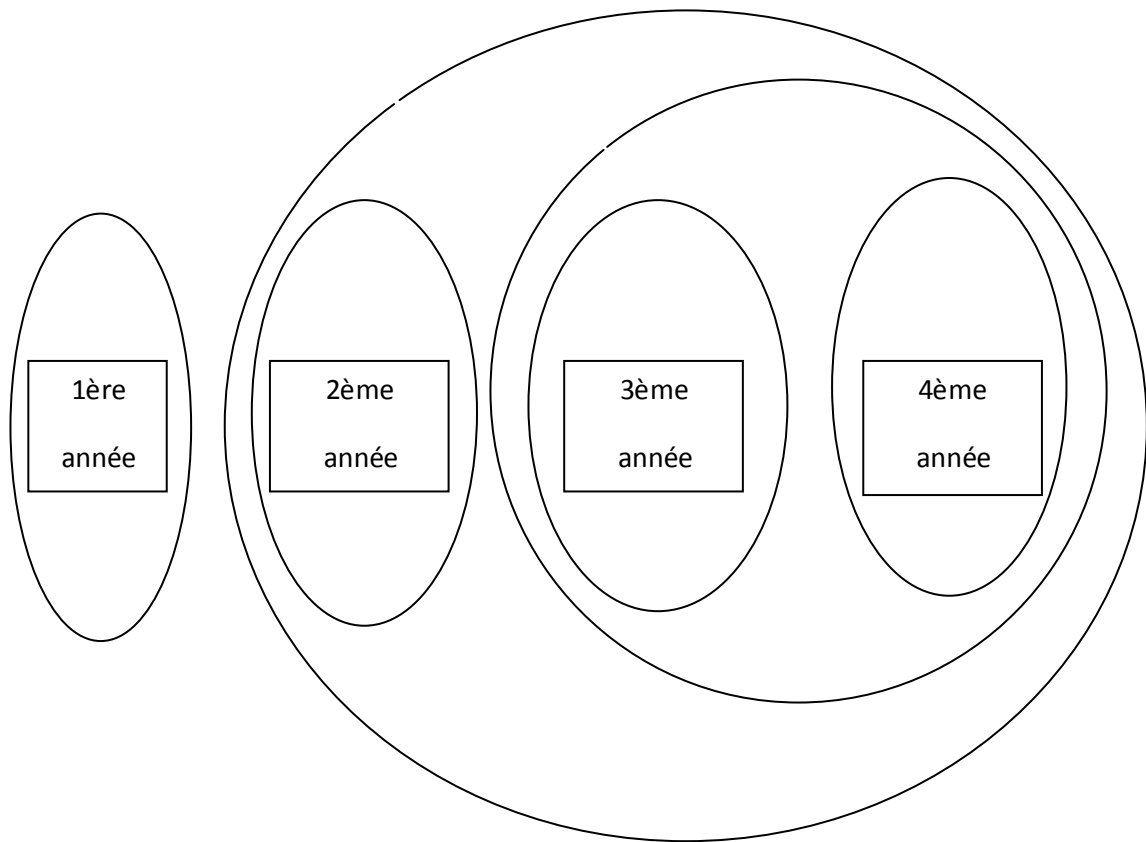
Quand on parle de technologies du moi, Foucault se réfère à tout un ensemble de techniques de pouvoir qui ont incité le sujet à agir et procéder à des modifications sur son âme et corps, sa pensée et conduite, le liant à une activité de constante surveillance et adéquation aux principes moraux en vigueur à son temps (p.5)

Ces technologies, plutôt que de contraindre d'un point de vue externe, assorties de menaces et de peurs, suscitent dans «l'inconscient» même des sujets des conduites permanentes d'autocontrôle édictées selon des valeurs prédominantes dans une société particulière à une époque déterminée. Cette description de la technique du moi, intrinsèquement jésuite, transposée à notre objet de recherche, resterait cependant, selon nous, incomplète sans l'explication de l'immersion progressive que nous aimerions développer en prenant en compte, naturellement, la question de genre.

En effet, il serait, selon le coordinateur de l'ICAL¹⁶⁵, incongru d'associer des élèves de 1^{ère} année avec ceux de 3^{ème} ou 4^{ème} année au degré de maturité dans l'apprentissage du commandement beaucoup plus avancé. Aussi, sans pour autant les isoler, les nouveaux arrivants sont soumis à deux règles strictes; la non participation aux projets d'école (seulement observateurs) jusqu'à l'entrée en 2^{ème} année, trop jeunes pour intégrer des équipes de projets sportifs ou humanitaires dynamisés par les élèves les plus anciens: deuxième règle, ils sont affectés à des dortoirs distincts, les moins confortables, situés dans la partie ancienne de l'Institut au pied même des bureaux de l'ICAL. «Ils sont agglutinés mais non isolés», (*Ibid.*).

¹⁶⁵Entretien mené le 15 décembre 2010, tout à fait cordial et ouvert, avec l'officier P...-prise de notes écrites.

Tableau n°4: Croquis représentatif de l'intégration progressive des entrants dans le système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI



Le croquis ci-dessus reproduit le schéma présenté par le commandant de l'ICAL au chercheur. Cette représentation met en évidence, selon nous, la dynamique d'apprentissage exécuter /commander intériorisée par les élèves cadets, ni sous la forme de cours magistral, ni sous celle d'un effort physique répétitif, mais par la permanente coexistence avec des collègues tantôt identiques, tantôt plus âgés. Cette coprésence d'élèves est exploitée au maximum aussi bien dans sa dimension de camaraderie que dans celle du conflit, coprésence contrôlée discrètement mais en permanence, dans l'objectif de faire apprendre la relation à autrui vécue et sentie pour savoir commander. Aussi le concept de formation intégrale, en régime

obligatoire d'internat apparaît l'un des piliers de la philosophie de l'Institut¹⁶⁶

Cependant, cette subtile machine d'acclimatation, face à cette évidente minorité de filles sous le régime en internat (22 jeunes femmes pour 162 jeunes hommes en décembre 2010¹⁶⁷, soit 13%), ne peut plus toujours contrôler «le parfum d'elles» (*Ibid.*), d'une part dans l'affectation rotative des chambres, de l'autre dans la participation aux projets.

De façon générale, l'espace où on se lave, met son pyjama et rejoint son lit est celui d'une certaine intimité, que chacun souhaite préserver comme une bulle spatiotemporelle propre en principe non partageable dans le cadre d'une institution militarisée. A l'ESP/ISCPSI, les installations sont de types chambres pour 5/6 et non des dortoirs collectifs comme pour l'EPP anciennement. Cet espace-temps du pensionnaire et exploité pédagogiquement par l'ICAL, ce que nous explique son commandant:

¹⁶⁶ Cette nécessité d'une formation de base en régime d'internat est explicitée par un officier du 3^{ème} cours de CFOP (l'officier H...année de sortie juillet 1991), je reprends ici quelques extraits de notre entretien du 19 mars 2008:

- *Si un ministre souhaitait vouloir réformer l'école de police et supprimer le système de formation intégrale pour un concours externe comme en France, quelle serait votre réponse ?*

- Cette exemple est connu dans des pays étrangers... Mais je pense que cela conduirait à perdre une forte cohésion de la police... et que se perde une forte cohésion entre les officiers de Police. Surtout, le préjudice serait le suivant...Les officiers de Police seraient moins disciplinés... et ils instaureraient moins de discipline [...] Ce qu'on attend de la police, ce sont des officiers intègres, de grand caractère. Et ce qui s'attend des forces de la police, c'est une grande cohésion. Il ne peut y avoir aucun doute à ce sujet sur ce qui doit être fait en moments de crise. Et c'est bien cela que nous perdrons ![...] Par exemple, le modèle français, et c'est ce modèle que je désigne, des personnes avec des cultures très différenciées avec des personnes qui se connaissent mal comme pour ainsi dire inconnues entre elles.

¹⁶⁷ Selon les données fournies aimablement par le Commandant de l'ICAL en décembre 2010

Du fait de devoir partager la même salle de bain, cela permet une meilleure intégration, lorsque par exemple l'un des pensionnaires n'a pas de shampoing. Au lieu de séparer des salles de bains, les personnes avec des difficultés relationnelles, l'ICAL développe une proximité très étroite et exige que les élèves, tantôt entre garçons, tantôt entre filles, aient leurs lits les uns à côté des autres le semestre suivant. Au lieu de les éloigner, nous les mettons les uns à côté des autres.¹⁶⁸

Cette permanente action pédagogique de la gestion des conflits, orchestrée depuis des lustres selon des traditions militaires parfaitement rodées, ne peut cependant, sur quatre années, établir de nombreuses combinaisons dans l'affectation des lits pour les filles, réduites à une vingtaine. Ou si vous préférez, les élèves féminins, beaucoup plus ensemble dans un espace-temps privilégié non directement régi par la machine de formation intégrale, vont avoir beaucoup plus l'occasion de fraterniser, solidarisées dans un espace qui n'est que leur.

La chambre était comme si elle avait été notre maison.[...] La différence qu'il peut y avoir entre une chambre au féminin et une chambre au masculin est, si ça se trouve, que la chambre au féminin est plus rangée avec une touche plus féminine à l'espace.¹⁶⁹

Ainsi, les filles, non seulement s'approprient l'espace mais aussi y laissent leurs traces et le transforment à partir de leurs objets et style. Les chambres sont toujours bien rangées avec parfois des cadres des fiancés sur les tables de nuit (tolérance non acceptée en 1987 me comptait une élève officier du 4^{ème} CFOP). Enfin, les chambres sont

¹⁶⁸ Entretien du 15 décembre 2010 avec l'officier P...- prise de notes écrites.

¹⁶⁹ Entretien téléphonique enregistré du 24 janvier 2011 avec l'officier M... du 20^{ème} CFOP, année de sortie, 2007.

communicantes avec des salles de bains communes élargissant l'espace féminin «solidarisant»:

Nous c'est comme ça ! Nous avons une chambre qui a accès à une autre chambre. La salle de bains est partagée, qu'il y ait trois élèves d'un côté et quatre de l'autre.[...] Les chambres des filles sont toujours les mêmes de la 1^{ère} à la 4^{ème} année¹⁷⁰

Ainsi, alors que la gradation hiérarchique chez les garçons, déclinée sur quatre niveaux, est retraduite par une catégorisation des chambres (les chambres les plus anciennes et vétustes pour les garçons de 1^{ère} année), les filles, toujours entre elles, bénéficient d'une presque égalité de faveur quant au confort de leurs chambres. «Et quand nous voyons les chambres des garçons dans l'aile ancienne [de l'école] ceux-ci ne disposent pas des mêmes conditions que nous» (*Ibid.*). L'élève féminin de 4^{ème} année reconnaît son presque privilège à disposer ainsi d'un havre ressourçant, presque caché dans l'univers stressant de la machine de formation intégrale de l'Institut.

C'est déjà ainsi, ma chambre est déjà égale à celle d'un aspirant.[...]. Je ne change rien. J'ai de bonnes conditions; celle-ci a plus de privacité. Il y a moi et M... dans une chambre. Toujours deux personnes, C'est vraiment très bon« (*Ibid.*).

Le système de formation intégrale, vis à vis des filles, du fait de leur forte minorité, établit involontairement un privilège dans l'attribution des chambres. Cependant (ou en contrepartie?), il va aussi plus les solliciter que les garçons dans la réalisation des projets-école.

Les projets-école, de façon générale, visent à développer chez les élèves officiers la capacité à concevoir et réaliser collectivement des

¹⁷⁰Entretien enregistré de janvier 2011 avec une élève de 4^{ème} année T..., du 24^{ème} CFOP.

actions tantôt humanitaires, tantôt sportives, destinées à promouvoir l'image de l'Institut tout en favorisant l'esprit d'abnégation au profit de la collectivité en général¹⁷¹.

Variés, ils concernent aussi bien les courses athlétiques de solidarité ouverts «à tous les citoyens» (en partenariat avec des associations de bienfaisance) que l'aide à la banque alimentaire, le recueil et la distribution de jouets aux enfants des milieux les plus défavorisés à l'époque de Noël, ou encore les tournois inter-académiques de football intérieur, basket...

Du point de vue pédagogique, ces initiatives (évaluées par l'ICAL) sont extrêmement enrichissantes pour l'élève, appelé à s'investir jusqu'à la phase finale du projet, contraint à collaborer et interagir avec ses pairs, à obéir, mais aussi s'affirmer avec créativité dans la bonne conduite de travaux généreux.

Parce que, dans un avenir proche, en tant qu'officiers de police, ils vont passer toutes leurs journées à faire cela...des projets les plus petits aux plus grands. Ainsi, ils commencent à voir cette difficulté. Comment va être la phase de planification, la phase d'exécution, la phase après la conclusion, faire le «briefing». Qu'est-ce qui s'est bien passé? Qu'est-ce qui s'est mal passé? Qu'est-ce que nous pouvons améliorer ?¹⁷²

Les élèves officiers féminins, du fait de leur petit nombre, peuvent être sollicitées plus fréquemment, surtout si celles-ci disposent de compétences exceptionnelles comme cette championne nationale de saut à la perche:

¹⁷¹ "Le projet école est une initiative annuelle menée à bien par un groupe d'élèves ayant pour objectif la planification ou l'exécution d'un projet contribuant à l'élévation du prestige de la PSP et de l'ISCPSI [...] l'image et l'interaction de la PSP et de l'ISCPSI avec l'extérieur. («Regulamento de Avaliação do Corpo de Alunos», artigo nº23).

¹⁷² Entretien enregistré avec la commandante de l'ICAL V... d'alors, réalisé dans les locaux de l'Institut le 19 décembre 2006.

-Relativement aux activités extrascolaires, penses-tu être plus sollicitée que les garçons ?

-C'est vrai! Mais cela a une raison logique parce que nous sommes moins nombreuses et tout le monde n'a pas d'aptitude pour le sport. Ainsi celles ayant un peu plus d'aptitude sont plus sollicitées et je participe ainsi à de nombreuses activités

-Quelles activités ?

-Actuellement, je pratique l'entraînement de football en salle. Mais je fais aussi du volley, de l'athlétisme et je fais aussi du judo j'aime aussi participer aux courses d'orientation

-Tu participes aussi à des activités plus caritatives?

-De tout ce qui est solidarité, j'aime participer

-Tu arrives à harmoniser toutes ces activités sur ton agenda ?

Il est toujours rempli! Mais c'est ainsi! J'ai passé quatre ans ici mais pour moi cela m'a paru comme si c'était un an. Parce que si j'avais été là dehors, j'aurais senti le temps plus long à passer. Ici! Non! Comme je suis toujours très occupée, je ne sens pas le temps passer¹⁷³.

D'une part, cette sollicitation de l'élève féminin exceptionnelle la transforme inéluctablement en vitrine institutionnelle sous l'effet de l'effectif restreint féminin, de l'autre sa suractivité au sein de l'institut implique le sacrifice de son temps exclusivement consacré à l'Institut.

Toujours dans le domaine de l'extrascolaire, Les *alunas cadetes*, - qui auraient plus le talent de la plume que les garçons?-s'investissent intensivement dans la réalisation des numéros de la revue interne:

¹⁷³ Entretien enregistré de janvier 2011 avec une élève de 4^{ème} année T..., du 24^{ème} CFOP.

«Boletim do ISCPSI». En effet, les articles sont signés à peu près par moitié entre garçons et filles alors que cette représentation des auteurs ne traduit pas la réalité des effectifs de l'Institut du point de vue des genres¹⁷⁴.

Pour conclure sur ce point (2-2) consacré à l'immersion progressive de la jeune fille dans le système de formation intégrale de l'Ecole supérieure de police, celle-ci s'intègre, année après année au moule d'apprentissage du binôme obéissance/commandement avec cependant deux anomalies du système.

La première, de par leur faible effectif, les jeunes filles s'octroient un microcosme spatiotemporel dans le macrocosme de l'Institut, le microcosme des chambres communicantes et de leurs salles de bain respectives; cet espace de convivialité, proprement et exclusivement féminin, favorise la mise en parenthèse des rouages du «dressage»¹⁷⁵ de la machine d'inculcation des valeurs de l'officier moderne de police tout en engendrant naturellement de nouvelles solidarités basées sur l'unique fondement du genre.

Deuxième faille enfin du système, c'est que ces jeunes élèves filles, du fait d'être minoritaires mais aussi dotées souvent d'exceptionnelles aptitudes, rares élues à une sélection impitoyable d'entrée, sont sur sollicitées à participer activement aux différents projets extrascolaires afin de rééquilibrer les équipes de travail du point de vue des genres.

¹⁷⁴Au n°21 (octobre 2007), sur 9 articles signés 4 le sont par des filles, au n°22 (décembre 2007 sur 14, 8 sont de filles.

¹⁷⁵Le mot n'est pas de moi: «adestramento», cité notamment dans le règlement d'évaluation du corps d'élèves: «que la composante déontologique et le dressage policier soient pensés dans une logique intégrée de formation, en complément de la formation universitaire des domaines scientifiques composant le cours (avec la signature du directeur de l'époque Alfredo Jorge Farinha Ferreira, règlement des années 2005)

Ces deux points, cependant, ne paraissent ni discrimination ni favoritisme mais la conséquence naturelle d'une sous représentation des filles les solidarisant d'une part dans leurs chambres, les appelant à plus s'investir encore dans les activités extrascolaires, de l'autre.

Analysons désormais les performances scolaires proprement dites et leur neutralité ou non du point de vue des genres.

3. La compétitivité scolaire et la relation de genres

En France, «de la maternelle à la fac, les filles sont les meilleures» rappelaient C. Baudelot et R. Establet¹⁷⁶, dans la ligne sociologique militante française des années 1990, au point que le stéréotype courant véhiculé serait la suprématie des filles par rapport aux garçons dans le cadre d'études universitaires et son inverse dans le domaine des sports.

Conduit par un tel stéréotype, lors de notre rencontre avec le Directeur fondateur de l'Institut¹⁷⁷, nous l'avons interrogé de la manière suivante:

- *Avez-vous assisté à une certaine jalousie d'élèves garçons face au succès des éléments féminins plus particulièrement aux disciplines intellectuelles ?*
- Je n'ai assisté, ni ne pense qu'il y ait quelque motif à ce que les garçons aient de la jalousie par rapport aux jeunes filles étant donné qu'il n'existe collectivement aucune supériorité des uns sur les autres du point de vue du genre. A l'analyse des

¹⁷⁶(1992), Paris, aux éditions du Seuil.

¹⁷⁷Entretien avec le chercheur du 01 juillet 2011

classifications finales obtenues aux 23 cours déjà conclus, on peut constater:

Aucune femme n'a été classée première, 15 sont restées parmi les cinq premières classées, 9 entre le 6^{ème} et le 10^{ème} rang, 17 entre le 11^{ème} et le 20^{ème} rang, 8 entre le 21^{ème} rang et le 26^{ème} rang

En reprenant les données énoncées, tentons de les interpréter par la formulation d'un tableau où nous associerons les données du Directeur fondateur, avec celles manquantes relatives aux garçons afin de répondre objectivement à cette question: les filles, au cursus scolaire de l'ESP/ISCPSI, étaient-elles en général meilleures que les garçons ?

Tableau n°5: répartition des effectifs féminins et masculins en fonction du rang de sortie pour l'ensemble des 23 premières promotions

Rang*	Garçons	Filles
1 ^{er} / 1 ^{ère}	19	0
2 ^{ème} / 5 ^{ème}	56	15
6 ^{ème} / 10 ^{ème}	80	9
11 ^{ème} / 20 ^{ème}	163	17
21 ^{ème} et suivants	71	8
TOTAL des entrants	389	49

*Ne sont comptabilisées que les cohortes où coexistaient garçons et filles et non celles exclusivement masculines. L'effectif total de garçons indiqué est de 389 et non de 439, n'ayant donc pas comptabilisées les cohortes n°1, 3, 6, 7 CFOP pour ces motifs.

Ce premier tableau, quantitativement, laisserait entendre une suprématie des garçons par rapport aux filles aux dix premières places

du *ranking*. Une telle interprétation serait erronée selon nous, sans rapporter ces chiffres aux proportions respectives des entrants garçons et filles. Aussi suggérons-nous le tableau suivant:

Tableau n°6: proportion en pourcentage de garçons et filles aux dix premières places du classement rapportées à leurs effectifs respectifs d'origine

Rang*	Garçons	Filles
1 ^{er} / 1 ^{ère}	11%	0%
2 ^{ème} / 5 ^{ème}	14%	31%
6 ^{ème} / 10 ^{ème}	21%	18%

Nous pouvons alors affirmer que les 2^{ème} aux 5^{ème} places du classement final de sortie sont majoritairement occupées par des filles, le plus du double des garçons, si on les rapporte proportionnellement à leur effectif d'origine. Les filles, moins bonnes ou meilleures? Nous n'entrerons pas dans ce sujet, parfois controversé, et peu utile à l'harmonisation des genres à la PSP. Ces chiffres sont simplement énoncés ici pour entériner la réciprocité du respect des genres dans l'enceinte de l'ESP/ISCPSI, respect au demeurant déjà bien établi, du moins chez les officiers.

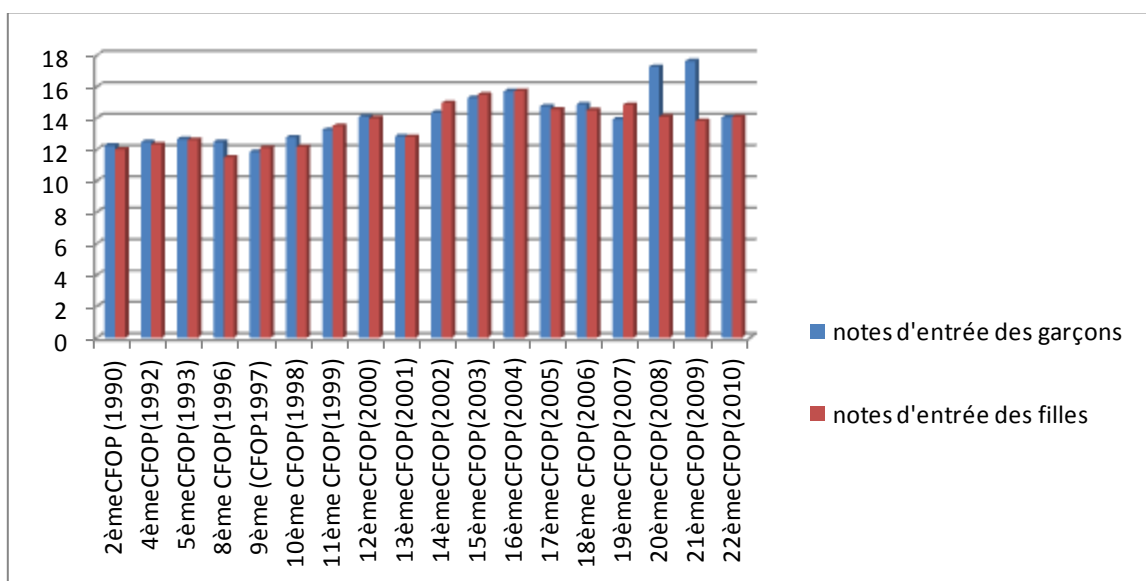
De façon générale, le classement final est une étape assurément importante pour l'officier de police de la PSP, d'une part pour sa réputation et ses chances d'avancement¹⁷⁸ d'autre part pour la latitude de son choix d'affectation spatiale – et son désir le cas échéant d'être au près de sa famille. Les affectations spatiales, généralement, suivent cet ordre: *Comando Metropolitano* de Lisboa ou de Porto, puis de Faro, de

¹⁷⁸ Pour exemple le nouveau directeur de la DN, récemment investi est le major de la première promotion de L'ESP. Le responsable du GEP (Cabinet d'études et de planification) de la D.N. est lui aussi major de la 7^{ème} promotion.

Coimbra, d'Evora, de Setúbal, de Portalegre, de Beja; enfin *Comando Regional* de Madère et des Açores.

Nous aimerions, toujours dans cette première approche quantitative sur les performances respectives des filles et des garçons, analyser désormais les notes d'entrées (note attribuée au candidat admis) et de sortie (note attribuée à l'aspirant promu Sous-Commissaire). L'objectif est de déceler ou non des différences dans l'attribution des notes suivant qu'il s'agit d'un garçon ou d'une fille.

En ce qui concerne les notes d'entrée, la variable genre ne paraît produire aucun effet.

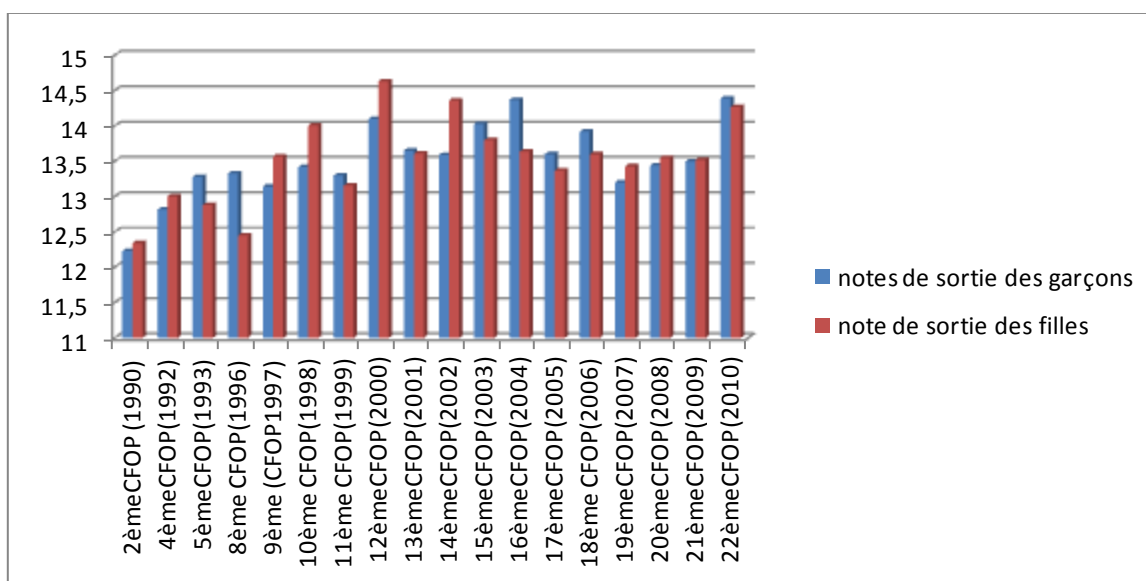


Sources : Direction de l'ISCPSI

Graphique n°4 Evolution des notes d'entrées des admis de 1985 à 2005

Les notes d'entrée, qu'il s'agisse de filles ou de garçons, sont légèrement différentes, exceptées pour les 20ème et 21ème CFOP, de manière plus accentuée, (années d'entrée 2003 et 2004 respectivement), les moyennes respectives pour l'ensemble de la période considérée (de 1985 à 2005) est de 14.03 pour les garçons et de 13,62 pour les filles.

Analysons désormais les notes de sortie:



Sources : Direction de l'ISCPsi

Graphique n°5: Evolution des notes de sortie depuis 1990 à 2009

Ici, encore sur le seul indice de la moyenne arithmétique, les notes sont pratiquement les mêmes pour l'ensemble des promotions 13,52 pour les garçons contre 13,51 pour les filles.

Succinctement, nous pouvons affirmer que l'écart entre les notes des garçons et celles des filles constatées à l'entrée et à la sortie de l'école tend à disparaître, les hommes comme les femmes achevant leur cursus selon des évaluations quasi identiques du point de vue global.

Le tableau suivant résume notre affirmation:

Tableau n°7: moyenne des notes d'entrée et de sortie des filles et des garçons

Type de notes	Filles	Garçons
D'entrée	13,62	14.03
De sortie	13,51	13,52

Au cours de ce point (2) consacré à la formation initiale de l'officier, nous avons recueilli des indices de la philosophie de l'école: l'immersion progressive de l'élève en régime d'internat et sa responsabilisation croissante dans un investissement toujours plus exigeant jusqu'à la dernière année; dans ce contexte, la fille négocie plutôt bien son séjour, privilégiée par le microcosme particulier de sa chambre qu'elle partage avec ses consœurs coutumières; cependant, son investissement est redoublé, surtout pour les activités extrascolaires. Nous avons ensuite analysé la compétition scolaire et le classement final des élèves, pouvant affirmer que, proportionnellement à leur nombre, les filles se positionnent plutôt bien à l'échelle de sortie.

Nous souhaiterons désormais rappeler les contenus généraux des cursus et leurs relations aux genres.

4. la succession des cursus scolaires de l'ESP/ISCPSI et l'évolution de sa philosophie

La suite des programmes scolaires est, selon nous, un indicateur précieux entre d'une part la tendance normative que les dirigeants de l'école mettent en œuvre, et de l'autre l'évolution d'une société que le législateur tend de modéliser sous le prisme d'une réorganisation du cursus. Ainsi, la combinaison disciplinaire traduit, dans le cadre de notre objet d'études, une conception du bagage de l'apprentissage de l'officier de police pour son intervention future dans une société en mouvement.

4-1. Le premier cursus de 1984 et sa dimension militaire accentuée

Le premier cursus de l'ESP, décliné pour être réalisé en cinq ans, développe trois composantes; celle humaniste, résolument universitaire et dans une proportion élargie littéraire: celle juridique assortie non seulement de Droit pénal mais aussi de Droit Civil ou de Droit du Travail. Celle enfin de nature plus militaire avec des notions techniques d'attaque ou défense de troupes. Il traduit selon nous le paradoxe d'une école encore commandée par des militaires mais au service de la société civile qui a su reconquérir ses droits de citoyenneté au lendemain de la Révolution du 25 avril. Aussi, au travers de ce cursus formulé par la commission d'installation, se dégage le profil d'un(e) officier dont son instruction, métissée, rassemble, en même temps, les modèles du littéraire, juriste et stratège militaire.

Tableau n°8: Tableau résumé du premier cursus de l'ESP en 1984¹⁷⁹

<i>Domaine culturel et sportif</i>	<i>Zone technico-scientifique</i>	<i>Domaine technico-policier</i>
Langue et Littérature portugaise Histoire et Culture portugaise Langue française Langue anglaise Intro. Science Sociales, Sociologie Psychologie Philosophie politique Economie Finances Informatique Education physique	Intro Droit Droit civil Sciences Politiques Droit Constitutionnel Droit administratif Droits, Libertés, garanties Droit criminel Procédure pénale et organisation judiciaire Droit du travail et syndical Droit fiscal Droit des mineurs Contraventions et transgressions	<u>Instruction militaire générale</u> <u>Armement et tir</u> <u>Topographie</u> <u>Transmissions</u> Organisation policière <u>Technique des forces de sécurité</u> Technique du service policier Investigation criminelle Administration du personnel Logistique Ethique policière

Seules six filles¹⁸⁰, en tout, suivront ce cursus avant sa reformulation en 1990. Ces pionnières, plutôt bien préparées à la

¹⁷⁹ Portaria n° 261/84, Diário da República I série número 96, terça-feira 24 de Abril de 1984.

¹⁸⁰ 2 pour le 2ºCFOP, 2 pour le 4ºCFOP, 2 pour le 5º CFOP

dimension littéraire dans le prolongement des humanités acquises au lycée, resteront en revanche dans une totale découverte de l'instruction militaire, instruction dont la légitimité pouvait être remise en cause dans le contexte de préparation d'un officier pour une intervention exclusivement urbaine concentrée sur des populations civiles.

Fallait-il craindre alors une dimension misogyne d'un milieu explicitement militarisé malgré son ouverture humaniste? Tel qu'il est décrit par Carreiras (2004), rappelant que:

Dans l'univers militaire existent les ingrédients nécessaires pour que se créent les conditions de pression dans le développement de l'isolement social et l'étiquetage. Les effets du *tokenismo* sont par conséquent dans l'articulation de ces différents facteurs: être femme, membre d'un groupe numériquement faible et travailler dans une occupation qui selon les normes, est définie comme masculine. (p.98)

Ces caractères semblent invalidés à notre étude pour les motifs suivants.

Le premier est l'effet de nouveauté d'une école créée *ex nihilo* où les dirigeants militaires, étreignent eux aussi les locaux. Aussi les filles, plutôt que d'intégrer une structure préexistante aux traditions machistes séculaires, sont sous le charme de la nouveauté, charme partagé par l'ensemble des acteurs de l'établissement: professeurs civils et militaires, dirigeants et élèves.

Le deuxième motif est la pression implicite exercée sur les instructeurs militaires eux-mêmes, appelés à représenter brillamment leur institution d'origine et les dites traditions militaires («tradições castrenses»), investis d'une mission pédagogique dont son corolaire est le respect d'une altérité fondée sur le genre entre élèves. La coprésence d'enseignants civils réputés, à la fois acteurs et observateurs renforce ce

principe de représentation et «conscientalisation» en acte de l'institution d'origine que chacun représente. D'un côté les enseignants universitaires sont implicitement les mandataires désignés de la société élitiste universitaire civile; de l'autre les officiers instructeurs de la prestigieuse et séculaire *Academia militaris*. Dans un tel contexte, la misogynie est au pire refoulée au mieux proscrite par l'ensemble des acteurs masculins de l'établissement, professeurs comme élèves. Sur ce point, une élève de la 4^{ème} promotion déclarait à ma question¹⁸¹:

-Pensez-vous qu'il y ait eu de la part de vos collègues masculins une volonté de vous éloigner?

- Au contraire! Un sentiment très protecteur et responsable. Je crois qu'ils [les garçons] étaient un peu plus adultes comparés à l'âge qu'ils avaient à cette époque-là. L'esprit était très protecteur

Certes, les élèves officiers masculins, dans un spontané sentiment généreux de protection de leurs consœurs, éloignent aussi bien la discrimination que le mépris sur des considérations fondées sur le genre. Cependant, dans ce contexte de représentation renforcée, se sentant obligés à être prêts à protéger leurs consœurs, ces élèves officiers masculins avouent implicitement la sentir potentiellement vulnérable. Aussi, la toute jeune ESP, si elle condamne explicitement tout mépris envers les élèves féminins, ne réussit pas pour autant à fonder une parfaite altérité de celles-ci aux yeux des garçons, plus animés d'un esprit chevaleresque défenseur du sexe faible que reconnaissants de sa parfaite légitimité à la voir réaliser les mêmes tâches.

¹⁸¹ 4^oCFOP, année de sortie 1992, entretien enregistrée du 22 décembre 2010 dans les locaux de la DN. L'interviewée souligne, selon elle, ce décalage de maturité entre les élèves de 1987 et ceux de 2010. A quoi nous ajouterions: pourquoi le garçon d'aujourd'hui est pubère plus jeune, et adulte plus âgé? (voir enfin les photos des quatre premiers CFOP à l'album photos n°12 ci-dessous).

Et si l'élève féminin, consciente de cette faveur, aussi bien de la part de ses homologues masculins, que de celle des officiers militaires instructeurs (voir album photos n°12, ci-dessous), négociait son intégration, à cette phase de formation initiale, non pas dans un rapport de force psychologique usant, mais dans l'équivocité statutaire d'une femme potentiellement vulnérable et cependant appelée à commander avec fermeté et ténacité?

Album photos n° 12 : premières élèves femmes de l'ESP.



Photo n°56: 2° CFOP Photo de la cohorte avec le chef instructeur, bien centrée à la place d'honneur avec les deux seules filles de la promotion à ses côtés



Photo n°57 bis (détail): même rituel des filles assises auprès du commandant instructeur.



Photo n°56,bis (détail). Le chef instructeur, aux épaules massives, pondéré, transmet l'équilibre, mais aussi la protection aux protégées

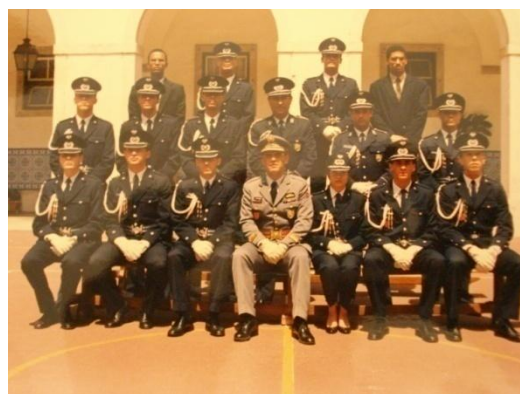


Photo n°58: photo de la cohorte du 7° CFOP



Photo n°59:Idem, détail.



Photo n°57:photo de la cohorte du 4° CFOP

Cet album, suite de traditionnelles photos de groupes, révèle selon nous cette dimension explicite d'un sentiment protecteur de la part des dirigeants militaires, ceux-ci réservant les places assises de part et d'autre du chef instructeur aux «demoiselles». Celles-ci, figées, dans une immobilité théâtralisée par leur uniforme de parade assortis de gants blancs, posent à la fois pour la jeune école d'officiers qu'elles représentent, comme à titre individuelle, de la carrière qu'elles vont suivre.

Sur les photos n°56 bis et n°57 bis, les deux jeunes filles, légèrement tendues, apparaissent soumises à un procès d'instrumentalisation de leur genre, procès souhaité institutionnellement pour renouveler l'image de la PSP: sur la deuxième photo, la fille assise à gauche du commandant militaire instructeur, sans pour autant minauder, semble parfaitement comprendre et assumer le statut qu'on lui assigne, sous réserve de pouvoir par la suite le négocier selon ses propres armes féminines.

4-2. Le cursus de 1990 développe la dimension du système de formation intégrale ainsi que la composante sportive

Le cursus suivant, dans son idée générale, ampute dans le domaine culturel (retrait de *l'introduction aux sciences sociales* et de la *Philosophie politique*) pour consacrer d'une part la dimension comportementale de l'élève dans sa permanence sous le séjour en internat dans l'institut avec l'instauration d'un cabinet *ad hoc* dénommé *Instrução do Corpo de Alunos*, de l'autre par un élargissement de la dimension sportive à la fois théorique et pratique, pour affirmer la robustesse de l'élève comme de sa capacité à se défendre physiquement.

Tableau n°9 : tableau résumé du cursus de l'ESP appliqué à la rentrée de 1990 ¹⁸²

Domaine culturel	Domaine juridique	Domaine technique
Economie Statistique Ethique policière Histoire culture portugaise Informatique Langues française, anglaise et portugaise Psychologie sociologie	Sciences politiques Droit: administratif, civil, communautaire, constitutionnel, fiscal. Droits fondamentaux et Droits de l'Homme Droit des mineurs et de la famille, pénal, du Travail et Syndical Introduction à l'étude du Droit Procédure pénale et organisation judiciaire	Administration et Comptabilité Commandement Engins explosifs Logistique Munitions et balistique Investigation policière Organisation policière Relations publiques Techniques des forces de sécurité, du service policier Techniques de communication Technologie de l'armement Topographie Transmissions
Domaine de l'Education physique	<u>Instruction du corps des élèves</u>	
Défense personnelle Sports Gymnastique	Conférences, visites d'études et instruction diverse	

Comment interpréter ce nouveau cursus et l'évolution de la politique pédagogique qu'il entend imposer? Enfin, quel seront ses effets sur le genre?

L'instauration du *Corpo de Alunos* répond à une logique d'évaluation de cette imposition d'ordre et discipline dans un cercle espace-temps précisément délimité. Cette évaluation «du mérite et performance des élèves»¹⁸³, s'appuie sur des critères explicites afin que l'élève s'identifie progressivement à la politique du *Corps des Élèves*, cabinet pouvant «le cas échéant établir des mesures tendant à sa correction ou transformation»(*Ibid.*).

Le tableau suivant résume les paramètres d'évaluation de l'intériorisation de l'ordre et discipline chez l'élève:

¹⁸² Despacho do MAI, Quinta Feira, 6 de Julho de 1989, Diário da republica, Número 153 II série

¹⁸³ *Regulamento de Avaliação do Corpo de Alunos, artigo °2.*

Tableau °10: résumé des critères d'évaluation de l'ICAL (Instrução de Corpo de Alunos

Ne pas faire (actions d'ordre comportemental)	Bien faire (actions d'ordre attitudinal)	
Non obéissance préméditée individuelle ou collective contre les officiers ou professeurs de l'ISCPSI [...] Refuser de participer aux cérémonies scolaires ou autres en représentation de l'ISCPSI [...] Boissons alcooliques en excès ou consommation de stupéfiants [...] Toute forme d'agression physique, verbale ou par écrit à d'autres élèves susceptibles de perturber gravement leur camaraderie [...] Non ponctualité injustifiée [...] Non respect des règles de propreté, rangement et hygiène...	Principe	Applications
	Esprit d'initiative et volontariat Collaboration, Solidarité, Participation aux activités relatives à l'école, Travail d'équipe, Capacité de travail	Projets école sportifs ou humanitaires menés à bien par une pluralité d'élèves de 2 ^{ème} , 3 ^{ème} et 4 ^{ème} années Partie académique (l'ordre uni, cérémonies, sports interne et externe)

Cette politique d'oscillation volontaire entre l'interdire (le comportemental) et le suggérer (l'attitudinal), malgré la sévérité des prescriptions du règlement de l' *Instrução de Corpo de Alunos*, a, selon nous, le mérite d'être claire réservant toujours le droit à l'élève d'être informé du fondement de sa note avec possibilité de défendre sa position; sachant enfin, -selon les affirmations de son commandant- que son dossier sera définitivement détruit au terme de sa scolarité afin de l'absoudre et le réhabiliter le cas échéant avant son entrée en vie active¹⁸⁴

¹⁸⁴ «Une fois que nous lançons la note, les appréciations sont détruites. Il y a un délai pour consulter, s'il n'y a pas de réclamations, elles sont détruites. L'idée de processus propre et de «dossier académique» propre. Nous devons distinguer la situation de l'élève de celle du professionnel». (Entretien du commandant de l'ICAL avec le chercheur du 15 décembre 2010).

Selon le Directeur de l'*Instrução de Corpo de Alunos*, les filles apparaissent en général plus organisées que les garçons, mieux préparées à ce défi psychologique. L'un des garçons, de première année, me confiait sa surprise:

L'idée que j'avais avant d'entrer à l'école était un effort très fort au niveau physique [...] mais je pensais qu'il fallait par exemple aller dans la campagne au milieu des champs courir[...]. Selon ce que j'ai compris la préoccupation est plus de former au niveau mental. Les instructeurs de l'ICAL sont plus préoccupés avec notre psychologique qu'avec notre niveau physique¹⁸⁵.

Aussi, nous pouvons affirmer que dans la refonte du cursus de l'ISCPSI en 1990, l'apparition de l' *Instrução de Corpo de Alunos*, par sa pression psychologique n'apparaît pas discriminatoire du point de vue des genres; ou, si vous préférez, le fait d'être une femme ne constitue pas un handicap par rapport au garçon, tous deux soumis selon les mêmes règles à cette évaluation globale et permanente du sujet. De la sorte, l'élève-officier est astreint, indépendamment de son sexe, à savoir se présenter sous un uniforme impeccable dans une posture digne, familier aux interactions communautaires et chargé du sentiment du devoir.

4-3. Le cursus de 1994 est l'expression d'une formation intégrale élargie pour une meilleure approche du citoyen

¹⁸⁵ Entretien avec l'élève R... de 1^{ère} année du 17 décembre 2007. Une telle conception est en complet décalage avec des magazines hebdomadaires portugais à grand tirage décrivant l'ISCPSI comme une sorte d'académie militaire américaine pour *rangers* d'élite. Selon ces journalistes, la pression serait essentiellement physique, brutale, dans un ostracisme complet, stéréotype caricatural d'un établissement dont le système de formation intégrale, métissé, est dans la réalité beaucoup plus subtil. (Magazines de référence. *Notícias Sábado*, n°112, mars 2008, avec pour titre : «comment se fait un policier ?». Ou encore *Tabú* n°248, 3 juin 2011 avec pour titre «Jeunesse menottée».

Ce cursus¹⁸⁶, en vigueur pendant près de quatorze ans, résume selon nous la philosophie même de l'ESP. Il est plus un enrichissement du cursus que sa transformation. Ainsi, selon un rythme encore plus intensif, voire stressant, ce cursus fournit à l'élève-officier une palette composant aussi bien avec les disciplines humanistes que de celles purement tactiques et policières. De notre point de vue, cette culture hybride, mise en place pourtant par des officiers militaires, transmettra paradoxalement aux élèves officiers PSP de cette génération aussi bien des valeurs de technicité policière renforcée que de celles qui, appliquées dans ce milieu, auront un effet antifasciste.

Ainsi, l'élève officier est initié aux *Relations Publiques*, pour exercer une intelligence émotionnelle si indispensable pour se placer parmi les citoyens et non contre eux¹⁸⁷. Mieux, une discipline de *Philosophie Politique*, les sensibilise aux concepts clefs de la démocratie et de la légitimité de la force publique selon les intérêts de la volonté générale représentée par l'entité législative nationale. Ces nouvelles disciplines constituent selon nous ce paradoxe d'inculquer des valeurs porteuses de défense de liberté dans une structure pourtant explicitement de type militaire sous le régime d'internat.

Mais, L'élève, officier, dans cet apprentissage marathonien, est majoritairement concentré au domaine purement technique policier: *Commandement, Engins Explosifs, Investigation Policière, Transmission, Techniques de Communication...* Tirailé en quelque sorte entre le savoir faire purement policier enseigné par leurs aînés et une dimension humaniste transmise par des enseignants civils, au point de lui inculquer simultanément les valeurs du parfait meneur d'hommes

¹⁸⁶ Selon le n°3 de l'article 18 du Décret-loi n°402/93 du 7 décembre et sa "portaria" n°298/94 du 18 mai.

¹⁸⁷ Nous ne pouvons que regretter que des conditions budgétaires restrictives du gouvernement portugais l'ait conduit à forcer le MAI à revoir en octobre 2009 un cursus moins diversifié et la disparition en l'espèce d'une discipline tout aussi nécessaire selon nous que la tactique ou le maniement des armes!

uniformisé avec celles d'un philosophe doté d'idéaux pour comprendre et agir sur le réel de la société urbaine. Ainsi, sensibilisé à cette indispensable dimension humaniste et philosophique, l'officier, une fois rendu lucide, disposera mentalement des concepts nécessaires pour préserver «naturellement» la tranquillité publique, notamment contre les agressions des nouvelles formes du terrorisme moderne, sans pour autant être violent ou brutal, lui ou les hommes qu'il aura sous son commandement.

Néanmoins, ce cursus a fait l'objet de critiques, notamment par la Commission d'Evaluation Externe du Conseil National de l'Evaluation de l'Enseignement Supérieur.

4-4. Le cursus de 2009 est l'expression d'un tiraillement entre une tentative d'approche avec le régime universitaire et des conditions budgétaires restrictives

La genèse de ce nouveau cursus, encore en vigueur aujourd'hui¹⁸⁸, s'exprime dans un rapport de l'évaluation externe du Master en Sciences Policières de l'ISCPSI réalisé en juin 2005¹⁸⁹ Ce rapport fut formulé par des personnalités universitaires portugaises, soucieuses «d'aligner» l'Ecole Supérieure de Police au régime de Bologne dans l'esprit de l'eupéanisation des universités publiques. Il y est recommandé d'alléger le nombre de disciplines (allègement qui réduit corrélativement les dépenses de l'école) afin d'accorder aux étudiants plus de temps libre pour la réflexion et la réalisation des différents travaux écrits comme des projets d'école humanitaires ou sportifs au

¹⁸⁸Decreto lei n° 275/2009 de 02 de Outubro e Despacho n°7902/2010 DR , 2° série - n°87 -5 de Maio de 2010

¹⁸⁹« Relatório de avaliação externa da licenciatura em Ciências policiais do ISCPSP, Junho de 2005», tiré de <http://www.fup.pt/admin/fup/docs>

profit des collectivités civiles environnantes. Les évaluateurs, soulignent par ailleurs le manque de préparation des enseignants civils dans l'adaptation de leur cursus à la réalité spécifique policière. Parfois même, il s'agit seulement «d'une simple transposition de contenus probablement mieux adaptés aux institutions d'où ces enseignants vinrent à l'origine» (p.9).

Rapporté à notre débat sur la question de genre, ce rapport, ne formule pas une seule ligne sur la nécessité d'aider ou non la femme à une meilleure intégration dans cette structure traditionnellement masculine. Nous ne savons pas ce que les évaluateurs ont pensé d'une discrimination positive aux épreuves sportives d'entrée ni des conditions du régime de mixité à adopter dans l'enceinte sous régime d'internat.

De façon générale ce nouveau plan d'études renforce la dimension de Sciences Policières enseignée par des cadres maison motivés et bien préparés (selon ce rapport ci-dessus) au détriment de la partie humaniste sous la responsabilité d'universitaires civils. L'Institut, à l'origine, a été créé par des militaires dans les années 1980, conscients de cette mission à doter la PSP de sa propre tête pensante afin de s'approcher au mieux du citoyen. L'ESP, devenu ISCPSI, mute aujourd'hui vers une institution plus mature essentiellement composée par des dirigeants produits par cette même maison, renforçant une nouvelle culture PSP monolithique. Un tel processus, rapporté au procès de l'intégration de la femme, risque à terme, de les intégrer en portion réduite, toutefois acceptées comme sœurs spirituelles. Une fois officiers, ces femmes développent la double dimension hermaphrodite, tantôt homme, tantôt femme, duplicité identitaire indispensable pour se sentir membre à part entière de la tribu.

La présence affaiblie d'enseignants civils universitaires et militaires, coupent cet effet de métissage culturel qui faisait l'originalité de cette école, alchimie généreuse des vertus de différentes cultures importées sans la lourdeur de ses effets négatifs engendrées par la poussière et routine du temps. Aussi appelons-nous à préserver l'ouverture et le croisement de cultures, meilleurs atouts, selon nous, d'une école souhaitant intégrer, respecter et promouvoir les femmes destinées à accomplir cette mission première de préservation de la tranquillité publique comme de l'antifascisme à cette période de grave crise économique attisant les exaspérations individuelles et collectives.

Continuant notre analyse sur les conditions d'intégration de la femme dans le système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI, la donnée sportive a-t-elle constitué un facteur d'intégration ou d'éloignement de celle-ci ?

5. L'activité sportive à l'épreuve de l'égalité des genres.

Selon Messieurs Luis Monteiro et António Barata (2004), spécialistes de l'Education physique de l'établissement, la dimension sportive reste une composante essentielle non seulement pour développer la robustesse physique dans l'éventualité de rixes, mais aussi afin de promouvoir la philosophie générale du système de formation intégrale. Ainsi,

La mise en place dès le premier plan d'études du Master en Sciences policières d'une composante significative de pratique et théorie dans le cadre de la motricité humaine[...] s'inscrit dans une perspective de résolution de situations d'intervention et confrontation physique; la pratique régulière au niveau

fonctionnel pour une vie saine, la nécessité de supporter des niveaux élevés de stress et la contribution pour l'amélioration de l'auto confiance et l'auto estime des professionnels de police justifient clairement cet investissement de préparation. (p.916)

Rapporté à notre débat sur la bonne intégration ou non de la femme dans sa phase de formation en tant qu'officier de la PSP, formulons deux questions. L'activité sportive a-t-elle pu constituer à l'ESP/ISCPSI un facteur de discrimination fondé sur le genre? A l'inverse, l'activité sportive a-t-elle pu constituer un ciment fédérateur ou de convivialité tantôt rassemblant garçons et filles, tantôt solidarissant les filles par rapport aux garçons?

5-1. Le sport et la virilisation circonstancielle chez la fille

Sur le premier point, alors que «la pratique physique n'apparaît plus seulement comme une composante accessoire, mais participe activement au processus de construction identitaire» (Héas et Kergoat, 2007, p.2), elle serait susceptible de devenir le terrain privilégié de la misogynie, de l'expression du machisme, c'est-à-dire, de la part des garçons, d'une expression puérile de la peur de l'Autre au féminin.

Sur l'album photos n°13 suivant, le cliché n°60 présente sur le vif une fille dans un saut à califourchon, sous le regard des garçons, photo révélant selon nous la persistance des stéréotypes masculins à cette fin des années 80. Si l'instructeur, professionnel, s'assure de la bonne réalisation de l'exercice, les garçons quant à eux, presque interdits, immobilisés, sourient de la scène, scrutant ce corps féminin inédit. Si, dans l'ordre anthropologique, «l'observation de la différence des sexes est au fondement de toute pensée, aussi bien traditionnelle que

Album photos n° 13: les corps et le sport à l'ESP/ISCPSI.



Photo n°60 : séance de gymnastique, des années fin 1980 où les garçons, interdits observent ce corps inédit athlétique (archive photographique de l'ISCPSI)



Photo n°61 (détail): contraste entre un moniteur attentif et exigeant et des élèves masculins amusés-médusés ?-.

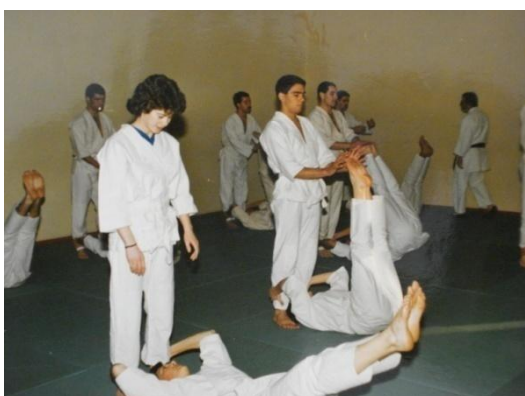


Photo n°62 : échauffement lors d'une séance de sport de combat. Les filles avec les filles... (Archive photographique de l'ISCPSI)



Photo n°63: tirée de Vidéo XXI CFOP, DVD Réalisé par les élèves, cadre projets, 2005)



Photo n°64 et°65, (tirées respectivement de Vidéo XXI et par le chercheur);mêmes signes affectueux de sœurs spirituelles malgré le contraste des situations: tenue de jogging, uniforme de parade cérémonie de clôture, juin 2009



Photo n°66: Tiré de vidéo XXI

scientifique» (Héritier, 2002, p.19), cette observation, dans le contexte d'un entraînement sportif d'officiers de police en formation initiale, interpelle l'élément masculin, entre le sourire amusé et le doute sur la véritable identité sexuelle de sa consœur: un être androgyne, ni femme ni homme ou un être hermaphrodite, mi lionne, mi lion ?

L'officier E...¹⁹⁰ m'expliquait que le rare sexisme subi dans des circonstances analogues, était essentiellement de la part des jeunes venus du *Colégio Militar*¹⁹¹, jeunes depuis le jeune âge formés exclusivement entre garçons, appelés à importer des stéréotypes de leur école d'origine sur la toute jeune école d'alors l'ESP.

La photo n°62 révèle une scène d'entraînement dans le cadre d'une séance de sport de combat. Généralement les filles, étaient désignées pour combattre entre elles et non contre les garçons. L'officier E..., (*Ibid.*) pour sa part, de peur de blesser sa consœur, préférerait se battre contre les garçons; pugnace, frondeuse, défendant dans ces circonstances, (alors que les treillis de sport sont rigoureusement identiques, qu'il s'agisse des filles ou garçons) une identité presque asexuée, où tous, hommes comme femmes, deviennent des êtres androgynes. Du côté des femmes, la virilité, extériorisée dans le cadre de l'activité physique serait convoquée et intériorisée, afin de donner une image de professionnalisme, mais aussi de réponse aux possibles peurs futures dans l'exercice de leur profession. Aussi, ces jeunes filles «se rallient au modèle viril de la résistance physique» (Pruvost, 2006, p.83). Subtile, l'entrante à l'ESP/ISCPSI devient un être mutant en fonction des circonstances, tantôt explicitement liée au concept de virilité, tantôt animée par le fard de la séduction, nécessaire duplicité de

¹⁹⁰Entretien avec prise de notes aux bureaux de l'ISCPSI du 1er octobre 2010.

¹⁹¹Le *Colégio Militar*, situé à Lisbonne, réservé seulement aux garçons, initialement aux fils d'officiers, assure l'enseignement classique du collège et du lycée dans l'esprit de formation intégrale propre aux cultures des armées. Ses jeunes pensionnaires, vêtus d'un uniforme pourpre, dans et hors de l'école, une fois dans la ville, restent facilement reconnaissables.

son image qu'elle entend assumer pour s'assurer une place dans un milieu traditionnellement machiste. La jeune officier de police, pionnière, mute non pas en être androgyne, c'est à dire sans sexe, mais en être hermaphrodite, composé des «vertus» des deux sexes, qu'elle saura développer selon les circonstances d'une profession aux activités variées

Les photos qui suivent mettent en évidence cette duplicité visuelle et statutaire de l'élève officier féminin, à cette phase de formation initiale.

**Album photos n°14:
Adaptabilité vestimentaire et
comportementale de l'élève-
officier féminin.**



Photo n°67*: remise des insignes (2006)



Photo n°68*: entraînement de type
exceptionnel dans le cadre d'une visite
d'une unité d'élite d'intervention (2006?)



Photo n°69*: Visite d'études au monastère
de Batalha (2006/2007).



Photo n°70**: intronisation au grade
d'officier, (juin 2009)



Photo n°71*: Dîner entre membres en ville
(2006 ?)

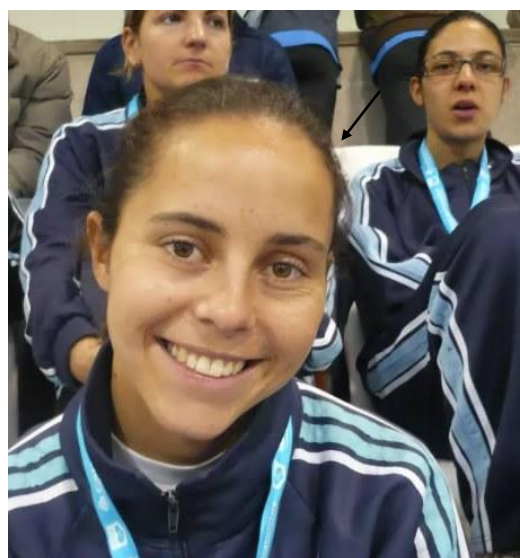


Photo n°72* Tournoi sportif inter écoles (?)
* Source Vidéo CFOP XXI cadre projet école
** Source: Photo du chercheur (détail)

Commentaire de l'album photos n°13: Adaptabilité vestimentaire et comportementale de l'élève-officier féminin.

J'ai souhaité dans cet album développer ce thème de l'être hermaphrodite, doté des qualités des deux genres et qui dans une permanente gymnastique d'adaptation sait se travestir dans les costumes de circonstances pour jouer le rôle qu'on attend de lui.

Pour appuyer L'interactionnisme développé par Erving Goffman (1973), plus spécifiquement la notion de dramaturgie sociale, et ce jeu de permanente théâtralité et de conformité comportementale et verbale du sujet en fonction des circonstances mêmes de la scène, j'ai tenté de suivre photographiquement la même protagoniste «signalisée» par une petite flèche noire.

Précisons que la plupart de ces photos, prises entre élèves, et donc plus spontanées, furent compilées dans un DVD souvenirs de cette promotion CFOP XXI.°, (année de sortie 2009) – vendu au public.

Sur la photo n°67, l'élève J... reçoit ses insignes de 1ère année.

Sur la photo n°68, elle est souriante, en treillis de combat assorti d'un gilet par balle et, malgré la sévérité vestimentaire, la scène reste presque bon enfant.

Sur la photo n°69 c'est l'uniforme de ville pour un voyage d'études avec le sourire des trois sœurs spirituelles.

La photo n°70 représente un jour très important: celui de la *Cerimônia de encerramento do ano Acadêmico de 2008/2009 e Compromisso de Honra do 21.º Curso de Formação de Oficiais de Polícia* de juin 2009. Uniforme solennel, sabre clair, jupe et demi talons, pour ces femmes enfin définitivement officiers et rendues au premier jour de leur vie active.

Sur la photo n°71, au contraire du stéréotype de la virago du milieu militaire dans le contexte de «guerre pure», l'élève officier féminin de l'ISCPSP sait se montrer femme, d'une gracieuse féminité aux antipodes de l'athlète d'attaque qu'elle était sur la photo n°68.

Sur la photo n°72 enfin, en tenue de jogging, l'élève officier, aux gradins parmi ses consœurs, nous sourit, toute sage et presque enfant.

Ainsi, reprenant l'expression de S. Durão (2004), «la femme élève officier sait mettre en pratique ses vertus de comportement exemplaire et discret» (p.71) tout en développant une faculté d'adaptation parfois fortement théâtralisée et symbolique. Sa vie, en régime d'internat, encore plus contrastée statutairement que celle des garçons, développe selon nous une richesse des rôles et corrélativement chez ce sujet féminin une faculté de prise de recul et donc de conscience éclairée d'un sujet autonome.

L'élément minoritaire, plus il est caméléon, plus est-il intelligent?

Reprenant notre thématique sportive, l'élève-officier féminin développe un sens organisationnel aigu afin de gérer convenablement toutes les activités où elle se trouve sollicitée, intensité occupationnelle

difficile, mais rendue possible, sous le régime permanent de l'internat durant quatre années.

Ainsi la responsable du cabinet psychologique me confiait:

Je pense aussi qu'il faut prendre en compte que les filles sont plus organisées; toutes ici ont le temps très rempli: pendant les cours et après les activités périscolaires, les représentations de l'Institut, les activités sportives, intégrer différentes équipes dans les différentes modalités des projets école: les filles sont toujours à toutes ces activités. Elles sont toujours recrutées pour faire cela. Les filles participent toujours à toutes les activités et au chœur, et à la natation, au judo et à la gymnastique, au foot salle, au volley. En conséquence cela renforce leur sens de l'organisation. Elles ne réussiraient pas à gérer le temps de meilleure forme et en plus de tout cela restent bonnes élèves...¹⁹²

Ajoutons enfin, que ces éléments féminins, vainqueurs aux difficiles épreuves d'admission à l'Institut, sont généralement extrêmement sportives, l'une de nos interrogées était elle-même championne nationale du saut à la perche. La responsable du cabinet de Psychologie, particulièrement conviviale, concluait notre entretien par cette expression: ces filles sont une «task force» (*Ibid.*), sorte de super commando uni pour vaincre un objectif spécifique, en l'espèce non pas amazones mais êtres mutants en fonction des fins assignées.

On comprend mieux alors, pourquoi, dans le cadre des activités sportives, ces filles ne paraissent pas avoir subi de procédés vexatoires ou de rejet, explicites ou non. Bien au contraire! Largement sollicitées, le sport est devenu un facteur supplémentaire de leur bonne

¹⁹²Entretien enregistré entre le chercheur et la responsable du cabinet de Psychologie de l'ISCPSI du 20 décembre 2010 réalisé dans les locaux de l'Institut.

intégration. En rien, elles n'auraient subi injures ou mépris comme c'est le cas pour les femmes officiers (insultées comme de «grosses ou gorettes») de l'école militaire bretonne française décrite par messieurs Héas et Kergoat,(2007).

Si l'activité physique est un passage obligé pour les filles dans un processus d'identification à la structure qu'elles tentent d'intégrer pleinement, le sport peut aussi susciter une solidarisation «entre elles» tandis que l'effort, la sueur, annihilent parfois les barrières classiques de la représentation forcée pour un sentiment de bien-être collectif et partagé.

5-2. Le sport et la solidarisation entre membres du même genre

Ainsi les photos n°63, 64 et n°66 (Voir *supra*, album photos n° 13: les corps et le sport à l'ESP/ISCPSI), -prises entres élèves- révèlent des sourires spontanés d'élèves chaleureux, associés à des gestes affectifs, dans une ambiance relâchée, compensant toute la pression de l'ordre imposée dans la quotidienneté. Le vecteur sportif, dans ce contexte, solidarise respectivement les pensionnaires des deux genres, suscitant des amitiés puis l'instauration progressive de liens de parenté spirituels, filles et garçons¹⁹³. A noter sur la photo n° 65, cette même délicatesse exprimée au terme de la plus fondamentale cérémonie: celle de l'intronisation de l'élève comme officier à part entière à l'instar du chevalier adoubé.

Ces expressions touchantes affectives constituent en quelque sorte un épiphénomène des activités sportives dont le contrôle par le

¹⁹³Au cliché n°66, Nous nous sommes permis d'insérer une photo des mêmes élèves (qu'au n°63), photo prise au jour de leur investiture au terme de leur scolarité. (Cérémonie de fermeture de l'année académique et engagement sur l'honneur du XXI^{ème} cours de formation d'officiers de police). Après avoir prêté serment à servir le service public et leur patrie, il est de tradition que les élèves puissent exulter, et tous, garçons et filles confondus, se font l'accolade. Cette dimension affective qui dépasse l'ordre d'une démonstration scientifique, quantitative ou non, reste selon nous l'émotion ineffable d'officiers de caractère mais aussi riches de sentiments.

système de formation de l'Institut, selon des paramètres quantitatifs, reste fortement affaibli. Ces signes chaleureux d'amitié, voire de tendresse, favorisent cependant une saine fraternisation, non seulement pendant la durée du séjour en internat mais aussi par la suite dans l'exercice de la profession. Ces mêmes élèves, une fois devenues professionnelles sauront dans des circonstances critiques agir avec abnégation et dévouement réciproque pour préserver les intérêts de corporation et donc dans une dimension intègre ceux mêmes de la collectivité urbaine et des citoyens dans leur ensemble.

6. La gestion de l'affect et des sentiments à l'ESP/ISCPsi.

Nous analyserons la dimension affective et le bien être psychologique du point de vue des genres sous deux angles; le premier en situations de malaise et de difficultés dans ce séjour prolongé en internat à l'Institut: le deuxième sous celui du sentiment amoureux, de la rupture ou/et création de couples femmes-hommes.

6-1. Tristesse et dépression à l'Institut

Le rapport de la commission d'Evaluation externe¹⁹⁴ du domaine des Sciences Policières préconisait en juin 2005, « l'intégration d'un psychologue dans la Structure du Corps des élèves» (p.17). Le *Corpo de Alunos*, selon la Commission, ne devait pas seulement inculquer des valeurs attitudinales aux élèves. Il devait aussi veiller à l'accompagner et l'épauler durant son séjour, cherchant, le cas échéant «à s'informer des causes et le remède possible où l'insuccès scolaire aurait été constaté» (p.17)

¹⁹⁴Relatório de avaliação externa da licenciatura em Ciências policiais do ISCPsi, Junho de 2005», tiré de <http://www.fup.pt/admin/fup/docs>

Les responsables de l'*Instrução de Corpo de Alunos*, parfaitement conscients des dangers de l'isolement de l'élève en internat (à partir de la Circulaire interne intitulée: *Gabinete de apoio psicopedagógico proposta de organização e competências*, signée de l'accord du Directeur au 11 mai 2010), ont rendu possible des séances de thérapie. Observateurs privilégiés du moral et de l'humeur des élèves, ces responsables sont notamment aidés par les chefs de classe rotatifs chargés de rendre compte des faits et événements les plus marquants dans le déroulement des journées. L'*Instrução de Corpo de Alunos*, dans sa position de donjon de l'Institut, se voit ainsi attribuer un nouveau rôle d'assistance, rôle plutôt inédit au regard des traditions des armées. En synergie à cette nouvelle mission de l'ICAL est créé un cabinet d'aide psycho pédagogique¹⁹⁵ dans le prolongement de ce principe avec outre la mission classique de psychométrie, assurer la «promotion du bien être psychologique» notamment «par le conseil psychologique et l'aide psychothérapeutique, à la demande propre de l'élève ou par indication des officiers du Corps des Elèves» (*Ibid.*, Point C-2 de la circulaire).

De façon générale, en phase initiale les filles sembleraient mieux résister mentalement que les garçons au stress de l'évaluation permanente du point de vue comportemental par la machine du *Corpo de Alunos*¹⁹⁶. Selon la responsable du cabinet psychologique les motifs de cette résistance proprement féminine seraient les suivants:

Elles forment un groupe très cohérent du fait d'être moins nombreuses et de s'épauler: cela est bon! Cependant je crois qu'elles restent entre elles très compétitives au point d'avoir une adaptation et une intégration plus rapide que celles des jeunes

¹⁹⁶ La psychologue interrogée m'évoquait dans cette permanente crainte de l'élève cadet la notion du «ATAVIO» expression portugaise qui évoquerait un port vestimentaire bien mis, dans les moindres détails. «Décorer» non pas un arbre de Noël mais sa propre personne selon des standards de l'uniforme et du comportement qui puissent satisfaire les observateurs réels ou virtuels du Corps des élèves.

garçons. Cela s'explique aussi du fait que ceux ou celles qui aident à l'intégration en transmettant des connaissances et règles de l'institut sont des élèves de 4^{ème} année vers ceux de 1^{ère} année[...] Ce qui se passe, c'est que les filles même en termes de logement se regroupent seulement en deux chambres Celles de 1^{ère} année avec celles de 2^{ème} et 3^{ème} années et ainsi il y a une transmission de plus d'informations et conseils des plus âgées aux plus jeunes- Cette forme de protection s'analyse dès le début et c'est pour cette raison, qu'en général, nous observons chez les filles une adaptation plus rapide à l'institution. Elles sont plus dans l'application des règles parce qu'elles les intériorisent plus rapidement; elles sont plus organisées que les garçons et habituellement répondent de forme plus adéquate à ce qu'on attend d'elles.

Entre filles, solidarité mais aussi rivalité d'une part, bons conseils fournis dans la chambrée de l'autre, tels seraient les facteurs les privilégiant par rapport aux garçons dans l'intégration au système de formation intégrale de l'ESP /ISCPSI. Cependant, cette notion de rivalité-émulation, reste, de notre point de vue, à l'état d'assertion.

Chez la fille, le cas le plus notable de mal être concerne celle coopérante (PALOP), déjà jeune mère éloignée de plusieurs milliers de kilomètres de sa famille, sous le risque d'un isolement, non seulement à l'Institut du fait de son contraste culturel et de ses origines ethniques, mais aussi dans la ville bien que lusophone, totalement distincte de son Afrique natale. La Psychologue de l'Institut, comme nous venons de le constater, directement rattachée au CAL, cherche alors une mise en confiance des intéressées pour que celles-ci prennent l'initiative de venir, parler, voire pleurer en toute liberté. C'est, selon la thérapeute,

un signe de courage même si la démarche puisse être perçue, surtout de la part des garçons comme une faiblesse¹⁹⁷.

De façon générale, les possibles voire inévitables malaises émotionnels, surtout à la phase initiale d'intégration au moule du système de formation intégrale de l'école, sont vécus aussi bien par les garçons que les filles. Cependant, les éléments féminins, minoritaires et rapprochées dans les mêmes chambres se solidarisent et s'épaulent indépendamment du degré d'ancienneté pour ainsi court-circuiter temporairement les effets des techniques d'apprentissage de commandement imposées par le CAL. Enfin, plus souvent sollicitées, aussi bien pour les représentations officielles de l'Institut que pour les différents événements sportifs et tournois extérieurs dans le cadre des projets école, les filles s'organisent et gèrent au mieux leur temps et cela très tôt, sous une pression qui les fortifie précocement par rapport à leurs homologues masculins.

Cependant, le sentiment et le flirt entre filles et garçons ne vont-ils pas brouiller tous ces mouvements microsociaux plus ou moins contrôlés par la machine de formation intégrale?

6-2. Amours et couples à l'Institut

L'idée générale est, dans la lignée platonicienne exprimée au livre v de *Républiques*, un brassage des gardiens et gardiennes de la cité, appelés à vivre ensemble pour faire tous partie de l'unique et élitiste tribu. Nous raisonnerons, exclusivement, dans notre étude avec des

¹⁹⁷ Personnellement, en tant qu'enseignant de l'Institut, j'ai pu sentir une critique implicite de la part de certains garçons de mon cours lorsque l'intéressée B..., appelée à sa séance de thérapie, quittait la salle.

couples hétérosexuels. Pour choquant que cela puisse paraître, les couples entre civils et policières sont appelés à disparaître pour faire place à des couples le plus souvent entre membres de la même corporation. Si le couple entre une fille civile et un garçon policier apparaît fréquemment, en revanche le couple côté femme policière est entre une fille policière et un garçon policier (ou son équivalent, gendarme ou militaire). Ainsi, les filles élèves policières, largement minoritaires, sont plus sollicitées pour rencontrer et aimer un conjoint lui aussi de la même tribu. Rappelons cependant qu'un tel processus s'est mis en place très lentement par l'entrée «au compte goutte» année après année de ces nouvelles recrues officiers, inédites dans l'univers de formation de la PSP.

Historiquement, la notion de flirt et son extériorisation à l'Institut a évolué, bien que le sujet reste encore assez tabou. Ainsi s'exprime une élève de la quatrième promotion, entrée en 1987

-Quelle était l'affectivité et le flirt qu'on pouvait alors rencontrer à l'école ?

Au début, était créé un peu un tabou à ce sujet. La demoiselle est la demoiselle et il n'y a pas de possibilité ici de passer la ligne. C'était surtout au début. Je comprends mieux cela à la lumière de l'Histoire et de la culture de l'époque. Je ne me rappelle d'aucune liaison quelle qu'elle soit, même la plus dissimulée. Nous sommes en train de parler d'une liaison entre deux personnes n'est-ce pas?

-Exactement!

Après, avec les cours modernes. Oui! Il paraissait plus normal une relation entre deux personnes mais toujours replacée en dehors des murs de l'école.¹⁹⁸

Certes, le système d'alors, à ces débuts, ne prévoyait pas ce cas de figure au demeurant rendu encore plus difficile par le nombre réduit d'éléments féminins. Ainsi, sur les dix premières années d'existence, l'effectif féminin, d'année en année, oscillait entre 0 et 6 éléments avec un pourcentage moyen correspondant pour la période considérée de 5,2% (Voir tableau n°11 ci-dessous). L'élève officier féminin de cette époque là, à la fois très minoritaire mais chargée de symbolisme, voire sacralisée aux yeux de l'institution de la PSP en général, ne pouvait être flirtée. Chez l'élève-officier masculin, la «draguer» aurait été déplacée, conduite possiblement perçue par la direction, animée des traditions des armées, comme un acte profanatoire. L'élève-officier masculin, face à cette fille ou ces deux, trois, filles, petites reines intouchables (immaculées?), ne pouvait que développer l'esprit chevaleresque et son corolaire: l'esprit protecteur¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Entretien du 22 décembre 2010 avec l'officier V...

¹⁹⁹ Voir aussi ci-dessus, album photos n°12 intitulé: *Premières élèves femmes de l'ESP* où les éléments féminins sont assises au côté même du responsable de l'ICAL, paraissant obéissantes et protégées.

Tableau °11: Répartition globale des pensionnaires filles et garçons
année scolaire après année scolaire dans l'enceinte de l'ESP sur l'arc
temporel de 1984 à 1994

Année scolaire	Nombre de garçons*	Nombre de filles*	Pourcentage de filles par rapport à l'effectif, global de l'établissement
1984/85	26	0	0%
85/86	48	2	3%
86/87	67	2	2,9%
87/88	87	4	4,4%
88/89	71	6	7,8%
89/90	60	4	6,3%
90/91	53	4	7%
91/92	43	3	6,5%
92/93	47	3	6%
93/94	49	3	5,8%

*Nos calculs sont établis en prenant pour hypothèse le séjour de l'ensemble des pensionnaires jusqu'à la 4^{ème} année (A partir des données des archives ISCPsi)

Les femmes officiers de la décade suivante, beaucoup moins inaccessibles aux yeux des garçons, selon nos interrogées, entrèrent pour la plupart à l'Institut avec, dans les premiers temps, un petit ami civil à l'extérieur, pour ensuite, au cours de leur séjour les délaisser, séduites par l'un de leurs homologues masculins. Par ailleurs, cette dimension «petite fleur bleue» du couple «pour la vie», quelque peu ingénue, stéréotype romantique, s'estompe avec le temps pour, dans cette mission de service public total, préférer un compagnon investi, à l'identique, de cette même dernière aspiration.

Ainsi s'exprime une élève de 1^{ère} année, sur son fiancé actuel (ou d'alors?) et ses projets d'avenir du point de vue affectif et familial:

-Est-ce que tu veux avoir une famille, des enfants, dans la vision d'un schéma classique ?

C'est ainsi! Maintenant je flirte, je ne flirtais pas depuis trois ans et maintenant je suis très bien. Mon petit ami va concourir l'année prochaine pour devenir officier ici.

-Ah! Oui ?

-Ce serait bien qu'il entre! S'il n'entre pas Bah ! Bon ! [...] Si c'est réellement mon fiancé! [...]. Et au niveau du mariage, je n'ai pas l'intention de me marier. Je ne fais pas ce projet parce que, de nos jours, cela ne se justifie pas; si c'est pour ensuite divorcer! Compiqué! Cela ne m'intéresse pas En premier lieu, c'est ma réalisation personnelle! D'être vraiment indépendante! Ne pas vivre sous le giron des autres parce que cela est très important! Imaginez que je me marie avec quelqu'un bien positionné économiquement et puis un jour plus rien! Après je resterai seule, je ne pourrais résoudre ma vie!²⁰⁰

L'intention première de l'interrogée est ici «d'importer» son fiancé dans les locaux de l'Institut, pour le muter physiquement dans le même uniforme bleu foncé. Sans «état d'âme», elle n'exclut pas l'hypothèse de «l'échanger» tout en ayant soin de ne jamais s'engager affectivement contractuellement.

Selon un de nos interrogés masculins de 4^{ème} année²⁰¹, la totalité des élèves féminins de sa classe flirtent avec des garçons (ou se font flirter par les garçons...), si ce n'est dans la même classe, du moins

²⁰⁰ Entretien enregistré du 20 février 2008 dans les locaux de l'Institut avec l'élève T... de 1^{ère} année.

²⁰¹ Entretien de mars 2011 dans les locaux de l'Institut

dans le même établissement. Ainsi, les jeunes femmes officiers, éloignées spatialement de leur famille et amis d'enfance, vont progressivement orienter leurs amitiés et le choix du petit ami avec des éléments directs qu'elles côtoient quotidiennement dans l'Institut.

Autre cas de figure, l'officier M..., ancienne femme-agent, déjà professionnelle lors de son entrée à l'Institut en 2003 (Curso de Formação de Oficiais de Polícia n°20), dont son mari est lui-même un ancien de la maison:

-Et votre mari ?

-Il est officier du premier cours.

-Vous avez rencontré votre mari dans la même école?

-Non! Après avoir concouru à l'Ecole Pratique²⁰² ... A cette époque là il était commandant de Lamego. Nous avons été présentés par des amis communs. Et c'est ainsi que je l'ai connu [rires légers]

-Vous deux parlez de PSP pendant le dîner ?

-Ce serait extrêmement drôle mais ce n'est pas le cas! (Entretien téléphonique avec le chercheur enregistré du 24 janvier 2011)

Pour conclure sur le flirt à l'Institut, à son origine totalement impensable à l'ESP, il devint avec le temps une pratique «naturelle». Selon la responsable du cabinet de Psychologie de l'établissement:

²⁰²C'est à dire l'EPP, l'école d'agents qu'elle suivit antérieurement une année avant d'être policière de base.

Ils sont jeunes et de plus restent dans une permanence de 24 heures. Ainsi apparaissent les flirts, d'autres se terminent, des mariages enfin se produisent.²⁰³

Ces considérations, rapportées à notre débat, nous permettent d'affirmer que le flirt, constitue bien un moyen d'intégration privilégié des filles dans l'établissement. Cependant, ce phénomène, loin de participer à une stratégie, relève d'une saine spontanéité de jeunes gens qui, bien qu'engagés dans une structure de type militaire hiérarchisée, peuvent et doivent aussi vivre parallèlement selon des valeurs affectives d'amitié, d'amour et de bien être. Certes, le choix libre d'un compagnon sous les auspices du système de formation intégrale de l'ISCPSI peut rester l'objet d'un débat controversé.

Nous pourrions affirmer, en résumé, à cette phase de notre présentation sur ce thème d'une bonne intégration de la jeune fille dans la structure de l'ESP/ISCPSI, la présence d'une tension entre d'une part les sollicitations de la structure, de l'autre les initiatives du sujet.

Ainsi, d'un côté, l'école engage la femme élève officier dans une palette d'activités, scolaires, sportives, périscolaires, stagiaires avec une responsabilisation croissante, la motivant à commander et se faire respecter de tous, garçons et filles confondus. Particulièrement investie, dans une position statutaire de représentation renforcée, l'élève-officier féminin, optimise sa gestion temporelle, gestion particulièrement appréciée du *Corpo de Alunos* et consacrée par une évaluation quantitative de son attitude.

De l'autre, cette femme élève officier bénéficie d'une solidarisation féminine non contrôlée par la machine de formation de l'établissement. Ainsi, toutes les filles, quelque soit leur ancienneté, restent dans les

²⁰³Entretien enregistré entre le chercheur et la responsable du cabinet de Psychologie de l'ISCPSI du 20 décembre 2010 réalisé dans les locaux de l'Institut.

mêmes chambres pendant tout leur séjour, avec des amitiés spontanées court-circuitant les effets des techniques classiques d'apprentissage du commandement. Enfin, souvent flirtées par les garçons bien plus nombreux, elles acquièrent une reconnaissance mais aussi respect implicites de toute la gente scolaire masculine. Les femmes élèves officiers, une fois fiancées, sont de plein droit membres de la tribu. Elles méritent dans les représentations masculines égard, pas vraiment parce que «femme d'autrui» mais parce que «fiancée du collègue de cours».

Mais une autre pratique va encore renforcer l'intégration de l'élève officier féminin: la constitution de familles spirituelles, tantôt institutionnalisées par l'école elle-même, tantôt officieuses par un esprit de camaraderie créatif et original, jardin secret des élèves de la tribu.

7. La mise en place de familles spirituelles

L'internat, éloigne progressivement le ou la pensionnaire, d'une part de ses amis de lycée²⁰⁴, trop épicuriens et amateurs de discothèque, de l'autre de sa famille biologique, souvent distante de plusieurs centaines de kilomètres de Lisbonne²⁰⁵, visitée seulement pendant les week-ends entre deux fastidieux voyages en autocar. Ainsi, l'affectivité, soit elle amoureuse, soit elle familiale, va progressivement prendre racine à l'intérieur même de l'Institut auprès des congénères de l'environnement immédiat tantôt selon des procédés institutionnalisés tantôt selon des réseaux informels.

²⁰⁴ Voir la délicieuse caricature, album photos n°15 ci-dessous, photo n°73.

²⁰⁵ Sur ce point l'étude de Elia Chambel (2005) met en évidence le contraste géographique des entrants à l'ESP ISCPSI

7-1. La famille-école

Les familles officielles de l'ISCPSI sont:

...une forme d'organisation et d'aide à l'intégration des sujets. En fonction des notes d'entrée au cours, chaque élément va avoir une ligne de parents ascendants et descendants entre élèves et anciens élèves de l'Institut. Ainsi *ego* peut avoir un père (ou une mère), des grands parents, des arrière grands parents, etc. S'il est en deuxième année il aura à son tour un fils (et ainsi de suite). Dans le cadre des cours, ces relations sont utilisées comme un moyen d'entraide entre un groupe restreint de personnes (Durão, 2004.p.68)

Ce système est selon nous original en ce sens où il promeut une saine entraide en calquant deux cultures pourtant complètement distinctes: celle de la maisonnée et du foyer avec celle de l'internat réglé selon les normes de la hiérarchie tempérée. Ainsi, chaque élément de cette entité communautaire parallèle se sent investi statutairement, soit à demander de l'aide, soit à en fournir sur des critères familiaux et non plus hiérarchiques. D'un côté, les élèves, éloignés de leur famille biologique et amitiés peuvent se sentir en carence psychoaffective, de l'autre les anciens élèves devenus professionnels, peuvent se sentir redevables à un effort de paternalisme (ou maternalisme ?) afin d'aiguiller positivement le ou la jeune qu'il fut antérieurement.

Ces familles, certaines actives, d'autres endormies, constituent un réseau utile non seulement durant la phase de formation, pour une meilleure connaissance des enseignants par exemple et de leur pédagogie, comme de la vie future professionnelle où un simple coup de téléphone à son grand père affectif spirituel peut aider à dissiper un doute à cette phase encore inexpérimentée de la pratique policière.

Madame Susana Durão, si elle critiquait vivement les conditions des épreuves physiques d'admission à l'ISCPSI réservées aux filles réalisées au *Estádio Universitário de Lisboa* en 2001 (2004, p.61 et s.), en revanche, souligne l'intérêt des familles en tant qu'opportunité pour les femmes élèves officiers à vouloir s'intégrer au mieux à la corporation aussi bien dans sa phase de formation qu'à celle suivante de pratique policière. Aussi, s'investissent-elles plus particulièrement en tant qu'élément dynamiseur, faisant jouer à plein leur dimension féminine aussi bien pour faciliter la fraternisation de la famille via des dîners réguliers aux restaurants ou encore dans le cadre des projets-école.

Ces affirmations sont pleinement confirmées dans le témoignage suivant²⁰⁶:

-Tu peux me raconter sur ta famille spirituelle ici à l'ISCPSI?

-Ici, la famille m'a réellement bien aidé. Ainsi quand nous faisons des dîners de famille [...] un par semestre où doivent être présents le maximum de membres. Mais du fait que les commissaires déjà sortis de l'école n'ont pas la même disponibilité que nous ici, alors [...] nous parlons des difficultés ressenties bien que nous donnions un peu plus d'importance aux élèves de première année tous juste entrés. Alors nous voulons les voir bien intégrés ici.

T...nous évoque ce tiraillement entre cet effet protecteur sur les tout jeunes poussins (les 1^{ère} années) et l'absence des grands aïeux moins disponibles à cette forme de convivialité. T...met aussi en évidence qu'à nouvel environnement et nouveaux habits, correspondent une nouvelle forme de convivialité qui serait plus difficile dans les murs de l'Institut.

²⁰⁶Entretien enregistré de janvier 2011 avec l'élève officier T... de 4^{ème} année.

-Quand nous sortons en civil, c'est différent. Nous gagnons une relation complètement différente et j'ai ainsi une relation très bonne avec mon père [...]

-Penses-tu avoir reçu une protection spéciale de la part de ta famille?

-Oui! Réellement de la part de quelqu'un qui sait ce dont nous avons besoin et quelqu'un qui nous oriente une fois sortie de l'école[...]

-Penses-tu avoir eu plus d'avantages qu'un garçon comparativement et plus de protection ?

-J'ai une relation plus proche avec mon oncle qu'avec mon frère. Ce n'est parce que je suis une fille! Peut-être je suis plus sympathique ! J'ai une meilleure relation avec les garçons, je ne sais pas! J'ai été très protégé par ma famille. Qu'il s'agisse de mon père, qu'il s'agisse de mon oncle c'est une grande affinité. C'est vraiment bon d'avoir cette famille ici pour nous orienter c'est un pilier plus fort que celui de nos parents à la maison dans le sens où ils nous prêtent assistance et nous disent ce qui se passe ici.

De façon générale, la donnée minoritaire du genre féminin à l'Institut, au contraire de l'effet du tokenisme discriminant (Kanter, 1977), devient, dans le contexte de ces familles spirituelles, un atout pour les concernées, certes sollicitées en même temps que bénéficiées. L'élève officier masculin J..., de 4^{ème} année, me confiait que dans sa famille n'existait qu'un seul élément féminin qui était sa sœur, elle seule investie d'un double statut à la fois de membre d'une lignée familiale et de représentante exclusive du genre féminin. L'interviewé me confiait que parfois mêmes certaines familles sont exclusivement masculines et déséquilibrées du point de vue de l'harmonie des genres.

Album photos n° 15: la quotidienneté des élèves de l'ESP/ISCPSI selon leurs dessins et caricatures.



Photo n°73 (Tirée de « Boletim do ISCPSI, n°22, ano 2007/08, p.23 signé de João Moura);

La dure semaine de l'élève à l'ISCPSI: à noter entre autres jours, le dimanche retour de province sous la pluie après un interminable voyage en autobus, les portes de l'Institut déjà fermées. Lundi le programme super intensif décliné *via* téléphone à une mère lointaine, et le jeudi où l'élève-officier conseille au lycéen épicurien de ne pas poser sa candidature s'il n'a pas l'habitude d'étudier aux heures tardives.



Photo n°74 (tirée de l'album souvenir du 2°.CFOP année de sortie 1990, caricature de l'élève S...): Cibles vivantes dans la carrière de tir, les deux uniques femmes exhibent un sourire sympathique, l'une d'elle non exempt d'une sensualité caractérisée par le dessinateur



Photo n°75 (détail)

Reprenant les affirmations de S. Durão (2004), nous aimerions cependant nuancer deux de ses affirmations: d'une part sur la dite antériorité institutionnelle des familles à l'arrivée des filles, de l'autre sur l'expression «réalité interstitielle» concept d'anthropologie discutable dans le cadre de cet objet d'études.

Des familles, S. Durão déclare:

Celles-ci sont des éléments particulièrement animateurs des réseaux. L'entrée des femmes dans ce schéma ne paraît pas avoir changé en grande mesure ses normes mais suivant un processus d'adaptation à un milieu professionnel traditionnellement masculin, les femmes trouvent dans ces réseaux une manière de revaloriser et même renforcer leur présence (p.70).

Malgré tout, ces familles n'ont été constituées qu'à la fin des années quatre vingt-dix²⁰⁷ alors que l'Institut avait déjà accueilli et formé des élèves officiers féminins, institut lui-même âgé alors de seulement une dizaine d'années, encore champ expérimental d'interactions culturelles entre une direction animée des traditions des armées, un corps enseignant de type universitaire et enfin des instructeurs importés du terreau même de la séculaire PSP. Aussi, il n'y avait pas une tradition machiste lourde. Je pense plutôt que ces familles sont venues compléter et «humaniser» le principe de formation intégrale, familles entendues comme un axe parallèle aux techniques d'apprentissage du commandement selon une philosophie beaucoup plus affective, saine et souhaitable pour l'équilibre du sujet sans pour autant contredire les normes plus officielles de l'école. Certes, l'élève est, sous toutes ses latitudes, absorbé(e) par l'institution de formation policière. Est-il/elle pour autant hétéronomisé(e) et dépersonnalisé(e) ?

²⁰⁷Le Directeur fondateur de l'école, qui m'a aimablement accordé un entretien, m'affirmait ignorer totalement cette pratique.

Le deuxième point de l'exposé de S.Durão (2004) que nous souhaiterions nuancer est l'expression «réalité interstitielle» elle même empruntée à l'anthropologue Eric Wolf dans sa fresque générale sur les relations entre le pouvoir économique et les cultures. Sont-ce des dynamiques interstitielles, des points de pénétration aux jointures de l'architecture du système de formation intégrale? Nous craignons qu'un tel concept tiré de l'Anthropologie ne soit à même de rendre compte d'une réalité, à notre sens, plus éducative, déclinée d'un point de vue historique. Selon nous, les familles spirituelles de l'ISCPSI sont un des outils complémentaires (avec les projets écoles, les tournois sportifs, les coexistences en chambres, les bizutages...) concourant à l'objectif global de former un officier de police d'excellence, rigoureux mais aussi humain selon une culture pleinement démocratique.

Pour conclure sur les frères et sœurs institutionnalisés de l'ISCPSI, ces familles spirituelles développent chez l'élève officier féminin la volonté à se fondre au groupe quitte par la suite à devoir s'imposer. Ainsi, elle a l'occasion, une fois encore, au travers de cette pratique de clan, de mettre en pratique très tôt, ses vertus du «comportement exemplaire et discret» (Durão, 2004, p.71)

Cependant, la camaraderie, spontanée, souterraine cette fois-ci et non implicitement contrôlée par le CAL et sa machine de formation intégrale, existe-t-elle aussi? Est-ce une forme de camaraderie non dictée ni par des instances de contrôle, ni par des intérêts particuliers? Si oui, comment la femme élève s'est insérée dans cet univers des copains, ni petits amis intimes ni frère ou sœurs ?

7-2. La famille-camarades

Pour une fille élève à l'ESP/ISCPsi, qu'est-ce que c'est «avoir un bon copain»²⁰⁸ ? C'est-à-dire quelqu'un sur qui on puisse compter, ni frère ou sœur spirituel, ni fiancé(e).

Nous pourrions argumenter sur l'absence d'authentiques amis pour plusieurs motifs.

Le premier, du fait de l'éloignement de la famille biologique en faveur de la famille spirituelle institutionnalisée, la substitution progressive du petit ami civil par un nouveau lui-même élève de l'établissement, exigeraient de l'élève l'exclusivité de son potentiel affectif à cette phase cruciale de réorientation mentale.

Deuxième motif, l'intensité occupationnelle corolaire du régime en internat freinerait la recherche d'un authentique ami, au sens aristotélicien c'est à dire camarade pour lui-même ni par intérêt et volonté de manipulation ni par plaisir dans la recherche de jouissance charnelle. Les amis ne seraient alors que de circonstances, car l'un peut l'aider dans le projet-école x assorti d'une note du CAL, l'autre pour remédier à sa chasteté forcée une fois sorti de l'Institut.

Troisième motif, enfin, les filles parfaitement conscientes du nécessaire double effort d'intégration en tant que femme et en tant que

²⁰⁸Chez Aristote (1987.*Ethique à Nicomaque*. Paris: Vrin), il existerait trois formes d'amitié. Celle fondée sur le plaisir: «l'amitié chez les jeunes semble avoir pour fondement le plaisir; car les jeunes gens vivent sous l'empire de la passion, et ils poursuivent surtout ce qui leur plaît personnellement et le plaisir du moment» (Livre VIII, p.389). Deuxième forme d'amitié, celle fondée sur l'utilité: «C'est surtout chez les vieillards que cette sorte d'amitié se rencontre[...], et aussi chez ceux des hommes faits et des jeunes gens qui recherchent leur intérêt» (*Ibid.*). Troisième forme d'amitié, enfin, celle fondée sur la vertu où «ces amis là se souhaitent pareillement du bien les uns aux autres en tant qu'ils sont bons, et ils sont bons par eux-mêmes [...] leur amitié persiste aussi longtemps qu'ils sont eux-mêmes bons, et la vertu est une disposition stable [...]. Les amitiés de cette espèce sont rares car de tels hommes sont en petit nombre. En outre elles exigent comme condition supplémentaire, du temps et des habitudes communes». (p.390)

formée, se positionnent dans un esprit de compétitivité acharnée²⁰⁹, ne laissant place à la création d'amitiés désintéressées. A cela s'ajoute le spectre du classement final de sortie déterminant l'affectation géographique et la proximité ou non de la famille d'origine.

Cette description, provocatrice, noircit une réalité, à notre sens beaucoup plus saine et légère, caractéristique d'une population de formées riches du meilleur: leur jeunesse, leurs énergie et générosité.

Il existe tout d'abord des cercles d'amitié créés en fonction de sous groupes de population au sein de l'ISCPSI. Les anciens agents professionnels entrés par concours interne, plus âgés et matures, naturellement se solidarisent entre camarades PSP; ensuite les membres PALOP, mozambicains, Angolais, Cap verdiens ou de São Tomé e Príncipe, solidarisés quant à eux pour leur différence ethnique ainsi que leur éloignement (souvent pour plusieurs années de leur terre et famille d'origine): solidarité enfin régionale, entre membres portugais où les contrastes entre le Nord et le Sud du Portugal entre les îles de Madère et Açores et le continent, suscitent des rapprochements entre collègues d'une même terre, souvent rurale.

Ces sous réseaux parallèles d'amitié, fondés sur le principe de différence, naissent assurément spontanément pour les deux genres dans une dimension plutôt asexuée, le critère premier étant ce mythe de la terre d'origine.

Mais l'amitié spontanée, désintéressée, se dessine aussi, selon nous, dans ce jeu de la transgression virtuelle à la norme, c'est à dire dans un *va et viens* collectif entre la soumission effective à la règle de la puissante machine d'inculcation de valeurs de l'établissement et puis cette désobéissance latente, mentale, parfois nécessaire pour supporter

²⁰⁹Lire sur ce point l'entretien avec la psychologue de l'Institut ci dessus au titre 2, chapitre 2, point 6.

une telle pression psychologique véhiculée dans la permanence d'un séjour de quatre années.

Ainsi, dans sa mise en œuvre, cette amitié spontanée est cimentée par l'humour –au demeurant, souvent déclenché par les plus anciens²¹⁰, capables de relativiser ce poids de la formation intégrale– afin de mieux supporter les contraintes d'ordre comportemental. Le rire, imprévisible, parfois mal contenu, leur permet alors l'auto-observation et la prise de recul dans la mise en évidence du coquasse des situations en internat. Forme d'intelligence supérieure de l'élève, il reste conscient de la mission de service public dont il va être investi tout en sachant discerner l'essentiel de l'accessoire, l'important du secondaire.

L'album photos ci-dessous, n°16, intitulé: «L'élève officier féminin: la camaraderie et l'humour» nous appelle à deux commentaires. Le premier qu'historiquement, les premiers élèves de l'école, c'est-à-dire vingt ans avant, paraissaient, selon les photos recueillies, beaucoup lus effacés, (photos, n°80 et 81), dans le contexte d'un «dressage policier»²¹¹ [*adestramento policial*] intensifié. Le deuxième, qu'il s'agisse dans le contexte de saynètes comiques (photos n°76 et 77) tolérées par les instructeurs du CAL ou d'une visite d'études plus relâchée (photo n°79), la bonne humeur reste ponctuée de rires asexués des différents membres de la tribu, ni hommes ni femmes, mais tous dans le même rite initiatique. Cet effacement temporaire de la division sexuelle est un facteur supplémentaire de bonne intégration de la fille dans le système de formation intégrale de l'ISCPsi.

²¹⁰ Le cours de Français que j'assumais à l'ISCPsi, devint, au-delà du strict apprentissage de la langue, une occasion d'échanger avec humour sur le sens de l'autorité. J'assumais un pouvoir de façade d'un enseignant civil littéraire, face à ces élèves officiers athlétiques, contraints à maîtriser les subtilités linguistiques d'une langue raffinée et aristocratique, avec toujours en arrière plan un commissariat virtuel et le cliquetis des menottes. Je leur adresse mes plus beaux souvenirs mais aussi ma plus sincère amitié!

²¹¹ Expression tirée du *règlement de l'évaluation du corps des élèves* appliqué pour l'année universitaire 2001/2002.

Album photos n°16; l'élève officier féminin: la camaraderie et l'humour.



Photo n°76; groupe de théâtre du XXI CFOP vers 2008: le garçon c'est le gendarme, la fille le voyou (Tirée de Vidéo XXI CFOP, DVD réalisé par les élèves, cadre projets)



Photo n°77 (source *Idem*) Le garçon c'est le travesti, la fille le commentateur



Photo n°78: la course d'orientation tournée en dérision (source *Idem*). L'autodérision sur le sens des points cardinaux en contexte de formation intégrale.



Photo n°79: Sortie d'études. Musée d'Art Antique, Lisbonne (source *Idem*)



Photo n°80. -voyage d'études années fin 80 (Archives photographiques ISCPsi). Sérieux des élèves, garçons et filles perplexes sur le sens de ces visites d'études

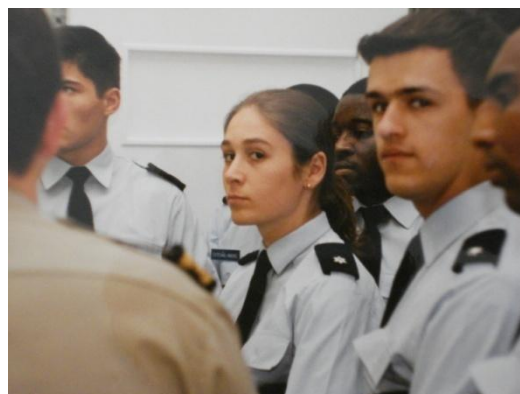


Photo n°81: Attente au réfectoire, années fin 80 (Archives photographiques, ISCPsi)

De façon générale, si, à la phase d'admission, les épreuves sportives puissent paraître comme un facteur d'évitement du genre féminin à l'Institut, une fois rentrées, les filles, du fait de leur forte minorité se calquent positivement dans les différents mécanismes formels ou informels extrascolaires mis à la disposition par l'école.

Les mécanismes formels d'intégration peuvent être déclinés de la manière suivante:

La participation intensive aux projets école tantôt dans sa dimension sportive (participation aux tournois académiques) tantôt dans celle humanitaire (banque alimentaire, don du sang, course de solidarité, distribution de cadeaux de Noël aux enfants défavorisés...),

L'appartenance à une famille spirituelle, famille clan, excellent réseau dans l'Institut et plus tard à la phase active.

Les mécanismes informels, de la manière suivante:

Le havre des chambres réservé aux filles,

Le petit ami lui même de l'Institut

La camaraderie asexuée de la quotidienneté.

La fille élève officier, dans le cadre de notre objet d'études, est une plus-value symbolique indispensable à l'équilibre et bon fonctionnement de l'Institut. Si sa représentation numérique est très faible, son poids symbolique est exploité au maximum: le message même véhiculé par l'appartenance au sexe féminin, est utilisé afin d'humaniser une police dont la tête pensante se doit une meilleure approche au citoyen. Cette femme élève apprend à être officier en même temps qu'à se «bipolariser» du point de vue du genre, capable aussi bien de se viriliser pour exprimer l'art du commandement que de se féminiser pour séduire et convaincre selon des armes, bien que pacifiques, sans doute bien plus efficaces et légitimes dans le contexte de l'impérieuse préservation de la tranquillité publique.

Au fil de notre exposé, nous saisissons mieux la présence d'un procès subtil entre d'une part l'instrumentalisation de la femme élève officier par le système de formation de l'école et de l'autre, la stratégie d'intégration de la protagoniste au terme duquel une négociation informelle souterraine déterminera son degré d'affirmation identitaire et corrélativement le respect de la part de la collectivité masculine policière.

Voyons désormais comment dans le cadre de représentations officielles dans l'établissement soient-elles festives nocturnes, soient-elles cérémoniales diurnes, la femme élève officier est positionnée sur l'avant scène de ces rituels formatifs policiers.

8. L'école et la fête: la mise en scène des genres.

8-1. L'école palais du bal nocturne

Avec une certaine nostalgie, le photographe et responsable des archives photographiques de l'ISCPSI, lui même policier (agent principal M...), me contait ces soirées bals, de l'Institut, époque où le budget le lui permettait. Ces fêtes, à l'initiative du directeur fondateur d'alors, imprimaient une image prestigieuse en même temps qu'aristocratique et courtoise à l'établissement, fête où les conjoints ou conjointes des élèves comme des enseignants, civils ou non, étaient conviés (photos n° 82 et n° 83, album n°17, ci-dessous).

L'école, métamorphosée le temps d'une soirée, en palais, vivait le succès de sa fête par la présence renforcée et inaccoutumée du genre féminin (Contredanse oblige!). A cette occasion, l'élève féminin officier au côté de sa consœur civile, était sollicitée, une fois encore, pour interpréter un rôle supplémentaire dans cette fresque théâtrale *intra*

muros: dame galante néo médiévale! Si cet événement était pour son homologue masculin une occasion d'apprendre les faits et gestes civils d'une soirée de gala de la haute société, il paraissait comme naturel chez la fille d'être investie d'un rôle relié à sa polyvalence entendue comme innée.

Aussi, comprenons nous mieux l'exercice constant d'adaptation auquel est confronté l'élève officier féminin, et ce, dès le premier jour dans l'établissement, sollicitée dans un large éventail d'activités: sportives, humanitaires, affectives et enfin mondaines, oscillant entre la virilisation et la féminisation au gré des circonstances et des positions qui lui sont assignées.

Comment apprécier cette permanente sollicitation de la femme élève officier? Comme une forme d'injustice fondée sur le genre, ou comme un phénomène naturel non contrôlable enrichissant l'apprentissage de la femme par rapport à celui du de l'homme? D'un côté l'établissement ne peut se passer d'ELLE, pièce fondamentale pour la cohérence de toutes les activités extrascolaires orientées vers les citoyens en dehors de l'Institut. De l'autre, l'hyperactivité féminine, supérieure à celle masculine, est l'expression d'une inégalité occupationnelle dans la mesure où on lui demande plus et mieux.

Certes, ce stress occupationnel est pour la femme élève une fatigue supplémentaire. Mais c'est aussi un apprentissage parallèle pour optimiser la gestion temporelle comme l'adaptation à la diversité des situations et publics rencontrés, une fois dans la vie active.

Album photos n°17: les événements diurnes et nocturnes de l'école.



Photo n°82: réception, dîner suivi d'un bal, années 1990 (archives photos ISCPSI)



Photo n°83: Sur la piste, les deux genres, en altérité, dans une contre-danse (*Idem*)



Photo n°84. Elèves du IV^eCFOP, uniformes de cérémonies, vers 1990 (*Idem*)



Photo n°85. Cérémonie de clôture année 2009



Photo n°86: Cérémonie de clôture, année 2008

8-2. L'école cloître laïque diurne

C'est au cloître, partie ancienne de l'Institut, que se déroulent invariablement toutes les mises en rang des élèves officiers [«formaturas»]. Parmi les cérémonies «du garde à vous» la plus importante est celle de la clôture où les élèves prêtent serment avant de débiter leur carrière professionnelle. Les filles comme les garçons sont au garde à vous, sabre au clair, avec, pour les premières, comme distinctif la jupe et les demi-talons. Sur la photo n° 85²¹² ci-dessus, la théâtralisation de la scène, facilitée spatialement, est renforcée par la présence des familles, amis, enseignants et invités sur les terrasses supérieures du cloître, observateurs privilégiés des acteurs des deux genres.

Du point de vue mitanalytique, le glaive exhibé évoque «la notion de justice, le schème de la séparation tranchante entre le bien et le mal, [il] possède le primat et colore sentimentalement toute la conscience du rêveur» (Durand, 1960, p.165). Ce glaive, aux mains de l'élève-officier féminin, selon l'imaginaire collectif mythique, recouvre sa deuxième acception, après celle de la force: celle de l'immaculé. En effet, «l'arme dont se trouve muni le héros est donc symbole de puissance et de pureté» (*Ibid.*, p.167). Cette arme, présentée, par les deux genres, relève moins de la dimension phallique du point de vue psychanalytique, que de celle transcendante, verticale, destinée à trancher et éloigner le mal et la mort

Enfin dernière expression de la femme policière, incarnation de *Athena*, «maitresse des armes mais aussi maitresse de l'esprit» (*Ibid.*, p.175), son indispensable mais aussi discrète présence afin d'épauler le pouvoir politique (photo n°86). Une officier issue même de l'école, presque la main au coude du ministre afin de l'aiguiller aux usages du

²¹² Par curiosité, voir aussi les photos n°37 et 41 de l'album n°8, même lieu, même scène mais en ...1974!

passage en revue des officiers, l'accompagne, le guide afin qu'aucune faille ou «gourde» masculine ne vienne enfreindre les principes du protocole²¹³.

De façon générale, qu'il s'agisse des fêtes nocturnes ou des cérémonies officielles, ces temps forts exigent une forte représentativité féminine. Aussi, la femme élève officier est la mandataire à la fois des formés de l'établissement comme de son propre genre. A ces cérémonies, la note de l'*Instrução do Corpo de Alunos* prend en compte la performance de l'élève où des enjeux symboliques sont déclinés par l'uniforme, la conduite et la prestance de l'élève. L'ISCPSI, véhicule une image, non pas image de marque commerciale, mais celle d'un service public dont l'efficacité reste étroitement dépendante de la confiance que les citoyens lui accordent. Une poignée de femmes dans une cohorte d'hommes fait là toute la différence!

Pour conclure sur ce deuxième chapitre consacré aux conditions d'intégration de la femme dans le système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI, nous dirions que ce système, effectivement, n'est pas neutre du point de vue du genre. ELLE, entrante indispensable à l'équilibre du système est instrumentalisée, mais non discriminée, afin d'optimiser les différentes activités pédagogiques d'approximation des citoyens. Cette instrumentalisation, loin d'être misogyne positionne ELLE dans un parcours pédagogique interne pour un apprentissage

²¹³ En tant que témoin oculaire, je me souviens à l'ouverture académique de novembre 2003 (ou 2004?), un fait inédit lors du passage en revue par le Président de la République d'alors Jorge Sampaio. La commandante du Corpo de Alunos V..., tandis qu'était entonné l'hymne national portugais, restait statufiée dans un garde à vous parfait, sabre au clair, stoïque sous la pluie tropicale diluvienne d'Automne. Le Président, maladroitement chercha alors à lui serrer la main. Dans une dimension mythologique, c'était d'un côté Athéna casque et glaive, sacrée et immortelle, protectrice de la Cité. De l'autre le politique, profane et temporel, violant un rituel sous le regard courroucé des dieux, de la république, de la patrie.

précoce de toutes les subtilités du commandement, sortant de l'Institut, en général mieux préparée que LUI.

Afin d'éviter des quiproquos sémantiques, je souhaiterais seulement expliciter les deux concepts suivants: l'instrumentalisation du système sur le sujet féminin et la stratégie du sujet féminin au travers du système de formation.

Si les disciplines juridiques, humanistes et économiques restent neutres du point de vue du genre, celles techniques (armement, engins explosifs, techniques des forces policières...) et sportives (défense personnelle), se rapprochent des stéréotypes classiques machistes. La femme élève officier, s'y adapte épaulée des précieux conseils de ses consœurs aînées, chuchotés aux heures tardives dans l'espace réservé des chambres. Même si leur effort d'adaptation est renforcé, celles-ci ne sont pas positionnées pour assumer un rôle particulier par rapport aux garçons.

En revanche, certaines activités extrascolaires dirigées par le *Corpo de Alunos*, exigent le sens de l'initiative ainsi qu'un lourd investissement des formés parallèlement aux cours classiques. C'est dans ce contexte, par l'effet d'impulsions du CAL que nous pouvons parler d'instrumentalisation de la femme élève officier. L'élève officier féminin, joue alors un rôle défini par rapport à son genre, rôle qui assumera d'une part la cohérence et la viabilité de l'activité, de l'autre, dans un sens plus large, l'effet de modelage des formés rendus camarades, futurs officiers solidaires pour une PSP plus unie.

Avec les familles spirituelles, le CAL demande à la fille de valoriser son genre, pour se positionner comme sœur, mère ou fille et du même coup donner plus d'authenticité à ces liens spirituels. Une famille composée que d'hommes (il en existe!) est-elle une vraie famille ? C'est

en ce sens que la fille est instrumentalisée. Cependant, plutôt que de résister à ce rôle assigné, l'élève féminin, désireuse d'une intégration réussie, va dynamiser cette famille: elle va organiser les dîners, rassembler les membres dispersés. Bref! Comme toute famille, la faire vivre heureuse! Cet investissement redoublé, intégré à sa stratégie personnelle, donnera ses fruits en ce sens que les garçons lui seront redevables, et prêts à l'épauler dans les circonstances futures de la vie active.

Avec les projets école, l'objectif est de:

dynamiser la participation et l'intégration des élèves dans la vie académique interne et externe, l'interaction entre les élèves de différentes années ainsi que la capacité de travail en équipe, visant aussi à développer chez les élèves la notion de projet.²¹⁴

Orientée vers les citoyens, la course de solidarité ISCPSP/APAV, par exemple, consiste à rassembler des milliers de personnes, tant PSP que civils, dans une course dans la ville de Lisbonne avec comme fin de rassembler des fonds en faveur d'une association d'aide pour les femmes victimes de violence domestique. C'est un projet complexe depuis la diffusion de l'événement, la logistique, le contrôle de la circulation (Bien que là les confrères de la PSP puissent donner un coup de main!), le sponsoring... C'est aussi un projet dont l'image humanitaire véhiculée est excellente pour les élèves de la PSP, image diffusée dans le milieu même urbain, sur le terrain de leur mission future. Un tel projet, du point de vue externe, sans la participation de femmes élèves policières, - du même genre que celui des victimes que l'association cherche à défendre- n'aurait sans doute pas la même adhésion du public en général. Du point de vue interne, les jeunes élèves masculins de 2^{ème} année doivent aussi apprendre à obéir aux leaders femmes de 4^{ème} année et effacer les éventuels stéréotypes

²¹⁴ Article 24.º "Regulamento de avaliação do corpo de alunos", année 2001-2002

machistes acquis avant leur entrée à l'Institut. La femme investie de ce type de projet non seulement adhère, même si elle se sait instrumentalisée du point de vue de son genre, tout en adoptant cette stratégie d'apprendre à commander non seulement sur des agents mais aussi sur des hommes.

De façon générale, dans ce microcosme, de l'Institut, sorte d'arche de Noé où l'entrant est appelé à naviguer pendant près de cinq ans, la vie à bord, à la fois près et loin de la société qui les entoure, appelle à faire embarquer des espèces non pas de l'humanité, mais des espèces des deux genres des citoyens: l'homme et la femme. Quelques femmes d'élites y sont choisies, petite minorité hyperactive, dont la fonction symbolique est une donnée essentielle pour le fonctionnement de l'Institut et de sa riche boîte à outils d'activités pédagogiques. En ce sens, la femme élève officier, en entrant à l'Institut est une indispensable plus value, certes instrumentalisée, mais avec en retour la possibilité pour elle de parfaire son apprentissage est d'être en tant qu'officier, plutôt bien admise et respectée par les garçons. Par ailleurs, pour consacrer son intégration définitive à la tribu, elle est prête à délaisser son ancien compagnon civil pour choisir l'un des spécimens «mâles» de la tribu. Enfin, dans le cadre d'une quotidienneté souvent stressante par le rythme intensif imposé, l'élève officier féminin ne néglige pas la camaraderie informelle asexuée, garçons et filles confondus, camaraderie saine et salutaire, non exempt d'humour afin de ne jamais perdre le sens de l'équilibre de sa personnalité dans ce grand navire mu par le puissant moteur du système de formation intégrale.

Au terme de ce deuxième titre consacré à l'admission et formation de la femme dans la PSP, nous tenterions de conclure de la manière suivante:

Jusque dans les années quatre-vingts l'admission de la femme agent dans la PSP s'est faite au cas par cas sans véritable politique de la DN ou du Ministério da Administração Interna. Jusqu' en 1971, affectée soit aux tâches ancillaires de la corporation soit, de manière sporadique, aux missions de surveillance des femmes et enfants, elle ne va acquérir une certaine visibilité qu'avec le départ de nombreux hommes aux guerres coloniales, chargées de les remplacer du moins pour des fonctions subalternes tantôt au bureau, tantôt à la rue même. Agents provisoires, sans possibilité d'avancement, bloquées au grade le plus bas de la chaîne hiérarchique, nombreuses délaisseront la corporation qui ne sut au lendemain de la Révolution des œillets sortir d'un neutralisme prudent en guise de rupture avec un paradigme d'intervention répressif qui prévalut sous le régime salazariste et caetaniste.

A partir des années quatre-vingts, la mise en place de concours de sous officiers ouverts aux femmes, la mixité des concours, identiques aux hommes et femmes, entérinent définitivement le principe d'altérité entre genres même si le taux d'admission des secondes reste en deçà des moyennes européennes de l'époque.

La formation initiale de la femme agent fut, de manière générale, et encore aujourd'hui, plus un rite initiatique qu'un véritable apprentissage théorico-pratique de fond, quitte à apprendre effectivement le métier une fois sur le terrain, épaulée par ses collègues masculins. Globalement, qu'il s'agisse des premières cohortes en régime exclusivement féminin ou par la suite en mixité, les témoignages recueillis en ce qui concerne la phase de formation initiale ne révèlent aucune discrimination ou éloignement, toutes bien acceptées, voire

respectées et protégées par l'ensemble de l'équipe diversifiée des instructeurs et enseignants PSP, militaires ou civils.

En ce qui concerne l'admission de la femme élève officier, elle débuta effectivement en 1985 avec la deuxième promotion CFOP de l'ESP, dans une école originale spécialement créée, un an plus tôt, pour renouveler la génération des cadres de la PSP tous alors sortis de l'Académie Militaire et habitués à des paradigmes d'intervention radicaux en situation de crise. Cette école, comme par un heureux accident, va progressivement rayonner sous une culture métissée composée d'acteurs universitaires, militaires, instructeurs PSP, et comme telle, sera beaucoup moins timorée pour admettre et s'enorgueillir d'éléments d'un genre nouveau, fondamentaux pour l'humanisation de la police sous cette nouvelle brise de la toute jeune démocratie portugaise. Certes, les taux d'admission féminins vont rester très faibles en raison de l'affluence des candidats obligeant à une sur sélection dans le choix d'une élite hyperactive. Nous pouvons affirmer que si la phase d'admission est extrêmement sélective pour la femme, en revanche, une fois admise et instrumentalisée pour la cohérence et le succès des activités périscolaires, la femme élève officier, récompensée de son double effort, «faire plus, faire mieux», finira pleinement intégrée, valorisée et respectée dans l'équipe mixte des jeunes officiers.

Dernier volet de notre recherche, comment cette femme, quelque soit son grade, va-t-elle alors intégrer le réel policier une fois sortie de son école théorique, dégrisée de son modèle de défenderesse de la Cité? Quelles contraintes va-t-elle subir entre ses idéaux d'intégrité et de justice et un univers caractérisé par la culture du secret et où le pouvoir risque constamment d'être déviée et dévoyé? La femme policière sera-t-elle, une fois encore, instrumentalisée pour assumer un rôle pédagogique dans le prolongement de sa fonction maternelle biologique?

TITRE TROIS

LE POSITIONNEMENT SPÉCIFIQUE DE LA FEMME DANS L'EXERCICE DE REPRÉSENTANTE DE L'ORDRE ET DE L'AUTORITÉ

CHAPITRE UN

L'INSTRUMENTALISATION DE LA FEMME POLICIÈRE ET LES DIFFÉRENTS RÔLES ATTENDUS DANS L'UNIVERS PRATIQUE DE LA PSP

Notre intention dans ce chapitre, serait d'ouvrir l'interrogation sur le rôle dont la femme est investie, une fois sortie de la sphère formative et positionnée dans celle pratique de la PSP. A quoi l'institution policière l'assigne-t-elle et selon quelles modalités? Pour ce faire,

Tout d'abord, nous recueillerons quelques données passées et présentes des médias tantôt journalistiques tantôt de l'organe de presse de la PSP afin de déceler le possible décalage entre d'une part les stéréotypes écrits et audiovisuels véhiculés et d'autre part les réalités plurielles souterraines quotidiennes.

Puis, nous nous interrogerons sur les modalités de valorisation du genre féminin dans la fonction policière tantôt pour accentuer le prolongement de sa fonction maternelle et éducative, tantôt pour apaiser les conflits plus selon les armes du charme et de la séduction que de celles proprement agressives et viriles.

1. La médiatisation de la femme policière PSP

De 1930 à 1970, la femme, de fait, dans la PSP, est quasi-inexistante. Les deux premières, Ermelinda Mendes et Emília Pereira, recrutées en 1930, sont des cas isolés (Clemente, 2002) et malgré la

législation postérieure²¹⁵, l'effectif de femmes effectivement employées aux fonctions policières et plus précisément pour la «surveillance de femmes et enfants» ne dépassera pas quelques dizaines. C'est à cette époque là un décalage entre un discours médiatisé en apparence élogieux sur la femme policière «en soi» et sa présence effective beaucoup plus modeste.

1-1. L'évolution de sa représentation dans le journal de la corporation: *Polícia Portuguesa*.

Essentiellement deux articles parus dans la revue de la Corporation *Polícia Portuguesa*, abordent le sujet, tous deux anonymes, l'un paru en 1945, l'autre en 1953²¹⁶.

Dans le premier, d'une page et demi, le commentateur, décrit les policières françaises, américaines et sud-africaines (elles mêmes décrites par une revue d'Argentine). Ainsi, pour mieux occulter le *Quid* de la femme dans la PSP des années 1930, sous le plein essor de l'*Estado Novo*, les responsables de la revue préféreront porter l'attention selon un style moitié élogieux, moitié ironique sur le «phénomène» dans les polices étrangères de tous pays et continents, mais jamais du cas de la PSP en terre lusophone. «Certains en riront peut-être, mais c'est une nécessité de créer cette fonction [...]. Sous cette uniforme devra battre un cœur plein de dévouement et bonté et sous le képi, devra être une tête solide, d'intelligence claire et sûre». (p.10)

²¹⁵Decreto Lei n.º34:882 do 4 de Setembro de 1945 et Ordem de Serviço nº3 du 28 de Fevereiro de 1956.

²¹⁶Respectivement les numéros nº49 de mai et juin 1945 et nº 106 de novembre décembre 1954.

Ainsi, à partir de l'événement de la «création en Seine et Oise d'un corps spécial de femmes agents de police, dont la mission est de surveiller et protéger les enfants» (p.10), le commentateur, anonyme, développe sa conception, de la femme policière idéale, sans pour autant mettre de côté les stéréotypes classiques d'infériorité de genre qui prévalaient explicitement à cette époque pleinement salazariste. «Comme on le sait la vitesse de la femme est toujours inférieure, encore plus handicapée par ses vêtements» (p.11). Développant enfin, dans un style presque amusé le paradoxe du symbole de la violence légitime et la sensualité moderne, l'auteur décrit ensuite la centaine de policières new yorkaises des années 1945:

Plus de cent femmes policières viennent d'être dotées d'une nouvelle pièce d'équipement, un étui noir fixé à l'épaule contenant d'un côté un revolver calibre 38 et dans l'autre compartiment un rouge à lèvres, de la poudre de riz ainsi qu'un espace pour les papiers, les gants et l'argent. Quand le gouverneur *La Guardia* remet les étuis aux agents, il leur recommanda: «N'utilisez le revolver comme le rouge à lèvres que si cela est vraiment indispensable et intelligemment vous ne devez abuser ni de l'un ni de l'autre (p.11).

La femme ne «dégainera» ainsi son arme comme de son rouge à lèvres qu'exceptionnellement dans la cadre de sa mission de service public! Le sexe faible est ainsi perçu comme cumulant les fonctions d'élément légal répressif avec celles de dissuasion selon les armes de la «suave féminité».

Dans le deuxième article, paru en 1954, est développé d'un côté ce mutisme vis à vis des policières de la corporation portugaise, de l'autre une louange, des policières britanniques, berlinoises, argentines, américaines et palestiniennes. Ainsi, l'auteur, dans sa description des

policewomen britanniques, après avoir expliqué comment les circonstances de la 1^{ère} guerre Mondiale ont favorisé l'accès à la profession les femmes, argumente sur leur nécessaire présence

...depuis 1914, il existe en Grande Bretagne un corps de police féminine tendant à juguler l'onde toujours croissante de dépravation où des femmes exerçant plus ou moins discrètement la prostitution, se sont lancées à la conquête des portefeuilles[...] Ces femmes une fois prises en flagrant délit de prostitution[...] avec des paroles convaincantes sont appelées à prendre un nouveau cap de vie afin d'éviter de futures complications toujours pleines de surprises et dangers (p.16)

La femme policière, non seulement sait appréhender la délinquance du même genre mais en outre tente verbalement de la réinsérer socialement. L'auteur de 1954 va plus loin et pense possible une stricte égalisation des tâches policières indépendamment du genre, affirmation paradoxalement moderne, surtout dans la revue même de la corporation PSP!

Il serait erroné de penser que les femmes policières existent seulement pour maintenir l'ordre public de la partie féminine de la communauté. Les femmes policières sont partie bien plus intégrantes de la force de police en général et sont employées sur la même base que ses collègues masculins et ont le même droit d'intervention que celui des hommes. (p.18).

L'auteur, anonyme, prend malgré tout ses précautions et dans la description d'une police étrangère réputée pour son pacifisme et néanmoins efficacité, développe implicitement une utopie qu'il aimerait voir réaliser sur sa terre d'origine: le Portugal.

Notons cependant une irrésistible pointe d'ironie sur le sexe faible. Ainsi, dans la description des policières israéliennes qu'il décrit comme dotées des «qualités d'intelligence et de caractère» rappelant que c'est «ce si enchanteur et beau sexe qui fut en première ligne» (p.21) lors de la lutte pour l'indépendance. Et pour conclure, dans la description des policières de *Los Angeles*, celles-ci, «munies de leur révolver, à cinquante pas, jamais ne manquent leur cible: les habitants de *Los Angeles*, terre du cinéma, peuvent dormir tranquilles» (p.21). On l'avait tous compris!

A partir de 1972, les femmes policières, médiatisées et valorisées sont celles nationales récemment recrutées et souvent affectées pour la plupart au service de la circulation. Le journaliste de l'article intitulé: «Mulheres-Polícias em Setúbal»²¹⁷, joue sur la confusion entre l'image d'une hôtesse d'accueil et l'élément représentant de l'ordre dans le contexte d'un potentiel conflit entre un automobiliste pas toujours en règle et un agent chargé de vérifier l'ensemble de ses papiers, qu'il s'agisse ceux de sa personne come de son véhicule.

Au cours de cette opération stop[...]entrèrent en action pour la première fois dans les brigades constituées des femmes policières. Cependant, outre l'ordre habituel, on a seulement remarqué, que jusque dans sa démarche, la femme avec un sourire sur ses lèvres, sait être femme des situations. [...]De ce que nous savons, le commandant de la PSP de Setúbal conduit l'activité de ses deux subordonnées avec un tact spécial afin que le public ne les trouve étranges, ni qu'elles se sentent dépaysées.(*Ibid.*)

²¹⁷Paru dans "O Século, du 17 avril 1972, c'est-à-dire l'année qui suivit les 228 nouvelles recrues du concours de 1971, article reproduit tel quel dans la revue corporatiste *Polícia Portuguesa* n°210 de mars avril 1972.

A noter ce commentaire sur le tact de l'officier encadrant les opérations et sachant ménager les possibles surprises des automobilistes. Instrumentalisée, l'agent femme des opérations stop est là pour résorber l'agressivité des conducteurs «mâles», médiatrice en première ligne, et cependant sous la tutelle de ses homologues masculins encadrés eux-mêmes par des officiers militaires.

Dans les années quatre-vingts, l'instrumentalisation médiatique développera abondamment l'image du prolongement même de la maternité et le devoir impérieux de protection et assistance aux plus faibles : les enfants, les vieillards, les touristes.

Sur l'album photos n°18, ci-dessous, les quelques couvertures présentées de la revue PSP développent explicitement le stéréotype de la maternité et ses deux attributs: l'Education et l'Amour. Ainsi, sur la photo n°87, au sens littéral, la policière éduque et conduit l'enfant par la main à son école à l'instar des précepteurs grecs. Sur la photo n°88, dans la multiplicité des rôles dont elle est investie, la femme policière sait aussi assister le Père Noël (à moins qu'elle soit Mère Noël consœur policière déguisée?). Sur la photo n°89, la femme policière, touchante d'affection, prête les symboles à la fois d'autorité et de femme et à la fillette: son képi d'*Athena* et son sac à main de femme tout en y associant des caresses. Sur la photo n°90, le Président de la République d'alors -1999- court-circuitant toute la chaîne hiérarchique remet en main propre à la femme agent simple, la non gradée, les honneurs de son courage «C'est avec beaucoup de fierté que nous avons vu l'agent Maria José être décorée de l'ordre du mérite [...] pour avoir entre autres capturer des délinquants qui venaient d'attaquer une agence bancaire» (*Polícia Portuguesa*, ano LXII, II série, n°117, mai, juin 1999, p.31). Aussi le stéréotype classique du policier moustachu (photo n°91), buveur de bière, s'estompe peu à peu dans ce changement de paradigme d'approche des citoyens et ce par le truchement du

«deuxième sexe», voulue comme un caméléon naturel investi d'abnégation.

Album photos n°18: La femme policière et le stéréotype de l'instinct maternel.



Photo n°87: Tiré de *Polícia Portuguesa*, n°55 2° série janvier, février 1989) "la police existe pour t'aider"(toi l'enfant)



Photo n°88 (Tiré de *Polícia Portuguesa*, n°84, 2° série, novembre, décembre 1993.)



Photo n°89: Tirée de *Polícia Portuguesa*, des années 1980 n° non indiqué



Photo n°90: tiré de *Polícia Portuguesa* n°117 2° série mai, juin 1999)



Photo n°91 affiche pour exposition itinérante des années 1980, source, Cabinet des Relations publiques de la DN

Les années deux mille, avec la sophistication et la diversité des médias -reportages TV directs sur le vif, réseaux sociaux et presse écrite via internet, parallèlement à la presse écrite sur support papier- vont donner pour la PSP l'occasion d'héroïser certaines de ces policières, rendues sous les feux de la rampe médiatique les permanentes actrices du courage et du dévouement.

1-2. Le récit de policières personnages, vitrines de la PSP.

Ainsi, la commissaire Paula Monteiro²¹⁸ est louangée pour son parcours d'excellence aussi bien aux unités de Relations Publiques que pour son action dans une banlieue «chaude» (Loures) de la capitale ou encore pour son admission inédite aux services de sécurité des personnalités. Par ailleurs, elle accorde des interviews, blonde souriante, experte en arts martiaux, et développe par sa voix, ses prises de position, ses interventions parfois physiques dans des cellules de crise, tout en décrivant son intense quotidienneté d'épouse, de femme et de policière. Personnage complet, unique mais diversifié, Paula Monteiro, par ce complexe processus de médiatisation, est devenue le symbole parfait du genre féminin, représentante quasi exclusive de toutes ses consœurs de la corporation.

Madalena Amaral, l'une des femmes les plus gradées de la corporation, elle aussi médiatisée, évoque moins la jeune femme d'action héroïne, que la mère autoritaire, pondérée, ferme mais discrète. Dans un entretien accordé à la revue *Máxima*²¹⁹, elle y développe son histoire de vie, de mère cherchant à harmoniser sa maison avec ses

²¹⁸Voir entretien accordé à Alexandra Machado du 02 novembre 2011 dans *Diário de Notícias* tiré de http://www.dn.pt/gente/perfis/interior.aspx?content_id=1408030 le ou encore reportage d'action policière <http://videos.sapo.pt/nhIqThsFkrZREd0MgfQg>

²¹⁹Tiré de <http://sub.maxima.xl.pt/0307/mc/100.shtml>

importantes responsabilités de Commandante du District de Lisbonne. Sa vie, faite de possibles bifurcations, de simple agent à l'aéroport, en passant par les études d'Education physique, et de celles de l'Ecole Supérieure de Police et parallèlement la maternité, histoire la rendant plus proche de la lectrice (ou le lecteur), accessible au point que chacune puisse s'y identifier. Elle parle de son mari «Soutien inconditionnel», de son foyer «maintenir l'environnement familial stable» de l'école de ses enfants «hésita à transférer ses enfants», et de ce «plus féminin» pour résoudre les situations. La commissaire divisionnaire Madalena, dit-on, «compare son travail à la gestion d'une maison et pense que les femmes sont douées pour ça».

Paula, Superwoman policière, Madalena, l'intelligence de la pondération, la première plus jeune dans l'action, la deuxième plus expérimentée dans la coordination: ces deux personnages médiatisés sont assurément instrumentalisés, et ce pour humaniser l'image même de la PSP et développer une sympathie naturelle de la part des populations civiles.

Ces deux «actrices» restent ainsi les mandataires des 1646 femmes de la corporation²²⁰, agents, sous officiers et officiers du terrain dont nous aimerions désormais savoir où, elles et leur aînées, sont ou ont été affectées.

²²⁰ Selon les données du Bilan Social 2010, parmi les hommes et femmes sur le terrain (et non les enseignants ou techniciens administratifs), il y avait 20760 hommes (93%) contre 1646 femmes (7%). (*Balanço Social 2010*, p.14 consultable sur le site internet officiel de la PSP)

2. La femme policière PSP et le développement de son genre dans l'attribution de ses fonctions

Sur un demi-siècle, l'évolution des attributions des femmes policières dans la PSP pourrait se résumer de la manière suivante: d'abord affectées exclusivement à la surveillance et protection des femmes et enfants, elles furent, à partir des années 1970, destinées principalement au service de circulation. Puis, de 1974 à 1984, l'indéfinition statutaire de la femme policière et surtout son impossible avancement dans la carrière, vont appeler les dirigeants policiers et civils en 1984 à une égalisation, du moins théorique aussi bien dans les tâches et missions que dans les possibilités d'avancement dans la carrière. Dans les années 1990, enfin, la politique d'ilotage et de présence de quartier vont susciter la création de services spécifiques comme «école sécurité» «aide aux personnages âgées» où les femmes seront désignées prioritairement dans cette relation à une frange plus fragile de la population urbaine.

Notre intention serait de rappeler le débat général sur les aptitudes respectives des femmes et des hommes les premières intervenant «au nom des vertus féminines» (G. Pruvost), les deuxièmes au nom de la force frontale virile. Puis nous développerons les attributions préférentielles dans le corps de la PSP rapportées à chaque genre.

2-1. Le débat des aptitudes rapportées aux genres

2-1-1. Le cantonnement de la femme policière à des tâches restreintes

La première disposition législative consacrant «en soi» la possible admission de la femme dans la PSP date de 1945, exprimée dans ces termes:

Pour le service spécial de surveillance des femmes et enfants et autres services connexes ou d'assistance, il peut y avoir dans chaque commando de police, sous réserve d'un arrêté ministériel, un groupe de gardes de sexe féminin avec la catégorie unique de gardes de 2^{ème} classe.²²¹

La femme, de manière restrictive et selon des modalités règlementaires particulières, est donc autorisée à s'introduire dans la corporation policière portugaise pour s'occuper exclusivement, selon le statut hiérarchique le plus bas de la chaîne (agent de 2.^a classe), de la frange la plus fragile de la société aussi bien dans la modalité de surveillance que de celle d'assistance: les femmes et les enfants.

Une première acception de cette disposition serait d'invoquer un progrès de la PSP, consciente de la nécessaire admission du genre féminin pour gérer les cas spéciaux de citoyennes du même genre et de leur progéniture. Cependant, de fait, la femme entrante n'est ni reconnue statutairement, -agent de 2.^a classe «à vie»- ni juridiquement – le droit de vote de la citoyenne portugaise n'est accordé, et encore de manière restrictive, qu'à partir de l'année 1968 (Lei n°2137 de 26 de Dezembro de 1968). Ainsi, comment accorder à la femme policière des responsabilités alors que la société, en lui refusant le droit de vote, la positionne, bien qu'adulte à l'état de tutelle?

Aussi, une deuxième acception serait de voir dans cette disposition des années 1950 le «Dirtywork» [sale boulot] énoncé par Everett C. Hughes²²², c'est-à-dire que les membres de la corporation

²²¹Artigo 23.º do Decreto Lei n.º34:882 do 4 de Setembro de 1945

²²²Professeur de E. Goffman, de l'université de Chicago, il est rattaché au courant de «l'interactionnisme symbolique». Plutôt que d'analyser la dimension «théâtralisante» de face à face en institutions fermées, Everett C. Hughes, analyse le sous-jacent des relations entre individus rapportées à des grands ensembles. Par exemple, « Il montre

préfèrent faire faire ce qui selon eux pourrait paraître dégradant et avilissant au regard du prestige de leur profession. Le policier des années 1950, doté des attributs visibles de son autorité, l'arme létale, l'uniforme, et le Droit d'appréhender, dans une dimension machiste, négocierait mal «le mandat» dont il est investi pour aussi s'occuper des faibles, des femmes et des enfants. Ainsi, c'est dans «la capacité d'un métier à protéger sa licence et à conserver son mandat» (Hugues, 1996, p.104) qu'une division morale du travail se crée; en l'espèce, la corporation policière pour préserver sa «licence exclusive» donne à certaines femmes un rôle face aux femmes déviantes de la société afin qu'elles puissent traiter de leurs affaires entre elles.

Outre ce sale boulot –du moins aux yeux d'une certaine portion masculine de la profession- la femme policière des années 1972, va être instrumentalisée comme co-équipière inédite, appelée à compléter les équipes d'opération stop pour désarmer l'automobiliste contrevenant non par la force mais par le charme et la dissuasion. Cette nouvelle fonction féminine policière, en synergie avec celle de l'équipe masculine, allie les qualités des deux genres dans cette coprésence de la dissuasion physique et morale.

Entre 1974 et 1981, le *Quid* statutaire de la femme policière, empêchera tout autre concours d'admission ainsi que la possibilité d'avancement dans la carrière. A une époque instable de la jeune démocratie portugaise, aucun dirigeant, politique ou militaire, ne voulut alors prendre la responsabilité de retraduire dans la PSP les progrès d'une société rajeunie en quête de liberté.

qu'on ne comprend rien à l'interaction directe, immédiatement visible, entre le médecin et le malade, si l'on ne sait quelle est la place du médecin (et du patient) dans l'ensemble du système d'interactions que composent les différents métiers de l'hôpital» Compte rendu de lecture de Bernard Lahire, tiré de http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1998_num_53_2_279672_t1_0425_0000_002

Au concours de 1980²²³, l'éventail des attributions s'élargit timidement incluant les femmes policières dans la sécurité des aéroports (fouilles corporelles des voyageuses notamment) et des entités officielles où la visite de personnalités étrangères, parfois féminines, suggéraient vivement un accompagnement sécurisé du même genre plutôt qu'une exclusive présence masculine, parfois moustachue et amatrice de bière!

De façon générale, la corporation policière réagit mais avec lenteur aux pressions pour une égalisation des genres qu'il s'agisse des officiers comme des agents. Pourquoi ce principe d'égalisation fut-il si laborieux dans sa mise en place alors que d'un point de vue théorique le consensus semblait acquis ?

Le *Comandante Geral* de la PSP, dans son *Despacho* du 22 septembre 1981, exprime ce tiraillement et l'urgence d'une solution définitive du cas épineux d'une femme à l'égale de l'homme dans la police:

Ils ont été élaborés des arrêtés, des rapports, normes etc., qui prétendaient «démarrer» des solutions sans que pour autant ait été prise une décision finale sur la constitution d'un corps féminin. De notre point de vue, assuré que la mission attribuée à un agent féminin est et doit être de manière générale, identique à celle qui est attribuée à l'agent masculin sans pour autant que toute la problématique de différenciation ne cesse pour autant d'être une réalité. Et prétendre oublier cette réalité nous paraît grave. [...] il est nécessaire de définir clairement la philosophie à décider et celle-ci est, selon moi, celle de la mise en place d'un CORPS FÉMININ DE POLICE.²²⁴

²²³Despacho n.º2/CG/81 de la DN

²²⁴Despacho n.º.17/81/CG

Ainsi, à l'instar des brigades féminines londoniennes de l'après 1^{ère} guerre mondiale, ce haut responsable de la PSP des années mille neuf cent quatre-vingts entendait administrativement distinguer la femme de l'homme dans la corporation policière. Un projet de décret-loi sera d'ailleurs déposé mais refusé. Cette conception illustre, selon nous, pleinement la notion du non partage de la licence ou mandat de la profession (Hugues, 1996) et que le corps masculin plutôt que de partager son métier, aurait préféré scinder la corporation elle même en deux selon le genre²²⁵.

2-1-2. La politique d'élargissement fonctionnel de la femme policière

C'est en 1980 que le décret loi n°134/80, signé du Président de la République António Ramalho Eanes, consacre définitivement l'égalisation fonctionnelle des tâches policières en fonction du genre, égalisation exprimée selon ces termes:

Prenant en compte que la femme peut jouer un rôle important dans les forces de police [...] Vu qu'il devient urgent d'établir des normes de recrutement qui satisfassent aux exigences présentes et futures de la fonction policière s'appliquant à l'admission des agents des deux sexes, dans des circonstances quasiment égales et pour des missions identiques, préservant seulement les aspects propres à la condition féminine.²²⁶

²²⁵ Dun point de vue anthropologique, ce projet de séparation des cadres d'avancement est l'expression même de la bivalence -négative ?- sexuelle développée par un «soubassement idéologique élémentaire» (F. Héritier, 1996). « Cette valence différentielle exprime un rapport conceptuel orienté, sinon toujours hiérarchique, entre le masculin et féminin, traduisible en termes de poids, de temporalité (antérieur/postérieur) de valeurs» (p.24).

²²⁶ Decreto-Lei n.º 134/80 de 19 de Maio do MAI no DR I Série número 115

Ainsi, c'est sur la base des nouvelles conditions de recrutement qu'explicitement le statut de la femme policière entrante où déjà en place, va être réformée. Nous souhaiterons analyser, à partir de cette déclaration officielle juridique, quelles furent les pressions externes et internes qui poussèrent l'institution de la PSP à consacrer définitivement la totale intégration statutaire de la femme dans la police urbaine portugaise, puis quelles furent les conséquences juridiques immédiates d'une telle disposition.

Tout d'abord, selon la conception de Pierre Clastres (1974), l'Etat n'est pas nécessairement le reflet de la société, mais c'est la société, rebelle, qui en dernier ressort peut contraindre l'Etat à se soumettre à elle. La femme portugaise, protagoniste de cette société, incontestablement, conquiert des droits après plus de quarante années de sujétion à un modèle catholique, conservateur, qui faisait de celle-ci la bonne épouse et mère, reléguée au foyer sous la direction exclusive de son mari. Durant l'année 1974, les révolutionnaires, mutés en gouvernants, prirent d'emblée des mesures symboliques en faveur des citoyennes dont le possible accès à la magistrature²²⁷ et à la carrière diplomatique²²⁸, ou encore le respect du secret de la correspondance de l'épouse. Citons aussi la suppression du pouvoir paternel et marital, en 1976, et enfin et surtout, la généralisation du Droit de vote indépendamment du niveau d'études de la femme. Une telle évolution

²²⁷ "Decreto Lei n.º251//74, de 27 de Junho. Dans son contenu, ce décret-loi met en évidence, dans un style humaniste, la nécessité de réparer la discrimination subie au cours de l'histoire par la femme: « Le présent décret [...] est le début de réparation, qui est souhaité systématique, non seulement mis en place dans les lois mais aussi dans la propre société, d'une injustice historique ». Malheureusement, cette déclaration sur le thème de l'égalité des genres va rapidement passer au second plan, après d'autres sujets de l'époque qui exigeaient de la part des gouvernants des choix cruciaux pour l'avenir du pays: le retour des soldats portugais des guerres coloniales, l'indépendance des colonies (24 juillet 1974), la nationalisation des banques, le problème de la liberté religieuse dans les écoles.

²²⁸ D.-L 308/74, de 06 de Julho.

de la société et son rejaillissement juridique, contraignait assurément la PSP, trop encore perçue comme répressive et brutale, à changer de paradigme d'intervention. La police devenait moins «Laws enforcers» c'est à dire proactive combattant le crime et plus «Peace keepers»²²⁹, préventive pour assister la communauté. La cohérence d'un tel paradigme associée aux mesures législatives en faveur du genre féminin, ont certainement constitué une pression externe forte pour renouveler le statut de la femme policière dans la PSP.

Mais certains corps constitués de cette société portugaise en forte transformation démocratique vont, eux aussi, jouer un rôle, du moins indirect, dans l'intégration effective de la femme dans la PSP. Ainsi, la «Comissão da Condição Feminina» dépassait le strict militantisme féminin, pour s'inscrire dans l'action même gouvernementale. Madame Maria de Lourdes Pintasilgo, première femme portugaise première ministre, -pour quelques mois il est vrai (de juillet 1979 à janvier 1980) et deuxième européenne après Margaret Thatcher-, chrétienne libérale, constituait l'exemple d'un symbole fort d'une volonté d'égalité des genres non plus selon un militantisme censuré et puni par l'Etat salazariste²³⁰ aveugle et castrateur, mais une expression sociétaire selon le canal même de l'Etat. Maria Regina Tavares da Silva, Présidente de la Commission dans les années mille neuf cent quatre-vingts, mais aussi investie de responsabilités pour les droits de la femme auprès de l'ONU, dans une lettre du 22 février 1988 adressé à la Direção Nacional, s'informait des conditions d'admission ainsi que du statut de la femme dans la PSP. L'un des hauts responsables de la DN de l'époque lui garantissait une égalité de traitement quelque soit le genre:

²²⁹Mannying, P. (1987) *Police work: the social organization of policing*. Cambridge, The MIT Press. Cité par S. Durão (2011)

²³⁰ Selon l'exemple des trois Maria, (Velho da Costa, Teresa Horta, Isabel Barreno) qui eurent courage dans la rédaction des «nouvelles lettres portugaises» (1972) de dénoncer dans un style littéraire néobaroque le salazarisme et son corolaire: les valeurs féminines traditionnelles.

Les conditions d'accès et de progression dans la carrière sont identiques pour les hommes et femmes exception faite pour les épreuves physiques assorties de tables adaptées en fonction du genre. Il n'existe aucune différenciation d'échelons et si les femmes présentement ne sont pas encore aux postes les plus élevés, c'est en raison de la présence d'officiers de l'armée différant leur nomination ²³¹

De façon générale, la Commission Féminine, consacrée par les forces gouvernementales elles-mêmes, dans sa pression sur la PSP, avait un double objectif. Le premier, dans sa mission officielle de veiller à des opportunités d'emplois, une rémunération et une sécurité sociale identiques, quelque soit le genre; le deuxième d'assurer la présence de femmes dans la PSP pour justement défendre la Femme dans la société. Ou si vous préférez, en s'assurant de la présence de femmes dans la PSP, la commission pouvait espérer que ces dernières, mandataires à la fois de l'ordre public et du genre féminin, seraient à même de défendre au mieux les insupportables insultes à la condition féminine: viol, violence conjugale et indirectement violence sur la progéniture de celle-ci.

Mais la pression externe ne vient pas seulement de la société portugaise ou de ces corps institués intégrés dans le gouvernement; l'impact est aussi de pays étrangers et plus précisément d'associations internationales de femmes policières. Ainsi, les femmes policières portugaises furent conviées à participer à l'«International Conference for Policewomen» qui se déroula en Hollande en mars 1989. Sur la brochure de présentation était expliqué:

²³¹ *Superintendente Geral Antonio dos Anjos Martins*, lettre réponse datée du 26 février 1988, Archives du *Gabinete de Estudos e Planeamento* de la DN de la PSP.

Les sujets principaux de cette conférence seront l'évaluation et la prise de conscience de cette force positive [les femmes policières]. [...] Il n'existe actuellement pas de contact formel entre les femmes policières européennes à la différence des Etats Unis et du Canada avec l'IAPW, (International Association of Policewomen).²³²

Ces institutions internationales, sont des organisations non gouvernementales originales, chargées d'une affirmation identitaire d'un groupe particulier de la police: les femmes. Celles-ci, entre homologues de différents pays, bien que non directement soutenues par leurs états respectifs, trouvent dans ces rencontres l'occasion d'une prise de conscience collective de leur existence fonctionnelle. Si l'invitation pour la conférence de mars 1989, fut bien diffusée à l'ensemble des commandos sur l'ordre du *Superintendente Geral*, commandant de la DN de l'époque, António dos Anjos Martins, celui-ci refusa néanmoins de prendre en charge les dépenses du voyage des éventuelles intéressées: «les calculs des dépenses, sans préjudice au Trésor public, à supporter par les intéressés sont de 195.125 escudos».²³³

Malgré ces freins corporatistes à voir les femmes policières portugaises dialoguer avec leurs consœurs européennes, ces invitations Des ONG, répétitives, vont influencer les gouvernants portugais à plus féminiser leur police à l'instar de celles des autres états membres ayant appuyé leur candidature.

²³² Archives du *Gabinete de Estudos e Planeamento*, de la *Direção Nacional* de la PSP.

²³³ Lettre datée 17 novembre 1988 (archives du GEP, DN); environ 200.000 escudos de l'époque constituaient plusieurs mois de salaire! Autant dire que les intéressées, surtout les agents étaient vite dissuadées! A noter qu'en novembre 1976, c'est-à-dire 12 ans plus tôt, deux agents féminins Guarda Filomena e Guarda Gamito (appelées ainsi officiellement par leur prénom, si peu nombreuses et si différentes!) avaient été nommées pour un voyage d'études européen, en Espagne, France et Italie qui se déroula en novembre 1976 dans des conditions beaucoup plus respectueuses, considérées à part entière comme des chargées de mission. ("Relatório de visita ao estrangeiro" mars 1977, archives du GEP de la DN).

Mais cette pression pour une égalisation de la fonction policière, outre celles exercées par une société plus libérale, une commission féminine intégrée au gouvernement national et indirectement d'associations internationales ONG de femmes policières, provenait aussi des protagonistes elles mêmes, lasses de leur non reconnaissance statutaire malgré leur dévouement à cette cause du service public.

C'est ainsi que certaines des agents de la « 1.^a Escola de Alistados Femininos da PSP» (c'est à dire sorties en 1971), se solidariserent pour procéder à une action juridique du fait de la promotion d'agents à la qualité de 1^{ère} classe qui excluait les éléments féminins pourtant antérieurs à ces promus. (Leandro, 2006, p.88). Le ministre du *Ministério da Administração Interna*, lui même, Monsieur Eduardo Pereira, confirma le 18 mai 1984 l'exigence d'une égalité de promotion au rang de 1^{ère} classe des agents de 2^{ème} classe, soient-ils hommes, soient-ils femmes, (*Ibid.*), confirmant le décret présidentiel sus-cité de 1980 (DL, n°134/80) de manière pragmatique: Le Ministre du MAI répondait ainsi favorablement à un recours hiérarchique d'agents féminins qui eurent le courage de sortir de l'ombre au nom des leurs.

L'égalisation statutaire, une fois en marche, il fallut cependant réajuster certains éléments juridiques; d'une part le rehaussement scolaire des femmes policières en place, de l'autre modifier les modalités du concours de sous officiers vers une égalité de mixité.

C'est ainsi que le général commandant de la PSP, José Lopes Alves, lors du concours de 1981 «de près de 300 admises» selon des conditions statutaires identiques à celles des hommes et qui accompliront toutes les missions générales de la PSP tout en préservant les conditions particulières liées à la situation locale», chercha à homogénéiser le corps policier féminin dans son ensemble. Ainsi, il voulut rendre compatible des femmes recrutées dans les années 1970,

avec souvent pour niveau d'études la 4^{ème} année²³⁴ avec celle des nouvelles entrantes de 1981 qui allait à la 9^{ème} année (3^{ème} en France):

Il devient ainsi indispensable que les actuelles gardes féminins de la corporation [...] acquièrent une préparation analogue et puissent développer les mêmes tâches que le personnel sorti du concours de 1981, pour éviter de placer des éléments aux capacités physiques égales avec des droits et avantages identiques et avec en même temps des attributions différentes²³⁵

Le n°1 de la PSP décida ainsi la mise en place d'une formation continue pour les agents femmes déjà en place dite «instruction de recyclage» afin de disposer d'un «personnel féminin opérationnel avec une préparation identique» et homogénéiser ainsi le contingent féminin agents dans son ensemble.

Deuxième conséquence juridique dans cette politique d'égalisation statutaire entre genres du personnel agents de la PSP, c'est la mise en place d'un concours de promotions au grade de sous officier ouvert aussi aux femmes. Selon Borges (2008):

En octobre 1980, a débuté le cours de promotion à sous-chef, où pour la première fois sont admis des femmes pour accéder à cette catégorie [...] Il était imposé un *numerus clausus*. Seulement une vingtaine auront une place même si elles ont réussi aux épreuves (p.48).

²³⁴Par exemple, sur l'*Ordem de Serviço 05 14 II parte* du 22 janvier 1973 du *Ministério do interior* (ancienne dénomination du *Ministério da Administração Interna* avant le 25 avril) (archives du GEP de la DN) la candidate devait au minimum disposer de l'«*habilitação literária mínima do exame do 2º grau da instrução primária*» ce qui correspondait *grossu modo* au Certificat d'Etudes français des années 1950.

²³⁵ Despacho n°. 27/80/CG intitulé: «Reciclagem do pessoal feminino (Guardas) em 1981» daté du 29 octobre 1980 et signé du *Comandante Geral*, José Lopes Alves , General.

Si la mesure de possible promotion au grade de sous-chef aux agents féminins déjà en place dans la PSP reste restrictive en Droit (*Numerus Clausus*) et en Fait (vingt admises), elle constitue cependant une avancée dans la cohérence administrative de l'égalisation statutaire du point de vue du genre. Certes, ce premier effectif reste modeste, explicable selon E. Borges (*Ibid.*), plus par l'insuffisance de logements spécifiques réservés aux femmes sous-officiers dans le cadre du régime de formation intégrale de l'école de Torres Novas que par des considérations misogynes.

Nous aimerions désormais nous informer des taux respectifs des femmes, agents, sous officiers, et officiers ayant effectivement conclus avec succès leur formation.

Tableau n°12: Pourcentage de femmes agents, sous officiers et officiers ayant effectivement conclu leur formation initiale entre 1989 et 2005²³⁶

Année	Femmes agents cours conclus*	Femmes sous officiers cours conclus*	Femmes officiers cours conclus*
1989	24%	14%	0%
1990	6%	9%	8%
1991	9%	10%	0%
1992	5%	12%	9%
1993	Pas de concours	10%	14%
1994	0%	11%	0%
1995	2%	12%	0%
1996	5%	8%	9%
1997	3%	12%	12,50%
1998	5%	Pas de concours	7%
1999	7%	10%	17%
2000	8%	7%	18%
2001	6%	Pas de concours	12%
2002	11%	Pas de concours	12%
2003	Pas de concours	1%	17%
2004	8%	Pas de concours	27%
2005	Pas de concours	3%	5%

*Pourcentage rapporté à l'ensemble de l'effectif des concluant garçons et filles (ainsi pour 24 % de femmes correspondent 76% d'hommes)

La variation des pourcentages ainsi que la discontinuité de certains concours, nous appellent à formuler les moyennes respectives sur cet éventail temporel de 1989 à 2005. Ainsi nous avons, proportionnellement aux hommes ayant aussi conclu le cours: 7% de femmes agents, 9,54% de femmes sous-officiers, 10% de femmes

²³⁶ À partir des données respectives du département des Ressources humaines de la DN, du fonds documentaire de l'EPP publié par E. Borges (2008) et des archives de l'ISCPSI.

officiers. Paradoxalement, les sortantes, rapportés au nombre de sortants, sont plus nombreuses chez les officiers puis les sous officiers enfin les agents.

Pour être plus explicite, focalisons-nous sur une seule année en énonçant cette fois-ci des effectifs. Prenons par exemple l'année 1999:

Tableau n°13: répartition des effectifs de sorties rapportés au genre pour l'année 1999.

Grade de sortie	Hommes (N)	Femmes (N)
Agents de 2 ^o classe	637	197
Sous-chef	111	9
Sous Commissaire	15	3

Rapportées au modèle pyramidal de la hiérarchie, les femmes ne seraient pas aussi désavantagées sur le segment des officiers que de celui des sous officiers. En ce qui concerne les agents, les grandes variations de recrutement année après année (pour l'année 1999, les 31% de femmes sont assurément un pic exceptionnel) traduiraient selon nous, les besoins pragmatiques à de nouveaux effectifs en fonction des besoins immédiats du terrain.

Pour conclure sur ces données quantitatives d'admission des femmes sous officiers, elles sont logiquement plutôt faibles (9,54% entre 1989 et 2004), sous-officiers femmes elles mêmes issues du vivier des agents où la proportion garçons filles avoisine 7 % pour ces dernières.

Pour conclure sur ce point (2-1) consacré au débat des aptitudes policières rapportées au genre, nous avons vu que la femme policière, initialement dans les années 1971, était cantonnée à des fonctions restreintes: tout d'abord, appelée à la surveillance et protection des

femmes et enfants, elle fut ensuite affectée au service de la circulation, considérée comme un renfort très utile, par exemple, pour les opérations stop. Puis, graduellement, de nouvelles fonctions lui sera attribuée: service d'aéroport pour la fouille corporelle notamment, sécurité des personnalités. Pour la femme, cet élargissement des fonctions n'était pas cependant accompagné d'un possible avancement dans la carrière, toujours figée au grade le plus bas de la hiérarchie et donc assurément démotivée. Aussi, le législateur, sous l'effet de la pression de la société, du gouvernement lui-même, d'ONG et des intéressées, par étapes, a procédé à une égalisation statutaire du point de vue du genre: possibilité pour la femme à devenir agent de 1ère classe, puis sous officier enfin d'entrer dans la jeune école d'officiers de la PSP *l'Escola Superior de Polícia*.

Cependant, toutes ces dispositions n'avaient pas pour objet d'assexuer la fonction policière ou de viriliser la femme, virago parmi des hommes. Avec l'évolution du paradigme d'intervention de la police, en l'occurrence une politique préventive, la femme policière va être appelée à participer à des missions plus subtiles d'approche des citoyens.

2-2. Le nouveau paradigme de prévention policière et les spécialisations d'intervention

La PSP des années 1990 pourrait se caractériser par une synergie entre d'une part un ensemble de commissariats génériques implantés dans le maillage urbain²³⁷ et de l'autre des unités spécialisées tantôt répressives chargées de répondre instantanément à des violences graves contre la tranquillité publique («Corpo de Intervenção» et «Grupo de

²³⁷ "Il existe au Portugal 197 commissariats génériques, 57 commissariats d'investigation criminelle, 53 de circulation et 44 d'intervention rapide. L'action de ces derniers est souvent complémentaire des premiers pouvant opérer conjointement sur la même portion territoriale (cette information fut obtenue par la voie du Cabinet d'opérations de la Direction Nationale, en septembre 2010). (Durão, 2011, p.133)

Operações Especiais»...) tantôt préventives, dénommées «programmes de proximité», définies et mises en œuvre en fonction d'une communauté particulière (la communauté scolaire, les personnes âgées, les commerçants...), ou d'un espace (le trajet école-maison...) ou d'une époque particulière (opération Carnaval...). Cette deuxième catégorie d'unités prétend prévenir le crime et donc empêcher sa commission. Cela suppose une compréhension fine des différents agrégats humains et de leurs occupations respectives. Pour une telle démarche, dans une dimension communicative faisant appel à la participation spontanée des citoyens eux-mêmes, la femme, dans son uniforme, est alors l'instrument de liaison privilégié avec les populations civiles concernées.

2-2-1. Les services féminisés

Le programme le plus emblématique permettant «d'établir des relations de confiance et de dialogue dans un climat favorable à la prévention»²³⁸ est selon nous le «Programa Escola Segura» où la police aux entrées et sorties des écoles, veille à la pacification d'institutions sensibles d'éducation des jeunes communautés scolaires. Selon M...do C..., ancienne volontaire des zones de Lamego et Vila Real du Nord du Portugal, la présence féminine, surtout vis à vis des adolescents aide à une meilleure communication:

Avec les jeunes adolescents, il y a plus de difficultés au premier abord [...] ils tentent de placer des barrières [...] C'est à nous femmes de réduire ses résistances voire de les faire disparaître. [...] La plupart des fois, seul l'élément féminin gère mieux certaines situations [...] Il est vrai qu'elle a plus de sensibilité ou bien encore les enfants voient en soi l'homme comme un peu plus

²³⁸ *Relatório Anual de Segurança Interna*, 2010, P.125.

brutal entre guillemets et la femme plus sensible. C'est ainsi que nous réussissons à une meilleure approche²³⁹.

De façon générale, selon notre interrogée, ces programmes donnent aux agents, toujours volontaires, une large marge de manœuvre, dans la plus complète confiance d'un commandant lui-même surchargé de travail. Notons enfin que la dimension pédagogique reste essentielle. En effet, les agents de ce programme vont parfois aussi dans les classes des écoles pour des actions de sensibilisation; les plus jeunes perçoivent avec admiration les agents et se familiarisent à la Sécurité Routière: les adolescents, plus réservés avec les agents, sont appelés à la prudence dans la manière où ils sont sollicités à transmettre et/ou consommer des drogues.

Cette fonction privilégiée de la femme devient assurément le prolongement même de la fonction maternelle et, l'agent agissant à la fois selon des considérations professionnelles et instinctives, dans cette fine ligne de crête, joue habilement du versant maternant et humain avec celui institutionnel du service public de l'ordre. C'est dans cette complémentarité et parfois ambigüité que réside la force, l'arme de vie de la femme policière ayant épousé cette difficile mais admirable vocation:

Nous avons plus de sensibilité pour certaines questions comme les cas de violence conjugale. Femmes enfants et personnes âgées se sentent plus à l'aise pour converser avec nous sur ces questions délicates [...] Derrière l'uniforme est une femme, mais nous sommes au-dessus de tout un agent de police. Il y a des

²³⁹Entretien enregistré de M- do C... avec le chercheur réalisé dans les locaux de l'ISCPSI le 26 avril 2007.

situations où, à travers notre sensibilité nous réussissons à imposer le dialogue au lieu d'un contact physique²⁴⁰

Plus de sensibilité, force de dialogue, la femme policière, pourtant encore largement minoritaire au sein de la corporation PSP (environ 7 % des effectifs globaux contre 33,9 %²⁴¹ dans la police judiciaire par exemple), est plus souvent sollicitée dans les autres différents programmes de proximité: «programme d'aide 65, personnes âgées en sécurité», «programme d'aide à la victime», «violence conjugale», programme «Tu n'es pas à vendre» «programme commerce en sécurité»²⁴². Qui d'autre qu'une femme pourrait accueillir au commissariat une autre femme atteinte de sévices corporelles dans sa propre maison? Ou une adolescente non respectée dans sa dimension physique et psychologique?

Ainsi, répondant au modèles de années 2004 qui consistait à une action policière «sur la base de la connaissance sociale et locale acquise et sur la prévention des problèmes» (Durão, 2011, p.133), la femme est «en soi» rendue indispensable dans ce nouveau paradigme d'intervention.

Cependant, il existe encore au sein de la police des domaines réservés, des services dont l'intervention est déterminée par un péril grave et exigeant un recours massif à la force sous l'égide d'unités d'élites.

²⁴⁰Interviewée Conceição Ribeiro. Article paru dans: «ser mulher na polícia é uma mais valia» dans le *Jornal da Região Oeiras*, p.8 série II Edição n°164 Ano XIII 3 a 9 de Março de 2009.

²⁴¹ Selon les données «obtenues par contact direct» de Madame Suzana Durão (2011).

²⁴²Programmes présentés au «Relatório Anual de Segurança Interna 2010», p.124 et suivantes. A noter, concernant l'accueil des victimes, «que 54% des commissariats et postes disposent d'un local spécifique pour l'accueil des victimes de crimes avec des conditions de confort et privacité permettant le traitement adéquat des situations les plus sensibles», p.126 (*Ibid.*)

2-2-2. Les services masculinisés

L'UEP « Unidade Especial de Polícia »²⁴³, basée près de Sintra, comme isolée du monde, est composée de différentes unités spécialisées en fonction de la nature du danger et des moyens correspondants pour le neutraliser: unités cynophiles, déminages, gardes du corps des personnalités, troupes de choc (à l'instar de nos célèbres CRS français, si impopulaires depuis 1968) et enfin l'unité d'élite parmi les élites: le «Grupo de Operações especiais».

Le GOE, soumis à un entraînement intensif quotidien, se dit toujours prêt à intervenir au meilleur de sa forme. Réservé aux membres de la corporation, le critère d'accès, selon les propos rapportés par l'un de mes élèves²⁴⁴, ancien candidat, joue beaucoup sur le critère psychologique associé à celui de l'effort physique afin de tester la résistance mentale et l'auto-estime en conditions adverses où l'émotion est à forte épreuve. Selon nous, cette unité constitue une distinction d'hommes parmi les hommes, où les rares admis, sont les seuls détenteurs des armes les plus modernes, les seuls à l'entraînement intensif, les seuls enfin à intervenir pour les situations les plus périlleuses (Prise d'otages dans une banque, séquestrés dans une maison particulière...)²⁴⁵. *A fortiori*, si seulement quelques hommes policiers parmi les policiers peuvent prétendre entrer dans cette unité

²⁴³Cette unité est composée du «Corpo de Intervenção (CI), du «Grupo de operações Especiais » (GOE), du «Corpo de Segurança Pessoal» (CSP), du «Centro de Inativação de Explosivos e Segurança em Subsolo (CIESS) et du «Grupo Operacional Cinotécnico» (GOC).

²⁴⁴*Curso de Formação de Oficiais Polícia n°XXIV*, année d'entrée 2007.

²⁴⁵Au cours d'une réunion pédagogique à l'ISCPSI à laquelle j'assistais, dans les années 2007, un officier du GOE, aussi enseignant, ancien élève de la maison, dans son uniforme d'action, l'arme moderne gros calibre à la ceinture, se différenciait non seulement des enseignants civils, tristes de banalité dans leur costumes sombres à cravates, mais aussi des officiers de la Direction de l'école, sans arme, juste dans l'uniforme standard de la profession. Le représentant du GOE, dans sa distinction vestimentaire, armé, nous paraissait le seul détenteur du droit à l'action, la force et virilité.

d'assaut, comment la femme, selon les stéréotypes encore tenace de genres, oserait prétendre les rejoindre? Certes, les considérations physiques sont souvent évoquées pour justifier l'éloignement du genre féminin. A quoi répond l'une des policières:

Au GOE, beaucoup d'hommes échouent à l'entrée. Pourquoi? Parce qu'ils font des jeux psychologiques avec la personne et s'ils n'étaient pas forts psychologiquement, jamais ils ne réussiraient à entrer dans ces corps d'élite, comme on a l'habitude de dire. Et je crois que si on ouvrait un concours pour les femmes, si cela se trouve, on serait surpris avec certaines.²⁴⁶

Quoiqu'il en soit, aujourd'hui encore, il subsiste un domaine réservé au genre masculin au sein de la corporation policière portugaise. Certes, de façon générale, dans la PSP, les symboles forts de l'autorité sont enfin partagés par les deux genres. Aussi bien l'homme que la femme portent l'arme, accèdent au commandement dans des époques stables démocratiques dans une logique de mixité professionnelle et non de ségrégation de tâches (Pruvost, 2007) à l'exception de ce dernier bastion de l'exclusivité masculine: le GOE.

Avant de conclure ce premier chapitre consacré à l'évolution et instrumentalisation de la femme policière, nous souhaiterions présenter un album photo illustratif de son nouveau cercle de compétence.

La photo n°92, ci-dessous, représente une session de sensibilisation réalisée dans une école de Lisbonne le 28 mars 1979, où un agent salue un élève sous le

²⁴⁶Duarte, 2008, p.14, script en annexe. Quant à ce débat sur la présence ou non de la femme dans les ces corps d'élites de force de choc, Un élève de 4^{ème} année, (J... entretien enregistré de janvier 2011 dans les locaux de l'ISCPSI) ancien lieutenant de l'armée de terre contractuel, m'expliquait que la présence d'une femme dans l'hypothèse de «guerre pure» pouvait selon lui influencer le comportement des homologues masculins sur «le périmètre de sécurité», partagés entre la croyance de nécessité de protéger la consœur et l'attention redoublée en zone et moments particulièrement vulnérables

regard de sa collègue féminine et de l'institutrice (?). C'est un uniforme féminin austère, redingote fermée assorti d'un képi volumineux non sans rappeler les casques antiques helléniques.

La photo n°93 est une session d'apprentissage de la circulation, instructeur vraisemblablement militaire et femmes assises, à l'exception d'une interrogée. L'instructeur, la baguette sur la maquette de la ville, interroge et instruit à un public respectueux et discipliné.

La photo n°94, chargée de symbolisme, représente, comme à l'habitude, en altérité la femme et l'homme policiers. Interviennent cependant deux autres personnages, la statue de la Vierge Marie et l'enfant Jésus, dans un site historique exceptionnel «*A Torre de Belém*». L'effet est, selon nous une tentative iconologique d'institutionnalisation de l'élément féminin dans la corporation policière portugaise. Marie, l'Archange policier et sa compagne policière, investis de Droit divin de l'autorité terrestre dressent un tableau original où le sacré religieux se mêle avec le service républicain portugais, légitimant dans l'inconscient collectif lusophone cette nouvelle venue de l'autorité urbaine.

Les photos n°95, 96, 97 nous ont été aimablement présentées par l'agent M... S... lors de notre entretien réalisée le 12 juillet 2010; sur la première, en compagnie de ses collègues masculins à la porte du commissariat, sur la deuxième, membre de l'équipe de sécurité des personnalités, sur la 3^{ème} enfin en compagnie de ses consœurs, «naturellement» solidarisées sous l'effet du genre.

Album photos n°19; les rôles attribués à la femme policière hier et aujourd'hui.



Photo n°92: Visite de classe le 28 mars 1979 auprès des plus jeunes (photo-panneau pour exposition ambulante *Arquivos Gabinete Relações publicas*, DN)



Photo n°93: apprentissage circulation, Années 1980 (Source *Idem.*)

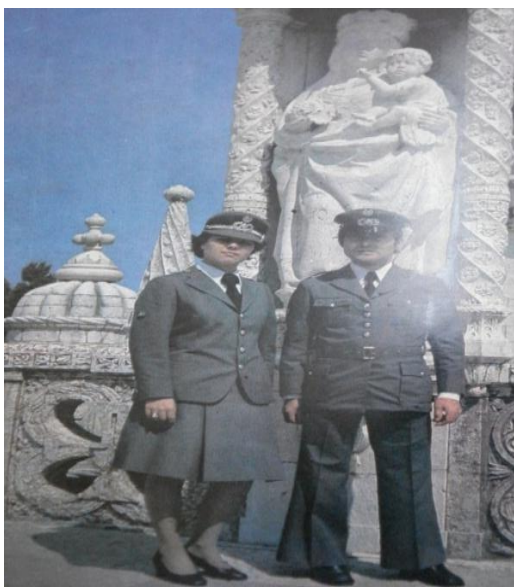


Photo n°94 (*Polícia Portuguesa*, couverture années 1980, détail de la photo n°4 de l'album n°1 *supra*)



Photo n°95: Archive personnelle de l'agent M...S..., au centre sur la photo.



Photo n°96: Archive personnelle de l'agent M...S..., en haut gauche sur la photo.



Photo n°97: Archive personnelle de l'agent M...S..., à droite sur la photo.

Ainsi, nous avons pu apprécier au cours de ce premier chapitre consacré sur les fins fonctionnelles attribuées à la femme policière par la corporation PSP, cette permanente tension entre l'impérieuse nécessité de sa présence et son indéfinition statutaire; tension aussi entre une volonté de la part de l'institution de sa visibilité malgré des effectifs très faibles. Ces contradictions ne seront résolues, du moins en théorie, que dans les années 1985 pour une harmonisation statutaire avec son homologue masculin. Puis, dans la mise en place d'un paradigme fondé sur la prévention et sa politique de programmes locaux, la PSP trouvera «dans les vertus féminines» (G. Pruvost) l'excellence de la sensibilité et du sens du dialogue pour intensifier la participation des différents acteurs sociaux de la ville tout en restant le canal privilégié d'écoute des plus faibles: les femmes en détresse, les personnes âgées et les jeunes.

Désormais, et pour clore la fresque de notre étude, nous tenterons de comprendre la marge de manœuvre effective ainsi que les stratégies effectives mises en place par les femmes policières elles mêmes depuis 1971 afin de s'intégrer, agir et se faire respecter d'une corporation à l'origine et inévitablement fondée sur les stéréotypes de la force et de la virilité.

CHAPITRE DEUX

LES DEGRÉS D'INTÉGRATION DE LA FEMME POLICIÈRE DANS L'UNIVERS PRATIQUE DE LA PSP

Du fait de leur genre, quels ont été les obstacles rencontrés par les femmes policières, tantôt agents, tantôt officiers une fois entrées dans la vie active ? (I) Comment ont-elles alors négocié leur position et plutôt que dans un processus de victimisation, adopter une stratégie susceptible d'éviter leur instrumentalisation ? (II). Ainsi, dans cet ultime chapitre, placé non plus du point de vue de la corporation et du législateur mais de la protagoniste elle-même, nous tenterons de suivre, dans sa subjectivité, son affirmation identitaire édifiée souvent sous de circonstances contraignantes.

1. Les freins à l'intégration de la femme dans la PSP

1-1. L'ancienne et la nouvelle génération de policiers

Selon Madame, V. de Sousa (2004), l'apprentissage de mode pragmatique sur le terrain des jeunes agents est largement guidé par les expérimentés en place de longue date²⁴⁷:

Nous témoignons de l'importance que les collègues plus âgés et expérimentés ont auprès des plus jeunes, bien qu'il soit nécessaire de rappeler que la socialisation en série puisse

²⁴⁷Selon le bilan social de la PSP 2008, p.27 (consultable sur internet) 53,7 % effectifs masculins ont plus de 15 ans de service contre 59% pour les éléments féminins. Ces éléments plus expérimentés ont eux-mêmes été formés sur le tas par d'autres éléments issus de l'avant révolution du 25 avril 1974. Certaines valeurs policières se transmettraient ainsi sur plusieurs générations malgré le renouvellement du contenu du vecteur d'instruction des écoles d'agents et d'officiers.

occasionner des problèmes graves de stagnation et contamination. [...] Les «nouveaux policiers» avec des caractéristiques similaires à celles des policiers plus âgés» (p.77)

Ainsi, même si le paradigme préventif et son corollaire, la nécessaire présence de la femme, est effectivement diffusé aux écoles de l'EPP et de l'ISCPSP, son intériorisation au sein de la corporation est un processus lent, contrarié par les visions des aînés transmises aux plus jeunes, selon une culture de solidarité parallèle développée notamment selon le mythe de la «Caça ao Mitra» c'est à dire «l'émotion d'appartenance entre policiers» (Durão, 2011, p.137). Dès lors, ce réseau parallèle d'apprentissage où le jeune agent préfère comme source d'informations le collègue âgé au commandant -souvent jeune- du Commissariat (Sousa, 2004, p.76), transmet une autre philosophie de la police et donc aurait rendu plus difficile l'accès de la femme à la profession, du moins son acceptation par les collègues, encore parfois embués de paradigmes anachroniques.

Ce frein mental à la bonne intégration de la femme dans la PSP peut être analysé selon nous à partir de deux paramètres: parlons-nous de l'intégration des agents ou des officiers? Des premières policières ou bien de celles d'aujourd'hui?

En ce qui concerne les agents de la première cohorte de 1971, malgré des avis contradictoires, certains témoignages (Leandro, 2006) rappellent l'impact des stéréotypes machistes de l'époque.

Ainsi, de ces femmes affectées au service de la circulation:

Ne sachant pas très bien ce qu'il y avait à faire de nous, ils [les responsables masculins du service de la circulation] nous mirent tous dans une salle, à remplir des fiches de voiture [...]. Jusqu'à un point où, un an après, nous étions tous dans des services

bureaucratiques et bon! Au milieu des hommes à faire la même chose qu'eux (*Subcomissária*, 60 ans, 2003), (p.74).

Au début, les cadres policiers, comme terrorisés, préfèrent les rassembler puis les isoler, que de les disperser dans les différents services, dans le risque de perdre le contrôle sur ces nouvelles et inédites entrantes dans la corporation. Puis, l'accoutumance allant, sur le constat de la compétence, «fer de lance du respect des collègues» (Lebeuf, 1996) les pionnières de la corporation, discrètement, finissent par imposer leur présence active.

Pour mieux appréhender cet inévitable rejet de la part des éléments masculins sur ces pionnières de 1972, nous présentons cette définition même de la virilité, selon Desjours (1997) rapportée au contexte professionnel.

A chaque fois que la virilité est convoquée, c'est au profit de la lutte contre la peur dans le rapport au travail [...] une valeur réactionnelle ayant fondamentalement à son origine même une vocation défensive contre les effets pathogènes de la peur dans les situations de travail (p.71)²⁴⁸

L'homme, dans le contexte même du monopole de la force légitime, dans sa peur d'échouer, trouve, en ridiculisant la femme policière un moyen de dissimuler son appréhension professionnelle, faisant de celle-ci le bouc émissaire mental de ses faiblesses émotionnelles. Citons deux témoignages, le premier, sur l'inévitable moquerie de la jupe uniforme, le deuxième sur le refus à prêter l'autorité de sa fonction de régulateur de la circulation automobile. Selon une interrogée de Leandro (2006): «A cette époque-là, s'utilisait la

²⁴⁸ Comprendre aussi que ce phénomène de virilisation des éléments masculins de la profession constitue en soi un vecteur d'identité de genre englobant.

mini-jupe qui était un peu au-dessus du genou» (p.101) Augusta, subchefe de 1.^aclasse, 60 ans, année2003²⁴⁹.

Une interrogée affirme que la table réservée au repas fut positionnée à côté même de l'escalier du vestiaire des filles afin de la part des collègues masculins, pouvoir mieux scruter leurs jambes et minijupes²⁵⁰. Pire! Les médisances masculines mesquines pouvaient attribuer à certaines filles le plaisir de porter des mini-jupes «afin de monter plus vite dans la hiérarchie au sein de la PSP»²⁵¹.

Cette mesquinerie machiste pouvait même devenir agressive dès lors que les prérogatives de l'agent lui semblaient remises en cause

Une fois formée par l'école de la circulation, je devais m'entraîner et régler la circulation [...]. J'arrivais là pour demander à un agent « s'il vous plaît, écartez-vous ici un peu. Orientez-moi pour que je puisse m'entraîner [...] à un autre carrefour, ils ne me mirent pas à côté d'eux! Jamais! Pas même avec une mitraillette je n'aurais réussi à le faire sortir du lieu où il était. Il ne me laissait pas...alors je pleurais, en uniforme, et j'apparaissais au carrefour de mon mari²⁵² [...]. Ils pensaient que j'allais leur voler la place (Aurora, *Subcomissária*, 60 ans, année 2003, (*Ibid.*, p.74)

²⁴⁹Au souvenir des interrogées, cette mini jupe appelait parfois à des situations coquasses et amusantes:

Je me rappelle encore, en haut de mon perchoir, là au *Chiado*, au milieu du carrefour, de ces perchoirs d'agents de la circulation, de ceux bien en hauteur, le vent me soufflait, la jupe avait deux fentes au devant, le vent y soufflait. Après quoi, j'allais là, avec un bras je régulais la circulation, avec l'autre je tenais ma jupe pour qu'elle ne se relève pas ou que je reste avec la culotte visible (Aurora, *Subcomissária*, 60 ans, année 2004, *Ibid.*, p.102)

²⁵⁰Témoignage de Fernanda , guarda de 1.^aclasse, 62 ans, année2003, *Ibid.*, p.102)

²⁵¹ Diário de campo 22.06.2004, Leandro, 2006, p.103

²⁵²Son mari. Heureusement! Lui même policier, était plus compréhensif.

De même, -plus tard il est vrai- des agents féminins en patrouille déclareront (Duarte, 2008) des cas où des collègues refusaient tantôt tout simplement de les laisser monter dans le véhicule, tantôt des les laisser prendre le volant, autre symbole fort de l'autorité: selon le stéréotype machiste d'alors, seul l'homme est à même de bien conduire le véhicule de patrouille, l'outil indispensable de l'omniprésence policière dans la ville.

Ainsi, cette peur chez l'homme de la femme dans la corporation, son corps, sa voix, son uniforme, se traduisaient dans les années 1972 –encore sous un paradigme violent d'un régime doté d'une police politique, la *Polícia Internacional e de Defesa do Estado*- par un machisme concrétisé sous deux formes: d'une part la moquerie sur le genre féminin, de l'autre, le refus de déléguer des symboles de l'autorité (Coordonner la circulation automobile, conduire le véhicule de patrouille).

Cependant, d'autres témoignages de la même époque évoquent aussi un sentiment protecteur: «toute la corporation nous a bien accueillis [...] Nous étions, dirions-nous, chouchoutés par les collègues et supérieurs»²⁵³. Même si ce témoignage rapide *a posteriori* soit susceptible d'embellir une difficile réalité relationnelle du terrain des pionnières de la PSP, les difficultés que les premières femmes ont rencontrées ont certainement pu varier d'un service à l'autre sous l'effet «du mythe policier de la liberté des rues» (Durão, 2010) et donc des contrastes de mentalités d'un service à l'autre.

Les stéréotypes mentaux masculins et les valeurs machistes correspondantes ont-ils été aussi vivaces la décade suivante dans les années 1980? Selon les témoignages oraux personnellement recueillis auprès des agents femmes sorties dans les années 1985 (et donc selon un statut identique à leurs collègues masculins), l'accueil fut en général

²⁵³Entrevue accordée par Lurdes Pereira (entrée en 1972) à Fernanda Portinha. (2008). Um tributo ao lado feminino da PSP. *Polícia Portuguesa*. N° 007 III série Abril, Junho

positif, la difficulté aurait plus été dans la confrontation avec certains citoyens voyant dans la femme une sous autorité capable d'être remise en cause.

Dans la relation avec les collègues masculins, la femme policière novice eut plus de difficultés d'intégration dans les commissariats dépourvus d'éléments féminins jusqu'alors et où les hommes, non préparés, cherchaient parfois, individuellement et maladroitement à attirer l'attention sur cette nouvelle venue.

- J'ai été pour un commissariat qui était dans le quartier de «Boa Vista» à «Pina Manique» au Monsanto. De ces quartiers où il n'y avait que des «Indiens». A cette époque là il n'y avait que des baraques. La première fois que je suis entré là j'étais si mal surpris. Je venais de Bragance, d'une terre où toutes les portes sont ouvertes. Après j'entrais là. Le quartier sentait mauvais. Ma collègue et moi-même étions les premières femmes à entrer dans le commissariat. Le commissariat n'avait jamais eu de femmes [...] Le chef était une personne assez accessible et c'était un homme d'études [...] un homme d'un certain âge qui préparait un Master d'Histoire.

- *Quelle était votre relation avec les collègues masculins ?*

- Au début ils me considéraient plutôt bien mais après ils avaient cette sensation que j'étais plus présente avec certains qu'avec d'autres. Les gens commencèrent du coup à avoir peu de jugement dans la tête [«fazer macaquinhos na cabeça»]. C'est là même que les femmes souffrent dans la police Que ces petits hommes [«homenzinhos»] ont je ne sais quoi dans la tête. Ce n'était pas facile parce que je venais comme élève de la paix![...]

Ils étaient de ces hommes qui aimaient que le monde leur prêtât beaucoup d'attention²⁵⁴

Cette relation, plus subtile, dans un commissariat implanté dans une zone périphérique particulièrement difficile, n'est pas une victimisation classique, lié au machisme ou rejet. C'est pour la novice le fait d'être un élément désiré où chaque homme policier (concupiscent?) cherche à attirer l'attention afin de se distinguer des autres collègues masculins. Dans une dimension anthropologique, le microcosme de ce commissariat, îlot forteresse dans une zone périurbaine à risque, devient selon nous la scène même d'une tribu isolée où la femme est perçue inconsciemment par les sujets masculins comme la richesse même de l'humanité, objet de convoitises comme de conflits. A quelles difficultés quotidiennes l'agent C..., rapatriée du Mozambique après la décolonisation, mère de famille séparée en semaine de son enfant laissé au Nord du Portugal s'est-elle trouvée confrontée? Face à de tels comportements masculins puérils, elle fut obligée à se plaindre au près des supérieurs qui lui donnèrent immédiatement raison, quitte par la suite à se sentir isolée par un groupe masculin la sanctionnant.

Cependant, ce fait cité doit être resitué dans ces circonstances particulières: commissariat à risque, novice dans un milieu qui jusqu'alors n'avait jamais compté de femme. De façon générale, l'acceptation de la femme policière par les collègues des années 1985, selon nos témoignages s'est dans l'ensemble bien déroulée. A noter, que parfois, c'est à l'issue seulement d'une épreuve dont la fin est victorieuse que la femme agent est reconnue de ses pairs et admise définitivement dans la tribu.

C'est le cas de l'agent E...²⁵⁵, dans les années 1990, chargée seule de surveiller un chapiteau provisoire implanté vers «Campo Grande»

²⁵⁴ Entretien entre l'agent principal C... et le chercheur, de juillet 2010 dans les locaux de l'ISCPSI.

dans la partie nord de Lisbonne. Un citoyen la provoqua, la défiant de réagir, convaincu qu'un policier féminin n'était pas un vrai policier. Mettant à exécution sa défiance, il commença à lancer des pierres sur la toile du cirque, convaincu de voir l'agent passive. E..., sut, seule, terrasser ce «trouble-fête» et lui mettre les menottes règlementaires. Les collègues venus en renfort, après avoir constaté qu'une femme policière seule était à même de neutraliser un homme civil, la complimentèrent pour ensuite totalement l'intégrer dans l'équipe du commissariat²⁵⁶.

L'agent A..., pour sa part, nous conta comment certains citoyens des années 1990, en discutant ses ordres, l'obligeait par la parole persuasive à se faire obéir:

J'étais à la porte du ministre. Et il y avait une voiture mal stationnée juste à côté de moi. Je fis signe que non ! On ne peut pas stationner ici! Il commença à s'agiter des bras et arriva près de moi: «Vos collègues ne m'ont rien dit! Et vous non ?!». Je lui répondis: «Monsieur! Restez calme! Vous êtes en train de crier contre moi! Pourquoi? Vous pensez que votre voiture est bien stationnée?». Il me dit: «Vos collègues ne m'ont rien dit»...Je lui répondis: «mes collègues sont mes collègues et je prends l'attitude que je veux. Maintenant je ne peux pas admettre une transgression parce qu'après mes supérieurs quand ils viendront ici voient que je laisse transgresser et c'est moi après qui vais en entendre! Après quoi il ne discutait plus et retira sa voiture et s'en alla calmement. Et cela s'est fait seulement avec les mots je

²⁵⁵ Entretien non enregistré en juillet 2010 avec le chercheur dans les locaux de l'ISCP SI.

²⁵⁶ A noter cette anecdote qui me fut contée par l'agent C..., (entretien informel avec le chercheur en octobre 2010 dans les locaux de l'ISCP SI) année de promotion de 1985, affectée sur la Zone ouest de Lisbonne à Amoreira. Ses collègues, espiègles, obligés à ramener un corps –suicidé ?- dans le véhicule de service laissèrent l'agent féminin C... seule sur la banquette arrière, retenant tant bien que mal les membres supérieurs du trépassé... Humour espiègle mais qui nous fut contée comme un bon souvenir et non comme une victimisation.

réussis. Si ça se trouve l'individu aurait continué si cela avait été un homme²⁵⁷.

L'enseignement d'une telle scène pourrait selon nous se résumer de la manière suivante; premièrement que la femme policière est, dans ces circonstances, plus rigoureuse que son homologue masculin et par la parole dissuade efficacement: deuxièmement, que l'automobiliste – c'est-à-dire à lui seul mandataire des citoyens-, s'il trouve incohérent d'un côté cette permissivité de la part des hommes, de l'autre cette rigueur toute féminine, va par la suite, dans l'écoute du discours de la représentante de l'ordre, mesurer dans son ordre le principe effectif d'altérité de fonction mais aussi de personnalité entre l'agent masculin et celui féminin.

De façon générale, nous avons vu comment l'anachronisme d'un paradigme d'intervention policière peut dicter chez les hommes des conduites freinant la bonne intégration de la femme dans la police portugaise. Les premières agents femmes furent victimes des préjugés machistes non seulement véhiculés des agents masculins issus de la génération salazariste mais aussi des plus jeunes eux mêmes influencés par leurs aînés; victimes aussi parfois vis à vis des citoyens eux mêmes les considérant comme de sous agents périphériques contraignant nos protagonistes à un effort supplémentaire pour faire respecter leur autorité et donc leur identité.

Le recueil de témoignages de la part des femmes gradés sur leur début de carrière nous fut plus difficile en raison d'un filtre institutionnel posé sur leur discours lui même. Dans un autre milieu, celui militaire, cette fois, Helena Carreiras (2004), nous explique cet

²⁵⁷ Entretien enregistré avec le chercheur du 03 octobre 2010 aux locaux de l'ISCPSP.

autocontrôle de la femme dans son discours sur ses conditions d'intégration à la corporation:

Pourquoi les femmes officiers préfèrent ne pas parler de discrimination ? Cette apparente contradiction est probablement le résultat de deux processus liés l'un à l'autre: d'un côté la nécessité comment les femmes ont senti, comme officiers d'éviter de transmettre une image négative d'un processus d'intégration dont elles sont les protagonistes cherchant à se maintenir proches d'une «version officielle» de la réalité: de l'autre une réinterprétation des problèmes comme difficultés ou obstacles – dans tous les cas différents de discrimination-, peut être fonctionnels dans l'objectif d'une auto-identification et construction d'une image institutionnel positive. (p.100).

La femme novice dans une structure hiérarchique, dans une position de commandement remaquille ainsi une certaine réalité, sans pour autant «mentir», stratégie selon elle plus gagnante que celle de la dénonciation, afin dans la diffusion de son discours voir le réel de son milieu évoluer favorablement pour elle et ses consœurs.

Si la jeune officier M... affecté dans une ville de province à l'est de Fátima, Ourém, m'affirmait²⁵⁸ n'avoir jamais eu de problème de commandement, même avec les agents plus âgés dès lors qu'elle respectait avec bon sens leur expérience, d'autres femmes gradées rappellent cette nécessité de dureté pour se faire respecter: «les femmes doivent apprendre à être très dures parce qu'elles sont des cibles faciles de discrimination du fait de leur minorité (officier1)» (Duarte, 2006, p.15). L'effet de distinction est compréhensible lorsqu'il s'agit d'une

²⁵⁸ Entretien enregistré entre l'officier M... 16° CFOP, année de sortie, 2004) et le chercheur dans les locaux de l'Institut réalisé en juin 2009.

femme, jeune officier, sortie d'une école (l'ESP/ISCPSI, créée en 1984) elle même novatrice dans la diffusion d'un paradigme préventif.

A ce premier frein à l'intégration des femmes dans la PSP, du fait d'un décalage dans l'intériorisation de paradigmes d'intervention, entre les anciennes et nouvelles générations, qu'il s'agisse des citoyens comme des policiers, s'ajoute celui de la dimension sexualisante de la femme, où la représentation masculine fait de celle-ci, sous son uniforme, un fantasme associant à l'autorité, la sexualité.

1-2. La dimension «sexualisante» du genre féminin

Les hommes portugais des années 1970, désignaient parfois les nouvelles agents selon des désignations sexuelles puériles, C'est ainsi que témoigne à Leandro (2006) une policière de la promotion de 1972

- *Vous rappelez-vous d'une expression dont on parlait qui était : «policier sans pipi» ?*

-Ah ! oui ! Oui ! [nous rions]

-C'était dans la rue oui, les automobilistes, vous savez que l'imagination des portugais est très fertile pour la vulgarité! de petits coquins![...] Certains étaient vraiment espiègles. «c'est seulement toi qui m'emmènes en prison» comme cette expression dans le style de «policier sans pipi» (Augusta, Subchefe de 1.^aclasse, 60 anos, 2003).

L'imagination concupiscente du portugais, spontanément, dissocie l'uniforme de l'agent, pour, dans une provocation, d'une part la tutoyer, de l'autre verbaliser le fantasme de l'isolement avec la femme, lui et elle seuls dans une cellule... Enfin dans une dimension beaucoup plus puérile (non sans rappeler le cas du petit Hans de Freud), cette représentation de l'absence de pénis chez l'agent fait de celle-ci un objet de dérision qui, convenons-en, ne fut pas, dans leur quotidienneté toujours facile à gérer.

A noter de la part des cadres supérieurs du terrain de la PSP de l'époque, une constante préoccupation quant au logement des nouvelles recrues, souvent venues de province et d'origine rurale et qui une fois hors du service pouvaient se retrouver seules dans un milieu urbain hostile, distinct du leur. Ainsi cette note de service du Chef de la 3^{ème} répartition de Lisbonne au GEP datée du 09 janvier 1980, dans un style direct témoignant d'une sincère préoccupation:

Il a surtout été pensé aux difficultés d'adaptation et d'installation auxquelles elles [les gardes féminins] vont être confrontées en dehors de leur milieu normal et du désarroi qu'elles vont vivre pouvant être à l'origine de comportements qui ne servent en rien la PSP. Nous savons tous les conditions de désespoir [«Desespero»] dans lesquelles vivent un important pourcentage des gardes do CD [Comando Distrital] de Lisbonne. Du fait qu'elles soient loin de leurs familles, parce qu'elles n'ont pas de maison, parce qu'elle se soumettent à vivre dans des pensions dont certaines de mauvaise réputation. [...] Le sujet nous paraît très grave²⁵⁹.

²⁵⁹ Circulaire aux archives du GEP. On peut citer en contre point les initiatives locales à partir du commissariat lui même. C'est ainsi que le commissaire de Setubal dans les années 80, avait «, afin de protéger ses nouvelles arrivantes, pris l'initiative de louer un appartement près du commissariat réservé exclusivement aux agents du genre féminin (anecdote contée au chercheur par l'agent M...)

C'est ainsi que les pionnières de la corporation des années 1975/80, durent vivre leur profession comme un authentique sacerdoce, stoïciennes face aux différentes dissuasions: l'impossible avancement de la profession, l'esprit parfois potache et concupiscent de certains portugais, et enfin des conditions matérielles précaires avec des conditions de logement indignes d'une agent représentante de l'ordre. Nous comprenons mieux alors l'important pourcentage d'abandon des premières entrantes de 1972 cité par Leandro, (2006), environ 1 sur 3.

Aujourd'hui, la dimension sexualisante de la femme policière fait l'objet d'une contradiction entre d'une part une indéniable réalité concupiscente des hommes citoyens ou policiers eux-mêmes, et de l'autre un silence complet des différents rapports officiels de l'administration policière.

La chanson populaire portugaise, sur ce point, exploite l'ambiguïté phallique des instruments de l'autorité de la femme agent. Autrefois, objet sexuel non respecté, aujourd'hui, elle est, selon la chanson, la force de la police qui, avec la matraque, dissuade à jamais l'ardente gente masculine:

*Maintenant je suis femme policière
Et aujourd'hui avec moi personne ne cherche d'histoire
Si quelqu'un venait par ici avec malice
A demander des caresses, je le saisis avec ma matraque
Par la matraque, par la matraque, par la matraque
Je le saisis par la matraque²⁶⁰*

²⁶⁰Chanson de Joana intitulée «mulher polícia».

De façon générale, la femme policière selon Lebeuf (1996, p.18) entretient chez l'homme un subtil fantasme, imaginaire sexuel jouant sur la confusion entre le sacré et le vénal: la femme policière incarne ainsi le stéréotype de la madone-putain qui dans un rapport de commandement à l'avantage de la femme pourrait s'élargir à la dimension masochiste du côté masculin.

Des témoignages oraux recueillis, sous l'effet d'une forte pression de l'harmonisation des couples entre membres eux mêmes de la corporation (voir infra, point 2-2), l'effet du possible harcèlement sexuel resterait un cas isolé et d'exception. Nous ne disposons de peu d'informations sur ce point excepté le cas d'un agent qui aurait sollicité sa collègue pour faire l'acte dans les toilettes d'un centre commercial la nuit, pendant le service (agent x promotion des années 1980 de l'EPP propos recueilli par le chercheur). L'agent femme fut consternée que son collègue, pourtant bon camarade, puisse ainsi dérapier et lui demander ses faveurs!

Du point de vue des autorités, le problème du harcèlement sexuel ou du moins de sollicitations physiques de part et d'autre des deux genres n'est jamais évoqué selon les sites disponibles au grand public. Mutisme du rapport annuel du MAI²⁶¹ ou bien des «balanços sociais» (bilan social) des Ressources Humaines de la PSP, soulignant seulement le fait que les femmes agents du terrain tombent en moyenne plus souvent que leurs homologues masculins. Sur le site de l'«Inspeção Geral da Administração Interna», aucune information sur le sujet.

Agora sou, sou mulher polícia. E hoje comigo já ninguém, se mete. Se alguém vier para cá com malícias. A pedir carícias, agarro no cacete. No cacetete, no cacetete, no cacetete, agarro no cacete (<http://letras.terra.com.br/joanaa/163442> tiré le 06.05.2012)

²⁶¹ *Relatório Anual de Segurança Interna, 2011*, focalisé plus sur l'articulation entre la description de la criminalité et les moyens pour la combattre que sur l'analyse des moyens humains de la GNR et de la PSP (rapport disponible sur internet)

Du côté de l'unique syndicat de la PSP, l'«Associação Sindical dos Profissionais da Polícia (ASPP/PSP) nous n'avons rencontré qu'un seul article sur le thème de la femme dans la police, sur le thème de l'appellation masculine ou féminine de *Subcomissário* ou *Subcomissária*²⁶². Étonnamment, les différents numéros de la revue de ne militent pas en faveur, de locaux, distincts, de gilets par balles adaptés au genre, d'horaires aménagés pour les femmes policières mères de familles, thèmes présents dans les discours des différents syndicats français (Pruvost, 2008).

Ainsi, le sujet du harcèlement sexuel au sein de la PSP est tabou officiellement et officieusement, même s'il a certainement constitué un frein pour les premières entrantes, aujourd'hui relativisé par l'harmonisation des couples issus de la même tribu PSP.

Après avoir pressenti les difficultés d'intégration de la femme policière d'abord en fonction de représentations masculines déterminées par des paradigmes d'intervention anachroniques véhiculés par les agents anciens sur le comportement des agents plus jeunes; ensuite par l'inévitable dimension concupiscente des hommes bien que le sujet reste en grande partie tabou, analysons désormais les relations entre femmes elles-mêmes et leurs possibles conflits internes.

1-3. La femme rivale de la femme

Le syndrome de la reine abeille, commenté par Helena Carreiras (2004), consiste pour certaines femmes de «tenter de devenir des

²⁶²Vieira, A (2010). *Subcomissária ou Subcomissário?* O Polícia. VII n.º 31, Junho.

insiders, s'auto-définissant comme des exceptions et se retournant contre leur propre catégorie» (p.94). Cette attitude de cavalier seul serait plus «le résultat de facteurs structuraux que de facteurs sexuels» (*Ibid.*), l'objectif étant de monter dans la hiérarchie d'une organisation qui, *a priori* lui est peu favorable. Une telle ambition, dans sa mise en œuvre, conduit au conflit entre homologues de la même minorité.

Des témoignages recueillis par le chercheur, les femmes paraîtraient entre elles plus conflictuelles, moins dans une dimension d'intrigue et de pouvoir que par difficultés relationnelles dans le quotidien professionnel. Où si vous préférez, les différends entre femmes policières sont plus édictés par des sauts d'humeur que par des stratégies individuelles de promotion dans la hiérarchie du personnel PSP. D'ailleurs, les trois catégories de personnel, agents sortis de l'EPP, sous-officiers du concours de promotion, officiers de l'ISCPSI catégorisent en amont le personnel, qui plus est, progresse au tableau de leur carrière selon des critères objectifs souvent inexistant dans le milieu professionnel privé.

Les qualificatifs évoqués par nos interviewées pour désigner leurs consœurs ne sont pas tendres: «Envieuses...Intrigantes...Plus compliquées... Séductrices... Manipulatrices».

L'officier M...do C..., fine connaissance du milieu PSP pour avoir été successivement agent (engagée dans des programmes volontaires) puis officier nous confiait, non sans humour:

Parce que généralement les femmes [...] si elles sont beaucoup de femmes ensemble ont tendance à donner de l'importance à un détail déterminé auquel les hommes n'attachent pas d'importance. Parfois, il y a un mélange de choses personnelles avec celles professionnelles alors que les hommes sont plus physiques[...] mais il y a des exceptions...²⁶³

Là aussi, la donnée quantitative joue sur l'excellence de la présence féminine au sein des forces policières. Si la présence d'une femme parmi des hommes en patrouille, par le fait d'être parmi eux susciterait une attitude plus courageuse et professionnelle de leur part, (Lebeuf, p.11), trop de femmes ensemble engendreraient une inertie conflictuelle contraire à la bonne marche institutionnelle de la corporation. A cette entropie humaine, s'ajoute aussi la difficulté pour une femme à commander une consœur.

Maintenant je considère plus compliqué de rappeler à l'ordre suite à une erreur une femme qu'un homme. J'ai plus de difficultés à le faire devant une femme que devant un homme. Nous ne voulons pas être considérées comme injustes face à une femme se sentant à fleur de peau victime: «Mademoiselle ne comprend pas» ou des réponses du même style. Je crois que nous devons être beaucoup plus sensibilisées pour commander des femmes et éventuellement les réprimander... ²⁶⁴

Ainsi l'identité collective féminine au sein de la corporation, si elle peut susciter de naturelles solidarités extraprofessionnelles, présente aussi, dans le contexte hiérarchique, des inconvénients de rectitude d'exécution.

²⁶³ Entretien par téléphone enregistré du 24 janvier 2011

²⁶⁴ Entretien avec L'officier M... dans les locaux de l'Institut de mai 2009

La dimension émotive, voire affective apparaît court-circuiter la relation purement professionnelle chez les femmes entre elles. L'officier M... implicitement, nous présente, selon nous, cette incompatibilité de l'amitié spontanée avec le commandement.

Nous étions les uniques femmes du commissariat. Quand nous sortions ensemble nous en profitons pour entamer des conversations plus de femmes entre elles [rire de l'interviewée et du chercheur]. Ainsi parler des enfants, comment allient-ils? De plus elle était de Madère. On parlait un peu de Madère, de la situation de son mari éventuellement [...] Comme pour son travail elle était très professionnelle [...] pour cela j'aimais me décontracter un peu. (*Ibid.*)

De façon générale, les femmes, entre elles, si elles conservent de bons souvenirs de la phase de formation initiale, à celle pratique, découvrent les rivalités et affects ainsi que les perturbations aux liens de subordination. Aux paradigmes anciens d'intervention et aux fantasmes masculins sexualisants, s'ajoute donc un troisième frein: la dimension conflictuelle ou son contraire, fortement amicale, des membres du même genre féminin.

1-4. La difficile promotion hiérarchique de la femme mère-agent

E. Borges (2008) met en évidence que, quand on est femme, mais aussi mère de famille, il est très difficile d'une part de se cadrer aux horaires types masculins des agents du terrain, de l'autre prétendre à une promotion tout en restant affectés à son domicile d'origine dans le secteur de l'école de ses enfants et du travail de son mari. Etre à la fois excellente mère, épouse et policière relève-t-il alors de la quadrature du cercle?

Un grand nombre de femmes choisit d'exercer des fonctions en services de type administratif, avec des horaires de 9h00 à 17h00 et des week-ends libres (...) une majorité significative d'entre elles n'ont jamais concouru à une promotion. Les raisons qui les conduisent à ne pas concourir sont liées à des questions familiales et du fait de pouvoir être délocalisées par le fait d'une promotion» (p.79).

Cette réalité policière se calque selon nous à l'involontaire effet pervers de l'émancipation de la femme aussi mère de famille qui se voit attribuer outre les fonctions classiques du gynécée celles de pourvoyeuse de revenus, ne pouvant dans son instinct de mère n'abdiquer ni des siens ni de la fonction professionnelle dont elle est investie. Un tel écartèlement conduit-il pour autant au dilemme: promotion-carrière réservé à la femme non-mère, emploi subalterne sans perspective d'évolution réservé à la mère de famille sacrifiée ?

Elisabeth Badinter (2010), plus radicale encore, pointe la maternité d'aujourd'hui comme une image trompeuse et illusoire, véritable piège pour celle enfantant, qui du jour au lendemain, perd l'égalité de ses droits face au genre masculin dans sa quête de reconnaissance professionnelle.

Dans une civilisation où le *moi d'abord* est érigé en principe, la maternité est un défi, voire une contradiction. Ce qui est légitime pour une femme non mère ne l'est plus quand l'enfant paraît. Le souci de soi doit céder la place à l'oubli de soi et au *je veux tout* succède le *je lui dois tout* [...] Il semble qu'une sorte de halo illusoire voile la réalité maternelle» (p.24)

Nous le verrons *infra*, les couples policiers qui durent sont ceux issus de la même corporation, ou ceux recomposés comme tels. C'est au prix de divorces et remariages que la femme policière, investie comme mère et représentante de l'ordre, négocie une quotidienneté surchargée qu'elle sacrifie à une double cause quelle vit instinctivement à «fleur de peau».

Il est intéressant de citer aussi le cas de femmes enceintes qui vécurent l'effet protecteur de leurs collègues masculins non comme une faveur mais comme une discrimination. Ainsi, l'une de nos protagoniste ne pouvait monter dans la voiture de patrouille « Ils savaient que j'étais enceinte et ils ne m'ont pas laissé aller avec eux [...] c'est une manière de nous protéger» (Duarte, 2008, p.9, agente 1). Si la femme qui attend un bébé apparaît plutôt protégée et acceptée celle allaitant, reste bien moins intégrée. «J'avais le droit à l'heure de l'allaitement par la loi et jamais ils ne m'ont laissé à cause des collègues [...] parce que je ne pouvais pas aller avec mon fils à l'heure du service» (*Ibid.*, p.15, Chef 1).

Ainsi, si le «halo illusoire» de la maternité constitue un frein d'intégration dans les milieux professionnels d'entreprise, il l'est encore plus dans le milieu policier urbain, tempéré seulement dans le cas des couples 100 % PSP, couples d'une part plus tolérants et compréhensifs entre membres, de l'autre mieux respectés par les collègues de la corporation.

Malgré notre description, plutôt sévère de tous ces freins à l'intégration de la femme dans la corporation policière urbaine portugaise, -paradigmes et stéréotypes mentaux anachroniques, concupiscence, jalousie entre femmes, incompatibilité entre bonne mère

et bonne policière- cette femme saura-t-elle réagir et adopter une stratégie gagnante d'intégration afin d'asseoir une identité collective de genre qui à terme saura la faire reconnaître des siens ?

2. Les armes à l'intégration de la femme dans la PSP

H. Carreiras, (2004), sur l'intégration des femmes dans le milieu des armées (femmes militaires portugaises et hollandaises) construit un modèle d'analyse des stratégies d'intégration adoptées, basé sur deux variables: «la perception relative aux différences de genres [...] et l'attitude relativement à l'organisation» (p.108). Selon cette proposition d'outil d'analyse, il y aurait:

d'un côté l'auto-mise en scène du sujet en fonction du regard des dominants (se rendre *socialement invisible* ou asexuée ou au contraire, femme selon des stéréotypes classiques ou enfin lutteuse pour le respect des différences de sexe),

de l'autre la relation «affective» qu'établit le sujet dans la durée vis à vis de l'institution dans laquelle il tend à s'intégrer (loyal ou hostile à l'organisation).

Dans le cadre de notre étude, nous garderons en mémoire ces deux variables: d'une part comment «une personne se présente elle-même et présente son activité aux autres et par quels moyens elle oriente et gouverne l'impression qu'elle produit sur eux» (Goffman, 1973, p.9). De l'autre jusqu'à quel point elle adhère à l'institution ou au contraire se défie d'elle, veillant dans notre discours à nous démarquer du biais perceptif selon lequel la femme policière serait systématiquement une victime du système de la corporation PSP.

2-1. Chez les premières femmes agents des années 1970, l'affirmation identitaire sous le prisme de valeurs d'abnégation

Les quelques chroniques rédigées par des femmes policières dans la revue corporatiste *Polícia Portuguesa* entre 1972 et 1975 constitue, selon nous, d'excellents témoignages du profil qu'elles tentèrent de transmettre à leurs lecteurs, c'est à dire pour, l'immense majorité, les homologues masculins de la corporation. Ainsi Portinha (2008) posait cette question à l'une des protagonistes:

- *Comment fut-il possible, sous la période de l'ancien régime, car nous étions en 1972, et les gardes féminins venaient tout juste d'entrer dans la police, de rédiger dans la revue Polícia Portuguesa ?*
- L'invitation fut faite dans la propre revue mais aussi à la demande personnelle du chef de rédaction de qui à l'époque je dépendais. Celui-ci évaluait les articles sur la pertinence et la qualité des thèmes.[...]
- *Vous choisissiez les thèmes sur lesquels vous écriviez ? Ou il y avait une décision « éditoriale » sur qui écrivait quoi ?*
- Je choisissais les thèmes. Rien ne m'a jamais été imposé. Un texte ne m'a jamais été modifié, coupé, rejeté. Si cela s'était produit, je n'aurais pas écrit (p.31).

Selon le modèle d'analyse suggéré par Carreiras (2004), ces pionnières femmes de la corporation, présentent un profil de « complicité ». Leur discours véhicule ainsi des « rôles de genres

traditionnels dans la valorisation de caractéristiques féminines stéréotypées [...]. Il existe une espèce d'affinité entre ce patron de féminité exacerbée et les concepts traditionnels de masculinité» (P.111].

2-1-1. Valeurs d'abnégation pour une totale adhésion à l'institution

Aussi, à la lecture de ces chroniques, le premier thème joue essentiellement sur les valeurs d'abnégation, valeurs tout droit sorties du livre de lecture 3^{ème} classe (CE2) de l'époque (voir *supra* tableau photos n°4, photo 14) où le sacrifice de la femme –rurale ou urbaine– vis-à-vis de la *Joaninha* (petite fille modèle protagoniste) ne compte plus.

Un objectif...Servir...A nous, agents féminins de la PSP d'inculquer dans l'esprit de la population plus jeune que nous existons pour les protéger... A quoi sert la répression si rien n'a été fait dans une ligne préventive contre la répression ?²⁶⁵

Ainsi, la femme policière affirme elle-même que sa mission première, là où éducation rime avec prévention, est de prolonger sa fonction maternelle dans le cadre même de la mission de service public qui lui fut dévolue.

Ces valeurs déclinées, pourtant dans le contexte d'une institution républicaine d'origine laïque, renvoient aussi explicitement aux idéaux chrétiens: humilité et dévotion mais aussi un rôle implicitement sacerdotal entre Dieu et les hommes, sous l'autorité terrestre des officiers masculins.

²⁶⁵ Sous la plume de Lénia Gamito *Polícia Portuguesa*, n°210, 03 04 1972 p.10.

Notre vie en commun sous l'orientation et autorité de nos supérieurs où il est de notre devoir de servir de guide dans la vie que le Seigneur me donne pour toujours s'orienter pour le bien, la morale et la justice.²⁶⁶

Outre ces valeurs d'abnégation dans le prolongement de la fonction maternelle accentuée d'une dimension chrétienne, ces articles sont aussi le témoignage d'une véritable harangue d'agent femme à agent femme dans une interpellation vive pour l'affirmation identitaire de ces pionnières dans la corporation.

2-1-2. l'interpellation écrite de femme à femme policière

Ainsi, comme sous l'effet d'un miroir, la femme policière lisant la chronique *Nós as mulheres policiais* est enjointe par ses consœurs à s'investir «corps et âme» dans une mission présentée comme vitale pour leur maintien ou non dans la profession.

De combien de temps as-tu besoin pour prendre conscience de la tâche, qu'à toi-même tu t'es imposée ? [...] Ton inaction et ton désintérêt conduiront sans aucun doute nos commandants à penser à l'inutilité de la femme à l'intérieur de la corporation²⁶⁷

L'auteure, convaincue de la singularité de leur genre dans ce type de profession, exhorte son homologue lectrice, à sortir même de ses gonds pour «honorer» la profession dont elles viennent juste d'être investies. Mieux, elle l'invite à s'investir dans la rédaction de cette chronique provisoire qui leur fut réservée à cette phase de modernisation du régime de Marcelo Caetano finissant.

²⁶⁶Tiré de *Polícia Portuguesa*, n.º218, juillet/août 1973. 2.º Escola de Alistados de agentes femininos p.24.

²⁶⁷ Lénia Gamito «Nós as mulheres polícias», *Polícia Portuguesa*, n.º214, novembre et décembre 1972, p.16.

La certitude que cette chronique aujourd'hui écrite par moi sera écrite demain par toi [...] A nous agents féminins de la PSP, d'inculquer dans l'esprit de la population plus jeune que nous existons pour les protéger»²⁶⁸

Ainsi l'affirmation identitaire, au travers de ces discours se déploie par des valeurs caractérisées d'abnégation, connotées chrétiennes, ainsi que des appels internes à se motiver; à cela s'ajoutent enfin d'indispensables conseils du visuel approprié à cette logique d'intégration

2-1-3. La juste mesure des fards de la beauté féminine

Répondant toujours au modèle de «complicité» (Carreiras, 2004), l'auteur Lurdes Pereira, sur le thème du maquillage, recommande à ses consœurs la modération de la cosmétique: ni virago, femme-homme, ni vénale, femme-aguicheuse.

Un NON véhément à la joaillerie de l'ornementation qui puisse la faire croire plus féminine. Une acceptation logique et tacite à un maquillage et une coiffure discrets et décents. Un OUI intransigeant à la lutte de tout ce qui peut être considéré comme masculin²⁶⁹.

Ce principe fut mis en œuvre sous forme de manuel d'instruction rédigé par les autorités supérieures. Dans son introduction, il est dit, directement à l'intéressée:

²⁶⁸ De la même auteure, «a integração da mulher na PSP», Polícia Portuguesa n°210, mars et avril 1972, p.10.

²⁶⁹ N°222, mars et avril 1974 p.17 « a feminilidade do agente feminino da PSP »

Selon ces conseils généraux et dans l'usage d'un uniforme impeccable, votre tâche sera facilitée et la place que vous souhaitez occuper dans la société sera plus élevée et prestigieuse non seulement vis à vis de la corporation mais aussi de la femme portugaise²⁷⁰.

Ce manuel, véritable avertissement des enjeux et défis qui attendent ces pionnières pour garder leur place, les enjoint à mettre en valeur leurs corps et postures avec discrétion mais aussi charme; il constituait alors un véritable mode d'emploi, non pas de l'arme létale mais de celle de la persuasion humanisante.

Etonnamment technique et précis, il révèle aux jeunes agents, souvent d'origine rurale, tous les secrets des soins de la peau comme du maquillage. En créant et diffusant un tel outil d'instruction, l'institution policière entendait ainsi, sous forme pédagogique, exploiter au mieux les talents de la féminité, visage mandataire d'une police qui voulait – à l'instar de ses recrues- faire peau neuve.

Ainsi dans le sens d'une discrète mais sensuelle féminité:

Les ongles devront faire l'objet d'une attention spéciale pouvant être vernis mais d'une couleur sobre [...] Les cheveux ne doivent pas dépasser le col de l'uniforme [...] S'ils sont teints, c'est d'une couleur naturelle et discrète [...] Une attention spéciale sera donnée au rouge à lèvres qui devra être utilisé avec modération. (*Ibid.*)

Ainsi, contre une apparence aguicheuse et vulgaire:

²⁷⁰ Manuel intitulé "Recomendações para as guardas femininas em serviço" ni daté – présumé selon la typographie et le logo, des années 1975-, ni signé, consulté aux archives du GEP de la DN.

Il est formellement interdit l'usage de bracelets, colliers, anneaux de fantaisie de grande taille et joaillerie de fantaisie [...] On ne doit pas utiliser des rouges à lèvres fluorescents (*Ibid.*).

De façon générale, ce manuel développe tous les points physiques de la féminité: dépilage des jambes et des aisselles, rimmel des sourcils, contours des yeux, soins adaptés à chaque catégorie de peau... constituant ainsi un code complexe de la réalisation du charme discret féminin de la représentante de l'ordre. L'album photos suivant (n°20) présente quelques-uns de ces visages et les variations du possible dans cet ordre du maquillage discret.

Album photos n°20; mise en valeur de la sensualité féminine



Photo n°97: élève cours de promotion sous-officier, années 1985 (?)
(photo affiche pour exposition itinérante, archives Cabinet relations publiques DN, photo détail).



Photo n°98: jupes bien au-dessus du genou... (Sources : *Ibid.* photo détail)



Photo n°99: coiffure standardiste (Sources : *Ibid.*, photo détail.)



Photo n°100: couverture de *Polícia Portuguesa*, (Année 1978).



Photo n°101: “alunas da EPP années 1975, (Portinha, 2008).



Photo n°102: couverture de *Polícia Portuguesa*, (n°135, mai, juin 2002, photo détail).

Ces quelques clichés révèlent selon nous une mise en scène accentuée du charme féminin par l'institution policière des années 1975.

La photo n°100, couverture du magazine de la corporation est un photomontage gravure accentuant la fraîcheur de la peau, le rouge à lèvres discret et la coiffure teinte rousse, cheveux courts, sous le képi de cette nouvelle légion féminisée.

Les photos n°99 et n°101, photos exposition et donc témoignages explicites des messages que la corporation entendait faire passer au grand public, présentent une coiffure bouffante assez recherchée de la téléphoniste, agent de bureau ainsi qu'une agent du terrain boucle d'oreille perle, cheveux chignon, d'une beauté sans détours où s'allient l'uniforme à la grâce. L'effet en était réussi, les instances de communication de la PSP jouèrent donc pleinement la politique de la séduction.

Les photos n°97 et 102, à presque vingt ans d'intervalle, représentent des praticiennes, l'une pour une promotion, l'autre en patrouille. Les fards de la séduction ont complètement disparu, sans nul maquillage, dans la vérité crue de représentante de l'ordre totalement investie dans la mission attribué.

De façon générale, ces quelques articles, rédigés entre 1972 et 1974, constitueront un précédent mais, trop souvent réalisés par seulement deux ou trois membres, cesseront de paraître. Véritable chant du cygne, les dernières chroniques glisseront dans une dimension poétique accentuée. Ainsi, La «guarda Lurdes Pereira», franchit la frontière de l'émotion, pour déclamer: «l'amour est une porte qui s'ouvre sur un jardin enchanté, où il n'y a pas de haine, ni faim, ni guerre»²⁷¹. Les vers de l'utopie, après la phase libératoire de la Révolution des Œillets, resteront, eux aussi, lettre morte.

De façon générale, cette adhésion totale à l'institution et corrélativement ses valeurs d'abnégation, vont laisser place dans les années 1980, à une revendication d'altérité des genres sous l'effet, d'une part de l'élargissement légal de leurs attributions, de l'autre d'un desserrement sociétaire de l'asymétrie sexuelle.

2-2. Chez les femmes agents des années 1980, l'affirmation identitaire sous le prisme de valeurs d'altérité

Selon la nomenclature des stratégies d'intégration des entrantes présentée par Carreiras (2004), la femme policière des années 1980, à l'instar de ses consœurs des années 1970 rejette le «viragisme»²⁷² ou « l'assimilation, masculinisation » (p.110). Cependant, elle modifie son paradigme comportemental, passant de celui de «complicité» à celui «d'assertivité, féminité militante [...] par la défense de l'idée selon laquelle les différences entre les sexes doivent être respectées. Mais dans ce cas dans un sens émancipatoire, non traditionnaliste» (p.111)

²⁷¹ N°228, p.10

²⁷² Néologisme que nous suggérons pour évoquer la femme virago, c'est-à-dire celle se réclamant du courage et de l'apparence masculins.

Les contrastes culturels développés par S. Durão (2010) entre femmes officiers (objet d'une sur représentativité) et celles agents conduisent selon nous à décliner des stratégies d'intégration, tantôt communes sous l'effet du genre, tantôt distinctes, sous l'effet du grade.

2-2-1. Stratégies communes aux femmes agents et officiers

Les divorces et les couples recomposés sont fréquemment évoqués (Pruvost, Durão, Leandro, Borges) comme un phénomène quasi inéluctable dans l'institution policière²⁷³ au point que seuls les couples issus initialement de membres de la tribu perdureraient dans cette quotidienneté vouée au service public de la défense de l'ordre. Nous ne pouvons parler du divorce comme un acte réfléchi associée à une stratégie mais comme la conséquence de contraintes circonstancielles. Ainsi, ou bien l'écart d'incompréhension entre membres du couple s'accroît au point de prononcer une rupture, ou bien le mari, compréhensif, lui même du milieu, tolère plus facilement les sauts d'humeur, les absences ou l'éloignement de sa femme en raison de nécessités de service. Dans un tel contexte la maternité reste quant à elle modérée voire parfois sacrifiée. La bulle culturelle policière est si forte quelle pousse le sujet féminin initialement non issu du même milieu à expulser naturellement son partenaire élément étranger pour, le cas échéant, le substituer, soit par un membre 100% PSP, soit par un membre similaire, issu par exemple de la GNR. Susana Durão, selon son point de vue d'anthropologue urbaine (2004) présente le phénomène du flirt à phase formative (surtout dans le cadre du système de formation intégrale quinquennale de l'ISCPSI) puis du mariage à la phase active comme un processus ritualisé pour une bonne assimilation à la tribu:

²⁷³Selon le bilan social de la PSP 2008 il y avait 4,7% d'hommes divorcés dans l'année contre 14.3 % pour les femmes. L'enquête de Borges (2008) révèle que sur 180 interrogées femmes 32 étaient divorcées soient 17.8%. Qu'enfin que 68 sur ces 180 n'avaient qu'un enfant soient 37,8%

On comprend la forme comment les relations amoureuses et les alliances matrimoniales, flirts, à la phase de formation et mariages à celle de la vie professionnelle sont encadrés et peuvent même être facilités dans le milieu (p.271)

Ainsi, les femmes qui initialement n'ont pas rencontré un partenaire du même milieu sont souvent sanctionnées et contraintes à cette réorganisation matrimoniale, acceptation tacite du nécessaire sacrifice à l'autel institutionnel du service public urbain de la sécurité.

Outre ces recompositions maritales, les femmes agents et officiers de la PSP, communément, dans l'acception exclusive de leur genre, positionnées dans un milieu traditionnellement machiste, développent une certaine maturité face au jeu viril et parfois puéril de certains de leurs homologues masculins.

Autre corporation, autre époque, des témoignages de femmes présentes à la guerre d'Angola, critiques, présentent l'homme comme un grand enfant terrible et parfois irresponsable qui, après chacun de ses méfaits, réclame la Femme, comme un petit qui réclamerait sa mère²⁷⁴. Transposés à notre étude, le regard, non pas désabusé, mais plus distant de policière, à la fois professionnelle mais aussi femme et parfois mère, la conduit, pour certaines d'entre elles, à prendre recul, dans un regard réfléchi dépassant les rivalités de pouvoir pour discerner, à fleur de peau, le sens vrai de sa mission des glorioles et des représentations

²⁷⁴«Il nous revenait l'éternelle fonction d'aider / assister («apoiar»): aider à la guerre en enfantant des guerriers, aider comme mères des guerriers[...], aider les maris, les frères et tous les hommes qui sont envoyés pour la guerre, aider dans l'assistance aux blessés et vulnérables, aider au retour et à la reconstruction post-guerre, aider sur le terrain, de manière jamais reconnue et quantifiée comme un bien de consommation spécialement approprié pour satisfaire les appétits sexuels des guerriers et enfin être victimes de viols des guerriers, situation aujourd'hui peu regardée ou regardée avec complaisance, comme si la violence sexuelle était intrinsèquement de la culture militaire» (Cruzeiro, M. (2004) As mulheres e a guerra colonial : um silêncio demasiado ruidoso. *Revista Critica de Ciências*, n°68, Abril)

illusoires. La révolte du cœur féministe peut ainsi, en circonstances graves, rejaillir:

Indépendamment ou non d'avoir des pensées féministes, en ce qui concerne les enfants ou les femmes maltraitées et victimes de violence, Alors là je me sens très féministe parce je peux sentir cela à fleur de peau²⁷⁵.

Troisième point commun enfin entre agent et officier féminin, c'est la gestion même de cette demande institutionnelle du charme discret qui, si la fin justifie les moyens, peut devenir l'arme de la séduction, associée au talent verbal de la persuasion. «Etes-vous séductrice?». Nous n'eûmes pas la provocation de poser cette question aux interviewées de notre enquête, tout juste avons-nous complimenté certaines, charmé de leur sourire si naturel associé à l'uniforme bleu nuit de l'autorité urbaine. C'est la voix de la québécoise Bombardier (colloque sur la femme policière, 1999) qui corrobore nos propos:

La séduction, c'est la seule arme qui nous soit familière et nous vienne d'entrée de jeu [...] les hommes aussi se séduisent entre eux, mais d'une autre façon. Certains se séduisent à coup de poing. Celui qui en donne de plus forts a séduit l'autre.[...] Evidemment, la séduction est une arme dangereuse. Au bout du compte ce sont les femmes qui tombent dans le piège. Ce sont elles souvent qui en paient le prix. Mais désexualiser complètement nos rapports sous prétexte que nous sommes tous pareils c'est aussi ajouter à la difficulté de travailler dans nos milieux (p.14).

Ainsi la séduction est une arme puissante, dangereuse pour qui s'en sert, mais sans doute nécessaire dans le milieu policier où la différence et le respect des genres est une composante essentielle pour

²⁷⁵Duarte, 2006, p6, témoignage chef 1

mieux s'ajuster à une approche efficace à l'ensemble des citoyens de la ville: femmes et hommes.

Dans le parcours d'intégration de la femme à la PSP, les agents et officiers ont en commun: le possible réaménagement du couple et le choix d'une maternité modérée, un regard plus mûre sur les collègues masculins, une possible séduction si la fin justifie les moyens. Il subsiste cependant des différences stratégiques fondées sur le grade attribué.

2-2-2. Stratégies distinctes entre femmes agents et celles officiers

En effet, un fossé culturel entre femmes agents et celles officiers subsiste guidé par les possibilités ou non d'évolution dans la carrière, duquel des différences notables sont constatées dans les conduites respectives d'intégration au milieu policier.

De la parole libre à celle institutionnalisée, les femmes agents interviewées nous contaient le récit de leur vie, parfois avec nostalgie, parfois avec humour mais le plus souvent avec une grande franchise, avec ou sans microphone, sans masquer les joies ou peines de leur carrière vécue. En revanche les femmes officiers, entre l'image normative qu'elles souhaitaient voir et une réalité professionnelle personnelle recontextualisée en tant que mandataire d'une institution qu'elles représentent dans l'exercice objectif du pouvoir, adoptaient un discours, bien que véridique, plus affecté. «D'un autre côté, c'est une réinterprétation des problèmes comme des «difficultés» ou «obstacles» mais dans tous les cas comme quelque chose de différent de la discrimination» (Carreiras, 2004, p.100). Aussi le discours oral de la femme officier évoluait dans une réinterprétation au croisement de l'émotion du genre avec le mandat dont elle se sentait investie

De la carrière stable à celle évolutive, les femmes agents, souvent démotivées dans l'aspiration à la promotion, après trente-cinq ans,

compensent ce manque d'ouverture par une stabilité d'horaires exclusivement de semaine pour des tâches plus routinières (Borges, 2008) et non d'intervention sur le terrain. Les femmes officiers, en revanche, en théorie du moins, pouvant prétendre accéder au sommet de la hiérarchie, s'investiraient plus sous l'esprit global asexué de la compétition entre officiers.

Parmi les femmes agents désireuses malgré tout à devenir sous-officiers, elles souffrent parfois d'une politique implicite de découragement et d'exclusion mise en place par leurs collègues directes. «ou je faisais le cours de sous-chef, ou je sortais de la police. Il y a vingt-deux ans, je sentais dans la profession une solitude immense. J'étais étiquetée d'intellectuelle [...] j'utilisais des chaussures avec des lacets...» (Duarte, 2008, sous-chef 1). A cela s'ajoute, dans le cas de succès au concours, la possibilité d'être éloignée de son domicile d'origine, situation complexe pour une sous officier mère de famille...

Parmi les femmes officiers en début de carrière, nous avons cru pouvoir déceler, à partir de nos interviews, deux profils majeurs, entre celle éprise de justice et celle de reconnaissance sociale. Chez l'officier E..., après son choix d'affectation, l'impulsion fut de «remettre de l'ordre au désordre» dans des quartiers périphériques réputés dangereux. La jeune officier vivait pleinement sa dimension justicière avec parfois des péripéties (et intervention *in extremis* du GOE...). Chez l'officier M..., au contraire, l'affectation choisie fut une petite ville de province O...à l'est de Fatima, ville tranquille où sa présence, aidée «des medias locaux» («comunicação social») la rendait automatiquement une notable du bourg. Il est à noter que le début de carrière chez la femme officier, intensif, est source de motivation: après une année de stages variés, familiarisée aux services clefs de la corporation, elle vit une série d'affectations pour une connaissance fine des contrastes du terrain, une expérience riche pour le succès, aidée de sa famille d'origine de l'ISCPSI et des réseaux parallèles dont elle dispose (Voir *supra* titre deux).

De la hiérarchie souple camarades, à celle stricte de collaboration, les femmes agents bénéficient, à l'instar de leurs homologues masculins, du mythe du pouvoir de la rue, éloignées des officiers de «cabinet» et corrélativement sous l'effet d'une fraternisation spirituelle entre éléments du terrain indépendamment du genre. Les femmes officiers, au contraire, se donnent une carapace pour se faire respecter de leurs collaborateurs pas tous enclins à les obéir spontanément. Elles doivent «apprendre à être dures parce qu'elles sont des cibles faciles» (*Ibid.*, officier 1) Il est ainsi difficile pour une jeune officier d'imposer son autorité à un équipe seniors d'une brigade spécialisée:

Une nouvelle arrivée femme à commander un commissariat, et par dessus le marché, un commissariat d'investigation criminelle «jeunette», n'est-ce pas ? Bien que j'ai trente-cinq ans, j'ai l'apparence de vingt-deux. Le personnel pensait que j'étais un jeune lapin et Bon ! Parfois je me sentais un peu en marge (*Ibid.* p.39).

Le commandement chez la femme officier trouve encore sa difficulté, paradoxalement, vis-à-vis des agents jeunes eux même titulaires d'un diplôme de l'enseignement supérieur, et comme tel perdant le sens de la discipline, susceptible de contester intellectuellement l'ordre transmis.

Malheureusement! On remarquait aussi des personnes relativement jeunes, avec un degré académique supérieur, et quand c'était une femme à commander, ils sentaient encore ainsi quelques réticences...à accepter les ordres venus d'une femme (*Ibid.*, p.16)

Le commandement d'une femme trouve enfin des difficultés lorsque que l'ordre s'adresse à une homologue du même genre, unité de caractère court-circuitant parfois l'impact de la hiérarchie. La femme

officier, sous le jeu de la solidarité de genre avec sa subordonnée tout en subissant de celle-ci de possibles jalousies inconscientes, préfère coordonner un homme dès lors qu'elle lui prouve ses compétences. Cette préférence –récurrente chez toutes nos interviewées officiers féminins, élèves ou praticiennes-, évoque selon nous le « syndrome de la reine abeille » (Carreiras, 2004, p.94): la femme, exclusive dans sa relation au pouvoir, ne concède pas son partage. Aussi la relation de femme à femme policière évolue dans la duplicité. En temps normal selon les mécanismes de la rivalité: en temps de crise, sous l'effet de l'émotion, dans une solidarité instinctive de genre.

De la considération discrète à la forte auto-estime, les femmes agents que nous avons interviewées, toutes entre quarante et soixante ans, évoquent leur entrée dans la profession souvent avec nostalgie, développant le thème de la camaraderie comme la base même de leur profession. Au contraire les femmes officiers, développeraient plus le thème d'une forte auto-estime, du succès de leur carrière, d'une vocation réussie sous le seul effet de leur effort constant. Les premières parlent de « bons temps » passés, les deuxièmes affichent plus un auto-personnage de succès, modèle institutionnel, méprisant au demeurant des mesures de discrimination positives (comme les barèmes plus souples aux épreuves physiques d'entrée de l'ISCPSI) et formulant un discours, au carrefour entre l'image que l'institution demande d'elle et l'image quelle cherche à montrer dans leur expression identitaire unique²⁷⁶.

²⁷⁶ Citons enfin le personnage hybride culturellement, - dont le chercheur ne cache pas sa préférence en même temps que sympathie- de la femme d'abord agent entrée par l'EPP puis ayant repris tout le cursus d'études quinquennal d'officier à l'ESP /ISCPSI. C'est la cas de la médiatique officier Magdalena Amaral, et aussi de l'officier M.. do C..que nous avons interviewée. Pour cette dernière, la spontanéité de son discours, traduisait aussi une fine connaissance du milieu policier sous le double statut de femme agent puis de femme officier, à juste titre auto-satisfaite en même temps qu'aguerrie de l'intériorisation d'une double culture, faisant d'elle une experte tout en restant humaine, modeste et parfaitement à l'aise avec toutes les interlocuteurs internes de la corporation comme des citoyens eux mêmes.

De façon générale, nous pouvons dire qu'à partir des années 1980, les femmes policières ont évolué pour une stratégie d'intégration dans la PSP selon un paradigme d'altérité entre genre. Officiers ou agents, elles choisissent ou finissent de choisir un conjoint aussi du milieu du service public de l'ordre. Elles observent, si l'occasion s'en présente, avec maturité le possible jeu masculin d'ordre viril –et son envers la puérilité–; enfin, elles ne négligent pas le pouvoir du charme discret. Spécifiquement, les agents se représentent de manière plus spontanée et libre, développent la valeur de la camaraderie, tandis que les officiers jouent plus sur la valeur de l'auto-estime, de l'effort à se faire respecter dans un discours véhiculant l'effet de représentation institutionnelle du statut dont elle est investie.

Pour conclure cette troisième et dernière partie consacrée à la professionnalisation de la femme dans le milieu policier urbain portugais,

Positionnée du point de vue institutionnel, nous avons pu apprécier comment des femmes officiers modèles, instrumentalisées sous le jeu médiatique, favorisent une certaine sympathie des citoyens vis à vis de la corporation de l'ordre. Puis d'un point de vue historique, nous avons suivi le mouvement des attributions accordées par l'institution à la femme policière; affectées initialement (vers 1971) à la prévention juvénile et féminine ainsi qu'à la circulation, elle fut définitivement acceptée statutairement et fonctionnellement comme l'*alter-ego* de son homologue masculin (vers 1985); enfin, elle fut progressivement appelée, dans ce nouveau cadre *alter* à s'investir aux programmes de proximité (vers 1995), essentiellement aux écoles, commerces et personnes âgées.

Positionnée du point de vue des protagonistes elles-mêmes, nous avons pu mesurer que le milieu policier portugais, bien que moins discriminant que celui français par exemple, suscite des freins à une totale intégration assortie de promotions. La femme subit, à son entrée des paradigmes anachroniques d'agents masculins plus anciens,

réputés *mentors* de fait des plus jeunes; elle reste parfois l'objet de concupiscences, lutte contre ses propres collègues et apprend l'impossible quadrature du cercle de l'excellente policière, épouse et mère.

Malgré tout, les femmes policières savent adopter des stratégies, tantôt communes, tantôt différenciées, pour imposer une identité de genre appelant au respect et à l'adhésion. Toutes réaménagent leur couple si le contraste culturel avec leur conjoint est excessif pour une vue commune hyper stressante; toutes observent avec une autre maturité de genre cette possible puérile virilité et gloriole de leur collègues masculins: toutes enfin, à cette demande institutionnelle du charme discret, en retour, savent sourire, voire séduire dans l'intérêt du service. En ce qui concerne les agents et les officiers, les premières, ont la parole plus libre, les deuxièmes servent, liées au grade et à l'institution qu'elles représentent; les premières résignées face aux difficultés de promotions se cantonnent plus facilement dans la routine administrative, les secondes, aspirent à évoluer jusqu'aux plus grandes responsabilités de la hiérarchie. Les premières, sous le mythe du pouvoir de la rue, fraternisent avec leurs collègues vers une hiérarchie plate; les deuxièmes, doivent composer un visage de sévérité pour se faire obéir des hommes, des femmes et des plus jeunes.

Tous ces efforts conjoints des deux catégories de policières contribuent, malgré leur sous représentativité numérique (environ seulement 7% des effectifs totaux non administratifs), à une affirmation identitaire de genre dont la plus grande bénéficiaire est la société elle-même. Ainsi, La société est riche d'un service public composé du double visage de l'humanité dont sa mission est la préservation de la tranquillité publique.

CONCLUSION

Dans le cadre d'un paradigme préventif propre aux états démocratiques, la matière première de l'intervention policière prend souvent place dans le cadre d'un conflit, potentiel ou non, violent et émotif, survenu entre citoyens et/ou citoyennes et comme tel suppose de la part des représentants de l'ordre une symétrie des genres pour la résolution du différend urbain. En ce sens, une police à même d'apaiser un conflit suppose chez les représentants de l'ordre une présence conjointe d'hommes et de femmes pour résoudre un conflit dont les auteurs sont aussi des hommes et des femmes, sur l'instant ou à son origine.

Au Portugal, l'intégration de plus de deux cents agents féminins en 1971 sous un régime politique autoritaire ne fut pas l'expression d'un avant-gardisme féministe éclairé mais la nécessité impérieuse en temps de crise de doter la PSP d'éléments auxiliaires pour suppléer provisoirement aux agents masculins partis outre mer imposer l'ordre dans les terres coloniales portugaises alors en guerre. La PSP, une fois la Révolution des Œillets terminée, consciente de l'image négative castratrice issue du régime salazariste, jusque dans les années 1980, resta passive sur le *quid* de la femme policière au sein de sa corporation. L'instrumentalisation de l'image féminine dans la police afin de renouveler son image pour une meilleure approche du citoyen n'a débuté qu'à partir de 1980. L'institution policière, malgré d'importantes divergences internes entre certains dirigeants désireux de créer un corps distinct réservé aux femmes et d'autres satisfaits de voir un corps unique composé d'hommes et de femmes, réhabilita du point de vue du tableau d'avancement les premières entrantes jusqu'alors cantonnées à vie au grade le plus bas de la hiérarchie. Cette mesure de réhabilitation allait entraîner du même coup le principe d'une possible promotion au grade de sous officier de la femme agent: la machine

institutionnelle hiérarchique du personnel PSP en était ébranlée sur toute sa chaîne dans son principe par une présence symétrique mais commune, définitive et irréversible, des deux genres.

Avec la vague de 298 agents féminins recrutées en 1981 (« 1^{re}EA/81 »), paradoxalement, nous pouvons affirmer que la formation des nouvelles agents aux différents établissements de *l'Escola Prática de Polícia* fut, selon quelques interrogées rétrospectivement «un bon moment», même si le système de formation intégrale de type militaire fut conçu par et pour des hommes. La non mixité (du moins à ces débuts), c'est à dire la formation exclusivement réservée aux femmes dans le sanctuaire particulier de l'école fut le creuset d'une nouvelle culture féminine de solidarité, respectée des instructeurs PSP, quitte pour ces formées à découvrir en aval dans la pratique, des chocs de mentalités face aux générations antérieures de policiers interpellés par la nouvelle présence féminine dans leur univers de l'ordre séculaire.

Chez les officiers, la formation de la femme à partir de 1986, nous pouvons l'affirmer, a profité de conditions favorables, d'un vent de jeunesse où sa présence devenait indispensable institutionnellement. La création de *l'Escola Superior de Polícia*, destinée à renouveler les cadres de la tête pensante de la PSP, jusqu'alors tous issus de *l'Academia Militar*, révolutionnaire face aux traditions militaires alors en vigueur, ne pouvait pas ne pas intégrer la femme dans ses rangs. Eut-elle été minoritaire, la seule présence de quelques «spécimens» du genre féminin donnait à l'école les garanties de sa modernité démocratique et du point de vue de la représentation des genres affirmait l'égalité des sexes dans le domaine du commandement de l'imposition de l'ordre et de la tranquillité publique urbains.

Du point de vue pédagogique historique, l'école de l'EPP, destinée à former les agents fut plus un rite initiatique de l'ordre mental, hygiéniste, vestimentaire et comportemental, qu'un véritable

apprentissage théorique pratique. Le moule de formation non conçu pour des femmes, resta, selon nous, malgré tout, un bon vecteur d'intégration en ce sens où les femmes restaient entre elles et donc non victimes de discrimination. Les cohortes des années 1985, sous le régime de la mixité, apparaissent pleinement satisfaites du point de vue des interrogées. Ni sexisme ou discrimination au contraire de certaines écoles militaires en ce sens où l'institution est pleinement consciente de l'atout de la présence de femmes en formation pour mieux gérer après coup le chaos urbain, la femme devenant à la fois un vecteur de meilleure approche du citoyen comme l'œil permanent suscitant une conduite magnifiée de son confrère masculin en service.

L'*Escola Superior de Polícia* réservée aux futurs officiers, resta selon nous, une école d'excellence pour avoir reçu «en héritage» les valeurs issues du métissage culturel de l'Armée, de l'Université, de la police pratique et de la motricité humaine. Le montage même de ce système pédagogique exigeait dans sa philosophie moderniste la présence même de la femme. Elle fut incontestablement instrumentalisée afin de représenter dans cette dramaturgie sociale le rôle de *Eve* d'un microcosme qui a voulu s'ouvrir aux citoyens par une politique d'interactions exceptionnellement positives, notamment dans des projets humanitaires et sportifs réalisés par les élèves officiers en faveur des populations civiles. Bien qu'instrumentalisée, la femme élève officier, largement minoritaire, sait limiter les effets des rouages du puissant système de formation intégrale pour se solidariser, d'une part dans l'espace des chambres, territoire exclusif du genre féminin, de l'autre par son surinvestissement à tous les projets extrascolaires ainsi que par sa participation active dans la dynamisation des familles spirituelles rassemblant plusieurs générations d'élèves et cadres officiers. Enfin, elle n'hésite pas du point de vue affectif à choisir ou troquer en faveur d'un compagnon issu lui aussi de la même tribu. Ainsi, la femme élève officier, pleinement consciente de son

instrumentalisation, appelée à un effort accentué, sait en retour s'imposer et se faire respecter par ses pairs, dans une philosophie communautaire «microcosmotique» à l'instar des gardiens de la Cité idéale de Platon.

Si deux philosophies distinctes animent la formation des agentes et celles des officiers, la femme flic, une fois sur le terrain, soit elle agent soit elle officier n'en reste pas moins femme. En jupe ou en pantalons, l'impact symbolique de sa présence reste fort, hier comme aujourd'hui, en face des citoyens comme des confrères policiers eux mêmes. Particulièrement visible, la femme policière fait l'objet de représentations inconscientes de la part des hommes du registre de la Madone comme de la courtisane, ou de la sœur consolante. Derrière la diversité des représentations masculines, la présence en soi de la femme dans la police ne constitue pas nécessairement un indicateur objectif du degré de maturité d'une civilisation égalitariste du point de vue des genres.

Dans le cadre la police portugaise, l'évolution de son admission peut être analysée à trois moments, les deux premiers sur des considérations pragmatiques, le troisième plus théorique. Premier moment, dans les années 1950, la femme est appelée pour assumer des fonctions dans le prolongement direct de celles du gynécée dans le contexte salazariste de l'époque où prédominaient les valeurs traditionnelles rurales et catholiques. Si à la maison, la femme s'occupe du foyer, des enfants et du bien être général familial, à la corporation policière, elle y vient pour nourrir les hommes, nettoyer les locaux où travaillent les hommes, enfin éduquer ou plutôt rééduquer les enfants et les femmes déviantes ou en risque. Deuxième moment, dans les années 1971-74, la femme policière vient provisoirement suppléer aux tâches administratives ingrates, confinées au bureau afin de permettre

aux hommes de remplacer dans la rue leurs confrères partis Outre Mer dans les conflits des colonies. Présentes, les vertus féminines sont exploitées progressivement pour des missions où la femme apparaît plus efficace que son homologue masculin: parlementer avec les automobilistes aux opérations stop, fouiller les femmes aux aéroports, accompagner les personnalités étrangères certaines elles aussi femmes et toujours cette assistance aux franges les plus vulnérables de la société: d'autres femmes et des enfants. Troisième moment enfin, dans les années 1980, la femme est appelée moins pour des raisons pragmatiques que formelles dans le cadre du débat sur la femme dans la société. Sous la pression des associations internationales de femmes policières ainsi que de la Commission Féminine portugaise, le débat s'ouvre entre le droit pour la femme de voter et de représenter les citoyens d'une part et celui corrélativement de policer c'est à dire de veiller à la tranquillité publique dans la Cité. Dès lors la fonction de policière féminine, rendue symbolique, exige la parfaite altérité avec celle masculine, aussi bien du point de vue statutaire et de l'avancement, que de ses attributions et du matériel coercitif mis à disposition.

Ces vagues successives d'intégration ont fait l'objet de mésententes internes entre les dirigeants de la DN. Dans la consultation d'archives de l'organe central nous avons pu pressentir ce tiraillement de la DN entre d'une part un consensus sur la nécessité de la présence policière féminine dans la PSP et de l'autre un ajournement dans son intégration définitive ou non. Ce sont les politiques à partir des années 1981, qui forceront le pas pour une reconnaissance d'identité statutaire comme du recrutement effectif et substantiel d'agents femmes. Pour la formation des femmes officiers, malgré un accord de principe sur son admission entre les différents membres de la commission d'installation de l'ESP, son intégration au compte goutte fait des entrantes, bien que respectées, des précédents symboliques

manifestement mises en avant scène de la rampe médiatique mais non des actrices plurielles de la réalité souterraine quotidienne de la PSP.

Aujourd'hui, encore largement minoritaire, environ seulement 7% des effectifs globaux opérationnels, la femme policière portugaise est un atout formidable encore trop négligé dans la politique d'approche de la PSP vis-à-vis des citoyens. Dans un contexte de crise globale et corrélativement son regain de criminalité, la PSP apparaît être obligée d'accroître sa dimension dissuasive au détriment de celle du dialogue. Cependant, il nous paraît indispensable à la force symbolique de quelques femmes au sein de la corporation d'établir une politique globale de recrutement afin de rendre mixtes effectivement les équipes à tous les grades de la hiérarchie, magnifiant la conduite policière tout en rendant le microcosme policier une ville dans la ville une cité jumelle de la grande cité.

Dans un discours cette fois moins d'analyse et plus d'émotions, dans une dimension explicitement apologiste de la femme investie de l'autorité publique, encore une fois merci, non pas en tant que chercheur mais homme et citoyen, à toutes celles-ci, discrètes et silencieuses, qui ont su dans leur professionnalisme couplé à leur instinct féminin et parfois de mère, apaiser les conflits, désamorcer d'inutiles et regrettables violences, cela par l'intelligence des mots et de la persuasion.

Nous voulions enfin ne pas paraître indélicat face à ces autres femmes représentantes de l'ordre dont nous n'avons dit mot: les femmes agents et officiers de la *Guarda Nacional Republicana* portugaise (*grosso modo* l'équivalent de la Gendarmerie Nationale Française) dont nous promettons une prochaine micro étude comparative à la phase de formation; les femmes militaires enfin, endurcies par d'autres mentalités peut-être moins ouvertes parce que

moins au contact quotidien des frères et sœurs citoyens avec leurs vicissitudes et mal de vivre dans la Cité qui nous régit tous.

SOURCES D'INFORMATIONS

Espaces de recueil d'informations spécialisées

Bibliothèque de l'ISCPSI

Service des Archives photographiques de l'ISCPSI

Service des Archives du GEP de la DN

Service du *Gabinete de Imprensa e Relações Públicas* da DN da PSP

Bibliothèque de *l'Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*

Bibliothèque de *l'Instituto de Educação da Universidade de Lisboa*

Eléments d'informations diverses

Législation policière depuis 1867 à nos jours incluant décrets lois mais aussi directives internes de la DN De la PSP

25 Entretiens réalisés, entre 2007 et 2011, enregistrés puis retranscrits d'élèves, professionnels, cadres policiers avec le chercheur d'une durée moyenne de 1h00.

Données statistiques de l'ISCPSI, essentiellement sur le concours d'entrée et les notes de sortie

Revue interne *Polícia Portuguesa* consultée depuis sa parution dans les années 1936 à nos jours

Eléments bibliographiques

Antunes, J. Freire (1994). *Salazar e Caetano. Cartas secretas 1932-1968*. Lisboa: Difusão Cultural.

- Aristote. (1990). *Les Politiques*. Paris: Garnier Flammarion.
- Alves, F.; Valente, A. (2006). Polícia de Segurança Pública: Origem, evolução e actual missão. *POLITEIA- Revista do Instituto Superior de Ciências Polícias*, ano III, nº1,. 63-102.
- Araújo,A.; Malheiro, A. (2003). “Mitanálise: uma metodologia do imaginário?” In Araújo A. &baptista, F. (Coord.). *Variações sobre o Imaginário. Domínios, Teorizações, Práticas Hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 339-364.
- A Mitra. (1938, Maio, Junho). *Polícia Portuguesa*, pp. 6-12
- Badinter, E. (2010). *Le conflit la femme et la mère*. Paris: Flammarion
- Balanços sociais da Direcção Nacional da PSP Disponibles sur le site: <http://www.psp.pt>
- Barata, A., Monteiro, L., (2004). A importância da actividade física na formação do oficial de polícia. In Almedina (Ed), *Volume Comemorativo dos 20 anos* (pp. 915-945). Coimbra: Instituto Superior de Ciências Polícias e Segurança Interna
- Barthes, R.(1990) *La photo: le pire des signes*. Paris: Contrejour ACCP.
- Beauvoir, S. (1949). *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard.
- Bloch, M. (1952). *Apologie pour l’Histoire ou métier d’historien*. Paris: Armand Colin.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boletim da Escola Pratica da PSP. “Este boletim tem carácter reservado”
- Borges, E. (2008). *As agentes da Polícia e Segurança Pública e as limitações de progressão na carreira policial*. Dissertação de Mestrado em estudos sobre as mulheres. Universidade Aberta.
- Bourdieu, P. (1998). *La domination masculine*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1970) *La reproduction, éléments pour une théorie d’enseignement*. Paris: Les éditions de minuit.
- Boutin, G., Goyette, G., & Lessard-Hébert, M. (1994). *Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular história e imagem*. Bauru: EDUSC.
- Carreiras, H. (2004). Mulheres em contextos atípicos: lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas forças armadas. *Etnográfica*. Vol VIII (1), 2004, pp.91-115.
- Castro. O. Z., Esteves, J., Monteiro N. Coord. (2011). *Mulheres na 1ª Republica: percursos, conquistas e derrotas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Chambel, E. (2005). « Recrutamento dos oficiais de Polícia formados no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna», in Marques Da Silva G. Monteiro Guedes Valente M. *Volume comemorativo dos 20 anos*, 555-569. Coimbra: Almedina.
- Chartier, R. (2009) *Au bord de la falaise. L'Histoire entre certitudes et inquiétudes*. Paris: Albin Michel.
- Clastres, P. (1974). *La société contre l'Etat*. Paris: Éditions de Minuit
- Clemente, P. (2002, Janeiro/Fevereiro). [1] A primeira mulher-polícia. *Polícia portuguesa*, 123, p.21.
- Clemente, P. (2000). *A Polícia em Portugal da dimensão política Contemporânea da Seguridade Pública*. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais e na especialidade de Ciência Política. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.
- Colloque sur la femme policière (1999). *S'unir pour grandir ensemble*. Québec: Institut de Police du Québec.
- Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior, Lisboa, Comissão de Avaliação externa da Área das Ciências policiais. (2005, Junho). *Relatório de Avaliação Externa da Licenciatura em Ciências Policiais do ISCPSI*. Tiré le 26 octobre 2007 du Web site: <http://www.fup.pt/admin/fup/docs/carae>
- Cosme, J. (2006). *Polícia de Segurança Pública das origens à Actualidade*. Lisboa: Silabo.
- Cova, A. (1997). *Maternité et droits des femmes en France (XIX^e – XX^e siècles)*. Paris: Editions Economica, Anthropos Historiques.
- Cova A., & Pinto, C. A. (1997). O Salazarismo e as mulheres uma abordagem comparativa. *Penélope* 17, p71-94.
- Cruz, M. Braga (1986). *O partido e o estado no salazarismo*. Lisboa: ISCTE.

Duarte, A (2008). *Percepção de igualdade no trabalho entre mulheres na PSP*. Relatório de Estágio da Licenciatura em Sociologia do trabalho. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

G. Duby et M. Perrault. (2002) *Histoire des femmes en Occident.1. l'Antiquité*. Tempus: Paris

Durand, G. (1960). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire. Introduction à l'archéologie générale*. Paris: Presses Universitaires de France.

Durão, S. (2010). Ser ou não ser polícia : uma profissão ?. In *Profissão e Vocação Ensaíos sobre grupos profissionais*, org. Delicado, A., Borges V. & Dix, S. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 275-299.

Durão, S. (2006). Patrulha e proximidade. Uma Etnografia da polícia em Lisboa. Doutoramento em Antropologia das Sociedades Complexas. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Departamento de Antropologia.

(Tiré le 24 août 2010 duWeb: <http://repositorio.iscte.pt/handle/10071/274>).

Durão, S. (2004, Maio). Quando as mulheres concorrem e entram na polícia: a óptica etnográfica. *Etnográfica*. Vol. VIII (1), 2004, pp. 57-78.

Durão, S., Leandro, A. (2003). *Mulheres na Polícia. Visibilidades sociais e simbólicas*. In G. Í. Cordeiro, L. V. Baptista & A. Firmino da Costa (organizadores). *Etnografias Urbanas*. pp. 77-91. Oeiras: celta Editora.

Duru-Bellat, M. (1990). *L'Ecole des Filles. Quelles formations pour quels rôles sociaux?* Paris: l'Harmattan.

Esteves, J., Osório de Castro, Z.& Monteiro, N. (coord.). (2011) *Mulheres na I República, percursos, conquistas*.Lisboa: Edições Colibri.

Escola Superior de Polícia. 1984/1999. 15 anos ao serviço de Portugal.(1999). Lisboa.

Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.

Frank, R. (1992). Questions à l'histoire du temps présent. In *Questions à l'Histoire des temps présents*, org. Chauveau, A., Tétart Ph. Paris: Editions complexes.

Goffman, E. (1973). La mise en scène de la vie quotidienne: la représentation de soi(I). Paris: Les Editions de Minuit.

Goffman, E. (1968). *Asiles*. Paris: Les Editions de Minuit.

Gomes da Costa, E., & Reis, I. (2004, Abril). Dois depoimentos sobre a presença e a participação femininas na Guerra Colonial in as mulheres e a Guerra Colonial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 68, pp 129-166.

Gorjão, V. (2002). *Mulheres em tempos sombrios. Oposição feminina ao Estado Novo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Gustafson, J. (2008). Tokenism in policing: an empirical test of Kanter's hypothesis. *Journal of Criminal Justice*. 36, 2008, pp. 1-10.

Héas, S., Kergoat, R., Weber, C., & Haddad, S. (2007). Dualité identitaire des femmes élèves officiers des Ecoles militaires de Coetquidan : féminité préservée ou masculinité recherchée ?. *Socio-logos*, n°2. tiré le 21 janvier 2009 de <http://socio-logos.revues.org/document152.html>.

Héritier, F. (1996). *Masculin/Féminin: la pensée de la différence*. Paris. Editions Odile Jacob.

Héritier, F. (2002). *Masculin/Féminin II: dissoudre la hiérarchie*. Paris. Editions Odile Jacob.

Kanter, R. (1977) *Men and Women of the corporation*. Nova Iorque, Basic books.

Lacouture, J. (2009). *Les impatients de l'histoire*. Paris: Grasset.

Lama, M. (2002). *As mulheres do meu país*. Lisboa: Caminho

Leandro, M. A. Gomes M. (2006). *A 1ª escola de alistados femininos da P.S.P Género, Poder Identidade*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Patrimónios e Identidades. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Lebeuf, M.E. (1996) Trois décennies de femmes dans la police. Une bibliographie commentée. Collège canadien de police. Tiré le 11 décembre 2008 de <http://dsp-psd.tpsgc.gc.ca/Collection/JS66-25-1996F.pdf>.

Levi-Strauss, C. (1967). *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton & and maison des Sciences de l'Homme.

Magalhães J.(2006) O manual Escolar no quadro da história Cultura : para uma historiografia do manual escolar em Portugal. In *História da Educação e Educação Comparada: novos territórios e algumas revisitações a dois domínios disciplinares contíguos*. Sísifo, n°1 (pp. 5-14).

Magalhães M.J. (1998). *Movimento feminista e educação: Portugal, décadas de 70 e 80*. Oeiras. Celta Editora.

Mendel, G. (2003). *Une Histoire de l'autorité, permanences et variations*. Paris: la découverte, poche.

Ministério da Educação Nacional (1958). O livro de Leitura da Terceira Classe. 4º ed.. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.

Mogarro, M.J. (2005). Mauais escolares no Portugal do Estado Novo. In J.-L. Guerenã, g. Ossenbach y M. M. Pozo (Dir.). *Manuales e Escolares en España, Portugal y América Latina (Siglos XIX y XX)* (pp.389-406). Madrid: UNED- Universidad Nacional de Educación a Distancia (serie Proyecto MANES).

Mogarro, M. J. Entrevista audio gravada, Testemunhas orais. In *Historia da Educação*, ASPHE FaE/UFPeL, Pelotas, nº17, p.7-31. Abril 2005

Monteiro, L., Barata, A., & Massuça, L. (2009). A equidade e igualdade dos géneros nos padrões de recrutamento de agentes e cadetes da PSP. In Almedina (Ed), *Estudos Comemorativos dos 25 anos do ISCPSP em Homenagem ao Superintendente-Chefe Afonso de Almeida* (pp. 985-1018). Coimbra: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

Nóvoa, A. (2000). Ways of saying, ways of seeing Public Images of teachers (19th-20th Centuries). *Paedagogica Historica*, Volume 36, Nº 1, 2000

Nóvoa, A. (1987). *Le temps des professeurs. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XXème siècle)*. Lisboa: I.N.I.C.

Ó, J. R. do (2003). *O Governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX - meados do século XX)*. Lisboa: Educa.

Organization for security and Co-operation in Europe (2007). *Strategic Police Matters Unit*. Madrid: España. Retrieved [08,2011] from <http://polis.osce.org>.

Osório, A. de Castro. (1905). *Às mulheres portuguesas*. Lisboa: Livraria Editoria Viúva Tavares Cardoso.

Paymal, F. (2008). *La construction identitaire de l'élève officier à "l'Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna" (I.S.C.P.S.) Ecole supérieure de police portugaise*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Paymal, F. (2009). Naissance de l'«Escola Superior de Policia» (1984-1999: stratégie d'affirmation identitaire institutionnelle de son fondateur le «Superintendente-Chef Fernando Manuel Afonso de Almeida. *Estudos comemorativos dos 25 anos de ISCPSP em homenagem ao Superintendente-Chefe afonso de Almeida*. Coimbra: Almedina. 351-358.

Paymal, F. (2011). «La mise en place du concept de formation intégrale dans l'univers de l'école supérieure de police portugaise: o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna». *Revista de Educação*, Vol. XVIII, nº 2, pp. 85 – 110.

Pereira, L. (1974, Março/ Abril). [1] A feminilidade do agente feminino da P.S.P. *Polícia Portuguesa*, 222, p17.

Pereira, L. (1974, Maio/Junho). [2] A mulher-polícia face ao 25 de Abril. *Polícia Portuguesa*, 223, p23.

Pereira, L. (1974, Julho/Augusto). [3] Civismo. *Polícia Portuguesa*, 224, p15.

Pimentel, I. (1998). [1] A mocidade portuguesa feminina nos dez primeiros anos de vida (1937-47). *Penélope* 19-20, 161-187.

Pintassilgo, J. (2007). Reflexões históricas em torno do (eventual) sucesso da educação nova. O exemplo do Instituto Feminino de Educação e trabalho (1911-1942). *História da educação*, 11 (23), 35-65.

Pinto, M. (1998). O que os Filósofos pensam sobre as mulheres: Platão e Aristóteles. In O que os Filósofos pensam sobre as mulheres? ». *Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa*. pp. 17-40. Lisboa: Coleção Philosophica-debates.

Pinto, A. (1991). The Salazar “New state” and european fascism. San Domenico, Badia Fiesolana: European University Institute.

Platon. (1987). *La République*. Gallimard: Paris.

Pruvost, G. (2008). De la «sergote» à la femme flic une autre histoire de l'institution policière (1935-2005). Paris: Editions la découverte: 2008.

Ramos, R. (1988) Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. *Análise Social*, vol. XXIV (103-104), 1067-1145.

Relatório Anual de Segurança Interna 2010 tiré de <http://www.portugal.gov.pt/media/564302/rasi> le 18 avril 2012.

Ribeiro, C (2011). A colónia de S.Bernardino: retrato de uma instituição total. *Revista de Educação*, Vol. XVIII,nº2, pp.65 -83.

Rodrigues, S. (2009). Mulheres de armas. *Jornal da Região Oeiras*, II nº164, pp. 8-9.

Rosa, E. (1999). *A educação feminina na obra pedagógica de Bernardo Machado*. Vila Nova de Famalicão: Museu Bernardino Machado.

Samara, M. A. (2007). *Operários e burguesas : as mulheres no tempo da República*. Lisboa: Esfera dos livros.

Sousa, V. L. (2004). A integração de recursos Humanos na PSP: o processo de socialização. Dissertação de Mestrado em Políticas de Desenvolvimento de recursos Humanos. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa.

Sousa, V.L. (2009). A formação da polícia – o desejado equilíbrio entre o que se ensina e o que é necessário saber. In Almedina (Ed), *Estudos Comemorativos dos 25 anos do ISCPSI em Homenagem ao Superintendente-Chefe Afonso de Almeida* (pp. 329-349). Coimbra: Instituto Superior de Ciências Polícias e Segurança Interna.

Teodoro, A. (1995). Reforma educativa ou a legitimação do discurso sobre a prioridade educativa. *Educação, Sociedade & Culturas*; nº4, pp. 49-70.

Teotónio, S. (2002, Maio/Junho). As mulheres na P.S.P. *Polícia Portuguesa*, 135, 20-21.

Torgal, L.(1989). *História e Ideologia*. Coimbra: Livraria Minerva.

Vaquinhas, I. (2002). Linhas de investigação para a Historia das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras, HISTÒRIA Porto*, III Série, vol.3, pp. 201-221.

Vinte anos 1967-1987. (1988). Edição da Escola prática de Polícia.

Weber, M. (1959). *Le savant et le politique*. Paris: Librairie Plon

TABLES

Table des albums photos

Page

Planche n° 1: L'observation de l'uniforme et son interprétation symbolique	28
Planche n°2: Tokenisme (E. Kanter) et icones de l'école portugaise d'officiers	38
Planche n° 3: Contingents féminins aux écoles portugaises d'agents.....	44
Planche n° 4: Icones salazaristes sur la représentation de la femme.....	60
Planche n° 5:Le concept wébérien de la police et la représentation de la policière.	80
Planche n° 6: Reproduction des uniformes féminins («Decreto de Sexta-feira 8 de Agosto de 1958», DG 194 Série I de 1958-09-10).....	100
Planche n° 7: le Concours d'entrée à l'Ecole ISCPSI pour l'année 1998/1999, épreuves de sport pour la cohorte de filles (sources: archives photographiques de l'ISCPSI).....	132
Planche n° 8: L'Uniforme des premières policières lors de la cérémonie de serment à la cause patriotique.....	140
Planche n° 9: La «1º escola de alistadas» 1981.....	148
Planche n° 10: Les écoles de l'EPP et leur relation à la ville.....	158
Planche n° 11: l'évolution des brochures de présentation de l'ESP/ISCPSI et l'effet du genre.....	163
Planche n°12: premières élèves femmes de l'ESP.....	192
Planche n°13: les corps et le sport à l'ESP/ISCPSI.....	202
Planche n° 14: Adaptabilité vestimentaire et comportementale de l'élève-officier féminin.....	205
Planche n° 15: la quotidienneté des élèves de l'ESP/ISCPSI selon leurs dessins et caricatures.....	223
Planche n° 16; l'élève officier féminin: la camaraderie et l'humour.....	229

Planche n°17: les événements diurnes et nocturnes de l'école.....	233
Planche n°18; La femme policière et le stéréotype de l'instinct maternel.....	248
Planche n° 19; les rôles attribués à la femme policière hier et aujourd'hui.....	272
Planche n° 20: mise en valeur de la sensualité féminine.....	301

Table des tableaux et graphiques.

Les tableaux

	Page
Tableau n°1: présentation des items-types sélectifs des différents concours PSP.	110
Tableau n°2: L'évolution des tâches attendues des femmes candidates à la PS...	111
Tableau n°3: Evolution pour les années 1984/1994/2004 des trois principaux motifs d'abandon analysés par genre (en pourcentage).....	129
Tableau n°4: Croquis représentatif de l'intégration progressive des entrants dans le système de formation intégrale de l'ESP/ISCPSI.....	175
Tableau n°5: répartition des effectifs féminins et masculins en fonction du rang de sortie pour l'ensemble des 23 premières promotions.....	183
Tableau n°6: proportion en pourcentage de garçons et filles aux dix premières places du classement rapportées à leurs effectifs respectifs d'origine.....	184
Tableau n°7: moyenne des notes d'entrée et de sortie des filles et des garçons .	187
Tableau n°8: Tableau résumé du premier cursus de l'ESP en 1984.....	189
Tableau n°9 : tableau résumé du cursus de l'ESP appliqué à la rentrée de 1990.....	194
Tableau °10 : résumé des critères d'évaluation de l'ICAL (Instrução de Corpo de Alunos.	195
Tableau °11: Répartition globale des pensionnaires filles et garçons année scolaire après année scolaire dans l'enceinte de l'ESP sur l'arc temporel de 1984 à 1994.	215

Tableau n°12: Pourcentage de femmes agents, sous officiers et officiers ayant effectivement conclu leur formation initiale entre 1989 et 2005. 263

Tableau n°13: répartition des effectifs de sorties rapportés au genre pour l'année 1999.....264

Les graphiques:

Graphique n°1: évolution des candidates filles (N) ayant échoué aux épreuves physiques d'admission de l'ESP/ISCPSI rapportée aux nombre de candidates (Sources: données ISCPSI).....129

Graphique n°2: Evolution du taux de réussite des entrants à l'ESP / ISCPSI.....130

Graphique n°3: Evolution des effectifs des élèves officiers de l'ESP/ISCPSI de 1989 à 2011. 165

Graphique n°4: Evolution des notes d'entrées des admis de 1985 à 2005.....185

Graphique n°5: Evolution des notes de sortie depuis 1990 à 2009.....186